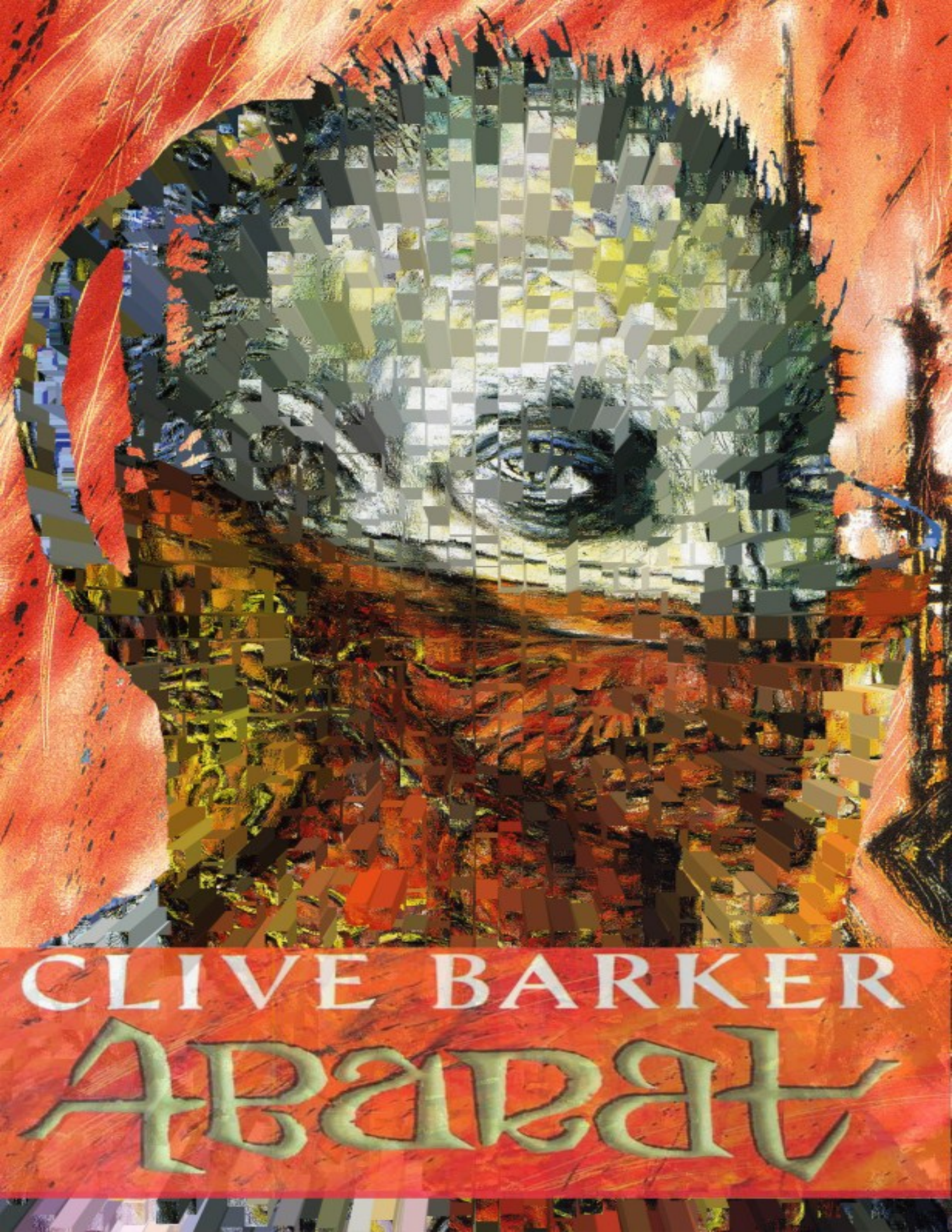

CLIVE BARKER
ABARAT



CLIVE BARKER

CIA. DAS LETRAS

Tradução de Ricardo Gouveia

Copyright © 2002 by Clive Barker

Título original: Abarat

Ilustrações: Clive Barker

Preparação: Rafael Mantovani

Revisão: Carmen S. da Costa / Isabel Jorge Cury

Tradução: Ricardo Gouveia

São Paulo : Companhia das Letras, 2003.

ISBN 85-359-0352-6

Literatura infanto-juvenil

2003

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.



BIBLIOTECA
DO EXILADO

SUMÁRIO

PRÓLOGO: A MISSÃO

I. MARÉ DA MANHÃ

1. O QUARTO 19
2. O QUE HENRY MURKITT DEIXOU PARA TRÁS
3. RABISCO
4. "FIM DA RUA"
5. UMA PRAIA SEM MAR
6. A LADY SOBE
7. LUZ E ÁGUA
8. UM MOMENTO COM MELISSA
9. EVENTOS NO PÍER

II. CREPÚSCULO E ALÉM

10. AS ÁGUAS
11. OS JOGADORES DE CARTAS
11. OS JOGADORES DE CARTAS
12. UMA CONVERSA SOBRE A MARÉ
13. NA GRANDE CABEÇA
14. CARNIÇA

III. ONDE É QUANDO?

15. INSETO
16. O OLHO UNIVERSAL
17. ALMENAK
18. A HISTÓRIA DE PORTO DO GRITO
19. NA ROCHA DO OCASO
20. O MUNDO ATRAVÉS DE OLHOS EMPRESTADOS
21. A CAÇADA

IV. ESTRANHO COMO O DIABO

22. NA FLORESTA DE FORCAS
23. O HOMEM QUE FEZ O KID
24. CAVADORES E DRAGÕES
25. TRELOSO ANIQUILADO
26. A CASA DAS MENTIRAS
27. CONVERSA COM O HOMEM ZÁS-TRÁS
28. ALMA DE ESCRAVO
29. OLHOS DE GATO
30. "Ó TU, GLIFO, VEM A MIM"
31. A VIGÉSIMA QUINTA HORA
32. MONÇÃO
33. TUDO A SEU TEMPO
34. DESTINOS DIFERENTES

APÊNDICE

ALGUNS EXCERTOS DO ALMENAK DE KLEPP
Contracapa:
Orelhas:
Sobre o Autor:

Para Emilian David Armstrong

Sonhei um livro sem limites,
Um livro irrestrito,
As folhas espalhadas em fantástica abundância.

Em cada linha um novo horizonte,
Novos céus imaginados;
Novos estados, novas almas.

Uma dessas almas,
A cochilar em alguma tarde fictícia,
Sonhou estas palavras.
E na falta de mão que as registrasse,
Usou a minha.

C.B.

PRÓLOGO: A MISSÃO

Três é o número dos que fazem obra santa;
Dois é o número dos que fazem obra de amor;
Um é o número dos que fazem o mal perfeito
Ou o bem perfeito.

Das anotações de um monge
da Ordem de Santo Oco,
cujo nome é desconhecido.

A TORMENTA VEIO DO SUDOESTE como um espírito do mal, perseguindo sua presa com pernas de relâmpago.

O vento que ela trouxe consigo era fétido como o hálito do diabo e agitou as águas pacíficas do mar. Quando o barquinho vermelho que as três mulheres tinham escolhido para a sua perigosa viagem emergiu do abrigo das ilhas, já afastado em mar aberto, as ondas se empinavam como falésias, com oito, nove metros de altura.

— Alguém enviou esta tempestade — disse Joephi, que estava fazendo o melhor que podia para governar o barco, batizado de *Lira.* A vela sacudia como uma folha numa tempestade, oscilando loucamente para a frente e para trás, quase impossível de controlar. — Eu juro, Diamanda, esta não é uma tormenta natural!

Diamanda, a mais velha das três mulheres, estava sentada no centro da pequenina embarcação, com seu manto azul-escuro envolvendo a ela e à preciosa carga que apertava contra o peito.

— Não fiquemos histéricas — disse ela a Joephi e Mespa. Ela afastou dos olhos uma comprida mecha de cabelos brancos. — Ninguém nos viu deixar o Palácio de Bowers. Escapamos sem ser vistas, tenho certeza.

— Então por que esta tormenta? — perguntou Mespa, uma negra famosa por sua resistência, mas que agora parecia estar quase sendo arrastada para longe pela chuva que despencava sobre as cabeças das mulheres.

— Por que você fica tão surpresa com o protesto dos céus? — disse Diamanda. — Já não sabíamos que o mundo ia ser virado de cabeça para baixo pelo que acaba de acontecer?

Joephi, praguejando, lutava com a vela.

— Na verdade, não é assim que deve ser? — continuou Diamanda. — Não é certo que o céu seja dilacerado, e o mar levado a um frenesi? Por acaso seria melhor se o mundo não se importasse?

— Não, não, é claro que não — comentou Mespa, segurando-se à amurada do barco que jogava, o rosto tão branco quanto eram negros seus cabelos curtos. — Eu só queria que nós não estivéssemos no meio disso tudo.

— Bem, nós estamos! — disse a velha. — E nenhuma de nós pode fazer nada a respeito. Portanto sugiro que você acabe de esvaziar o estômago, Mespa...

— Ele está vazio — disse a mulher, mareada. — Não tenho mais nada o que pôr para fora.

— ... e você, Joephi, cuide da vela...

— Oh, minha Deusa... — murmurou Joephi. — Olhe.

— O que foi? — disse Diamanda. Joephi apontou para o céu.

Várias estrelas tinham sido sacudidas para fora do firmamento: grandes pelotas brancas de fogo perfuravam as nuvens e caíam no mar. Uma delas se dirigia direto para a *Lira.*

— Para baixo! — gritou Joephi, agarrando as costas do manto de Diamanda e empurrando a velha para fora do banco.

Diamanda odiava ser tocada; achava uma brutalidade, é como chamava aquilo. Começou a repreender Joephi severamente pelo que tinha feito, mas sua voz foi encoberta pelo som estrondoso da estrela cadente, que se precipitava em direção à embarcação. Ela irrompeu pela vela adentro, queimando um buraco ao atravessar a lona, e depois mergulhou no mar, apagando-se com um silvo violento.

— Eu juro que aquilo era para nós — disse Mespa depois que todas ergueram as cabeças de debaixo das tábuas. Ela ajudou Diamanda a se levantar.

— Certo — retrucou a velha senhora, gritando para ser ouvida em meio ao fragor das águas turbulentas —, esta passou mais perto do que eu gostaria.

— Então você acha que somos alvos?

— Não sei e não me importo — disse Diamanda. — Só temos de confiar na santidade da nossa missão.

Mespa lambeu os lábios pálidos antes de arriscar as palavras seguintes.

— Nós temos certeza de que a missão é santa? — disse ela. — Talvez o que estamos fazendo seja sacrilégio. Talvez seja melhor deixá-la...

— Descansar em paz? — disse Joephi.

— Sim — respondeu Mespa.

— Ela era pouco mais que uma menina, Mespa — disse Joephi. — Tinha uma vida de amor perfeito pela frente, e isso lhe foi roubado.

— Joephi está certa — disse Diamanda. — Você acha que uma alma como a dela iria dormir tranqüila, com tanta vida ainda por viver? Tantos sonhos que nunca viu realizados?

Mespa assentiu com a cabeça.

— Você tem razão, é claro — ela admitiu. — Temos de fazer este trabalho, custe o que custar.

A nuvem de tempestade que as seguira desde as ilhas estava agora bem acima de suas cabeças. Ela despejou uma chuva vil, gelada, espessa como muco, que atingiu as tábuas da *Lira* como um rufar de tambor. Relâmpagos caíam por todos os lados em volta da trêmula embarcação, destacando em sua luz fantástica as silhuetas das ondas encapeladas que se erguiam, prestes a quebrar por cima do barco.

— A vela é inútil para nós agora — disse Joephi, erguendo os olhos para a lona em frangalhos.

— Então temos de encontrar outros meios — disse Diamanda. — Mespa, segure a nossa carga por alguns momentos. E tenha cuidado.

Com profunda reverência, Mespa pegou a pequena caixa, em cujas laterais e na tampa estavam gravados talismãs. Aliviada do seu fardo, Diamanda desceu para a popa, a arfagem do barco ameaçando por várias vezes atirá-la por cima do costado antes que chegasse à segurança do pequeno assento. Ali ela se ajoelhou e se inclinou para a frente, mergulhando as mãos artríticas na água gelada.

— É melhor tomar cuidado — advertiu Mespa. — Um mantizac de quinze metros esteve nos seguindo durante a última meia hora. Eu vi quando estava vomitando.

— Nenhum peixe que se preze vai querer os meus velhos ossos — disse Diamanda.

Mal ela acabou de dizer isso, a enorme cabeça malhada de um mantizac — não exatamente do tamanho que Mespa tinha descrito, mas enorme mesmo assim — rompeu a superfície do mar. Sua bocarra se escancarou a não mais que trinta centímetros dos braços estendidos de Diamanda.

— Minha Deusa! — gritou a velha senhora, recolhendo os braços e endireitando-se bruscamente no assento.

O peixe, frustrado, deu uma cutucada na traseira do barco, como se quisesse empurrar para dentro do seu próprio elemento uma das guloseimas humanas que estavam a bordo.

— Bem... — disse Diamanda. — Acho que isto pede um pouco de magia lunar.

— Espere — disse Joephi. — Você disse que se usássemos magia correríamos o risco de chamar atenção.

— Disse mesmo — retrucou Diamanda. — Mas na situação em que estamos, corremos o risco de morrer afogadas, ou de ser devoradas por aquela coisa.

O mantizac estava agora se movendo ao longo do costado da *Lira,* voltando a cabeçorra para cima e fitando as mulheres com seu olho prata e escarlate.

Mespa segurou a caixinha ainda mais apertado contra o peito.

— Ele não vai me levar — disse ela com um profundo terror na voz.

— Não — tranqüilizou Diamanda. — Ele não vai.

Ela ergueu as mãos envelhecidas. Filetes escuros de energia se moveram por suas veias e saltaram das pontas dos dedos, traçando delicadas formas no ar, e depois escaparam para o céu.

— Senhora Lua — clamou ela. — Bem sabe que não a invocaríamos se não precisássemos da sua intervenção. Pois precisamos. Senhora, nós três somos irrelevantes. Pedimos esta graça não para nós mesmas, mas para a alma de uma pessoa que foi arrebatada do nosso meio antes que estivesse pronta para partir. Por favor, Senhora, conduza todas nós em segurança através desta tormenta, para que a vida dela possa encontrar continuidade...

— Diga para onde estamos indo! — Joephi gritou por cima do bramido das águas.

— Ela conhece os nossos pensamentos — disse Diamanda.

— Mesmo assim — insistiu Joephi —, diga!

Diamanda olhou de relance para a companheira atrás dela, ligeiramente irritada.

— Se você insiste... — disse ela. Depois, erguendo novamente os braços para o céu, disse: — Conduza-nos para o Mais-Além.

— Bom — disse Joephi.

— Senhora, ouça-nos... — Diamanda começou a dizer. Mas ela foi interrompida por Mespa.

— Ela ouviu, Diamanda.

— O quê?

— Ela ouviu.

As três mulheres olharam para cima. As turbulentas nuvens de tempestade estavam se separando, como se estivessem sendo empurradas para o lado por mãos titânicas. Através da fenda que se alargava veio um raio de luar: do branco mais puro mas, de algum modo, tépido. Ele iluminou o cavado entre as ondas onde estava enterrado o barco das mulheres, cobrindo de luz a embarcação, de ponta a ponta.

— Obrigada, Senhora... — murmurou Diamanda.

O luar se movia por cima do barco, vasculhando cada parte da minúscula embarcação, até mesmo a parte sombria da quilha que ficava embaixo d'água. Ele abençoou cada prego e cada tábua da proa à popa, cada ilhós, cada remo, cada pivô, cada salpico de tinta, cada centímetro de corda.

Tocou também as mulheres, instilando vida nova em seus ossos cansados e aquecendo-lhes a pele gelada.

Tudo isso levou talvez dez segundos.

Então as nuvens começaram a se fechar novamente, cortando a luz do luar. Tão abruptamente como começara, a bênção terminou.

O mar parecia duas vezes mais escuro quando a luz se foi, e o vento, mais intenso. Mas o madeirame do barco tinha adquirido uma sutil luminescência com o aparecimento da Lua, e estava mais forte

graças à bênção que tinha recebido. O barco não rangia mais quando era atingido no costado. Em vez disso, parecia erguer-se sem esforço nos flancos abruptos das ondas.

— Assim é melhor — disse Diamanda.

Ela estendeu as mãos para reclamar sua preciosa carga.

— Eu posso cuidar disto — protestou Mespa.

— Eu sei que você pode — disse Diamanda. — Mas a responsabilidade é minha. Conheço o mundo para onde vamos, está lembrada? Você não conhece.

—Você se recorda de como ele era — lembrou Joephi. — Mas ele terá mudado.

— É bem possível — concordou Diamanda. — Mas eu ainda tenho uma idéia melhor do que vocês duas daquilo que nos aguarda. Agora me dê a caixa, Mespa.

Mespa entregou-lhe a caixa, e a embarcação das mulheres abriu caminho através do mar tenebroso, ganhando velocidade enquanto seguia, a proa ligeiramente erguida acima das águas.

A chuva continuou a despencar nas cabeças das mulheres, acumulando-se no fundo do barco até chegar a uma altura de dez centímetros. Mas as viajantes não perceberam a sua investida. Simplesmente ficaram sentadas juntas, num silêncio agradecido, enquanto a magia da Lua as impelia rapidamente para o seu destino.

— Ali! — disse Joephi, apontando para a costa ao longe. — Estou vendo o Mais-Além.

— Eu também estou vendo! — disse Mespa. — Oh, graças à Deusa! Eu estou vendo! Eu estou vendo!

— Calem-se — disse Diamanda. — Não queremos chamar atenção.

— Parece deserto — disse Joephi, perscrutando a paisagem à frente. — Você disse que havia uma cidade.

— E há uma cidade. Mas fica a uma pequena distância do porto.

— Não estou vendo porto nenhum.

— Bem, não restou muita coisa dele — disse Diamanda. — Foi destruído num incêndio, muito antes da minha época.

A quilha da *Lira* estava raspando na costa do Mais-Além. Joephi foi a primeira a saltar, arrastando a corda consigo e prendendo-a a um velho pedaço de madeira que tinha sido cravado no solo. Mespa ajudou Diamanda a saltar e as três ficaram lado a lado avaliando a paisagem nada auspiciosa que se descortinava diante delas. A tormenta as seguira através da fronteira entre os dois mundos, em sua fúria implacável.

— Agora, lembremo-nos — disse Diamanda. — Estamos aqui para fazer uma única coisa. Fazemos o que temos de fazer e vamos embora. Lembrem-se: não devíamos estar aqui.

— Sabemos disso — disse Mespa.

— Mas não sejamos apressadas, senão cometeremos um erro — disse Joephi, olhando de relance para a caixa nas mãos de Diamanda. — Temos de fazer isto direito, por ela. Trazemos conosco as esperanças do Abarat.

Até Diamanda se aquietou com essa observação. Pareceu ficar meditando sobre ela por um longo instante, a cabeça baixa, a chuva escorrendo pelos cabelos brancos e formando cortinas que emolduravam a caixa que segurava. E então ela disse:

— Vocês duas estão prontas?

As duas mulheres murmuraram que sim, estavam prontas; e com Diamanda à frente, deixaram a praia e seguiram através do

capim fustigado pela chuva, à procura do lugar onde a Providência determinara que fariam o seu santo trabalho.

I. MARÉ DA MANHÃ

A vida é breve,
Escassos os prazeres,
E o navio com um rasgão,
E afogada a tripulação,
Mas vejam! Vejam!
Como é azul
É o mar!

O último poema escrito
por Bandy, o Justo,
o poeta nômade do Abarat

1. O QUARTO 19

A TAREFA QUE A SRTA. SCHWARTZ havia passado para a classe de Candy era bastante simples. Cada um dos alunos tinha uma semana para trazer à escola dez fatos interessantes sobre a cidade em que todos eles viviam. Alguma coisa sobre a história de Galinhópolis seria ótimo — disse ela — ou, caso os alunos preferissem, fatos sobre como a cidade era hoje, o que queria dizer, e claro, a ladainha de sempre sobre a criação de frangos no Minnesota moderno.

Candy fizera o melhor que podia. Visitara a biblioteca da escola e vasculhara as prateleiras à procura de alguma coisa, qualquer coisa sobre a cidade que lhe parecesse vagamente interessante. Não encontrou coisa nenhuma. Nada, zero, necas de pitibiriba. Tinha uma biblioteca na rua Naughton que era dez vezes maior que a da escola; por isso foi para lá. Novamente fuçou as prateleiras. Havia alguns livros sobre o Minnesota que mencionavam a cidade, mas eram os mesmos fatos tediosos, repetidos em volume após volume. Galinhópolis tinha uma população de 36793 habitantes e era a maior produtora de frango no estado. Um dos livros, após mencionar os frangos, descrevia a cidade como "sem nenhum outro destaque".

Perfeito, pensou Candy. Moro numa cidade sem nenhum outro destaque. Bem, aquele era o Fato Número Um. Só precisava de mais nove.

— Vivemos na cidade mais chata do país — ela se queixou para a mãe, Melissa, ao voltar para casa. — Não consigo encontrar nada que valha a pena escrever para a senhorita Schwartz.

Melissa Quackenbush estava na cozinha, fazendo um bolo de carne com a porta fechada para não perturbar Bill, o pai de Candy. Ele estava em frente à televisão tirando uma soneca induzida pelo álcool, e a mãe de Candy queria que ele continuasse assim. Quanto

mais ele permanecesse inconsciente, mais fácil seria para todos na casa — inclusive Don e Ricky, os irmãos de Candy — prosseguirem com as suas vidas. Ninguém jamais mencionava isso em voz alta. Era um entendimento mudo entre eles. A vida se tornava mais agradável para todo mundo quando Bill Quackenbush estava dormindo.

— Por que você diz que é chata? — perguntou Melissa enquanto temperava o bolo de carne.

— Dê só uma olhada lá fora — disse Candy.

Melissa não se deu ao trabalho, mas isso foi só porque já conhecia bem demais o cenário do lado de fora da janela. Para além da vidraça ensebada ficava o caótico quintal da família: a grama, que chegava ao meio da canela, ressecada pela onda de calor que chegara inesperadamente em meados de maio, a piscina inflável que tinham comprado no verão passado e nunca desinflaram, agora um círculo sujo de plástico vermelho e branco no extremo oposto do quintal. Além da piscina murcha estava a cerca quebrada. E além da cerca? Outro quintal em condições não muito melhores, e outro, e outro, até que finalmente acabavam os quintais, e também as ruas, e começava a pradaria deserta.

— Sei o que você quer para a sua pesquisa.

— É? — disse Candy, indo para a geladeira e pegando um refrigerante. — O que é que eu quero?

— Você quer alguma coisa bizarra — disse Melissa, pondo a carne na assadeira e apertando-a com os polegares. — Você tem um quê de mórbido dentro de si, igual à sua avó Frances. Ela costumava ir a funerais de pessoas que nem conhecia ...

— Não acredito que ela fazia isso — disse Candy com uma risada.

— Fazia, sim. Eu juro. Ela adorava qualquer coisa desse tipo. Você puxou isso dela. Certamente não foi de mim nem do seu pai.

— Você não sabe como isso me deixa contente...

— Você sabe o que eu quis dizer — protestou a mãe de Candy.

— Então você não acha Galinhópolis chata? — disse Candy.

— Existem lugares piores, acredite — disse Melissa. — Pelo menos a cidade tem um pouco de história...

— Não tem grande coisa. Não segundo os livros que eu andei consultando — disse Candy.

— Sabe com quem você devia falar? — disse Melissa.

— Com quem?

— Com Norma Lipnick. Você se lembra da Norma? Aquela que trabalhava junto comigo no Hotel Arvore Balsâmica?

— Vagamente — disse Candy.

— Coisas estranhas de todos os tipos acontecem em hotéis. E o Arvore Balsâmica existe desde... Ora, não sei. Pergunte à Norma, ela vai lhe dizer.

— É aquela com o cabelo louro-platinado que sempre usa um exagero de batom?

Melissa ergueu os olhos para a filha com um sorrisinho.

— Não vá dizer coisas indelicadas para ela agora.

— Eu não faria isso.

— Sei como essas coisas escapam da sua língua.

— Mãe, eu realmente vou me comportar.

— É bom. Faça isso. Ela agora é subgerente lá, portanto se você for realmente simpática com ela, e fizer as perguntas certas, aposto como ela vai lhe dar alguma coisa para o seu projeto que ninguém mais na classe terá.

— Como o quê?

— Vá até lá e pergunte a ela. Ela vai se lembrar de você. Peça que conte a respeito de Henry Murkitt.

— Quem é Henry Murkitt?

— Vá perguntar para ela. A pesquisa é sua. Você devia sair um pouco e bater perna. Como um detetive, um investigador.

— Tem muita coisa para ser investigada?

— Você vai ficar surpresa.

E ficou mesmo. A primeira surpresa foi a própria Norma Lipnick, que não era mais a mulher de mau gosto de que Candy se lembrava, com os cabelos desfiados e armados, e o vestido curto demais. Nos cerca de oito anos que passaram desde que Candy a vira pela última vez, Norma deixara os cabelos ficarem naturalmente grisalhos. O batom vermelho-vivo era coisa do passado, assim como os vestidos curtos. Mas assim que Candy se apresentou, o novo recato profissional foi jogado aos ventos e emergiu a mulher calorosa e tagarela de que Candy se lembrava.

— Meu Deus, como você cresceu, Candy — disse ela. — Nunca mais vi você por aqui; nem você, nem a sua mãe. Ela está bem?

— Acho que sim.

— Ouvi dizer que o seu pai perdeu o emprego na granja. Parece que ele teve uns probleminhas com a cerveja... — Candy não teve tempo de concordar nem de discordar. — Sabe de uma coisa? Acho que às vezes as pessoas deviam ter uma segunda oportunidade. Se você não dá uma segunda oportunidade às pessoas, como é que elas vão mudar?

— Não sei — disse Candy, sentindo-se pouco à vontade.

— Homens — disse Norma. — Fique longe deles, querida. Não valem os problemas que causam. Estou no meu terceiro casamento, e não dou mais de dois meses para ele.

— Oh...

— De qualquer jeito, você não veio aqui para me ouvir tagarelar. Então, em que posso ajudá-la?

— Eu tenho este trabalho da escola, sobre Galinhópolis — explicou Candy. — Foi a senhorita Schwartz que passou, ela insiste em nos passar tarefas que só serviriam para alunos da pré-escola. Além disso, ela não gosta muito de mim...

— Ora, não se deixe abater por ela, meu bem. Há sempre alguém para infernizar a sua vida. Logo você vai terminar a escola. O que vai fazer então? Trabalhar na granja?

Candy sentiu um enorme peso nos ombros ao imaginar aquela horrenda perspectiva.

— Espero que não — disse ela. — Quero fazer algo melhor da minha vida.

— Mas não sabe o quê?

Candy fez que não com a cabeça.

— Não se preocupe, você vai acabar descobrindo — disse Norma. — Espero que descubra, porque aposto que você não quer ficar encalhada aqui.

— Não, não quero. Não quero mesmo.

— Então você tem de fazer uma pesquisa sobre Galinhópolis...

— Sim. E minha mãe disse que eu devia investigar certas coisas que aconteceram no hotel. Ela disse que você saberia do que ela estava falando.

— Disse mesmo? — disse Norma, com um sorrisinho provocador.

— Ela disse para eu perguntar sobre Henry...

— ... Murkitt.

— Sim, Henry Murkitt.

— Pobre e velho Henry. O que mais ela disse? Ela contou sobre o quarto 19?

— Não. Ela não falou de quarto nenhum. Só me deu esse nome.

— Bem, eu posso lhe contar a história — disse Norma. — Mas não sei se a história de Murkitt vai ser o tipo de coisa que essa senhorita Schwartz está querendo.

— Por que não?

— Ora, porque é um tanto sombria — disse Norma. — Trágica, na verdade.

Candy sorriu.

— Bem, mamãe diz que eu tenho um fraco por tragédias, portanto é provável que eu goste.

— Tragédias, é? Muito bem — disse Norma. — Acho que preciso contar a história toda. Sabe, Galinhópolis era antes chamada de Murkitt.

— Verdade? Isso não estava em nenhum dos livros sobre o Minnesota.

— Sabe como é, existe a história que vai parar nos livros, e existe a história que não vai.

— E Henry Murkitt...?

— ... faz parte da história que não vai.

— Ahn.

Candy estava fascinada. Lembrando-se do que a mãe havia dito sobre fazer um pouco de trabalho de detetive, ela pegou seu caderno e começou a escrever. *Murkitt. História que não conhecemos.*

— Então o nome da cidade era em homenagem a Henry Murkitt?

— Não — disse Norma. — Era em homenagem ao avô dele, Wallace Murkitt.

— Por que mudaram o nome?

— Acho que Galinhópolis é um bom nome, né? Este lugar tem mais dessas malditas galinhas do que gente. E às vezes eu acho que as pessoas se preocupam mais com as galinhas do que umas com as outras. Meu marido trabalha na granja, e tudo o que ouço dele e dos seus amigos...

— É conversa sobre galinhas?

— Galinhas, galinhas, e mais malditas galinhas. — Norma deu uma olhada no seu relógio de pulso. — Sabe, hoje eu não tenho muito tempo para lhe mostrar o quarto 19. Preciso atender um grande grupo de pessoas que está para chegar. Podemos fazer isso em algum outro dia?

— Preciso entregar meu relatório amanhã de manhã.

— Vocês, jovens, sempre deixando as coisas para o último minuto — disse Norma. — Bem, está certo. Faremos isso rapidamente. Mas trate de anotar tudo, pois não vou ter tempo para repetir coisa nenhuma.

— Estou pronta — disse Candy. Norma tirou a sua chave mestra do bolso.

— Linda? — chamou a mulher que estava trabalhando à mesa da frente. — Estou subindo até o quarto 19.

A mulher franziu o cenho.

— É mesmo? Para quê?

A pergunta ficou sem resposta.

— Não levarei mais de dez minutos — disse Norma.

E conduziu Candy para fora da área de recepção, falando enquanto andava.

— Estamos agora na parte nova do hotel — explicou ela. — Foi construída em 1964. Mas basta passarmos por aqui — ela acompanhou Candy através de uma porta dupla — e entramos no velho hotel. Chamava-se Hotel Alto-Mar. Não me pergunte por quê.

Mesmo se não tivesse sido informada de que havia uma diferença entre a parte do hotel onde estava antes e aquela para onde Norma a trouxera, Candy teria percebido. Aqui, os corredores eram mais estreitos e menos iluminados. Havia um cheiro azedo de coisa velha no ar, como se alguém tivesse deixado o gás aberto.

— Só colocamos gente na parte velha do hotel se todos os outros quartos estiverem ocupados. E isso só acontece quando há um Encontro dos Compradores de Galinhas. Mesmo assim, tentamos nunca pôr ninguém no quarto 19.

— Por que isso?

— Bem, não é que seja exatamente mal-assombrado. Muito embora tenha havido histórias. Pessoalmente, eu acho esse negócio de vida após a morte uma bobagem. Você tem uma vida para viver, e deve aproveitá-la o melhor possível. Minha irmã abraçou a religião no ano passado e está se preparando para uma canonização, eu juro.

Norma levara Candy até o fim de um corredor, onde havia uma escada estreita, iluminada por uma única lâmpada. Ela lançava uma luz amarelada que não contribuía em nada para melhorar a aparência do papel de parede sem graça e da pintura rachada.

Candy quase chegou a comentar que não era de estranhar que a administração mantivesse aquela parte do hotel fora das vistas dos hóspedes, mas mordeu a língua, lembrando-se do que a mãe dissera sobre guardar para si mesma os pensamentos menos corteses.

Elas subiram as escadas, que rangiam. Eram íngremes.

— Eu devia parar de fumar — observou Norma. — Isso ainda vai me matar.

No topo havia duas portas. Uma era o quarto 17. A outra era o quarto 19.

Norma entregou a chave mestra para Candy.

— Você quer abrir? — perguntou Norma.

— Claro.

Candy pegou a chave e introduziu-a na fechadura.

— Você precisa dar uma mexidinha na chave.

Candy obedeceu. Com certo esforço, a chave girou e Candy abriu a porta mal azeitada do quarto 19.

2. O QUE HENRY MURKITT DEIXOU PARA TRÁS

ESTAVA ESCURO DENTRO DO QUARTO; e o ar, parado e viciado.

— Por que você não vai em frente e abre as cortinas, meu bem? — disse Norma, pegando a chave de volta.

Candy aguardou um momento para que seus olhos se acostumassem com a penumbra e então se dirigiu vacilante para a janela, atravessando o quarto. Tocou as cortinas, pareciam ensebadas, como se não fossem lavadas havia muito tempo. Ela puxou. As cortinas se moveram relutantemente nos trilhos bloqueados pela sujeira. A vidraça estava tão imunda quanto o tecido.

— Quanto tempo faz desde que alguém se hospedou neste quarto? — indagou Candy.

— Na verdade não lembro se alguém esteve nele desde que vim trabalhar no hotel — disse Norma.

Candy olhou para fora. A vista não era mais inspiradora aos sentidos e à alma do que a que tinha da janela da cozinha na rua Followell, 34, sua casa. Imediatamente abaixo da janela havia um pequeno pátio nos fundos do hotel, que continha cinco ou seis latas transbordantes de lixo e os restos esqueléticos da árvore de Natal do ano anterior, ainda com papel dourado e neve artificial. Além do pátio estava a rua Lincoln (ou pelo menos era o que Candy achava; a excursão pelo hotel a deixara completamente desorientada). Ela via as capotas dos carros acima do muro do pátio, e uma loja de 1,99 do outro lado da rua, as portas trancadas com corrente e cadeado, as prateleiras vazias.

— Então — disse Norma, chamando a atenção de Candy de volta ao quarto 19 —, era aqui que Henry Murkitt ficava.

— Ele vinha muito ao hotel?

— Que eu saiba — disse Norma —, ele só ficou aqui uma vez. Mas na verdade não estou muito certa disso, portanto não se fie.

Candy entendia muito bem por que Henry não tinha sido um hóspede freqüente. O quarto era minúsculo. Havia uma cama estreita encostada numa parede e uma cadeira num canto, com um pequeno televisor preto em cima. Diante dela havia uma segunda cadeira, em cima da qual estava um cinzeiro transbordante.

— Alguns dos nossos empregados sobem aqui quando conseguem meia hora de folga, para acompanhar as novelas — explicou Norma.

— Então eles não acreditam que o quarto seja assombrado?

— Vamos dizer que seja isso, meu bem — disse Norma. — O que quer que acreditem, isso não os impede de subir aqui.

— O que tem do outro lado? — perguntou Candy, apontando para uma porta.

— Veja você mesma — disse Norma.

Candy abriu a porta e entrou em um banheiro minúsculo, que não era limpo havia muito, muito tempo. Deparou-se com seu reflexo no espelho acima da pia imunda. Seus olhos pareciam quase pretos na penumbra daquele cubículo, e seus cabelos escuros precisavam de um corte. Mas ela gostou do que viu, mesmo sob uma luz tão pouco auspiciosa. Tinha o sorriso da mãe, aberto e fácil, e o cenho do pai; o cenho sulcado e atormentado que Bill Quackenbush ostentava em seus sonhos de cerveja. E, é claro, os seus olhos singulares: o esquerdo castanho-escuro, o direito azul, muito embora o espelho os invertesse.

— Assim que você tiver acabado de admirar a si mesma... — disse Norma.

Candy fechou a porta do banheiro e voltou às suas anotações, para disfarçar o embaraço. *Não há papel nas paredes do quarto 19* — escreveu ela —, *somente gesso pintado de um branco sujo.* Uma das quatro paredes exibia um curioso desenho abstrato, levemente cor-de-rosa. Enfim, ela não poderia ter imaginado um lugar mais macabro e desconfortável.

— E então, o que você pode me contar sobre Henry Murkitt? — ela perguntou a Norma.

— Não muita coisa — respondeu a mulher. — O avô dele foi o fundador da cidade. De fato, estamos todos aqui porque Wallace Murkitt decidiu que já estava farto da vida de pioneiro. Segundo a história, o cavalo dele caiu morto de repente, no meio da noite, e assim eles não tiveram alternativa senão se assentar bem aqui, no meio do nada.

Candy sorriu. Havia alguma coisa naquele detalhe que se encaixava absolutamente em tudo o que ela sabia sobre a sua cidade natal.

— Então Galinhópolis existe porque o cavalo de Wallace Murkitt morreu? — disse ela.

Norma pareceu entender a piada amarga.

— Sim — disse ela. — Acho que isso resume tudo, não e mesmo? Mas aparentemente Henry Murkitt tinha muito orgulho do fato de a cidade ter o nome da família dele. Era algo de que costumava se gabar.

— E então eles mudaram o nome...

— Sim, bem, eu chego lá num instante. Na verdade, a vida do pobre Henry foi uma série de calamidades até o fim. Primeiro a mulher, Diamanda, o abandonou. Ninguém sabe para onde ela foi. E

depois, em algum dia em dezembro de 1947, a Câmara Municipal decidiu mudar o nome da cidade. Henry ficou muito mal com aquilo. O pobre homem se hospedou no hotel na véspera de Natal, mas nunca chegou a pagar a conta.

— Ele morreu neste quarto? — sussurrou Candy.

— Sim.

— Como? Ataque do coração? Norma negou com a cabeça.

— Oh, não... — disse Candy, começando a juntar as peças. — Ele se suicidou?

— Sim. Dizem que sim.

De repente o quarto pareceu ter ficado um pouco menor, como se isso fosse possível, e os cantos, a despeito do sol que conseguia passar através da vidraça suja, um pouco mais escuros.

— É horrível — disse Candy.

— Você ainda vai aprender — disse Norma — que o amor pode ser a melhor coisa da vida. E pode ser a pior. A pior de todas.

Candy ficou em silêncio. Pela primeira vez, estava reparando em como o rosto de Norma ficara triste com o passar dos anos desde que tinham se visto pela última vez. Como os cantos da boca estavam caídos, a testa marcada por linhas profundas.

— Mas não foi só o amor que partiu o coração de Henry Murkitt — disse Norma. — Foi...

— ... o fato de terem mudado o nome da cidade? — disse Candy.

— Sim, isso mesmo. Afinal, era o nome da família dele. O nome dele. Sua pretensão a uma migalha de imortalidade, se preferir. Acho que, quando perdeu aquilo, ele pensou que não tinha mais nenhum motivo para viver.

— Pobre homem — disse Candy, fazendo seus os sentimentos de Norma. — Ele deixou algum bilhete? Quero dizer, um bilhete de suicida?

— Sim. Mais ou menos. Pelo que eu fiquei sabendo, ele disse alguma coisa sobre esperar a chegada do seu navio.

— O que ele quis dizer com isso? — disse Candy, anotando a frase.

— Bem, provavelmente ele estava bêbado, e um pouco maluco. Mas havia alguma coisa lá no fundo da cabeça dele que tinha a ver com navios e o mar.

— É estranho — disse Candy.

— Vai ficar ainda mais estranho — disse Norma.

Ela foi até o criado-mudo e abriu a gaveta. Havia lá um exemplar da Bíblia e um objeto estranho feito de algo que parecia ser latão.

— De acordo com as histórias — disse ela — este é o único objeto de algum valor que ele tinha consigo.

— O que é?

Norma entregou-o a Candy. Era pesado e tinha números gravados. Havia uma parte móvel projetada para ficar alinhada com os números.

— É um sextante — disse Norma. Candy não reagiu.

— O que é um sextante?

— É algo que os marinheiros usam para se localizar quando estão no mar. Não sei exatamente como funciona mas, de algum modo, você alinha isso com as estrelas e... — ela encolheu os ombros — fica sabendo onde está.

— E ele tinha isto consigo?

— É como eu digo: de acordo com as histórias. Esse mesmo que está aqui.

— A polícia não teria ficado com ele? — disse Candy.

— É o que se poderia pensar. Mas desde que estou trabalhando no hotel essa coisa está aqui, nessa gaveta, ao lado da Bíblia. O sextante de Henry Murkitt.

— Ahn — fez Candy, nem um pouco segura sobre como entender tudo aquilo. Devolveu o objeto a Norma que, cuidadosa, até um pouco reverente, colocou-o de volta no lugar e fechou a gaveta suavemente. — Então isso e o bilhete são tudo o que ele deixou? — perguntou Candy.

— Não — disse Norma. — Ele deixou uma outra coisa.

— O quê?

— Olhe à sua volta — retrucou Norma.

Candy olhou. O que havia lá que pudesse ter pertencido a Henry Murkitt? Os móveis? Certamente não. O tapete puído embaixo dos seus pés? Talvez, mas era improvável. A lâmpada? Não. O que sobrava? Não havia quadros nas paredes, portanto...

— Oh... Espere um minuto — disse ela olhando para as manchas na parede — Não são essas, são?

Norma apenas olhou para ela, soerguendo uma sobrancelha perfeitamente desenhada.

— São? — disse Candy.

— Não importa quantas demãos de tinta os pintores apliquem nessa parede, as manchas atravessam e aparecem de novo.

Candy chegou mais perto da parede, examinando as manchas. Parte dela — a parte pela qual a sua avó mórbida poderia levar crédito — queria fazer a Norma a pergunta óbvia: como aquelas manchas tinham ido parar lá em cima? Ele tinha se dado um tiro, ou

usado uma navalha? Mas outra parte dela preferia não conhecer os detalhes.

— Horrível — disse ela.

— É o que acontece quando as pessoas se dão conta de que as suas vidas não são aquilo que elas sonharam — disse Norma. Ela olhou para o relógio. — Oh, Deus, veja só as horas. Preciso ir. Essa é a história de Henry Murkitt.

— Que homem mais triste — disse Candy.

— Bem, acho que todos nós estamos esperando a chegada dos nossos navios, de um modo ou de outro — disse Norma indo para a porta e deixando Candy sair para o soturno patamar. — Alguns de nós ainda vivem de esperanças — disse ela com um sorriso desanimado. — Mas é preciso, não é?

E com isso ela fechou a porta do quarto onde Henry Murkitt dera seu último suspiro.

3. RABISCO

A SRTA. SCHWARTZ, PROFESSORA DE HISTÓRIA de Candy, não costumava estar de bom humor nem mesmo nos seus melhores momentos, mas hoje o seu humor estava mais insuportável do que de costume. Enquanto circulava pela classe devolvendo os trabalhos de pesquisa sobre Galinhópolis, somente os seus poucos alunos favoritos (que geralmente eram meninos) receberam notas vagamente boas. Todos os outros estavam sendo criticados.

Mas nada do que o resto da classe já enfrentara se comparava com o ataque da srta. Schwartz ao trabalho de Candy.

— Fatos, Candy Quackenbush — disse a mulher, jogando na carteira dela o trabalho de Candy sobre a morte de Henry Murkitt. — Eu pedi fatos. E o que você me entrega...?

— Esses são fatos, senhorita...

— Não responda para mim — cortou ríspida a srta. Schwartz. — Esses não são fatos. Não passam de fofocas mórbidas. Nada mais que isso. Esse trabalho, como a maior parte dos seus trabalhos, não vale nada.

— Mas eu estive naquele quarto do Hotel Arvore Balsâmica — disse ela. — Eu vi o sextante de Henry Murkitt.

— Será que você é irremediavelmente crédula? — disse a srta. Schwartz. — Ou é simplesmente burra? Todos os hotéis têm algum tipo de história ridícula de fantasma. Será que você não é capaz de notar a diferença entre fato e ficção?

— Mas, senhorita Schwartz, eu juro que esses são fatos.

— Vou lhe dar um zero, Candy.

— Isso não é justo — protestou Candy.

O lábio superior da srta. Schwartz começou a crispar-se, sinal certo de que estava prestes a começar a gritar.

— Não responda para mim! — disse ela em volume crescente. — Se você não parar de se entregar a essas suas fantasias idiotas e não começar a fazer algum trabalho de verdade, vai ser completamente reprovada nesta matéria. E vou cuidar pessoalmente de fazer com que você perca o ano por sua preguiça e por sua insolência.

Muitas risadinhas vieram do fundo da classe, onde se sentava o bando de inimigas de Candy, liderado por Deborah Hackbarth. A srta. Schwartz lançou-lhes um olhar intimidador, que funcionou; mas Candy sabia que elas estavam escondendo o riso com as mãos e passando bilhetinhos umas para as outras comentando sobre a humilhação dela.

— Por que você não pode ser normal? — disse a srta. Schwartz. — Entregue-me trabalhos como este da Ruth Ferris. — Ela procurou entre as folhas.

A srta. Schwartz ergueu alto o trabalho, para todo mundo ver a obra exemplar produzida por Ruth.

— Está vendo estes gráficos? — ela estava folheando as páginas de gráficos coloridos que Ruth havia astutamente apresentado como apêndice ao seu trabalho. — Você sabe a que eles se referem? Bem, você sabe ou não, Candy?

— Vamos ver se adivinho — disse Candy. — Galinhas?

— Sim. Galinhas. Ruth escreveu sobre a indústria número um da nossa comunidade: galinhas.

— Talvez seja porque o pai dela é administrador da granja — disse Candy lançando um olhar azedo para a perfeita srta. R. Ferris. Sabia, todo mundo sabia, inclusive a srta. Schwartz, que os gráficos e fluxogramas tão bonitinhos de Ruth ("Do ovo ao croquete de

galinha") tinham sido copiados dos folhetos lustrosos que seu pai mandava imprimir para as Granjas Applebaum.

— Quem se importa com galinhas? — disse Candy.

— As galinhas são o sangue desta cidade, Candy Quackenbush. Sem galinhas, o seu pai não teria emprego.

— Ele não tem emprego, senhorita Schwartz — disse Deborah.

— Ah. Bem...

— Ele gosta demais de cerveja.

— Muito bem, já basta, Deborah — disse a srta. Schwartz, percebendo que as coisas estavam ficando fora de controle. — Está vendo os problemas que você causa, Candy?

— O que foi que eu fiz? — protestou Candy.

— Desperdiçamos muito tempo de aula com você. Tempo demais...

Ela parou de falar porque seus olhos caíram sobre o livro de exercícios de Candy. Tirou-o bruscamente de cima da carteira. Por alguma razão, alguns dias antes, Candy começara a fazer uns desenhos ondulados na capa do livro, a mão correndo solta, a desenhar as linhas sem que a mente a instruísse conscientemente a fazer isso.

— O que é isto? — perguntou a srta. Schwartz, folheando o livro de exercícios. O interior estava enfeitado do mesmo modo que a capa: linhas estreitamente justapostas, centenas delas, ondulando para cima e para baixo por toda a página.

— Já não basta você trazer essas suas histórias mórbidas para a escola — estava dizendo a srta. Schwartz. — E agora, está desfigurando objetos de propriedade da escola?

— É só um rabisco — disse Candy.

— Bom Deus, você está ficando louca? Há páginas e páginas deste lixo. — A srta. Schwartz estava segurando o livro longe do corpo, como se ele pudesse infectá-la. — O que você pensa que está fazendo? O que são estes rabiscos?

Por alguma razão, enquanto a srta. Schwartz olhava para ela, Candy pensou em Henry Murkitt, sentado no quarto 19, naquela distante véspera de Natal, aguardando a chegada do seu navio.

Pensando nele, ela se deu conta do que estivera desenhando tão obsessivamente no seu livro de exercícios.

— É o mar — disse ela mansamente.

— É o quê? — disse a srta. Schwartz, sua voz destilando desprezo.

— É o mar. Eu estava desenhando o mar.

— Estava mesmo? Bem, pode parecer o mar *para você,* mas *para mim* se parece mais com duas semanas de castigo depois da aula.

Houve uma pequena explosão de risos no fundo da classe. Dessa vez, a srta. Schwartz não tentou silenciá-la. Simplesmente atirou o livro de exercícios sobre a carteira de Candy. Foi um mau lançamento. Em vez de aterrissar elegantemente na frente da pobre Candy, ele deslizou por cima da carteira arrastando o trabalho sobre Henry Murkitt, junto com um sortimento de canetas, lápis e uma régua de plástico azul, para o outro lado da carteira e de lá para o chão.

As risadas pararam. Fez-se um silêncio enquanto uma das canetas rolava até parar. Então a srta. Schwartz disse:

— Quero que você recolha todo esse lixo.

Candy não respondeu, pelo menos não de início. Ela continuou sentada, sem mexer nenhum músculo.

— Você me ouviu, Candy Quackenbush?

O bando Hackbarth estava no sétimo céu. Elas exibiam sorrisinhos arrogantes enquanto Candy ficava sentada no banco, ainda se recusando a se mexer.

— Candy? — disse a srta. Schwartz.

— Eu ouvi, senhorita Schwartz.

— Então recolha.

— Não fui eu quem derrubou no chão, senhorita Schwartz.

— Como disse?

— Eu disse: "Não fui eu quem derrubou no chão". Foi a senhora. Portanto acho que a senhora devia recolher.

A srta. Schwartz empalideceu subitamente. A única cor que restava era o roxo das olheiras.

— Levante-se — disse ela,

— Sim?

— Você me ouviu. Eu disse levante-se. Quero que vá à sala do diretor agora mesmo.

O coração de Candy batia furiosamente e suas mãos estavam pegajosas. Mas não ia deixar que a srta. Schwartz ou alguma das suas inimigas na classe percebessem que estava nervosa.

Estava irritada consigo mesma por ter deixado a professora prosseguir com aquela confrontação idiota. Talvez o diretor fosse mais benevolente para com as suas pesquisas, mas Candy duvidava que a professora chegasse sequer a mostrar a ele o trabalho dela. A única coisa sobre a qual a srta. Schwartz iria querer falar era a insolência de Candy.

Infelizmente aquele era um assunto que o diretor levava muito a sério. Havia apenas um mês, ele falara à escola inteira justamente sobre esse comportamento. Haveria uma política de tolerância zero,

ele disse a todos, em relação aos alunos que faltassem ao respeito para com os professores. Qualquer aluno que ultrapassasse o limite, dissera ele, entre a civilidade e a grosseria de qualquer espécie, poderia contar com sérias conseqüências. Ele não estava falando por falar. Duas semanas antes, expulsara dois alunos por aquilo que chamava de "extrema descortesia" para com um professor.

Candy meio que se perguntou se ainda haveria tempo para se desculpar; mas sabia que era causa perdida. A srta. Schwartz queria ver Candy passar por um aperto na frente do diretor, e não perderia a cena por nada do mundo.

— Você ainda está sentada, Candy Quackenbush — disse a mulher. — O que foi que eu disse? Hein?

— Para eu ir à sala do diretor, senhorita Schwartz.

— Então mexa esse traseiro preguiçoso.

Candy mordeu a língua e levantou-se. Seu banco soltou um rangido desagradável quando ela o empurrou para trás. Mais risadinhas nervosas vindas de um ou dois pontos da classe fizeram-se ouvir, mas de um modo geral houve silêncio, até mesmo por parte da tagarela Deborah Hackbarth. Ninguém queria atrair para si a maldosa atenção da srta. Schwartz naquele momento.

— E apanhe o seu livro de exercícios, Candy Quackenbush — disse a srta. Schwartz. — Quero que você explique ao diretor esse estrago de material de propriedade da escola.

Candy não discutiu. Ela se pôs obedientemente de cócoras e recolheu todos os objetos que a srta. Schwartz tinha derrubado de cima da sua carteira: os lápis, as canetas, o livro de exercícios e o trabalho sobre Henry Murkitt.

— Entregue-me esse trabalho idiota e também o livro de exercícios — disse a srta. Schwartz.

— Não tenho nenhuma intenção de jogá-los no lixo — protestou Candy.

— Apenas me entregue — ordenou a srta. Schwartz, a voz trêmula de raiva.

Candy pôs os lápis e as canetas em cima da carteira e entregou o livro e o trabalho para a srta. Schwartz. Então, sem correr os olhos pelo resto da classe, seguiu para a porta.

Uma vez fora da sala de aula, no silêncio lúgubre do corredor, sentiu uma peculiar sensação de alívio. Sabia que iria sentir arrependimento e culpa, mas a verdade era que uma parte significativa de si mesma estava contente por ter dito o que dissera. A srta. Schwartz já a perseguira um pouco demais.

De qualquer jeito, era uma mulher ridícula, com os seus intermináveis comentários desdenhosos e a sua absurda obsessão por galinhas.

— Quem se importa com galinhas? — disse Candy, e sua voz ecoou pelo corredor vazio.

A porta no fim do corredor estava aberta. Através dela, dava para ver o pátio ensolarado, e além do pátio o portão da escola e a rua. Seria tão fácil, pensou ela, simplesmente sair andando daqui agora mesmo e nunca mais ter de ouvir a srta. Schwartz pregar as Glórias da Criação de Galinhas.

Mas o que estava pensando? Não podia fazer aquilo. Seria expulsa, com certeza.

E daí?, disse uma voz no fundo da cabeça dela. *Simplesmente saia andando. Vá em frente. Saia.*

Por alguma razão, os rabiscos que ela tinha desenhado no livro de exercícios lhe voltaram à lembrança. Só que dessa vez, em vez de traços pretos sobre papel reciclado cinzento, as linhas eram brilhantes na sua mente, muito brilhantes. E de todos os tipos de

cores, do mesmo modo como o sol aparece na sua cabeça se você olhar para ele um momento e depois fechar os olhos. Dúzias de pequenos sóis: verdes, e vermelhos, e dourados; e também cores para as quais nem existe nome. Era assim que apareciam as linhas na imaginação de Candy.

E elas estavam se movendo. As linhas onduladas rolavam através das trevas dentro da sua cabeça, encapelavam-se e quebravam, as cores brilhantes explodindo em arabescos de branco e prata.

Candy ouviu um som familiar atrás dela: o clique, clique, clique dos saltos da srta. Schwartz.

— O que você ainda está fazendo aí, Candy Quackenbush? — gritou ela. — Eu mandei você se apresentar na sala do diretor.

Todo mundo nas salas de aula ao longo do corredor tinha ouvido a mulher, Candy sabia. Amanhã ela seria o alvo de todo tipo de piadinhas idiotas.

Candy olhou de relance por cima do ombro. A srta. Schwartz estava ganhando terreno, os braços cruzados na frente do peito. Bem seguras atrás deles, as provas da acusação: o livro de exercícios de Candy e o trabalho sobre Henry Murkitt. Pobre Henry Murkitt, sentado naquele quartinho frio do hotel, aguardando com seu sextante que um navio chegasse e o encontrasse. Conferindo as estrelas, consultando o relógio de pulso. Esperando, e esperando, até que não pôde mais agüentar a espera.

Candy desviou os olhos da srta. Schwartz e os dirigiu novamente para o retângulo luminoso no fim do corredor.

As linhas ainda ondulavam na sua imaginação. Empinavam-se e quebravam. Empinavam-se e quebravam.

— Aonde você pensa que está indo? — perguntou a srta. Schwartz. Os pés de Candy sabiam, muito embora seu cérebro

demorasse um pouco para apreender a idéia. Eles a estavam levando para fora de lá.

— Volte imediatamente e vá para a sala do diretor! — gritou a srta. Schwartz atrás dela.

Dessa vez Candy de fato não ouviu muito claramente as palavras da mulher. As linhas dentro da sua cabeça estavam produzindo um som, como o ruído de um televisor fora de sintonia. Um som que arrastou para longe as ordens da srta. Schwartz.

— Candy Quackenbush! Volte aqui!

A voz estridente podia ser ouvida de um extremo ao outro da escola, mas a pessoa a quem se dirigia parecia estar surda.

Candy saiu, com a srta. Schwartz no seu encalço, inventando novas ameaças e ordens. Candy não deu atenção a elas.

Ela passou a porta e saiu para a manhã luminosa.

Uma pequena parte da sua mente ainda disse: *Candy, volte. O que você está fazendo? Eles certamente vão expulsá-la.* Mas a voz já estava fraca demais para convencer os pés dela.

Quando chegou à soleira da porta, ela desandou a correr. Levou trinta segundos para chegar ao portão da escola e sair para a rua.

Alguns alunos a avistaram quando partia. Os que a conheciam disseram nunca ter visto Candy Quackenbush tão feliz.

4. "FIM DA RUA"

O LUMINOSO RABISCO ONDULANTE persistiu na imaginação de Candy, apesar de seus pés terem obedecido às instruções dele e a levado para fora, através dos portões da escola e para a rua. Por um momento pensou em ir para casa, mas a idéia não permaneceu por muito tempo na sua cabeça. Ela não tinha nenhuma vontade de voltar à rua Followell. Embora sua mãe estivesse no trabalho, seu pai àquela altura já estaria de novo em plena atividade, e iria querer saber por que ela voltara da escola no meio da manhã.

Portanto seguiu na direção oposta: desceu a rua Spalding até o cruzamento com a rua Lennox; cruzou a rua Lennox e viu-se em frente ao Hotel Arvore Balsâmica, na rua Stillman. Passou-lhe pela cabeça ir ao hotel e contar a Norma Lipnick exatamente o que acontecera quando tentara contar a triste história de Henry Murkitt. Talvez conseguisse até persuadir Norma a lhe emprestar a chave mestra, para que pudesse subir de novo ao quarto 19 e dar mais uma olhada no sextante. Segurá-lo nas mãos e examiná-lo; ver se, fazendo isso, conseguiria uma imagem mais clara das últimas horas do pobre Henry.

Mas quando chegou ao hotel, descobriu que o desejo de ver o sextante não era tão urgente quanto um outro desejo, um desejo que ela não era capaz de definir nem compreender, mas que a fez continuar andando, seguindo em frente até o cruzamento da rua Stillman com a rua Lincoln.

Ali, por um momento, ela parou. As ruas estavam movimentadas nos dois sentidos, movimentadas pelo menos para os padrões de Galinhópolis. Havia quatro ou cinco carros parados nos semáforos vermelhos. Um dos motoristas era Frank Wrightson, companheiro de bebedeiras de seu pai até seis meses antes, quando tiveram um grande desentendimento — que terminou numa briga

de rua, com muitos gritos e alguns murros não muito entusiasmados. Os dois homens não se falavam desde então.

— Ei, Candy! — gritou Frank ao passar.

Ela acenou, tentando não parecer culpada demais por estar na rua no meio de uma manhã de quinta-feira.

— Não tem escola hoje? — gritou Frank.

Candy estava justamente tentando imaginar um jeito de responder àquela pergunta sem mentir para Frank Wrightson, quando a mulher no carro atrás do caminhão dele buzinou para apressá-lo. Devolvendo o aceno de Candy, ele seguiu em frente.

Para onde agora? pensou ela. Não podia ficar esperando para sempre no cruzamento.

E então alguma coisa tomou a decisão por ela. Dos lados da granja, veio uma rajada de vento pela rua Stillman. Fedia a excremento de galinha e coisas piores. Não *vou pela rua Stillman,* ela pensou consigo mesma. Portanto, restava a rua Lincoln. Sem titubear, dobrou a esquina, e assim que fez isso soube que aquela era a decisão correta.

Não só o mau cheiro desapareceu quase completamente como ali, na extremidade da rua, onde as casas escasseavam e a Lincoln dava lugar à pradaria, havia uma nuvem enorme com a forma de uma flor colossal, que parecia desabrochar à medida que o vento a arrastava para o sul, para longe da cidade.

Por algum motivo aquela visão, com sua cor dourada, sua forma, sua dimensão, expulsou de sua cabeça tudo o que ela tinha deixado para trás: a srta. Schwartz com as suas asneiras, Deborah Hackbarth e o resto, e até o cheiro da rua Stillman.

Com um sorriso, ela seguiu descendo a rua Lincoln na direção da nuvem.

As linhas ondulantes na sua cabeça começavam agora a esmaecer, como se tivessem dado por terminada a tarefa de fazer com que ela saísse andando a esmo até avistar aquela nuvem-flor. Ela a vira; já sabia para onde tinha de ir.

As casas eram raras agora que ela se aproximava do fim da rua Lincoln. Que se lembrasse, só se aventurara tão longe naquela direção uma vez, e isso porque Patti Gibson, que tinha sido sua melhor amiga três anos antes, a levara ali para mostrar um dos poucos jardins memoráveis de Galinhópolis. Pertencia a uma velha chamada Lavinia White, conhecida por todos como a Viúva White. Em lugar de flores, Lavinia "plantara" cata-ventos de plástico na grama, daquele tipo feito com plástico de cores vivas, que produzia um zumbido quando o vento os fazia girar. Sem dúvida a Viúva White era um pouquinho maluca, pois não tinha simplesmente posto três ou quatro daquelas coisas no jardim; ela plantara centenas delas em vez de flores comuns. Alguns cata-ventos eram em vermelho-vivo, outros num verde-ofuscante, alguns listrados ou espiralados. Foi uma visão e tanto, lembrou-se Candy.

Para sua surpresa, descobriu que ainda estavam lá. Ela os ouviu mesmo antes de vê-los, o barulho concentrado dos zumbidos chegando a ela pela rua Lincoln. Quando os avistou, descobriu que estavam num estado lamentável. Era evidente que a Viúva White não os substituía por cata-ventos novos havia algumas estações, e muitos tinham sido derrubados pelo vento, ou tinham perdido suas flores de plástico, restando apenas as hastes fincadas na terra. Mas pelo menos um em cada três continuava funcionando, e isso ainda oferecia um espetáculo e tanto.

Candy olhou para a casa e lá, na janela de cima, sentada numa cadeira de rodas, observando o mundo passar (ou o tanto de mundo que passava pela última casa da rua antes de começar a pradaria), estava a própria Viúva White. Como ela estava olhando para Candy, Candy acenou e sorriu para ela. A Viúva White não retribuiu uma coisa nem outra.

Não havia nenhuma barricada ou cerca no fim da rua. Somente uma placa, colocada no limite do asfalto, que declarava com absurda redundância:

FIM DA RUA

— E mesmo? — disse Candy olhando para a placa. Além dela, havia apenas a pradaria ondulante e a nuvem, que aumentara de tamanho durante o tempo que Candy levara para subir toda a rua Lincoln e não estava mais se afastando da cidade. O vento tinha mudado de direção e agora parecia vir do norte. Tinha um odor penetrante que não era o cheiro da granja e dos seus ralos entupidos. Ela não sabia o que era.

Lançou um olhar para trás, ao longo da rua Lincoln. Dali até em casa era pelo menos meia hora de caminhada. Se a grande nuvem dourada estivesse trazendo chuva, ela iria se molhar ao voltar para a rua Followell. Mas não tinha vontade de ir para casa, pelo menos não por um tempinho. Não tinha idéia do que havia à sua frente além das colinas agrestes e do capim alto, das margaridinhas cor-de-laranja, das esporinhas e dos lírios do campo no meio do capim.

Mas caminhar por algum tempo enquanto ninguém (com exceção da Viúva White) sabia aonde ia era melhor do que ir para casa ouvir o pai, nos primeiros estágios da bebedeira cotidiana, a esbravejar contra as injustiças da vida dele.

Sem pensar em mais nada, caminhou para além da placa FIM DA RUA, dando-lhe uma palmada ao passar para fazê-la balançar no buraco raso que algum operário preguiçoso abrira para ela, e saiu para o meio do capim, que oscilava suave.

Borboletas e abelhas se entrecruzavam na frente dela, como se estivessem indicando o caminho. Candy as seguiu alegremente. Quando olhou de novo para trás, o capim alto até os ombros já tinha quase ocultado Galinhópolis de vista. Ela não se importou. Tinha um

bom senso de direção. Quando chegasse a hora de encontrar o caminho de volta, ela o tomaria.

Com os olhos colados na grande massa protuberante da nuvem, ela continuou andando, abandonando as tristezas e humilhações em algum lugar atrás dela, onde a rua acabava e começava o oceano de capim e flores.

5. UMA PRAIA SEM MAR

APÓS UNS DEZ MINUTOS de caminhada, Candy olhou para trás e viu que as suaves ondulações e valas que ela cruzara para chegar à posição atual tinham deixado Galinhópolis completamente fora de vista. Até mesmo a torre da igreja na rua Hawthorne e os cinco andares da prefeitura tinham desaparecido.

Fez um giro de trezentos e sessenta graus. Em todas as direções a paisagem apresentava a mesma vista banal de capim agitado pelo vento, a não ser em dois pontos. A uma certa distância para sua direita jazia um pequeno arvoredo, e quase diretamente à sua frente havia uma paisagem muito mais curiosa: uma espécie de esqueleto de torre, bem no meio daquele ermo de capim e flores.

O que seria aquilo? Algum tipo de torre de vigia? Se era isso, ou se tinha sido, aqueles que a ocupavam deviam ter ficado muito entediados, sem nada para vigiar.

Embora aquilo prometesse não ser mais que uma semi-ruína, decidiu fazer dela o seu destino. Iria até lá, ficaria sentada por algum tempo e depois voltaria. Começava a sentir sede. Queria um copo d'água. Talvez na volta passasse na Lanchonete do Niles para tomar um refrigerante. Vasculhou os bolsos, só para ver o que tinha. Duas notas de um dólar, uma de cinco e uma de dez. Socou-as de volta até o fundo do bolso, para que não escorregassem para fora.

O vento ficara mais forte, e um pouco mais revigorante, desde que ela passara os limites de Galinhópolis. No ar ainda persistia o cheiro do verde primaveril, mas havia algo mais além disso, algo que Candy não era capaz de discernir direito mas que a instigava assim mesmo.

Caminhou na direção da torre, a cabeça ficando agradavelmente vazia de pensamentos perturbadores. A srta. Schwartz; cartas ameaçando expulsão; o pai sentado na sua poltrona de beber, encarando-a com aquele seu olhar, o olhar que, ela sabia, significava problemas: tudo isso tinha sido deixado para trás, onde acabava a rua.

Então seu pé atingiu um objeto, que pulou para a frente no meio do capim. Apenas uma pedra, na certa. Assim mesmo ela se curvou para olhar mais de perto e surpreendeu-se ao ver que não era uma pedra, mas uma concha. E das grandes, mais ou menos do tamanho do seu punho fechado, e tinha diversas saliências curtas e pontudas. Não era, ela sabia, uma concha de caracol. Em primeiro lugar porque era grande demais, e depois porque ela jamais tinha visto uma concha de caracol com pontas. Não, aquilo era uma concha do mar, e era nitidamente velha. As cores estavam desbotadas, mas ainda dava para ver um elaborado desenho que acompanhava a espiral.

Ela virou a concha ao contrário, limpou a abertura do que suspeitava ser areia e a levou ao ouvido. Aquele era um truque que o seu avô lhe ensinara: ouvir o mar em uma concha. E mesmo sabendo que as sutis reverberações do ar no interior da concha não passavam de uma ilusão, ela ainda assim quase tinha a certeza de ter ouvido o som das ondas, como se a concha tivesse alguma lembrança de sua vida no oceano.

Ela escutou. Lá estava o som.

Mas o que uma concha do mar estava fazendo ali?

Alguém a teria deixado cair ao passar por ali? Aquilo parecia bastante improvável. Quem sairia para passear com conchas do mar no bolso?

Ela olhou para baixo, perguntando a si mesma se alguma outra coisa não teria caído nas proximidades. Para sua surpresa, a resposta

foi afirmativa: havia uma porção de outros itens estranhos espalhados embaixo dos seus pés. Para começar, mais conchas, dezenas delas. Não, centenas; algumas pequenas, umas poucas ainda maiores do que a primeira que encontrara. Quase todas estavam rachadas ou quebradas, mas algumas ainda estavam intactas, as formas e desenhos ainda mais bonitos, mais bizarros que qualquer coisa que ela já tivesse visto em livros.

E além disso havia mais, muito mais. Enquanto ela estudava o chão, seus olhos se acostumando a distinguir curiosidades, estas se multiplicaram. Havia pedaços de madeira espalhados por entre as conchas, na maioria desgastados pela areia pálida e manchada que se misturava à terra escura do Minnesota, formando pequenas esculturas abstratas. Ao se curvar para pegar uma das esculturas, viu que também tinha vidro ali; inúmeros fragmentos verdes, azuis e brancos, transformados em jóias foscas. Ela recolheu três ou quatro e examinou-os na palma da mão, andando um pouco enquanto fazia isso.

A cada passo havia mais mistérios sob os seus pés. Um grande peixe, com a carne arrancada a bicadas pelos pássaros e o resto assado pelo sol. E até um pedaço de cerâmica em cuja superfície ainda restava um desenho delicado: uma figura em azul que a encarava com uma intensidade quase hipnótica.

Fascinada com tudo aquilo, parou para examinar mais atentamente os seus

Fascinada com tudo aquilo, parou para examinar mais atentamente os seus achados. Ao fazer isso, captou com o rabo do olho um movimento no capim alto. Deixou-se cair de cócoras, abaixo do nível das hastes mais altas, e lá ficou, súbita e inexplicavelmente nervosa.

Sacudiu o que restava de areia em seus dedos e ficou aguardando que o que quer que fosse que tinha se movido o fizesse de novo.

Uma rajada forte de vento passou pelo capinzal, fazendo-o farfalhar com o roçar das hastes umas contra as outras.

Depois de um minuto, talvez, durante o qual o único movimento visível foi o encurvar-se das hastes do capim, ela decidiu arriscar-se a ficar em pé.

Nesse momento, a coisa que ela vira se mover escolheu exatamente o mesmo instante para erguer-se também, e assim os dois, Candy e o estranho, se levantaram ao mesmo tempo como dois nadadores que emergissem de um mar raso.

Candy deixou escapar um gritinho de susto ao ver o estranho. E então, passado o choque, começou a rir. O homem, quem quer que fosse, estava usando uma espécie de máscara do Dia das Bruxas, ou pelo menos era o que parecia. Que outra explicação poderia haver para aquela monstruosa aparição? Seu olho esquerdo era redondo e desvairado, ao passo que o direito era pequeno e esperto, e a boca, emoldurada pela barba e por um bigode preto, era caída, com uma expressão atormentada.

Mas nada disso era tão estranho quanto o que brotava do alto da sua cabeça. Ele tinha grandes orelhas peludas e, acima delas, duas galhadas enormes que poderiam lembrar as de um cervo, não fosse o fato de que delas brotavam sete cabeças (quatro no chifre esquerdo, três no direito). Cabeças com olhos, narizes e bocas.

As cabeças, ela percebia agora, não eram estáticas, nem eram feitas de borracha ou de papel machê. Em suma, não era uma máscara que o homem estava usando. Aquelas cabeças que brotavam das galhadas estavam vivas, e estavam todas olhando fixamente para Candy, do mesmo modo como seu dono olhava fixamente para ela: oito pares de olhos, todos estudando-a com a mesma intensidade maníaca.

Candy ficou sem fala. Mas elas não. Depois de um momento de silêncio, as cabeças irromperam em um papaguear insano, de um

jeito extremamente agitado. Candy não teve dúvidas de que era ela o assunto da conversa. Em um minuto todas as cabeças olhavam para ela, e no seguinte, umas para as outras; o volume de suas vozes aumentava, enquanto cada cabeça tentava falar mais alto que as outras.

A única boca que não se mexia era a do próprio homem. Ele simplesmente estudava Candy, a expressão desvairada e esperta pouco a pouco se tornava hesitantemente interrogativa.

Finalmente, ele decidiu se aproximar dela. Candy deixou escapar um gritinho de medo e, reagindo a isso, ele ergueu as mãos de dedos compridos como que para impedi-la de fugir. As cabeças, enquanto isso, continuavam a tagarelar umas com as outras.

Quietos! — ele ordenou. — Vocês estão assustando a lady!

Todas as cabeças menos uma (a do meio, entre as outras duas no chifre direito, um indivíduo rabugento de cara redonda) reagiram à sua ordem. Mas esta continuou falando.

— Fique longe dela, João Treloso — aconselhou a cabeça ao seu irmão maior. — Ela pode parecer inofensiva, mas não se pode confiar neles. Em nenhum deles.

— Eu disse pra você ficar quieto, João Cobra — disse o homem. — E não estou brincando.

A cabeça fez uma cara amuada e resmungou alguma coisa em voz baixa. Mas finalmente parou de falar.

Qual é o seu nome? — João Treloso perguntou a Candy.

— É comigo? — disse Candy, como se houvesse mais alguém por ali a quem a pergunta pudesse ser endereçada.

— Oh, Santa Anta! — comentou outra cabeça. — Sim, é com você, menina!

— Seja educado, João Chorão — disse João Treloso, erguendo a mão (sem desviar os olhos de Candy) e estapeando de leve a cabeça de pavio curto.

Então, tendo silenciado seu companheiro, João Treloso disse:

— Peço desculpas pelo meu irmão, senhora. E então, quem diria, ele se inclinou para ela.

Não foi uma mesura profunda. Mas havia alguma coisa na simples cortesia do gesto que conquistou Candy. E daí se João Treloso tinha sete cabeças a mais? Ele se inclinara para ela e a chamara de lady. Jamais alguém tinha feito isso antes.

Ela sorriu com um deleite improvável.

E o homem endiabrado chamado João Treloso, junto com cinco dos seus sete irmãos, sorriu de volta.

— Por favor — disse ele. — Não quero assustá-la, lady. Acredite, essa é a última coisa que eu quero fazer. Mas há alguém nas redondezas que se chama Stampa.

— Vivaldo Stampa — disse a menor das cabeças.

— Como diz João Bagatela: Vivaldo Stampa.

Antes que Candy pudesse lidar com qualquer informação adicional, precisava da resposta a uma pergunta. Portanto, perguntou. — Todos vocês se chamam João? — disse ela.

— Oh, sim — disse Treloso. — Digam a ela, irmãos, da esquerda para a direita. Digam a ela como se chamam.

Foi o que fizeram.

— João Filé.

— João Chorão.

— João Bagatela.

— João Pestana.

— João Depena.

— João Cobra.

— João Mingau.

— E eu sou o cabeça dos irmãos — acrescentou a oitava maravilha. — João Treloso.

— Sim, essa parte eu ouvi. Eu sou Candy Quackenbush.

— É um imenso prazer conhecê-la — disse João Treloso.

Sua voz soou totalmente sincera ao dizer isso, e com bons motivos. A julgar por sua aparência, as coisas não andavam muito bem para ele, ou eles, ultimamente.

A camisa azul listrada de Treloso estava cheia de buracos e sua gravata frouxa tinha manchas que ou eram de comida ou, como ela suspeitava, de sangue. E havia um cheiro que não chegava a ser delicioso, para não dizer mais. Sua camisa colava-se ao peito, ensopada de suor azedo.

— O senhor estava fugindo do tal Stampa? — disse Candy.

— Ela é observadora — disse João Depena apreciativamente. — Gosto disso. E jovem, o que é bom. Ela pode nos ajudar, Treloso.

— Ou nos ajuda ou nos mergulha em dificuldades ainda maiores.

— Já estamos mergulhados o mais fundo que podemos — observou João Mingau. — Sou por confiar na moça, Treloso. Não temos absolutamente nada a perder.

— Do que eles estão falando? — perguntou Candy a Treloso. — Além de mim.

— Do porto — respondeu ele.

— Que porto? Não há porto nenhum aqui. Estamos no Minnesota. A centenas de quilômetros do oceano. Não, milhares.

— Podemos estar a milhares de quilômetros de qualquer oceano que você conheça, lady — disse João Filé com um sorriso banguela. — Mas há oceanos e oceanos. Mares e mares.

— De que diabo ele está falando? — perguntou Candy a Treloso. João Treloso apontou para a torre que ficava a cinqüenta ou sessenta metros do lugar onde estavam.

— Aquilo, lady, é um farol.

— Não — disse Candy com um sorriso. A idéia era absurda. — Por que alguém haveria de...

— Olhe para ele — disse João Pestana. — É um farol. Candy estudou de novo a velha torre.

Sim, talvez ela tivesse sido projetada como um farol. Havia os restos apodrecidos de uma escada que subia em caracol pelo meio da torre, levando a um compartimento no topo que poderia ter abrigado uma lâmpada. Mas e daí?

— Alguém estava maluco — comentou ela.

— Por quê? — disse João Mingau.

— Ora, vamos — disse Candy. — Já falamos disso antes. Estamos no Minnesota. Não existe mar no...

Candy foi interrompida no meio da frase. Treloso a calara, pondo a mão sobre a sua boca.

Quando ele fez isso, todos os irmãos começaram a olhar em uma ou outra direção. Alguns estavam farejando o ar, outros o saboreavam. O que quer que estivessem fazendo e aonde quer que estivessem olhando, todos chegaram à mesma conclusão, e em uníssono murmuraram três palavras.

— Stampa está aqui — eles disseram.

6. A LADY SOBE

TRELOSO AGARROU IMEDIATAMENTE O BRAÇO de Candy e puxou-a para baixo, para o meio do capim alto. Seus olhos, agora, não estavam nem desvairados nem espertos. Estavam simplesmente assustados. Seus irmãos, enquanto isso, perscrutavam todas as direções por cima do capinzal e de vez em quando trocavam olhares amedrontados entre si. Para Candy, era bastante peculiar o fato de estar com uma única pessoa e, no entanto, desfrutar da companhia de uma pequena multidão.

— Lady — disse Treloso muito suavemente —, eu me pergunto: será que ousaria fazer uma coisa para mim?

— Se eu ousaria?

— Posso entender muito bem se preferir não fazer. Esta batalha não é sua. Mas talvez a Providência a tenha posto aqui por alguma razão.

— Prossiga — disse Candy.

Considerando o quanto vinha se sentindo infeliz e desmotivada nas últimas horas (não, horas não: meses, e até anos), ela ficaria feliz em ouvir qualquer pessoa que tivesse uma teoria sobre o porquê de ela estar aqui.

— Se eu conseguir desviar a atenção de Vivaldo Stampa por um tempo, talvez você possa chegar ao farol e subir as escadas. Você pesa bem menos que eu, e quem sabe as escadas agüentem melhor.

— Para quê?

— O que quer dizer com "para quê"?

— Bem, depois de eu subir as escadas...

— Ela quer saber o que fazer depois — disse João Mingau.

— É muito simples, lady — disse João Filé.

— Depois de checar lá em cima — disse João Depena — é preciso acender a luz.

Candy olhou para a torre arruinada: para a espiral de escadas em caracol, e as tábuas apodrecidas do piso superior.

Não vai precisar de eletricidade?' — disse ela. — Quero dizer, não estou nem conseguindo ver uma lâmpada.

— Tem uma lá em cima, nós juramos — disse João Bagatela. — Por favor, confie em nós. Podemos estar desesperados, mas não somos idiotas. Não a mandaríamos em uma missão suicida.

— E como se acende essa lâmpada? Tem algum interruptor? — Você saberá como usá-la no instante em que puser os olhos nela — disse Treloso. — A luz é o jogo mais antigo do mundo.

Ela olhou para eles, o olhar percorrendo rosto por rosto. Pareciam tão assustados, tão exaustos.

— Por favor, lady — disse Treloso. — É a única possibilidade que nos resta agora.

— Só mais uma pergunta — disse Candy. — Não dá tempo — disse Pestana. — Estou vendo Stampa. — Onde? — disse Filé, voltando-se para acompanhar o olhar do irmão. Não precisou de nenhuma outra informação. Simplesmente disse: — Oh, Santa Anta, lá está ele.

Candy ergueu a cabeça quinze centímetros e olhou na mesma direção que Filé e Pestana. Os demais irmãos, inclusive Treloso, acompanharam esse olhar.

E lá, a alguns passos do lugar onde Candy e os irmãos estavam agachados no meio do capim, estava a razão de seus temores: Vivaldo Stampa. Candy estremeceu ao avistá-lo. Era duas vezes

mais alto que Treloso e havia algo de aracnídeo em sua grotesca anatomia. Os membros quase descarnados eram tão compridos que ela era realmente capaz de imaginá-lo andando parede acima. Nas suas costas havia um curioso arranjo de varas cruciformes que quase pareciam quatro espadas fundidas ao seu corpo ossudo. Vestia apenas um calção listrado, c coxeava acentuadamente ao andar. Porém não havia nele nada de frágil. A despeito da falta de músculos e do seu andar manco, parecia uma criatura nascida para o mal. Sua expressão era infeliz e amarga, cheia de ódio contra o mundo.

Depois de uma olhadela rápida, Candy abaixou-se rapidamente, antes que a mirada colérica de Stampa viesse em sua direção.

O curioso é que somente agora, ao ver aquela segunda criatura fantástica, ela se perguntou se, quem sabe, não estaria tendo algum tipo de alucinação. Como era possível que seres como aqueles estivessem ali, no mundo, junto com ela? O mesmo mundo a que pertenciam a srta. Schwartz e Deborah Hackbarth?

— Antes de prosseguirmos — disse ela aos irmãos — preciso que vocês me respondam uma coisa.

— Pode perguntar — disse João Chorão.

— Eu estou sonhando isto tudo?

Em resposta à pergunta, todos os oito irmãos negaram com a cabeça, dessa vez todas as caras expressando a mesma coisa. Não, *isto não é um sonho,* disseram essas caras.

Lá no fundo, ela nem esperava que a resposta fosse diferente. Estavam todos acordados e juntos, ela e os irmãos, e todos em grande perigo.

Treloso viu a seqüência de pensamentos que perpassou o rosto dela. A dúvida de que estava acordada, e então o medo de realmente estar.

— Isto é tudo graças à Providência, eu juro — disse para ela. Você está aqui porque pode acender a luz. Você, e somente você.

Ela fez o melhor que pôde para expulsar o medo de sua cabeça e se concentrar no que João Treloso acabara de dizer. De um modo curioso, fazia sentido achar que estava ali porque tinha de estar ali. Ela pensou no rabisco que fizera no livro de exercícios; o modo como ele parecera brilhar na sua imaginação, inspirando seus membros a se mexerem. Era quase como se o rabisco tivesse sido um sinal, um bilhete de entrada para aquela aventura. Senão por quê, depois de viver a vida inteira em Galinhópolis, ela haveria de estar ali, num lugar onde nunca estivera antes, justo nesse dia?

Devia ser isso que João Treloso queria dizer com Providência.
— E então, lady? — disse Treloso. — Qual é a sua decisão?

— Se não estou sonhando, então talvez seja a Providência.

— Então você vai?

— Sim, eu vou — Candy disse com simplicidade.

Treloso sorriu de novo, só que dessa vez todos sorriram com ele. Oito caras olhando agradecidas, por ela estar ali e disposta a arriscar a vida. Era o que estava em jogo naquele momento, não tinha dúvida. O monstro que se movia ali perto pelo capinzal os mataria a todos se conseguisse deitar as garras sobre eles.

— Boa sorte — sussurrou Treloso. — Nós nos veremos de novo quando você descer.

Sem oferecer mais nenhuma instrução, ele e seus irmãos dispararam pelo meio do capinzal, encurvados para ficar fora das vistas de Stampa enquanto não estivessem longe dela.

O coração de Candy batia tão forte que ela podia ouvir o próprio pulso na cabeça. Dez, quinze segundos se passaram. Ela apurou o ouvido. O capim farfalhava por toda a volta. Estranho, nunca se sentira tão viva em toda a sua vida.

Mais meio minuto se passou. Sentiu-se tentada a arriscar mais uma olhadela acima da superfície do capinzal balouçante, para ver se Vivaldo Stampa vinha coxeando na sua direção, mas ficou com medo de fazer isso, pois ele poderia estar quase sobre ela.

Então, para seu infinito alívio, ouviu oito vozes gritando ao mesmo tempo:

— Ei, você! Vivaldo, Burraldo! Procurando por nós? Estamos aqui! Candy aguardou o tempo de uma batida do coração, e então arriscou uma olhada.

Stampa, ao que parecia, tinha de fato olhado na direção dela, e se ela tivesse levantado a cabeça um segundo antes, ele a teria visto. Mas agora ele estava girando o corpo, acompanhando o som das vozes dos irmãos.

Naquele momento, Treloso pulou para fora do capim e começou a correr para longe do farol, desviando a atenção de Stampa.

Stampa abriu bem os braços, as enormes garras com unhas de ferro totalmente abertas, como leques de cinco dedos.

— Aí. Estão. Vocês! — rugiu ele.

A voz era tão feia quanto a anatomia: um ruído gutural que revirou o estômago de Candy.

Conforme ele falava, mudava a configuração das cruzes nas suas costas, que se erguiam como asas metálicas sem penas. Ele esticou as mãos por cima dos ombros e agarrou duas das lâminas, puxando-as para fora das bainhas em sua carne rija como couro. Disparou então pelo capinzal no encalço da sua presa.

Candy sabia que não poderia demorar mais. Os irmãos estavam arriscando suas vidas para que ela pudesse fazer uma tentativa de chegar ao farol sem ser vista. Tinha de ir naquela hora, ou a coragem deles teria sido inteiramente em vão.

Candy não ficou nem mais um momento assistindo à perseguição. Em vez disso, fixou os olhos no farol e começou a correr, não se preocupando sequer em tentar se esconder ficando abaixo da superfície do capinzal, confiando apenas no tremendo apetite de Stampa para ter os irmãos João ao alcance de suas garras.

Enquanto corria através do capinzal, ela percebeu que a grande nuvem de chuva que primeiro lhe chamara a atenção estava agora diretamente sobre o farol, pairando como uma cortina dourada acima do drama que se desenrolava abaixo.

Será que isto também faz parte dos atributos da Providência?, perguntou-se enquanto corria. *Será que as nuvens também têm o lugar delas na ordem das coisas?*

Quando esse pensamento lhe passou pela cabeça, já tinha chegado à entrada do farol. Arriscou uma olhada rápida por cima do ombro para Treloso e seu perseguidor.

Horrorizada, viu que o seu breve período de proteção tinha passado. Stampa desistira de correr atrás dos irmãos, percebendo talvez que a perseguição era só um truque para distraí-lo, e voltara sua atenção de novo para o farol.

Seus olhos se fixaram em Candy e, ao avistá-la, ele soltou um bramido de gelar o sangue nas veias. Abriu bem os braços e começou a se mover na direção dela com as espadas nas mãos.

Ele não corria; simplesmente andava a passos largos pelo capinzal, com uma tremenda confiança no seu passo claudicante, como se quisesse dizer: Não *preciso correr. Tenho todo o tempo do mundo. Você está encurralada e não tem escapatória. Você é minha.*

Ela virou as costas para aquela visão que se aproximava e empurrou a porta quebrada. As dobradiças rangeram, a porta resistiu por um momento e Candy ficou com medo de que estivesse bloqueada pelo madeirame caído do outro lado. Então, com um som

grave e desagradável, a porta se abriu e a menina esgueirou-se para dentro.

Embora as paredes apresentassem inúmeras aberturas, pelas quais entravam generosos feixes de luz, fazia muito mais frio no interior da torre do que ao ar livre. O ar gelado trazia um cheiro de madeira apodrecida. Enormes cogumelos tinham crescido naquela escuridão úmida, e as tábuas do pavimento eram escorregadias de mofo. Candy escorregou mais de uma vez antes de alcançar a base da escada. As perspectivas à sua frente pareciam perigosas. Sem dúvida algum dia as escadas de madeira em espiral tinham sido perfeitamente seguras, mas isso tinha sido décadas antes. Agora quase todo o corrimão tinha desabado e a estrutura que sustentava as escadas tinha sido devorada por cupins e apodrecera. Agora, pelo jeito, as escadas em si não tinham praticamente nada que garantisse a sua solidez.

Ela espreitou através de um dos buracos na parede, só para confirmar o que já sabia: Vivaldo Stampa ainda avançava na direção do farol.

Mesmo que uma subida segura fosse improvável, agora não havia mais volta. Stampa estaria à porta da frente em poucos segundos. Ela não tinha escolha senão tentar as escadas. Segurou no corrimão desconjuntado e começou a cautelosa subida.

Do lado de fora, no meio do capim alto, os irmãos João observavam a silhueta de lady Quackenbush começando a subir as escadas.

— Ela é especial, essa aí — murmurou Pestana.

— Por que você diz isso? — perguntou Bagatela.

— Olhe só para ela! — disse Pestana. — Não há muitas criaturas tão valentes neste deplorável Mais-Além.

Ela é meio doida — disse Cobra —, é por isso. Vi nos olhos dela, desde o começo. E um pouquinho maluca.

— Quer dizer que nós mandamos uma garota doida fazer o nosso trabalho? — disse Depena. — Não é lá muito heróico.

— Querem fechar suas *catracas,* todos vocês? — disparou Treloso. — Pestana está certo. Existe mesmo alguma coisa de especial nessa lady. Quando pusemos os olhos nela pela primeira vez, ninguém achou que talvez já a tivesse visto antes? — De cima, só veio o silêncio. — E então?

— Você nos mandou fechar nossas catracas — lembrou Chorão, insolente. — Só estamos obedecendo às suas instruções.

— Bem, acho que há nela algo de mágico — disse Treloso, ignorando a réplica de Chorão. Levou a mão ao cinto e desembainhou a pequena faca que estava pendurada nele. — E temos de protegê-la.

— Você não está... — começou Bagatela.

— ... pretendendo atacar... — continuou Depena.

— ... Vivaldo Stampa? — prosseguiu Mingau.

— E com esse lastimável arremedo de arma? — concluiu Filé.

— Bem... — disse Treloso. — Alguém tem uma idéia melhor?

— Ele tem duas vezes o seu tamanho! — disse Chorão.

— Três vezes! — disse Bagatela.

— Ele vai arrancar nosso coração fora — disse Mingau.

— Bem, não podemos deixar lady Quackenbush indefesa — retrucou Treloso.

— Eu voto pela fuga — disse Bagatela. — Esta é uma causa perdida, Treloso. Pelo menos, se a gente fugir, a Chave estará segura conosco. Se nos metermos na briga estaremos não só pondo em risco as nossas vidas...

— ... que são muito valiosas... — observou João Cobra.

— ... como estaremos pondo em risco a Chave — concluiu Bagatela. — Não podemos nos dar a esse luxo.

— Bagatela está certo — disse João Chorão. — Temos uma oportunidade de fugir. Meu voto é que aproveitemos.

— Fora de questão — comentou Treloso. — Ela está arriscando a vida por nós.

— Como observei — replicou Chorão —, a criatura é meio doida.

— E como eu disse — replicou Treloso —, vocês todos podem fechar suas catracas, pois estão gastando saliva à toa. Vamos manter Stampa afastado dela o maior tempo possível.

Dizendo isso, Treloso desandou a correr pelo capinzal, armado com sua faquinha.

Quando Stampa já estava a seis ou sete passadas do seu alvo, ele sentiu a presença do outro e virou-se bruscamente, fazendo as espadas sibilarem no ar. Sua boca estava escancarada e espumava, como se o seu apetite estivesse ficando cada vez maior à medida que se aproximava da torre. As pupilas de seus olhos tinham se contraído ao tamanho de uma picada de alfinete, conferindo-lhe uma expressão ainda mais monstruosa. Ele não tinha boa pontaria. As lâminas passaram a trinta centímetros ou mais dos irmãos, nada conseguindo além de podar a penugenta parte de cima do capim do campo.

Treloso simplesmente se esquivou e duplicou sua velocidade, correndo na direção do inimigo.

— Todo mundo — disse ele. — Soltem o Brado dos Guerreiros! Nesse ponto, todos os Joões soltaram um brado tão dissonante, tão insano, tão bestial...

— EEEIIIGGGRRRAAARRGUU...

... que até Stampa hesitou e, por um momento, pareceu que ia bater era retirada.

Ele então pareceu se lembrar de como seu inimigo era absurdo e, ao invés de recuar, avançou para eles de novo com as espadas, mas os Joões foram rápidos. Treloso disparou por baixo da enorme mão e enfiou a sua pequena lâmina na coxa de Stampa. A faca entrou uns oito ou dez centímetros e se alojou lá, fazendo o sangue jorrar por cima da mão e do braço de Treloso. Foi o bastante para fazer o monstro soltar um grito de raiva e dor. Ele deixou as lâminas caírem e comprimiu a ferida, rangendo os dentes enquanto arrancava a faca.

Dentro do farol, Candy já tinha avançado quinze degraus quando ouviu o grito de Vivaldo. Ela subiu mais três cautelosamente, até poder enxergar através de um buraco na parede. Tinha uma visão muito boa de lá. Dava para ver que lá fora Treloso estava brincando de Davi e Golias com Stampa.

O que ela viu lhe deu coragem. Em vez de tentar prosseguir cautelosamente pela escada acima como estava fazendo, acelerou o passo. A cada degrau que subia, a estrutura inteira oscilava e gemia, mas ela chegou ao topo sem incidentes e viu-se em uma sala redonda com talvez dois e meio a três metros de diâmetro.

Ela chegara ao topo do farol. Mas agora que estava realmente lá em cima, onde estaria a luz? Era bem como temia. Se algum dia tivesse havido uma luz lá em cima (coisa de que duvidava muito: aquele lugar era mais absurdo que funcional), tinha sido roubada havia muito tempo, restando apenas um item estranho no meio da sala: uma pirâmide invertida, com talvez um metro de altura e cuidadosamente equilibrada na ponta, os três lados ornamentados com uma porção de desenhos que lembravam hieróglifos. Sobre o topo da pirâmide (ou melhor, sobre o que deveria ser a sua base) havia uma tigela pequena e simples. O propósito a que tão obscuro arranjo deveria servir escapava totalmente à compreensão de Candy.

Então lembrou-se do que Treloso havia dito quando ela comentara que não conseguia nem ver uma lâmpada no alto da torre. Como era, exatamente? Ele havia dito alguma coisa como *a luz é o jogo mais antigo do mundo? Talvez esta estranha criação represente algum tipo de jogo,* pensou. O problema era que ela não tinha idéia de como jogá-lo.

E agora, como se as coisas já não estivessem suficientemente ruins, ouviu o estrépito de Stampa espancando a porta do farol, reduzindo-a a estilhaços em sua fúria. O barulho chegou a um clímax caótico, e por alguns segundos reinou um silêncio absoluto.

Então chegaram aos seus ouvidos os passos claudicantes do próprio monstro, subindo as escadas do farol para encontrá-la.

7. LUZ E ÁGUA

— ONDE ESTÁ VOCÊ, CRIANÇA? — rosnou Stampa enquanto subia.

O som de sua voz e de seus passos fortes e arrastados paralisou Candy por um momento. Aquilo parecia ter saído de um pesadelo: ser caçada por uma besta infernal; uma criatura vil que queria devorá-la viva, membro por membro, dedo por dedo.

Não!

Ela estremeceu e saiu do seu transe de horror. Não iria deixar que aquela abominação a pegasse!

Percorreu a sala com os olhos à procura da porta de saída que levava à sacada estreita que a rodeava. A porta em questão estava diretamente atrás dela. Foi até lá e girou a maçaneta. Estava trancada, mas isso não era problema para ela, não no estado de pânico em que se encontrava. Encostou o ombro na madeira podre e arrombou-a com muita facilidade. Então saiu para a sacada. As tábuas tinham ficado mais expostas aos verões e invernos extremos do Minnesota do que os assoalhos de dentro — e cederam instantaneamente sob o peso da menina. Ela jogou-se para a frente e agarrou-se à balaustrada enferrujada. A velocidade provavelmente salvou a sua vida, pois duas batidas de coração depois toda uma série de tábuas embaixo do seu pé direito se esfacelou. Se não fosse o apoio da balaustrada, certamente teria caído pelo buraco e provavelmente despencado para a morte.

Com todo o cuidado, puxou o pé para fora do buraco e procurou um lugar mais confiável para ficar. Ainda podia ouvir Stampa, na torre atrás dela, cantarolando ameaças enquanto subia. Murmurava uma cançãozinha de ninar horrorosa, do tipo que só um monstro igual a ele poderia ter cantado para um bebê.

Nana, nenê
nenê do coração,
o tempo já passou,
tua vida terminou.
Esquece o futuro,
não lembres do passado,
teu último suspiro
há muito já foi dado.

Fazendo o possível para não ouvir a repulsiva canção de ninar, ela sondou a paisagem em volta do farol.

— Treloso! Aonde você foi?

Só precisou chamar uma vez. Lá vinha ele, correndo para a torre através do capinzal. Havia sangue em suas mãos, ela notou. Teria ele ferido Stampa? Tomara tivesse.

— Lady Candy? Você está bem?

— Não consigo achar nenhuma luz aqui em cima, Treloso! Sinto muito.

— Ele vem vindo, lady!

— Eu sei, Treloso. Acredite: eu sei. Mas não há nenhuma luz...

— Devia ter uma tigela e uma bola aí em cima. Não há uma tigela e uma bola?

— O quê?

— O jogo mais antigo, Candy. A luz é o jogo mais antigo... Candy deu uma olhada para dentro. Sim, lá estava uma tigela, uma espécie de tigela, pousada no topo da pirâmide invertida.

— Sim! Tem uma tigela! — ela gritou de volta para os irmãos lá embaixo.

— Ponha a bola dentro dela! — retrucou Treloso.

— Que bola? Não tem bola nenhuma.

— Devia ter uma bola.

— Bem, não tem nenhuma! — Então procure! — gritou João Cobra.

Candy não perdeu tempo dizendo a Cobra para ser mais bem-educado. Ela sabia que só tinha alguns segundos antes que Stampa entrasse na sala redonda. Portanto parou de falar e fez o que Treloso sugerira, passando por cima do buraco que fizera na plataforma e voltando para procurar a bola.

Ela aguçou os ouvidos enquanto vasculhava a sala. A julgar pelo som de seus pés, Stampa já eslava perto do topo da escada. Então, bem quando ela estava certa de que ele estava prestes a abrir a porta, foi com alívio que ela ouviu o som de madeira ruindo, e o seu perseguidor soltou um grito alarmado. Aparentemente o peso dele fora demais para a escada. Ela ainda ouviu uma série de estrondos quando os pedaços de degraus quebrados caíram pelo vão da escada. Seguiu-se um momento de silêncio, e ela então teve a esperança de que Stampa tivesse despencado no vão da escada junto com os degraus quebrados e estivesse caído lá embaixo. Mas em vez dos gemidos distantes, chegou a ela uma enxurrada de palavras em uma língua que ela nunca ouvira antes. Não era preciso um tradutor para entender que ele estava praguejando.

Ela atravessou a porta e olhou para baixo, só para ver o que tinha acontecido. Um grande pedaço da escada, cinco ou seis degraus, tinha de fato desabado sob o peso de Vivaldo Stampa. Mas de algum modo de conseguira evitar a queda total dando um pulo para trás antes que os degraus cedessem debaixo dele. Isso deixara um abismo considerável para atravessar antes que ele pudesse prosseguir com a sua subida. Ela ficou desapontada por ele não estar morto ou em coma, mas aquilo era melhor do que nada.

Erguendo a cabeça e encarando-a, ele fez um par de chifres com o indicador e o dedo mínimo e brandiu ameaçadoramente na direção de Candy. Sem dúvida, se ele possuísse o poder de fulminá-la ali no ato, fulminada ela estaria. Mas tudo o que podia fazer era praguejar e ameaçar, e assim ela o deixou se ocupar com aquilo e voltou à busca da bola perdida.

Enquanto fazia isso, ouviu Treloso gritar para ela lá de fora. Ele obviamente ouvira o alarido.

— Estou entrando, lady Candy!

Ela foi até a porta externa e gritou para ele:

— Não! Fique onde está. De um jeito ou de outro, você não pode subir aqui. A escada desabou!

Candy o viu olhar através dos buracos na parede da torre para confirmar o que ela acabara de lhe contar. Ele ficou estarrecido.

— Como você vai descer? — ele perguntou agora, parecendo mais preocupado com a segurança dela do que com o jogo mais antigo do mundo.

— Vou encontrar um jeito quando chegar a hora — disse Candy. — Primeiro, vou tratar de encontrar essa maldita bola.

— Estamos entrando! — disse ele outra vez.

— Espere! — disse ela. — Você fica aí. Por favor.

Sem esperar resposta, ela agachou-se e começou a fazer uma busca sistemática no assoalho, à procura da parte faltante daquele estranho quebra-cabeça. Não estava à vista, mas havia diversos lugares onde as tábuas tinham apodrecido completamente, deixando buracos no chão. Examinou um por um, puxando para cima as tábuas bichadas para ver melhor o que havia por baixo. Elas se desprendiam com facilidade, em meio a uma chuva de lascas, pó e cadáveres secos de besouros.

O primeiro buraco não revelou nada. O segundo também não. Mas o terceiro deu sorte. Lá estava ela: tinha rolado para debaixo das tábuas. Uma pequena bola turquesa e prata. Ela teve de arrancar um pouco mais das tábuas podres antes que pudesse pescá-la com a ponta dos dedos. Quando afinal conseguiu, descobriu que a bola era surpreendentemente pesada. Não era de madeira ou plástico; era de metal. E, elegantemente entalhado em sua superfície azul-verde, havia um desenho que ela conhecia! Lá estavam, gravadas no metal, as linhas que ela desenhara de modo tão obsessivo no seu livro de exercícios.

Candy não tinha tempo para se admirar com isso. Atrás dela, ouviu uma série de grunhidos vindos do vão da escada, seguidos por outro estrondo. Percebeu num instante o que estava acontecendo. Desejoso de chegar a ela, Stampa se atrevera a tentar saltar por cima da fenda na escada.

Ela olhou para a porta, que estava aberta alguns centímetros. Através dela, pôde ver Stampa. Ele conseguira pular por cima da fenda e estava subindo os últimos degraus de dois em dois, as garras de navalha produzindo um guincho horrendo nas pranchas que revestiam o vão da escada.

Candy olhou para a pequena e simples tigela em cima da pirâmide. As palavras de Treloso ecoavam em sua cabeça.

A luz é o jogo mais antigo do mundo...

Stampa estava à porta, olhando fixamente para Candy pela fresta com uma pupila contraída a um ponto, babando espuma como o focinho de um cachorro louco. Ele começou a cantar a sua canção de ninar, de novo, porém mais suave agora, com mais cadência.

Esquece o futuro,
não lembres do passado,
teu último suspiro

há muito já foi dado.

Enquanto cantava, empurrava a porta, devagar, como se aquilo fosse algum tipo de jogo.

Candy não tinha tempo para atravessar a sala até a pirâmide e colocar a bola na tigela. Se desperdiçasse aqueles três ou quatro segundos, Stampa iria passar a porta e rasgar-lhe a garganta, sem dúvida.

Ela não tinha escolha: precisava jogar o jogo.

Respirou fundo e lançou a bola. Não foi um bom lançamento. Em vez de aterrissar dentro da tigela, a bola acertou na borda, onde ficou circulando por vários segundos, ameaçando cair para fora.

— Por favor — ela rogou baixinho, olhando fixamente para a bola como um jogador fica olhando para a roleta, sabendo que só tinha direito a essa única jogada; não haveria uma segunda oportunidade.

E a bola continuava a rolar em volta da borda da tigela, indecisa sobre onde cair.

— Vamos — murmurou ela, tentando ignorar o rangido da porta atrás dela.

A bola deu uma última volta preguiçosa na borda, depois oscilou para a frente e para trás por um momento, e finalmente desabou para dentro da tigela, onde ficou dando voltas com um ruído de chocalho durante alguns segundos, antes de se aquietar.

Stampa deixou escapar um som tão inumano quanto seria capaz de produzir uma garganta como a dele: um ruído profundo que foi crescendo de um chiado até o urro de uma criatura atormentada, nos limites da loucura. Enquanto soltava aquele grito sinistro, abriu a porta com um empurrão, jogou Candy para o lado e

estendeu a mão para a bola como se quisesse arrebatá-la de dentro da tigela.

Mas a torre não ia tolerar nada disso. Algum processo que ia além da compreensão de Candy tivera início com aquele seu simples lançamento. Uma força invisível estava no ar, e empurrou Stampa de volta, com força suficiente para arrastá-lo pela porta afora.

Do lado de fora, Candy ouviu Treloso e seus irmãos uivarem de alegria como uma matilha de cães em êxtase. Embora não lhes fosse possível ver o que ela tinha feito, sabiam que ela fora bem-sucedida. Também não foi difícil para Candy entender como eles sabiam. Havia uma onda de energia pura emanando da pirâmide. Ela sentiu os cabelinhos da nuca começando a se arrepiar e no fundo dos seus olhos o desenho da bola ardia em azul e verde e dourado.

Ela recuou um passo, depois outro, seus olhos fixos na bola, na tigela e na pirâmide.

E então, para seu espanto, a pirâmide começou a *se mover* em seu eixo minúsculo. Ganhou velocidade rapidamente e parecia que, ao fazer isso, um fogo se acendera em seu âmago, c uma luminescência prateada — tremulando hesitantemente de início mas logo se tornando sólida e forte — fluiu para fora através dos desenhos nas laterais do objeto.

Era pouco antes do meio-dia no Minnesota; mesmo com uma fina camada de nuvens cobrindo o sol, o dia ainda estava claro. Mas a luz que agora começava a se derramar através dos hieróglifos da pirâmide giratória era ainda mais clara. Eram correntes brilhantes que partiam em todas as direções.

Ela ouviu um ruído suave, quase lamentoso, vindo de Vivaldo Stampa. Ele olhava o objeto com uma expressão esvaziada de toda malícia, de todas as intenções de fazer mal. Ao que parecia, estava

resignado com qualquer coisa que pudesse acontecer em seguida. Nada podia fazer quanto ao fenômeno, exceto observá-lo.

— Veja só o que você fez — disse ele muito, muito suavemente.

— O que foi, exatamente, que eu fiz? — disse ela.

— Veja você mesma — ele retrucou e, por um momento, desgrudou o olhar da pirâmide giratória para indicar com um movimento de cabeça o mundo lá fora, além do farol.

Agora ela já não tinha medo nenhum de voltar as costas para ele. Parecia que, pelo menos até que aquele miraculoso processo tivesse acabado, ele estava apaziguado.

Ela foi até a porta e saiu para a plataforma, passando por cima do buraco que tinha feito, para ver o que ela e o jogo da bola e da tigela tinham trazido à existência.

A primeira coisa que notou foi a nuvem-flor. Não estava mais se movendo devagar, reagindo aos suaves caprichos do vento. Movia-se velozmente lá em cima, como uma imensa roda dourada, cujo eixo era a torre onde Candy estava.

Ela ficou admirando aquela visão por alguns momentos, maravilhada. Depois baixou os olhos para os irmãos João, que tinham desviado os rostos da torre e estavam todos olhando ao longe através das vastas extensões de pradaria descampada. O que estariam olhando?, ela se perguntou. Sabia que não havia nada lá fora por muitos quilômetros, nem uma casa sequer. Por alguma razão, muito embora os subúrbios de Galinhópolis tivessem se espalhado em todas as direções a partir do centro da cidade, a noroeste eles nunca foram além da casa da Viúva White. Eram terras vazias, sem uso, enjeitadas.

E no entanto havia alguma coisa lá fora que João Treloso e seus irmãos queriam ver. Treloso estava protegendo os olhos com as mãos enquanto fixava o olhar na distância.

Candy sentia a luz da pirâmide como se fosse uma presença viva, fazendo pressão contra as suas costas. Não era uma sensação desagradável. Na verdade, era bastante prazerosa. Ela imaginou que podia sentir o poder da luz passando através de seu corpo, emprestando-lhe a sua força. Parecia senti-la sendo transportada pelas veias, sendo despejada para fora através dos poros e da respiração. Suspeitou que aquilo não passava de um truque da sua própria cabeça. Mas por outro lado, talvez não. Hoje não dava para ter certeza de nada.

Atrás dela, Vivaldo Stampa deixou escapar um gemido lamentoso e, um momento depois, oito gargantas soltaram um coro de gritos lá embaixo.

— O que foi? — ela gritou para eles.

— Olhe, lady! Olhe!

Ela olhou, acompanhando o olhar coletivo dos irmãos, e tudo o que ela tinha visto naquele dia — de fato, tudo o que ela tinha visto na vida até aquele momento extraordinário — se transformou em uma espécie de prólogo: e os assombros começaram.

Lá, na distância, aproximando-se por cima das pedras e do capim do Minnesota, surgindo do nada, veio rolando um mar reluzente.

Candy sempre tivera bons olhos (ninguém na sua família usava óculos); sabia que eles não a estavam enganando. Havia ondas se aproximando, espumando e rolando, e quebrando e rolando de novo.

Agora sabia o que fizera no alto da torre. Ela tinha convocado aquele mar a aparecer do nada e, como um cão respondendo ao chamado do dono, as águas vinham vindo.

— Você conseguiu! — bradava Treloso aos pulos e rodopiando no ar. — Você conseguiu, lady! Oh, veja! Veja! — Ele voltou-se para

olhar para ela lá no alto, as lágrimas de felicidade jorrando rosto abaixo. — Está vendo as águas?

— Estou vendo! — gritou Candy para ele, sorrindo ao ver sua alegria. Então, mais calma, disse: — Murkitt tinha razão.

A pradaria ainda estava visível debaixo da maré que se aproximava, mas quanto mais perto chegava o mar, menos sólido parecia ser o mundo real, e mais o poder das águas prevalecia.

Não era só a visão dela que confirmava a realidade da maré que avançava. Podia sentir o cheiro penetrante de maresia no vento; podia ouvir o refluxo e o fragor das ondas quando chegavam mais perto, erodindo o mundo que, pensava até então, era o único que existia, afogando-o debaixo da arrebentação.

— Chama-se Mar de Izabella... — disse Vivaldo Stampa atrás dela. Teria percebido certa melancolia em sua voz? Ela achava que sim.

— É de lá que você veio?

— Não do mar. Das ilhas. De Abarat.

— Abarat?

A palavra era completamente estranha para Candy, mas ele falara de um jeito tão confiante, como ela poderia achar que não existia? As ilhas de Abarat.

— Mas você jamais as verá — disse Stampa. Seu rosto perdera a expressão sonhadora e ficara ameaçador outra vez. — Abarat não é para olhos humanos. Você pertence a este mundo, o Mais-Além. Não vou deixá-la entrar na água. Não vou, está me ouvindo?

O breve momento de gentileza aparentemente tinha passado. Agora ele voltara a ser selvagem. Ele pôs-se em pé, o sangue escorrendo abundante da ferida que Treloso lhe fizera na perna, e avançou na direção dela...

Candy deu um passo cambaleante para trás, ultrapassando a porta e saindo para a plataforma quebrada. O vento se tornara subitamente mais gelado e forte, e as lufadas atiravam gotículas de umidade contra o seu rosto. Não era chuva o que o vento trazia, mas sim borrifos da arrebentação do mar. Podia sentir o gosto de sal nos lábios.

— Treloso! — gritou ela, dando um passo cauteloso para trás por cima do buraco na plataforma e agarrando-se à balaustrada de ferro para não escorregar.

Stampa estava se abaixando para passar pela porta, e seus braços eram tão compridos que ele conseguiu alcançá-la por cima do buraco. Uma das mãos agarrou-a pelo cinto com os dedos, e suas unhas cortaram o tecido da blusa. A outra subiu para a sua garganta e envolveu-a imediatamente.

Ela quis gritar por Treloso uma segunda vez, tentando ao mesmo tempo se virar para procurá-lo. Mas não pôde fazer nem uma coisa nem outra. Stampa estava apertando demais a sua garganta. Mais uma vez ela tentou gritar, mas ao ver o que ela estava procurando fazer, Stampa apertou ainda mais, até surgirem lágrimas de dor nos olhos de Candy e manchas brancas aparecerem nos cantos da sua visão.

Desesperada, ela esticou o braço para cima e conseguiu agarrar a mão enorme, tentando arrancá-la da sua garganta. Iria desmaiar muito depressa se não conseguisse fazer com que ele afrouxasse o aperto. Mas não tinha forças para soltar um dedo sequer. E agora as manchas brancas estavam se alastrando, ameaçando apagar o mundo.

Só restava uma pequena esperança. Como tinha provado o incidente na escada, a estrutura apodrecida da torre não era forte o bastante para agüentar uma criatura do tamanho e peso de Stampa. Se ao menos ela pudesse puxá-lo para fora da soleira, para as tábuas da plataforma que o próprio peso *dela* quebrara, talvez houvesse

uma possibilidade de que as tábuas cedessem debaixo dele, como acontecera com a escada.

Sabia que, na melhor das hipóteses, dispunha de segundos para fazer alguma coisa que a salvasse. O aperto dele era como o de uma morsa, gradual e firme. A cabeça de Candy latejava como se estivesse a ponto de explodir.

Ela agarrou-se novamente à balaustrada e foi avançando ao longo dela centímetro por centímetro, na esperança de arrastá-lo junto consigo, mas foi mais uma tentativa frustrada. As energias do seu corpo tinham sido quase totalmente drenadas.

Ela olhou para a cara de Stampa enquanto ele continuava apertando-lhe a garganta. Ele tinha um sorriso maldoso de satisfação nos lábios, seus olhos refletiam as águas luminosas que se acumulavam atrás dela; seus dentes eram um grotesco desfile de pontos cinzentos, como as pontas de flechas que ela às vezes encontrava, caídas no meio do capim alto.

Foi este o último pensamento que lhe passou pela cabeça antes de ser tomada pela inconsciência: Stampa tinha a boca cheia de pontas de flechas cinzeladas...

Ela então pareceu sentir o mundo rachar debaixo dela e a mão dele escorregou para fora da sua garganta ao mesmo tempo que a plataforma ruiu debaixo deles. Houve uma grande erupção de lascas de madeira e Stampa deu um grito de pavor. Sua mão largara o pescoço de Candy. E, de repente, ela se viu despencando através da plataforma destruída e caindo no chão em meio a uma chuva de tábuas quebradas.

Se estivesse consciente no momento em que atingiu o chão, a queda teria causado um dano considerável. Mas por sorte ela desmaiara durante a queda, e assim caíra com todos os músculos do corpo relaxados.

E lá caída ela ficou, esquecida do mundo, esparramada no capinzal ao pé do farol, enquanto as águas do Mar de Izabella vinham rolando ao encontro da luz que as convocara.

8. UM MOMENTO COM MELISSA

A VÁRIOS QUILÔMETROS DE DISTÂNCIA DO lugar onde sua filha jazia inconsciente no capinzal, Melissa Quackenbush estava no quintal da rua Followell, 34, limpando a churrasqueira depois do trabalho. Era uma tarefa que ela detestava: raspar da grelha os pedaços de carne de frango, esturricados até virar carvão, enquanto as legiões de formigas que estavam devorando os restos se espalhavam em todas as direções.

Aquele, é claro, sempre tinha sido serviço dela, nunca do marido. O Troço, era como o chamava pelas costas, e não era carinhosamente. Naquele momento ele estava sentado lá dentro, largado na frente de algum programa de auditório que só estava pela metade, através de uma bruma de cerveja. Nos primeiros dias depois que foi demitido, a sua falta de motivação para se levantar e sair à procura de um novo emprego a deixava zangada. Mas agora estava resignada a raspar da grelha os restos do churrasco da semana anterior. Era a sua vida. Não era o que desejara, nem o que tinha sonhado para si, nem de longe, mas era tudo o que tinha: o Troço, e as crianças, e a grelha do churrasco incrustada de frango carbonizado.

E então, bem quando estava terminando a tarefa, sentiu uma rajada de vento vinda de algum lugar distante, muito distante. Ela tinha dado um duro danado, e o vento era bem-vindo, refrescando o suor em sua testa e na nuca, onde o cabelo grisalho aderira à pele.

Mas não foi a temperatura do vento que a fez fechar os olhos e se deleitar. Não, foi o cheiro que ele trazia consigo.

Por absurdo que fosse, podia sentir o cheiro do mar. Era impossível, é claro. Como poderia o vento estar trazendo um cheiro de quase dois mil quilômetros de distância? Mas enquanto metade

da sua cabeça dizia: *Não é possível que seja o cheiro do mar que estou sentindo,* a outra metade murmurava: *Mas é isso, é isso.*

Outra rajada atingiu-lhe o rosto, e dessa vez o cheiro que trouxe, e as sensações evocadas pelo cheiro, foram tão fortes que quase a avassalaram.

Ela deixou cair a lata de fluido de limpeza. Deixou cair a espátula que estava usando para raspar a carne.

Quando elas atingiram as pedras do pavimento, veio-lhe à mente uma lembrança de algum tempo anterior. Era uma recordação que nem sequer lhe dava prazer em evocar. Mas não tinha escolha. Veio-lhe à mente com tamanho poder, com tamanha clareza, que podia ter acontecido na véspera.

Lembrou-se da chuva martelando na capota do velho caminhão Ford que Bill e ela possuíam quando recém-casados. Tinham ficado sem gasolina no meio da tempestade e Bill saíra para buscar combustível suficiente para fazê-los seguir rodando, deixando-a sozinha no meio do aguaceiro que surgira do nada. Sozinha no escuro e no frio.

Bem, não, de fato não tinha sido bem assim. Ela não estava completamente sozinha. Havia um bebê na sua barriga. Enquanto Melissa aguardava sentada naquele velho caminhão pelo retorno de Bill, Candy Francesca Quackenbush estava a apenas uma hora do nascimento. Eram duas horas da manhã e a bolsa de Melissa acabara de se romper, bem como, ao que parecia, o reservatório dos céus, pois ela não se recordava de ter presenciado uma tempestade tão súbita e tão intensa desde então.

Mas não era da chuva, nem do frio, nem dos chutes da criança ainda em seu ventre que ela se lembrava agora. Algo mais tinha acontecido; algo que o cheiro de maresia que agora lhe pinicava as narinas trouxera de volta à sua lembrança. O problema era que ela não conseguia lembrar precisamente o que era aquele "algo".

Ela afastou-se da churrasqueira, para longe do cheiro de galinha queimada e fluido de limpeza, a fim de respirar um pouco de ar mais puro.

E quando fez isso, quando inalou a brisa do mar que não podia ser uma brisa do mar, mais um fragmento da visão entrou repentinamente em foco dentro da sua cabeça.

Ela estava lá sentada dentro do caminhão, com a chuva batendo na capota como um rufar enlouquecido de tambor quando, sem aviso, de repente havia luz por toda parte, inundando o interior do velho Ford.

Melissa não sabia por quê, mas aquela lembrança do veículo se enchendo da mais pura luz branca estava, de algum modo, relacionada ao cheiro no ar. Não fazia nenhum sentido. Evidentemente a sua cabeça estava lhe pregando uma peça. Estaria ficando louca? Louca de tristeza e desapontamento. Seus olhos tinham começado a arder, e agora as lágrimas lhe escorriam pelas faces; escorriam, e escorriam. Ela disse a si mesma para não ser boba. A troco de que estava chorando?

— Eu não estou louca — disse a si mesma suavemente. Apesar disso, sentia-se subitamente perdida, desancorada.

Em algum lugar de sua memória havia uma explicação para aquilo. O problema era que não conseguia acessá-la muito bem.

— Ora, vamos... — disse para si mesma.

Era como quando se tem um nome na ponta da língua sem conseguir trazê-lo à mente.

Frustrada consigo mesma, e mais do que um pouco nervosa (talvez houvesse algo de errado com ela para sentir assim o cheiro do oceano no meio do Minnesota; talvez a sua vida a estivesse deixando maluca), ela voltou as costas para o céu aberto e retornou um tanto deliberadamente à nuvem de odores azedos porém familiares que pairava em volta da churrasqueira. Não eram

agradáveis, mas pelo menos ela era capaz de entendê-los. Enxugando as lágrimas com as costas da mão, disse a si mesma para esquecer o que pensava que estava sentindo, pois aquilo era nada mais nada menos que uma peça que o seu nariz estava lhe pregando.

Então recolheu a espátula e a lata de fluido de limpeza que deixara cair e voltou ao seu trabalho fastidioso e infeliz.

9. EVENTOS NO PÍER

CANDY OUVIU UM CORO de vozes, todas pronunciando a mesma palavra.

— Lady — elas diziam —, lady, lady, lady...

Precisou de alguns momentos para se dar conta de que aquelas múltiplas vozes estavam todas se dirigindo a ela.

Eram os Joões falando: Treloso, Filé, Chorão, Bagatela, Pestana, Depena, Cobra e Mingau. Estavam todos chamando por ela, tentando fazê-la acordar. Ela se sentiu timidamente sacudida. E, tão timidamente quanto, abriu os olhos.

Oito rostos preocupados olhavam para ela: um grande e sete menores.

— Alguma coisa quebrada? — disse João Filé.

Candy fez uma tentativa muito cautelosa de se sentar. Sua nuca doía, mas não era pior do que a dor que às vezes sentia ao acordar, depois de dormir em uma posição ruim. Ela mexeu as pernas e os braços. Depois mexeu os dedos.

Não — disse um pouco surpresa com a sua sorte, considerando a altura da queda. — Acho que não quebrei nada.

— Bom — disse João Chorão. — Então podemos ir andando.
— Espere aí! — disse Treloso. — Ela acabou de...

— Chorão está certo! — disse João Filé. — Não temos tempo de esperar. O Stampa, aquele monstro maldito, vai estar aqui embaixo dentro de alguns segundos.

Stampa! O som daquele nome era suficiente para fazer com que Candy agarrasse o braço de Treloso e se pusesse em pé. A

última coisa que queria eram as garras de Vivaldo Stampa em volta da sua garganta uma segunda vez.

— Aonde vamos? — ela quis saber.

— Vamos para casa, lady — disse Treloso. — Você vai para a sua. E nós vamos para a nossa. — Ele pôs a mão no seu bolso de dentro. — Mas antes que eu me vá — disse ele, baixando a voz a um sussurro ao falar —, quero saber se você poderia levar uma coisa para mim... para nós todos... antes de nos encontrarmos novamente.

— O que é?

— Preciso de você para levar uma coisa por nós. Uma coisa muito preciosa.

De dentro do casaco, ele tirou um objeto embrulhado em um saquinho de pano rústico, amarrado com uma tira de couro marrom que fora enrolada várias vezes em torno dele.

— Você não precisa saber o que é — disse ele. — Aliás, se não se importa, é melhor que não saiba. Apenas leve e guarde em lugar seguro para nós, pode ser? Nós voltaremos, eu prometo, quando Carniça tiver esquecido tudo a nosso respeito e pudermos arriscar a viagem de volta.

— Carniça?

— Cristóvão Carniça — disse João Cobra, com a voz carregada de ansiedade. — O Lorde da Meia-Noite.

— Você vai levar para nós? — disse João Treloso, apresentando o pacotinho.

— Eu acho que, se preciso levar alguma coisa — disse Candy —, deveria saber pelo menos do que se trata. Principalmente se é importante.

— Eu não falei? — disse Cobra. — Eu sabia que ela não ia ficar satisfeita com essa linha de "É melhor que você não saiba". Ela é

todinha inquisitiva demais, essa aí.

— Bem, se é para ser menina de recados — disse Candy —, acho que tenho o direito...

— É claro que tem — disse Treloso. — Abra, vá em frente. É todo seu.

O curioso era que o pacotinho parecia quase não ter peso nenhum a não ser pelo pano e pela tira de couro que o envolviam. Candy puxou o grande nó que, embora parecesse difícil de desfazer, como que se dissolveu assim que ela começou a mexer nele. Sentiu que alguma coisa se mexia dentro do pacote. E de repente do saquinho surgiu uma explosão de luz que encheu seus olhos por um instante. Ela viu diversos pontos brilhantes na sua frente, acompanhados por linhas dardejantes de luminescência. As luzes pairaram um momento, depois foram tragadas pelo seu inconsciente e desapareceram.

Aquele espetáculo todo, que não podia ter durado mais que três segundos, deixou-a sem fala.

— Você agora tem a Chave — contou-lhe João Treloso em um tom solene. — Eu lhe imploro que não conte a ninguém que ela está com você. Entendeu? Ninguém.

— Como queira — replicou ela, olhando desconcertada para o saco vazio. E depois de um instante: — Acho que você não vai me contar que porta esta chave abre, vai?

— É verdade, lady. Melhor não. — Ele beijou-lhe a mão, inclinando-se ao fazer isso, e começou a afastar-se dela. — Adeus, lady. Temos de ir.

Durante toda essa conversa, Candy ficara de frente para a torre. Somente agora, quando Treloso recuou, ela se deu conta da mudança que ocorrera no mundo durante o curto tempo em que estivera inconsciente.

Um píer decrépito surgira de dentro da terra e, na ponta dele, grandes ondas quebravam, suficientemente pesadas para fazer a estrutura ranger e balançar em toda a sua extensão. Além da arrebentação, o Mar de Izabella se estendia na direção de um horizonte azul enevoado. Aparentemente o Minnesota, pelo menos como Candy conhecera, desaparecera submerso naquelas vastas extensões de águas invasoras.

— Como... — disse Candy, arregalando os olhos para o panorama e deixando cair o queixo de perplexidade — Como isto é possível?

— Você convocou as águas, lady. Está lembrada? Com a tigela e a bola?

— Estou — disse ela.

Agora preciso ir para casa por sobre essas águas — disse Treloso. — E você precisa voltar para casa em Galinhópolis. Vou voltar, eu prometo, quando for seguro fazer isso. E vou pegar a Chave de volta. Nesse meio-tempo, você nem pode imaginar o serviço que está prestando à liberdade em todas as ilhas sendo a guardiã dessa Chave.

Ele inclinou-se para ela outra vez e então, cortês porém com firmeza, indicou de novo a direção de Galinhópolis com um movimento de cabeça.

— Vá para casa, lady — disse ele, como quem tenta mandar para casa um cachorro que não quer sair do seu lado. — Volte para o lugar onde está segura, antes que Stampa desça da torre. Por favor. O que você tem consigo é de enorme importância. Não podemos permitir que caia nas mãos de Stampa. Ou melhor, nas mãos do amo dele.

— Por que não? O que acontece se cair?

— Eu imploro, lady — disse Treloso, a urgência aumentando em sua voz —, não faça mais perguntas. Quanto menos souber,

melhor para você. Se as coisas derem errado em Abarat e eles vierem procurá-la, você poderá alegar ignorância. Agora não há mais tempo para conversa...

Sua urgência tinha um motivo. Um ruído alto veio de dentro da torre atrás deles, quando Stampa tentou descer de volta pela escada quebrada. A julgar pelo barulho, não era uma tarefa fácil. Seu peso estava fazendo desmoronar mais partes da estrutura. Mas Candy sabia que seria apenas uma questão de tempo até que ele navegasse pelos destroços da escada e saísse pela porta no encalço de todos eles.

— Tudo bem — disse ela relutantemente, admitindo que tinha de partir com urgência. — Eu vou. Mas antes de ir, preciso dar uma olhada direito.

— No quê?

— No mar! — disse Candy, apontando ao longo do píer para as vastas extensões de água azul brilhante.

— Ela vai ser o fim de todos nós — resmungou Cobra.

— Não — disse Treloso. — Ela tem todo o direito.

Treloso agarrou a mão de Candy e ajudou-a a subir no píer. Ele rangeu e oscilou debaixo deles. Mas depois de ter desafiado as escadas e a sacada da torre, Candy não estava nem um pouco intimidada com um pouco de madeira podre. O píer sacudia violentamente com cada onda que o atingia, mas ela estava determinada a seguir até o fim e ver o Mar de Izabella com seus próprios olhos.

— É espantoso... — disse ela enquanto seguiam pelo píer. Nunca tinha visto o mar antes.

Todos os pensamentos sobre Stampa e suas garras tinham desaparecido de sua cabeça. Estava extasiada com o espetáculo diante dela.

— Ainda não entendo como isso pode ter acontecido — disse ela. — Um mar saído do nada.

— Ora, isso é o de menos, lady — disse Treloso. — Lá adiante, muito longe daqui, estão as vinte e cinco ilhas de Abarat.

— Vinte e cinco?

— Uma para cada hora do dia. Mais a Vigésima Quinta Hora, chamada de Torre de Odom, que é um Tempo Fora do Tempo.

Aquilo tudo soava estranho e absurdo demais. Mas ali estava ela, em pé sobre um píer, olhando ao longe por sobre um mar que não existia quinze minutos atrás. Se o mar era real (e real ele era, senão por que o seu rosto estaria frio e molhado?), então por que não também as ilhas, aguardando no lugar onde o Mar de Izabella se encontrava com o céu?

Tinham chegado à ponta do píer. Ela olhou atentamente por sobre as águas. Peixes saltavam, prateados e verdes; o vento transportava aves marinhas como jamais vira e de que jamais ouvira falar antes.

Dentro de poucos segundos, Treloso e seus irmãos teriam partido por aquelas águas misteriosas, e ela seria deixada ali sozinha para retornar à sua vida enfadonha e sufocante em Galinhópolis.

Ó Deus! Galinhópolis! Depois de tudo aquilo, de todas aquelas maravilhas, aqueles milagres: Galinhópolis! O mero pensamento já era insuportável.

— Quando você vai voltar? — ela perguntou a Treloso.

— Espere, lady — replicou Treloso.

— O quê?

— Fique... bem... quieta.

Enquanto falava, ele enfiou a mão no bolso de fora do casaco e tirou de lá, quem diria, uma pistola antiquada. Era uma arma

pequena, e parecia ser feita de latão.

— O que você está fazendo? — Candy baixou a voz a um sussurro.

— Estou fazendo o que posso — disse ele mansamente — para salvar as nossas vidas.

Ela viu os olhos dele se moverem rapidamente por cima do ombro na direção de alguém que estava atrás dela no píer.

— Stampa? — murmurou.

— Stampa — respondeu ele. — Por favor, lady. Não se mexa. Dizendo isso, ele deu um passo repentino para o lado dela e disparou. Houve um estampido forte e um penacho de fumaça roxa e azul foi expelido do cano da pistola. Um instante depois houve um segundo som, muito menos forte, quando a bala atingiu o alvo.

Candy entendeu imediatamente o que João Treloso tinha feito. Ele não tinha atirado em Stampa. Tinha atirado na tigela que estava no topo da pirâmide, e a bola tinha saltado para fora. Pôde sentir na hora a mudança maciça no ar que os rodeava.

— Belo tiro! — disse Chorão. — Mas o porquê de você não ter metido uma bala no meio do olho de Stampa é algo que não consigo entender.

— Não me dá prazer nenhum fazer buracos em coisas vivas — disse Treloso, guardando a pistola de volta no bolso.

Candy olhou por cima do ombro. Stampa estava parado mais ou menos a meio caminho no píer, olhando para a torre atrás dele. Estava claro que ele também sabia o que Treloso tinha feito. Como poderia duvidar? A notícia estava vibrando no ar.

— A maré está virando, lady — disse Treloso. — E eu preciso partir com ela. Se tudo der certo, Stampa virá atrás de mim, pois acredita que eu tenho a Chave.

— Não, espere! — disse Candy, segurando o braço de Treloso. — Não faça isso!

— Não fazer o quê? — disse João Bagatela.

— Não quero voltar a Galinhópolis.

— Aonde mais poderia ir? — disse João Chorão.

— Com vocês!

— Não — disse João Cobra.

— Sim — disse Candy. — Por favor. Eu quero entrar na água.

— Você não tem idéia dos riscos que estará correndo.

— Não me importo — disse Candy. — Odeio o lugar onde moro. Odeio com todo o meu coração.

Ao dizer isso, sentiu o vento mudar de direção. As águas em volta do píer estavam muito agitadas agora; quase frenéticas, de fato. A maré estava se virando sobre si mesma, fazendo estremecer e chacoalhar as decrépitas tábuas do píer. Ela sabia que só tinha alguns segundos para persuadir Treloso e seus irmãos. Então eles teriam partido, para dentro da água e para longe, levados pela maré; para Abarat, onde quer que fosse aquilo.

E que possibilidade ela teria de um dia voltar a vê-los depois que se fossem? Por certo lhe diriam que iam voltar, mas que vale uma promessa? Não grande coisa, pela sua experiência. Quantas vezes seu pai tinha prometido não bater nela de novo? Quantas vezes o ouvira jurar para sua mãe que ia parar de beber para sempre? E nenhuma delas quisera dizer nada.

Não, assim que tivessem partido, ela provavelmente jamais voltaria a vê-los. E com o que ficaria? Com uma lembrança, e uma vida em Galinhópolis.

— Você não pode fazer isso comigo — ela disse a Treloso. — Você não pode me largar aqui, sem saber sequer se vai voltar um

dia.

Ao dizer isso, ouviu o píer ranger atrás dela. Voltou a cabeça já sabendo o que iria ver. Vivaldo Stampa vinha andando pelo píer na direção deles. Ela viu claramente pela primeira vez por que ele mancava (e talvez por que não fora suficientemente ágil para agarrá-la). Ele não tinha o pé direito. Fora decepado na altura do tornozelo e ele andava pisando no coto como se fosse uma perna de pau. Se isso lhe causava dor, ele não demonstrava. Ostentava o seu sorriso de dentes em pontas de flechas enquanto se aproximava de suas vítimas, abrindo os braços como faria um pregador à moda antiga ao acolher almas novas em seu rebanho.

Candy sabia que ainda tinha uma chance de escapar, mas não sentia vontade nenhuma de voltar.

Mesmo que ficar ali no píer com Stampa significasse arriscar o pescoço, valia a pena. Ela agarrou impetuosamente o braço de Treloso e disse:

— Aonde vocês todos forem, eu também vou.

Oito rostos olharam para ela com oito expressões diferentes. Filé parecia perplexo, Chorão piscava, Bagatela fingia indiferença, Pestana ria, Depena chupava as bochechas, Cobra fazia cara feia e Mingau bufava de exasperação. Ah, e Treloso? Ele lhe deu um sorriso largo mas inquestionavelmente desesperado.

— Isto é pra valer? — disse ele.

Stampa estava a trinta metros deles, e se aproximando depressa.

— Sim, é pra valer.

— Então parece que não temos escolha — disse ele. — Temos de nos entregar à maré. Você sabe nadar?

— Não muito bem.

— Oh, Santa Anta — disse Treloso, e dessa vez todos os oito rostos fizeram a mesma coisa: reviraram os olhos. — Acho que "não muito bem" vai ter de servir.

— Então o que estamos esperando? — disse Candy.

No tempo que durara essa breve conversa, Stampa reduzira à metade a distância entre as suas garras e as gargantas deles.

— Por favor, podemos ir embora? — disse Pestana, berrando mais alto do que uma cabeça tão pequena tinha o direito de berrar.

De mãos dadas, Candy e Treloso correram até o fim do píer.

— Um... — disse Filé.

— Dois... — disse Depena.

— Pular! — disse Mingau.

E juntos eles saltaram para o ar, confiando suas vidas às águas frenéticas do Mar de Izabella.

II. CREPÚSCULO E ALÉM

Acreditem quando eu digo:

Existem duas forças

Que comandam a alma.

Uma é Deus.

A outra é a maré.

Anônimo

10. AS ÁGUAS

O MAR DE IZABELLA ESTAVA consideravelmente mais frio do que Candy esperava. Estava inexoravelmente frio; gelado até a medula dos ossos. Mas agora era tarde demais para mudar de idéia. Com a bola derrubada para fora da tigela pela bala de Treloso, o Mar de Izabella estava se afastando do píer na mesma velocidade em que aparecera de início. E carregava consigo Candy e os irmãos João.

As águas pareciam ter vida própria; por diversas vezes a pura força das suas energias ameaçou puxá-la para baixo. Mas Treloso conhecia os truques.

— Não tente nadar — ele gritou para ela por cima do bramido dos mares em retirada. — Apenas confie na Mamãe Izabella, que nos levará aonde Ela quer nos levar.

Candy percebeu logo que não tinha muita escolha. O mar era uma força irresistível. Então, por que não relaxar e simplesmente aproveitar o passeio?

Foi o que ela fez, e funcionou como um encantamento. No momento em que Candy parou de se agitar e confiou no mar, sabendo que ele não ia lhe fazer mal, Izabella a fez boiar, as ondas às vezes erguendo-a tão alto que dava para enxergar o píer e o farol. Eles já estavam bem longe, deixados para trás em outro mundo.

A menina perscrutou as águas à procura de Stampa, mas não pôde vê-lo.

— Está procurando o senhor Stampa? — disse João Mingau.

Ele não precisava mais gritar. Agora que estavam a uma boa distância da costa, as ondas não eram mais tão barulhentas.

— Sim, eu estava — disse Candy, cuspindo água a cada cinco ou seis palavras. — Mas não consigo vê-lo.

— Ele tem um glifo — explicou Treloso.

— Um glifo? O que é um glifo?

— É uma aeronave; uma máquina voadora. Bem, na verdade são palavras que viram máquina voadora.

— Ela não entende o que você está dizendo, Treloso — disse João Chorão.

Chorão tinha razão. Candy estava completamente confusa com o que Treloso estava dizendo. Palavras que viram veículos? Apesar da cara de incompreensão de Candy, Treloso insistiu na explicação.

— Quanto melhor você é em mágica, mais depressa pode conjurar um glifo. Para um mágico realmente exímio, alguém que conhece o seu ofício, pode ser quase instantâneo. Bastam duas ou três palavras e você tem uma máquina voadora. Mas Stampa vai precisar de vários minutos para conjurá-lo. Ele não é um sujeito muito brilhante. E se você fizer a conjuração errada, pode dar uma grande confusão.

— Confusão? Por quê?

— Porque os glifos levantam você no ar — disse Treloso, apontando para o céu. — Mas se por alguma razão eles falharem...

— Você cai — disse Candy.

—Você cai — disse Treloso. — Uma das minhas irmãs morreu em um glifo que caiu.

— Oh, sinto muito — disse Candy.

— Ela estava sendo seqüestrada naquele momento — disse ele um tanto casualmente.

— Isso é terrível.

— Depois descobrimos que ela tinha arquitetado tudo.

— Não entendi. Arquitetou para ser seqüestrada?

— Sim. Estava apaixonada por aquele sujeito, você sabe, e ele não a amava. Então arquitetou para ser seqüestrada, para que ele viesse atrás dela e a salvasse.

— E ele fez isso?

— Não.

— Então ela morreu de amor.

— Acontece — disse João Filé.

— E você, lady? — disse João Pestana. — Tem alguma irmã?

— Não.

— Irmãos? Mãe? Pai?

— Sim. Sim. E sim.

— Não estou vendo você lamentar o fato de que nunca mais poderá vê-los de novo — disse João Cobra, um tanto bruscamente.

— Fique quieto, João — cortou Treloso, ríspido.

— Ela pode muito bem ouvir a verdade — retrucou João Cobra. — Há uma boa possibilidade de que nunca mais volte a ver o seu lar.

Algo na expressão de seu rosto sugeriu a Candy que ele estava sentindo prazer em amedrontá-la.

— Estamos indo para Abarat, menina — prosseguiu Cobra. — É um lugar muito imprevisível.

— Assim como o Mais-Além — disse Candy, que não estava disposta a se deixar intimidar por Cobra.

— Nada que se compare! — disse Cobra. — Alguns tornados? Algumas pestes? Irrelevante. Abarat tem horrores que vão deixá-la

de cabelos brancos! E isso assumindo que conseguiremos chegar às ilhas.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que Mamãe Izabella contém uma grande variedade de feras que comeriam você de aperitivo.

— Já basta, Cobra — disse Treloso.

— Ele está falando de tubarões? — disse Candy, sem querer demonstrar muito nervosismo, mas já perscrutando as águas à procura da barbatana reveladora.

— Não sei o que são tubarões - respondeu Treloso. — Mas o Grande Mantizac Verde certamente nos engoliria inteiros. Afinal, nós não somos vermelhos.

— Vermelhos?

— As criaturas de Izabella não mexem com a cor vermelha. É por isso que todos os navios, barcos e balsas que navegam o Mar de Izabella, sem exceção, são pintados de vermelho.

Candy estava ouvindo, mas na verdade não estava prestando muita atenção. O turbilhão de eventos no píer não lhe dera tempo para pensar direito nas conseqüências do que estava fazendo. Agora já se entregara às águas, e não havia volta. Talvez jamais voltasse a ver sua família.

Como seriam as coisas em casa quando a família percebesse que ela se fora? Com certeza imaginariam o pior: pensariam que tinha sido seqüestrada, ou que simplesmente fugira.

Era com a mãe que estava mais preocupada, pois era quem ficaria mais magoada. Esperava que houvesse um jeito de enviar uma mensagem a ela, quando chegassem ao seu destino.

— Você não está arrependida de ter vindo, está? — disse Treloso com uma expressão que sugeria que estava se sentindo um

pouco culpado por sua própria parte naquilo.

— Não — Candy respondeu com firmeza. — De jeito nenhum.

Mal as palavras escaparam de seus lábios, uma grande onda a ergueu, arrastando-a para longe dos irmãos João. Em apenas alguns segundos, ela e Treloso foram separados um do outro. Ela ouviu três ou quatro dos irmãos gritando, mas não conseguiu entender o que estavam dizendo. Avistou-os no cavado entre as ondas, mas o relance foi breve. No momento seguinte, tinham desaparecido.

— Estou aqui! — gritou ela, na esperança de que Treloso se revelasse um nadador mais forte e fosse capaz de chegar até ela. Mas nem bem as palavras saíram da sua boca, outra onda de tamanho substancial veio e carregou-a para ainda mais longe do lugar onde tinham sido separados.

Sentiu uma pequena contração de medo no estômago.

— Não entre em pânico — ela disse para si mesma. — Aconteça o que acontecer, não entre em pânico.

Mas o seu próprio conselho era difícil de seguir. As ondas estavam ficando cada vez maiores, cada qual erguendo-a um pouco mais alto que a precedente e depois depositando-a num cavado ainda mais fundo. Por mais que dissesse a si mesma para não ter medo, não havia como escapar dos fatos. De repente, estava sozinha em um mar desconhecido, cheio de todo tipo de...

Seu pânico foi bruscamente interrompido, sacudido para fora dela por uma visão tão peculiar que todas as outras preocupações foram esquecidas.

Lá, acocorados em volta de uma mesinha na base da onda seguinte, estavam quatro jogadores de cartas. A mesa em volta da qual estavam sentados parecia flutuar livremente uns cinco centímetros acima da superfície da água, e os jogadores estavam acocorados em volta dela, com a máxima tranqüilidade.

Candy só teve tempo de pensar: Bem, agora já vi de tudo.

Então uma outra onda a atingiu e a arrastou até o meio do jogo.

11. OS JOGADORES DE CARTAS

Os QUATRO JOGADORES DE CARTAS eram uma mistura de espécies. Tinham a pele escamosa e com um brilho verde-prateado, enquanto as mãos — nas quais seguravam leques de cartas de baralho muito surradas — eram palmadas. Os rostos, contudo, possuíam todos os traços de um rosto humano, mas temperados com um toque de peixe. O jogo em que estavam concentrados parecia exigir toda a sua atenção, pois nenhum dos quatro reparou em Candy até que ela chegou em alta velocidade despencando pelo flanco da onda e por pouco não colidiu com a mesa deles.

— Ei! Cuidado! — reclamou uma fêmea no meio do quarteto. E mantenha distância. Nada de espectadores!

Três dos jogadores estavam agora olhando para Candy, enquanto o quarto aproveitava a oportunidade para dar uma espiada sub-reptícia nas cartas dos jogadores à sua esquerda e à sua direita. Assim que fez isso, ele disfarçou a trapaça fingindo um grande interesse em Candy.

— Você parece perdida — disse o trapaceiro, que era um macho daquela espécie híbrida. Seu sotaque parecia vagamente francês.

É, acho que sim disse Candy, cuspindo água. — Na verdade, acho que estou muito perdida.

— Ajude-a, Deaux-Deaux — disse o trapaceiro como quem não quer nada ao jogador à sua esquerda. -- Você vai perder este jogo, de um jeito ou de outro.

— Como você sabe?

Foi a quarta jogadora, uma fêmea, que ofereceu a resposta.

— Porque você sempre perde, meu bem — disse ela dando uma palmadinha no ombro dele. — Agora vá ajudar a menina.

Deaux-Deaux deu uma olhada em sua mão de cartas e, aparentemente dando-se conta de que iria realmente perder, jogou-as na mesa.

— Não vejo por que não podemos jogar pólo aquático como todo mundo — queixou-se ele, com um visível amuo písceo.

Então secou o copo de bebida que estava sobre a mesa na frente dele e fez uma coisa que desafiou todas as expectativas. Ele se levantou da mesa e, usando seus pés enormes, saltou por cima da água até Candy, depois acocorou-se de novo no mar, ao lado dela. O seu bafo era potente, e ele parecia estar tendo uma certa dificuldade em focalizar o olhar nela.

Ela estava acostumada com pessoas naquelas condições e isso a irritou, porém se sentia mais feliz tendo companhia do que ficando sozinha na água.

— Eu sou Deaux-Deaux — disse a criatura.

— Sim, eu ouvi — disse Candy. — Eu sou Candy Quackenbush.

— Você é do Mais-Além, não é? — disse ele enquanto os dois subiam e desciam juntos com o movimento das ondas.

— Sim, eu sou.

— Se você está pensando em voltar, vai ser uma longa viagem.

— Não, não, eu não quero voltar — disse Candy. — Estou indo para Abarat.

— É mesmo?

A menção de Abarat, houve uma demonstração de interesse por parte do resto da mesa. Dois dos outros três jogadores jogaram suas mãos de baralho na mesa e deixaram o trapaceiro protestando que aquilo não era justo, pois ele tinha a mão vencedora.

— E porque você trapaceou, Pux — disse uma das fêmeas e, levantando-se com o mesmo jeito despreocupado de Deaux-Deaux, saltou até Candy. Ao contrário de seu parceiro, ela não estava bêbada. De fato, estudou a visitante humana com uma curiosidade intensa, o que trouxe à lembrança de Candy o primeiro olhar que Treloso lhe dirigira.

— Por algum acaso é você a responsável por essa ocorrência?

— E que ocorrência seria essa? — disse Candy.

— É você, não é? — disse a fêmea. — A propósito, eu sou Tropella.

— Encantada em...

— Sim, sim — disse Tropella, impaciente. — Você chamou Izabella, não chamou?

Candy não viu motivo para não dizer a verdade.

— Sim — admitiu ela. — Eu chamei o mar. Eu não me dei conta do que estava fazendo quando...

Mais uma vez, ela foi interrompida de um jeito um tanto malcriado.

— Sim, sim. Mas por quê? É proibido.

— Ora, deixe a menina em paz — disse Deaux-Deaux.

— Não, isso não é para ser levado na brincadeira. As águas nunca mais voltarão ao Mais-Além. Todos nós sabemos disso. Então, por que...

— Olhe — disse Candy, interrompendo-a com a mesma grosseria com que tinha sido interrompida por Tropella. — Podemos deixar esta conversa para mais tarde? Eu tenho um amigo em algum lugar deste mar. E me perdi dele.

— Oh, Santa Anta — disse Deaux-Deaux. — Qual é o nome dele?

— Bem, são oito. Ele tem esses irmãos, e eles vivem...

— Na cabeça dele? — disse Deaux-Deaux se inclinando mais para perto de Candy com os olhos arregalados.

— Sim. Você o conhece?

— Só pode ser João Treloso — disse Tropella.

— Sim, é ele.

A menção da presença de João Treloso nas proximidades, o jogador restante abandonou a mesa e saltou até Candy. Ela agora tinha toda a atenção deles.

— Você conhece João Treloso? — disse Tropella.

— Um pouco.

— Ele é um mestre do crime — interveio Pux. — Procurado em diversas Horas por apropriação indébita e só Deus sabe mais o quê.

— Ah, é? Ele não me pareceu um criminoso. Na verdade, foi muito educado.

— Ora, a nós pouco importa se ele é um criminoso — disse Tropella. — As leis da terra não são como as leis do mar. Nós não temos tribunais e prisões.

— Não temos muitos ladrões — disse Pux — porque não temos muito o que roubar.

— Aliás, somos todos Saltadores-do-Mar — explicou Deaux-Deaux.

— E você? — disse Tropella, ainda estudando Candy com aquela estranha intensidade. — Será que não a queriam por lá?

— Como disse?

— Eles não queriam você no seu mundo. O seu negócio é em Abarat. Tropella, pelo jeito, não fazia questão de que Candy confirmasse ou negasse aquilo; estava simplesmente informando-a de algo que já tinha decidido.

— Eu gostaria de saber se podemos fazer alguma coisa para achar Treloso — disse Candy, percorrendo um por um com o olhar.

— Deaux-Deaux — disse Pux —, é você que tem a voz mais potente.

— Ora, com todo o prazer — disse Deaux-Deaux.

Ele subiu meio vacilante para a superfície da água e saltou para o flanco da primeira onda grande. Chegando ao topo, postou-se lá e bradou, confirmando o fato de que possuía de fato uma voz de cantor de ópera.

— Senhor Treloso! — ele gritou. — Estamos com a sua namorada e vamos devorá-la em dois minutos com uma saladinha de acompanhamento, a não ser que você venha até aqui e a salve. — Ele sorriu para Candy. — Brincadeirinha — disse ele. — E então, senhor Treloso? — gritou novamente. — Onde está você?

— Ele está mesmo brincando? — disse Candy a Pux.

— Oh, sim — disse Pux. — Nós não comeríamos uma pessoa importante como você. Às vezes pegamos um marinheiro, mas... — ele encolheu os ombros. — Você também faria isso se sempre tivesse de comer peixe. Peixes amarelos, peixes verdes, peixes azuis. Peixes com uns olhinhos engraçados que estalam na sua boca. Acaba ficando tão chato comer só peixe. Pois sim, é verdade, nós comemos um marinheiro de vez em quando. Mas não você. Você chegará ao seu destino em segurança. Pode estar certa disso.

Deaux-Deaux ainda estava gritando, correndo pelas ondas acima como um homem que sobe correndo por uma escada rolante que desce, para permanecer no topo.

— Ei, Treloso! Nós estamos com muita, muita fome!

— Acho que a piada...

Candy estava para dizer acabou. Mas não chegou a terminar a frase. Antes que pudesse fazer isso, João Treloso irrompeu para fora da água por trás de Deaux-Deaux e agarrou-o pela cintura. Deaux-Deaux caiu para trás e os dois se debateram por meio minuto na água enquanto os irmãos bradavam toda sorte de ameaças, até que Pux e Tropella conseguiram saltar para lá e interromper a altercação.

— Ei, ei — disse Deaux-Deaux, escalando de volta para a superfície da água para escapar do enfurecido Treloso. Estendeu para a frente as suas mãos palmadas, para manter o atacante à distância. — Foi uma piada. Uma piadinha. Eu só estava tentando chamar a sua atenção. Não queremos fazer mal ao seu docinho-de-coco. Quero dizer, que espécie de peixe gente você acha que somos? Conte a ele, Candy.

— Eles todos foram muito gentis comigo — confirmou Candy. — Ninguém tocou um dedo em mim.

Os Joões não ficaram convencidos. Estavam todos trocando olhares ferozes de suspeita entre si.

Se foi uma piada — disse João Pestana, furioso —, então foi uma piada extremamente estúpida.

— Eu teria me afogado sem a ajuda deles — disse Candy, tentando acalmar a situação. — Eu juro. Estava começando a entrar em pânico.

— Mas você está certo — disse Pux. — Foi uma piada imbecilissimamente idiota. Então, por favor, em nome da paz, deixem-nos levar vocês dois para Abarat. Izabella pode ser brutal, e

nós não gostaríamos de ver dois personagens tão significativos se afogando.

— Vocês nos levariam? — perguntou João Treloso, com seu sorriso indócil. — De verdade?

— De verdade — disse Tropella. — É o mínimo que podemos fazer. A Candy, aquilo realmente pareceu uma boa idéia. Embora tivesse feito como João Treloso sugerira, e confiado em Mamãe Izabella para cuidar dela, sentia-se assim mesmo extremamente cansada. A água gelada e o assalto das ondas, sem falar nas perseguições que precederam aquela aventura aquática, tinham cobrado o seu tributo.

— O que vocês acham? — Candy se dirigiu aos Joões. — Devemos aceitar a carona?

— Acho que depende de você — disse Treloso.

— Bom — disse Candy. — Então eu digo que sim.

— Sim? — disse Pux para Treloso.

— Se a lady diz sim, então é sim — retrucou Treloso.

— Esplêndido — disse o quarto jogador. — Eu sou Kocono, aliás. E gostaria de dizer o quanto estou deleitado em conhecer o senhor Treloso. Tropella tinha razão, a lei da terra pouco importa para nós. Então eles dizem que você é um criminoso, e daí? Você é um mestre. É isso o que conta.

Os Joões prorromperam em um alarido caótico de negações e explicações depois do pequeno discurso de Kocono. Candy só conseguiu captar alguns fragmentos das defesas deles no meio da gritaria, mas soavam completamente contraditórios. Ela estava achando tudo muito divertido.

— É verdade? — disse ela rindo, enquanto os protestos iam ficando cada vez mais turbulentos. — Vocês são todos mestres do crime?

— Pensemos assim... — disse João Mingau.

— Tenha cuidado agora — advertiu João Bagatela ao irmão.

— Nós não somos santos — começou João Mingau.

— Então é verdade — disse Candy. Treloso concordou com a cabeça.

— É verdade — admitiu ele. — Você está na companhia de oito ladrões de classe mundial — disse ele, não sem uma ponta de orgulho. — Santos é que não somos.

— Mas afinal — disse Deaux-Deaux —, quem é que pode dizer que é santo? — Ele pensou melhor naquilo. — Além dos santos.

Uma vez resolvido esse assunto, Candy e Treloso foram erguidos, cada qual por dois Saltadores-do-Mar, e apoiaram as pernas na criatura que saltava na frente e o corpo nos que saltavam atrás. Se não era o jeito mais confortável de viajar, era certamente melhor que ficar mergulhado na água gelada, com medo dr se afogar ou de levar uma mordidela dos Grandes Mantizacs Verdes.

— Para que ilha vocês vão? — perguntou Pux a Candy. — Não sei — respondeu ela. — É a minha primeira visita.

Os Saltadores-do-Mar olharam para os Joões, aguardando uma resposta.

Foi João Pestana quem respondeu.

— Eu digo que devemos ir para Yebba Dia Sombrio, nos Estreitos da Penumbra.

Houve um consenso geral entre os irmãos.

— Pois que seja Yebba Dia Sombrio — anunciou Kocono.

— Esperem — disse Candy. — Não esqueçam a mesa.

— Ora, Mizza vai encontrar o seu próprio caminho para casa — disse Kocono. — Mizza!

Uma cabeça com traços largos, um tanto melancólicos, e um crânio quadrado — quase tão chato quanto a concha sobre a qual ainda estavam as cartas e o copo de bebida dos Saltadores-do-Mar — apareceu de dentro da água.

— Querem que eu espere por vocês em Tazmagor? — disse a criatura.

— Sim, por favor — disse Kocono.

— Foi bom jogar em cima de você — disse Deaux-Deaux. - Como sempre.

— Ora, não foi nada — retrucou a Mesa de Cartas, e saiu remando pelas ondas.

Candy balançou a cabeça. Por alguma razão, lá do fundo, veio a lembrança do seu querido tio Fred, irmão mais velho de sua mãe, que trabalhava num zoológico em Chicago, fazendo a faxina e cuidando dos animais. Uma vez ele a levou para passear por lá e foi apontando seus animais favoritos, que eram todos criaturas um tanto bizarras. As preguiças-de-dois-dedos, os tamanduás, as mulas.

— Se um dia você duvidou que Deus tenha senso de humor, tudo o que tem a fazer é dar uma olhada em alguns desses sujeitos— comentara ele.

Candy sorriu consigo mesma, lembrando da cabeça redonda e careca do tio Fred, examinando afetuosamente a sobrinha de cima para baixo. Sem dúvida a visão de Mizza, a Mesa de Cartas Flutuante, o faria rir até as lágrimas.

— Por que você está sorrindo, lady? — Treloso perguntou a Candy.

Mas antes que ela tivesse uma chance de explicar, os Saltadores-do-Mar decolaram a uma velocidade de tirar o fôlego, a caminho de Yebba Dia Sombrio.

12. UMA CONVERSA SOBRE A MARÉ

FOI UMA JORNADA BIZARRA para Candy. Para João Treloso também, ela suspeitava. Embora o barulho do mar e o das batidas dos pés dos Saltadores-do-Mar nas águas os impedissem de conversar, Treloso e seus irmãos ocasionalmente prorrompiam em risos, como se estivessem revisitando suas recentes aventuras e de repente julgassem imensamente divertido o fato de que elas estivessem terminando dessa maneira confortável mas meio absurda.

Quanto a Candy, achou o ritmo da viagem bem relaxante depois de algum tempo, e sentiu-se tão embalada que deixou seus olhos se fecharem. O sono logo dominou seu corpo estranhamente fatigado. Quando abriu os olhos, uma hora e vinte minutos depois, de acordo com o seu relógio, o céu acima dela estava escurecendo.

Por hábito, era uma grande observadora do firmamento e sabia os nomes de muitas estrelas e constelações. Porém, apesar de uma pequena quantidade de estrelas ter aparecido quando aumentou a escuridão, descobriu que não era capaz de reconhecer nenhuma das configurações acima de si. De início, partiu do princípio de que estava simplesmente olhando para o céu a partir de um ângulo diferente e por isso não conseguia reconhecer o que era na verdade uma constelação perfeitamente óbvia. Mas continuou a estudar os céus à medida que caía a noite (uma noite que não era natural, segundo os padrões do Minnesota: não eram nem duas horas da tarde), e deu-se conta de que não estava equivocada. Não havia lá em cima nenhum arranjo reconhecível de estrelas.

Aquele não era o mesmo céu que se estendia por sobre o Minnesota.

Por algum motivo ela achou isso muito mais inquietante do que o fato de que o Mar de Izabella surgira do nada, ou do que a

perspectiva de um arquipélago até então nunca visitado estar aguardando por ela em algum lugar adiante.

Ela pensara (por ingenuidade, talvez) que pelo menos as estrelas seriam constantes. Afinal, aquelas mesmas estrelas que ela conhecia pelo nome não tinham se estendido por sobre todos os outros mundos fantásticos que existiram na terra? Por sobre a Atlântida, por sobre Eldorado, por sobre Avalon? Como era possível que uma coisa tão eterna, tão imutável, estivesse tão alterada?

Tal constatação a deixou aflita e, por que não, assustada com o que viria pela frente. Aparentemente Abarat não era só mais uma parte do planeta que ela conhecia, simplesmente oculta aos olhos comuns. Era um mundo inteiramente diferente. Talvez tivesse religiões diferentes, idéias diferentes sobre o bem e o mal, sobre o que era real e o que não era. Mas era tarde demais para dar as costas a tudo isso. Afinal, alguma coisa ali a tinha chamado, não tinha? Não havia sido por isso que ficara traçando no seu livro de exercícios o mesmo desenho que encontrara na bola do farol? Por que, por alguma estranha razão, a bola estivera enviando uma parte do seu poder (o poder de convocar mares), e a sua mente estava preparada para recebê-lo? Ela tinha feito isso sem nenhum pensamento consciente: só traçando e retraçando o desenho em um estado de sonho. Tinha inclusive ido embora em vez de ir para a sala do diretor, sem pensar duas vezes no que estava fazendo, simplesmente indo aonde seus pés e seu instinto a levavam.

Apesar de, na hora, tudo aquilo ter parecido acidental, talvez nada tenha acontecido por acaso. Talvez, como dissera Tropella, Candy tivesse negócios a tratar no Abarat. Seria possível?

Ela era apenas uma estudante de Galinhópolis. Que tipo de negócios poderia ter em um mundo que nunca tinha sequer visto?

Mas por outro lado, será que a idéia era mais improvável do que o fato de o firmamento acima da cabeça dela estar agora repleto de estrelas do céu de um outro universo? Até a escuridão entre

aquelas estrelas, a escuridão do próprio espaço, não era como o espaço que ela via da janela do seu quarto. Cores sutis pulsavam através dele: matizes do roxo mais profundo e de rico azul-real, movendo-se como marés através do céu, águas prontas para ser nadadas ou navegadas.

Enquanto ela ficara remoendo aquelas idéias malucas na cabeça, o Mar de Izabella se aquietara consideravelmente. As águas agora estavam praticamente planas e as passadas dos Saltadores-do-Mar soavam mais abafadas, pois o avanço se tornara mais fácil. Candy e os Joões podiam até conversar normalmente enquanto seus carregadores saltavam lado a lado.

— Estamos passando agora através do Anel das Trevas — explicou João Pestana. — Aquela luz que você vê adiante — Candy não tinha visto luz nenhuma até então, mas ao lhe apontarem ela viu distintamente um empalidecer do céu perto do horizonte —, a luz de Efrit...

— ... uma das Ilhas Desencadeadas — Chorão interrompeu para acrescentar.

— O que quer dizer isso?

— Quer dizer que elas se governam sozinhas — disse João Mingau. — Não pagam impostos ao governo abaratiano, nem fazem parte da Companhia Commexo.

— Ora, não venha com política pra cima de nós, Mingau — reclamou João Pestana.

— Eu só queria que ela entendesse as complexidades das...

— Ninguém mais entende a complexidade das ilhas — disse João Treloso, desanimado. — Antes era tão simples. Você tinha as Ilhas da Noite e as Ilhas do Dia...

— E uma guerra quase constante — aparteou João Cobra.

— Pelo menos todo mundo sabia a quantas andava. Você tinha as suas lealdades e vivia e morria por elas. Mas e agora? — ele soltou um som de profunda repulsa. — Agora, quem sabe alguma coisa? — Ora, pare com isso — disse João Pestana, enfastiado. Se havia algo mais a ser dito sobre o assunto (e sem dúvida havia), ninguém chegou a falar nada, pois naquele momento Pux sussurrou:

— Quietos, todos vocês.

— Qual é o problema? — disse Cobra.

— Olhem para cima.

Todos voltaram os olhos para o céu. Havia lá formas escuras, como as de pássaros enormes com corpos humanos, voando em círculos e bloqueando a visão das estrelas.

— Vlíteres — disse Deaux-Deaux.

— Eles não vão nem tocar em nós — opinou Chorão.

Talvez não — disse Pux. — Mas se nos virem, poderão nos denunciar à Inflixia Dermorrenda. Estamos nas águas dela.

Candy não quis saber mais detalhes sobre Inflixia Dermorrenda; o nome já era suficientemente descritivo.

— Vocês vão passar por baixo da ponte Gilholly? — sussurrou Treloso.

— É o caminho mais rápido — disse Tropella. — E já estamos todos ficando cansados. Sabemos o que estamos fazendo.

Treloso calou-se, obediente. Pouco a pouco, os viajantes se aproximaram da referida ponte, que tinha um vão de talvez oitocentos metros sobre as águas glaciais entre duas ilhas. De um lado a luz ainda era embrionária, mal chegando a delinear as formas dos penhascos e dos imensos edifícios encarapitados em cima deles. Do outro lado, a luz era perceptivelmente mais brilhante. Candy

pôde ver uma espécie de templo, ou talvez as ruínas de um templo, e uma fileira de colunas ao lado.

Uma das criaturas que Pux chamara de vlíteres mergulhou e começou a deslizar na superfície da água rebrilhante, a mandíbula inferior cortando o reflexo do firmamento estrelado. Candy só captou um vislumbre enquanto ela mergulhava, deslizava e subia de novo. Era uma criatura de estranha aparência: um cruzamento de morcego com ser humano. Embora não tivesse conseguido ver os Saltadores-do-Mar e seus passageiros, o vlíter realmente *viu* algo de comível. Ele apanhou um peixe do tamanho de um bebê, o qual soltou um furioso ganido de cachorro quando foi pego, e continuou a ganir até que o vlíter o consumiu, felizmente em algum lugar alto demais para ser visto.

Eles seguiram caminho, com os ganidos do malfadado peixe-cão ainda repercutindo nas paredes do templo e nos penhascos, para além das águas calmas embaixo da ponte. O mar foi ficando cada vez mais agitado à medida que iam se afastando da proteção das ilhas, e Candy ficou contente, pelo bem de todos eles, por já estar próximo o fim da jornada. O que teria feito, ela se perguntou, se não tivesse tido a sorte de encontrar os jogadores de cartas? Certamente teria se afogado, apesar de tudo o que Treloso lhe havia dito sobre confiar nos braços generosos de Mamãe Izabella.

Eles agora estavam se movendo para a esquerda, e o que Candy viu adiante foi um motivo a mais de espanto. O céu, que parecia estar clareando, escureceu de novo. Uma imensa extensão de névoa azul-acinzentada preenchia o panorama à frente deles, e havia mais estrelas brilhando através da névoa. Não havia dúvida, o vislumbre de dia que ela vira tinha sido só isso: um vislumbre. Agora a noite se avizinhava de novo.

A visão daquele panorama tenebroso era claramente bem-vinda para os Saltadores-do-Mar.

Pux estava tão contente que desandou a cantar enquanto saltava. A melodia era da familiar canção "O pinheirinho de Natal", mas com uma letra inesperada.

Ó, ai de mim!

Ó, ai de mim!

Eu tinha um pé de guaxinim!

Mas foi comido por galinhas,

Não tenho mais frutas fofinhas!

Ó, ai de mim!

Ó, ai de mim!

Eu tinha um pé de guaxinim!

— Você gosta da minha canção? — disse Pux ao terminar.

— Não era bem o que eu estava esperando — disse Candy. — Mas, sim. Com certeza foi... ahn... inusitado.

— Vou ensinar a você! — disse Pux. — Assim você terá alguma coisa pra cantar enquanto anda por Yebba Dia Sombrio, e as pessoas vão pensar: "Ah, ela é uma de nós".

— Essa canção é muito conhecida?

— Acredite se quiser — disse João Cobra com uma expressão de profunda repugnância, como de costume —, é, sim.

— Então eu preciso aprender — disse Candy, secretamente feliz por causar um pequeno desconforto ao arrogante João Cobra.

— Então — disse Treloso —, do começo. Todo mundo junto. Dessa vez todos cantaram juntos (exceto Cobra e Bagatela), e Candy logo pegou o jeito. Quando chegaram à quarta repetição, Pux disse:

— E agora, um solo da senhorita Quackenbush.

— Oh, não...

— Oh, sim — disse Deaux-Deaux. — Carregamos você esse tempo todo. O mínimo que pode fazer é cantar uma canção para nós.

Era um pedido razoável. Assim, Candy entoou a sua primeira canção abaratiana enquanto a névoa à frente começava a se dissolver, e eles seguiam saltando para os Estreitos da Penumbra.

— Bonito. Muito bonito — disse Pux depois que ela acabou. — Agora vou ensinar mais uma.

— Não, acho que uma é o bastante por ora. Talvez numa outra ocasião.

— Não imagino que haverá outra ocasião — disse Tropella. — É muito raro nós entrarmos nas rotas de navegação. Não é seguro. Se formos dormir sobre as ondas, corremos o risco de ser ceifados por alguma balsa. É por isso que vamos voltar para o Anel das Trevas. Lá é mais seguro.

— Não tenham tanta certeza de que não irão se encontrar com essa lady de novo — disse Treloso ao grupo. — Creio que agora ela faz parte das nossas vidas para sempre. E nós da dela. Vocês sabem, algumas pessoas são tão importantes que nunca serão esquecidas. Acho que ela é uma dessas.

Candy sorriu; tinham sido palavras gentis, mesmo ela não acreditando muito.

Ninguém parecia saber o que dizer quando Treloso terminou, e assim houve um silêncio pensativo de um minuto ou dois enquanto a névoa à frente deles continuava a se desfazer.

— Ah... — disse João Chorão. — Acho que estou vendo a Yebba Dia Sombrio.

Os últimos farrapos de névoa estavam agora se afastando, e deu para ver o porto de destino deles. Não era uma ilha, em nenhum dos sentidos em que Candy entendia a palavra. Parecia ser uma enorme cabeça de pedra e metal, com torres construídas no topo do crânio, todas repletas de janelinhas minúsculas de onde emergiam raios de luz que perfuravam a névoa.

— Acerte o seu relógio para as oito — disse Treloso a Candy.

— Não estou entendendo — disse Candy. — Uma hora parece que é o alvorecer, no minuto seguinte é noite, e agora você me diz para acertar o relógio para as oito horas.

— É porque agora estamos nos Estreitos da Penumbra — disse João Chorão, como se aquilo fosse a coisa mais simples do mundo. — Aqui, são sempre Oito da Noite.

Candy parecia estar genuinamente confusa.

— Não se preocupe — disse Deaux-Deaux. — Cora o tempo você pega o jeito. Por enquanto, simplesmente acompanhe a maré. Fica mais fácil assim.

Enquanto Candy acertava o relógio para as oito horas, os Saltadores-do-Mar deram a volta até a frente da imensa cabeça de Yebba Dia Sombrio.

Uma escada íngreme subia como uma veia pela lateral do lugar e mais luz se derramava de uma multidão de janelas e portas. Um alvoroço desenfreado vinha da cabeça, reverberando através da água com o alarido das vozes que gritavam, cantavam, choravam e riam.

— Então, lady — disse Deaux-Deaux —, chegamos.

Os Saltadores-do-Mar os levaram até um porto minúsculo no recanto onde o peito do titã encontrava o braço. Havia uma porção de barquinhos vermelhos no porto, muitos deles no processo de entrar ou sair, e uma considerável multidão na beira do cais. A

entrada em cena dos quatro Saltadores-do-Mar com seus passageiros causou um bocado de confusão e comentários.

Logo, logo começou a aparecer gente de dentro da Grande Cabeça para ver que balbúrdia era aquela. Entre os recém-chegados havia diversas pessoas de uniforme.

— A polícia! — disse João Chorão em voz estridente.

A palavra ecoou por entre os irmãos. — A polícia?

— A polícia!

— *A polícia!*

Treloso voltou-se para Candy e segurou rapidamente o braço dela.

— Depressa... — disse ele.

— O que quer dizer? — Tenho de ir. Depressa.

— Por causa da polícia?

— Fale baixo — disse João Cobra, com o seu jeito antipático de costume.

— Quieto! — disse Treloso para ele. — Jamais fale com a minha lady desse modo outra vez!

— Sua lady! — bufou Cobra, como se quisesse, naqueles últimos momentos roubados, expressar o seu desprezo pelo modo respeitoso como Treloso tratava Candy. Mas não dava mais tempo. Não dava tempo para Cobra, nem para Treloso, nem mesmo para Candy, de dizer nada além de um "Adeus!" apressado.

Os policiais vinham descendo pelo cais, dividindo a multidão enquanto avançavam. Candy duvidava que eles já tivessem reconhecido os criminosos (muito embora as galhadas de Treloso o tornassem extremamente fácil de localizar); mas eles estavam interessados naqueles recém-chegados, e Treloso não pretendia

permitir que a curiosidade geral se transformasse em uma cena de prisão.

— Vocês têm autorização para esses Saltadores-do-Mar? — bradou um dos policiais.

— É aqui que nos separamos, lady — disse Treloso. — Nós nos encontraremos de novo, eu sei disso.

Ele segurou a mão dela, virou-a ao contrário e beijou-a de leve na palma. E então pulou na água.

— Ei, você! — gritou um segundo policial avançando pesadamente por entre a multidão para chegar à ponta do cais. — É ele! — gritou.

— Oh, não — Candy ouviu Deaux-Deaux dizer. — Que apresentação mais encantadora a Yebba Dia Sombrio.

— Devíamos ter ido para Ponto-Fru — disse Tropella. — Teria sido bem mais tranqüilo.

— Bem, agora é tarde demais — disse Pux.

— Ele está fugindo! — gritou o segundo policial.

— Quem? — veio a resposta de um dos seus companheiros.

— Como se chama mesmo? Aquele que fez uma limpeza geral na casa de Malleus Nyce em Tazmagor! Ele! Olhe a cara dele! — O policial ia ficando cada vez mais vermelho à medida que ia aumentando a sua frustração. — O mestre do crime!

A essa altura, umas sete pessoas no meio da multidão disseram: "João Treloso!" ao mesmo tempo.

— Sim! Foi isso que eu disse — retrucou o policial, sem muita convicção. — João Treloso!

Agora todos os olhares, tanto os da multidão como os dos policiais, estavam fixos na mancha de água turbulenta no lugar onde

João Treloso tinha sido visto pela última vez.

Um dos policiais, um homem enorme de pele azul e barba quadrada cor de laranja, tentava agora requisitar um dos barcos que pareciam mais velozes no pequeno porto, com a intenção aparente de perseguir Treloso. Porém o proprietário, que era quase tão grande quanto o policial e ainda tinha a vantagem de estar a seis ou sete metros de distância, do outro lado de uma faixa de água imunda da doca, não queria cooperar.

— Você! Traga esse barco pra cá! — gritou o policial.

O homem, deliberadamente, nem olhou na direção do policial e começou a manobrar a sua embarcação para sair através do emaranhado de barcos. Obviamente, a idéia de perder seu precioso barco para um guarda beligerante com mais testosterona do que bom senso de marujo o deixara nervoso. A tentativa de fuga enraiveceu o policial ainda mais. — Volte! — gritou ele. — Estou requisitando a sua embarcação!

— Deixe estar, Branx! — bradou um dos outros policiais. — Há muitos outros barcos.

Mas o Policial Branx não iria admitir que a sua autoridade tosse ignorada. Tirando o casaco e as botas, ele pulou na água suja e começou a nadar na direção da embarcação que se afastava, gritando o tempo todo.

— Traga esse barco imediatamente pra cá! Está me ouvindo? Imediatamente pra cá!

O comportamento absurdo dele fizera triplicar a multidão no cais. A estrutura de madeira rangia, como que advertindo aos que estavam empoleirados em cima dela que não seria sensato ficar lá por muito mais tempo. A advertência, contudo, foi ignorada. E quanto mais ruidosa se tornava a multidão, mais gente emergia da Grande Cabeça para ver o que estava acontecendo.

— Sabe de uma coisa, Candy — disse Tropella —, não que eu queira mais uma despedida apressada, mas...

— Mas se eu quiser ir embora sem ser notada, este seria um bom momento para isso?

— Certo. Você não concorda?

— Inteiramente — disse Candy.

A atenção de todos estava concentrada no policial nadando, que conseguira chegar até o fugitivo no barco e se alçara a bordo onde, apesar dos gritos dos seus companheiros instando-o a desistir, começou a discutir com o dono do barco, que prontamente bateu no policial com um remo. O remo se quebrou e o Policial Branx despencou por cima da amurada como um comediante do cinema mudo, afundando na água imunda.

Que confusão! Dessa vez fora o dono do barco quem pulara na água para arrastar o homem inconsciente para fora, preocupado sem dúvida com qual seria a penalidade caso o policial excessivamente dedicado se afogasse. No entanto, o choque do banho tirara o Policial Branx do seu estado de inconsciência e, assim que voltou à superfície, a altercação recomeçou. Os dois homens ficaram lutando e se agitando na água por algum tempo, enquanto Candy, depois do mais breve adeus aos Saltadores-do-Mar, esgueirou-se por entre a multidão em direção à porta da Yebba Dia Sombrio.

Enquanto ia, deu uma olhada por cima do ombro, para gravar na cabeça um último vislumbre de seus amigos; só para o caso de Treloso ter sido otimista demais nas suas crenças e eles todos jamais voltarem a se encontrar.

Mas Treloso se fora havia muito tempo, e todos os quatro Saltadores já tinham pulado na água e mergulhado para debaixo dos barcos, para escapar do porto sem ser vistos.

Candy teve uma súbita e aguda sensação de perda. Sentiu-se inteira e dolorosamente sozinha. Sem João Treloso, como iria se

arranjar naquele mundo estranho?

Não que ela sentisse necessidade de dar meia-volta e ir para casa. Não havia nada para ela em Galinhópolis, ou pelo menos nada que ela quisesse. Odiava o pai. E a mãe, bem, simplesmente fazia com que ela se sentisse vazia. Não, não havia nada lá para ela. Mas vir para cá, adentrar este estranho Novo Mundo, era como nascer de novo.

Uma vida nova sob estrelas novas.

Então foi com uma curiosa mistura de expectativa e coração pesado que ela pressionou o corpo contra o fluxo da multidão e acabou conseguindo passar pelas portas e entrar na cidade sobre os Estreitos da Penumbra.

13. NA GRANDE CABEÇA

CANDY SEMPRE SE ORGULHARA de ter uma imaginação vívida. Quando, por exemplo, comparava em segredo os seus sonhos com os que seus irmãos descreviam à mesa do café-da-manhã, ou os que suas amigas de escola contavam no intervalo, ela sempre descobria que as suas próprias visões noturnas eram muito mais desatinadas e esdrúxulas do que as de qualquer outra pessoa. Mas não havia nada que se lembrasse de ter sonhado, de dia ou de noite, que chegasse perto da visão com que se deparou na Grande Cabeça de Yebba Dia Sombrio.

Era uma cidade, uma cidade construída com detritos do mar. A rua sob seus pés era feita de tábuas que obviamente estavam na água havia muito tempo, e as paredes eram revestidas de pedras incrustadas de cracas. Três colunas sustentavam o teto, feito de fragmentos de coral cimentados uns nos outros. Eram, em si, colméias fervilhantes de vida; suas paredes elaboradamente construídas eram perfuradas por dúzias de janelas, de onde jorrava luz.

Havia três ruas principais que subiam serpenteando em volta daquelas colméias de coral, todas ladeadas por habitações e apinhadas de cidadãos de Yebba Dia Sombrio.

Até onde alcançava a vista de Candy havia uma grande quantidade de pessoas que se pareciam com a gente que ela esperaria ver nas ruas de Galinhópolis, tirando ou pondo algum detalhe na indumentária: um chapéu, um casaco, um focinho de madeira. Mas para cada pessoa que parecia perfeitamente humana, havia duas que pareciam perfeitamente não-humanas. Os frutos de mil casamentos entre a humanidade e o grande bestiário de Abarat estavam à solta nas ruas da cidade.

Entre os que passaram por ela quando se aventurou a subir a rua estavam criaturas que se pareciam com peixes, com gatos e cachorros, e leões e sapos. E isso contando apenas as espécies que reconheceu. Havia muitas outras que não reconheceu; formatos de rosto que a sua vida onírica jamais chegara perto de lhe mostrar.

Embora estivesse com frio, ela não se importou. Embora estivesse exausta até a medula dos ossos e perdida — tão, tão perdida —, ela não se importou. Aquele era um Novo Mundo se erguendo diante dela, e repleto de todo tipo de diversidade.

Uma linda mulher passou usando um chapéu que parecia um aquário. Dentro havia um grande peixe com uma expressão pungente que se assemelhava de um modo perturbador à da mulher em cuja cabeça se equilibrava. Um homem com a metade do tamanho de Candy passou correndo com um segundo homem que tinha a metade do tamanho do primeiro sentado no capuz do seu manto, atirando nozes ao ar. Uma criatura com escadas vermelhas em vez de pernas caminhava a passos largos através da multidão mais acima na rua, usando um gorro de bufão em um tom cor de laranja vivo. Uma nuvem de fumaça azul veio pairando e, quando passou por ela, apareceu um rosto indistinto no meio da nuvem e sorriu para Candy antes de ser dispersado pelo vento.

Aonde quer que olhasse havia algo de surpreendente. Além dos cidadãos, também havia incontáveis animais na cidade, selvagens e domesticados. Em cima dos telhados, macacos de caras brancas, como trupes de palhaços, expunham seus traseiros escarlates aos passantes. Animais do tamanho de chinchilas mas parecidos com micos-leões-dourados corriam de um lado para o outro por entre os cabos de força que pendiam entre as casas enquanto uma cobra, do mais puro branco e com olhos cor de turquesa, deslizava manhosa por entre os pés da multidão, tagarelando como um papagaio excitado. A sua esquerda, uma coisa que poderia ter tido uma lagosta por mãe e Picasso por pai estava grudada em uma parede, desenhando um auto-retrato lisonjeiro no

estuque branco com um pedaço de carvão. A sua direita, um homem segurando um tição tentava persuadir uma vaca, com uma infestação de gafanhotos amarelos pulando pelo corpo, a sair da casa dele.

Os gafanhotos não eram os únicos insetos da cidade. Longe disso. O ar estava repleto de vida que zumbia. Os pássaros no alto jantavam nuvens de ácaros que se inflamavam como minúsculos pontos de fogo. Borboletas do tamanho da mão de Candy voejavam logo acima das cabeças da multidão e, de quando em quando, pousavam em alguma cabeça escolhida como se fosse uma flor. Algumas eram transparentes, com veias palpitantes de sangue azul-vivo. Outras eram carnudas e gordas; estas eram o alimento preferido de uma criatura com a estrutura barroca de um pavão: um corpo atrofiado e uma vasta cauda, pintada em cores que Candy não sabia como definir.

E por todos os lados, entre aqueles absurdos, havia coisas que eram absurdamente reconhecíveis. As televisões estavam ligadas em muitas casas, suas telas visíveis através de janelas sem cortinas. Um menino de desenho animado sapateava numa tela, em outra cantavam uma canção sentimental qualquer, e numa terceira diversos lutadores combatiam: humanos contra enormes insetos rajados que pareciam profundamente enfadados com aquilo tudo. Havia muitas outras coisas que Candy reconheceu. O cheiro de carne queimada e cerveja derramada. O som de meninos brigando. Risadas, como quaisquer outras risadas. Lágrimas, como quaisquer outras lágrimas.

Para sua grande surpresa, ouvia-se falar inglês por toda parte, embora fossem dúzias de dialetos. E, é claro, as partes da boca que pronunciavam as palavras também contribuíam um pouco para determinar a natureza do inglês que estava sendo falado: às vezes, era agudo e anasalado, uma variação que parecia quase a ponto de se transformar em música. De outras direções, chegava uma versão gutural que às vezes degenerava em rosnados e ganidos.

Tudo isso, e ela avançara talvez cinqüenta metros dentro de Yebba Dia Sombrio.

As casas no nível inferior da Grande Cabeça, por onde caminhava agora, eram todas vermelhas, e suas fachadas se inclinavam para a frente. Candy logo entendeu por quê. Elas eram feitas com barcos, ou restos de barcos. A julgar pelas portas, que eram redes penduradas, os ocupantes daquelas casas eram famílias de pescadores que tinham se assentado ali. Eles tinham arrastado suas embarcações para fora do ar frio da noite e levado um martelo e um pé-de-cabra para as cabines, o convés e o porão, arrancando as tábuas para construir algum tipo de habitação em terra. Não havia ordem nenhuma naquilo; as pessoas pareciam simplesmente ocupar qualquer espaço que estivesse disponível. De que outro modo se poderia explicar aquele arranjo caótico de embarcações umas por cima das outras?

Quanto à energia elétrica, parecia ser abertamente roubada dos que moravam mais alto na cidade (e que, portanto, eram presumivelmente mais ricos). Cabos desciam pelas paredes, entrando nas casas e saindo de novo, para prover o serviço à casa seguinte.

Não era um sistema infalível, de modo algum. A qualquer momento, quando se olhava para cima — para as centenas, talvez milhares de casas empilhadas —, as luzes de alguém estavam piscando, ou havia gente discutindo sobre os cabos. Sem dúvida a presença de macacos e pássaros, bicando os cabos ou simplesmente se balançando neles, não ajudava a melhorar as coisas.

Era espantoso, pensou Candy, que aquela absurda reunião de pessoas, animais e moradias chegasse a funcionar. Ela não era capaz de imaginar a gente de Galinhópolis convivendo com aquela diversidade caótica. O que eles pensariam da criatura com pés de escada, ou do bebê bestial atirando nozes ao ar?

Preciso me lembrar de todos os detalhes que puder — até o último tijolo, a última borboleta — para poder contar como foi quando voltar para casa. Será, pensou ela consigo mesma, *que fabricam máquinas fotográficas aqui? Se eles têm televisões,* raciocinou, *então com certeza devem ter máquinas fotográficas.*

É claro que primeiro ela teria de descobrir se os poucos dólares encharcados e retorcidos que tinha no fundo do bolso valiam alguma coisa ali. Se valessem, e se ela pudesse encontrar algum lugar onde comprar uma máquina fotográfica, poderia fazer um registro apropriado do que estava vendo. Então teria a prova, a prova absoluta de que aquele lugar, com todas as suas maravilhas, existia.

— Você está com frio?

A mulher que se dirigira a ela parecia ter algum Saltador-do-Mar entre os seus ancestrais. Guelras atrofiadas desciam da metade inferior da bochecha até o pescoço, e sua pele parecia ser levemente malhada. Os olhos tinham um brilho sutil de prata.

— Na verdade estou, um pouco — disse Candy.

— Venha comigo. Meu nome é Izarith.

— O meu é Candy Quackenbush. Sou nova por aqui.

— Sim, deu pra perceber — disse Izarith. — Está frio hoje; a água sobe através das pedras. Um dia este lugar vai apodrecer e desabar sobre si mesmo.

— Isso seria uma pena — disse Candy.

— Vê-se que você não mora aqui — disse Izarith, com um quê de amargor.

Ela levou Candy a uma das casas feitas de barcos de pesca. Enquanto seguia a mulher até a porta, Candy sentiu uma pontinha de dúvida. Por que estava sendo convidada a entrar na casa de

Izarith tão depressa, sem nenhum motivo real além da generosidade de uma estranha?

Izarith pareceu sentir o desconforto dela.

— Não precisa entrar, se não quiser — disse ela.— Eu só achei que você estava precisando de um fogo para se aquecer. Antes que Candy pudesse responder, ouviu-se uma série de estrondos do lado de fora da Cabeça, acompanhados por um alarido de gritos e guinchos. — A doca! — disse Candy, olhando para trás na direção da porta.

Obviamente o píer tinha finalmente cedido debaixo do peso da multidão. Um bando de gente saiu correndo para ver a calamidade, o que evidentemente só iria piorar as coisas lá fora. Izarith não demonstrou vontade de ir ver o que acontecera. Ela apenas disse:

— Você vai entrar?

— Sim — disse Candy, oferecendo à mulher um sorriso de agradecimento e seguindo-a para dentro.

Bem como Izarith prometera, havia fogo aceso na pequena lareira, que a mulher alimentou com um punhado de algo que parecia ser algas secas. O combustível foi consumido rápida e vivamente. Uma reconfortante onda de calor chegou até Candy.

— Ah, que bom — disse ela, aquecendo as mãos.

No chão, na frente do fogo, havia uma criança, ou talvez duas, com traços uma geração mais afastados das origens marítimas de seus avós, ou talvez de seus bisavós.

— Esta é Maiza. Maiza, esta é Candy. Diga olá.

— ô-lá — disse Maiza.

Cumprido o dever de cortesia, Maiza retornou aos seus brinquedos, que eram pouco mais que blocos de madeira pintados. Um deles era um barco, pintado de vermelho; uma réplica rústica,

talvez, da embarcação com cujas tábuas tinham sido construídas aquelas paredes.

Izarith foi dar uma olhada na outra criança; um bebê, dormindo em um berço.

— Este é Nazré — disse ela. — Está doente desde que viemos para cá. Ele nasceu no mar, e acho que quer voltar para lá.

Ela se curvou sobre o berço e falou suavemente com o bebê:

— É isso que você quer, não é, meu bem? Você quer ir embora para longe daqui.

— Você também quer isso? — disse Candy.

— De todo o coração. Odeio este lugar.

— E não pode ir embora? Izarith negou com a cabeça.

— Meu marido, Ruthus, tinha um barco, e costumávamos pescar em volta das Ilhas Exteriores, onde ainda existem bons cardumes. Mas o barco estava ficando velho. Então viemos para cá, para trocá-lo por um novo. Tínhamos algum dinheiro guardado das pescarias da temporada e achamos que iríamos conseguir uma boa embarcação. Mas não havia barcos novos para comprar. Ninguém mais está construindo. E agora estamos quase sem dinheiro. Então meu marido está trabalhando na construção de banheiros para as pessoas que moram nas torres, e eu estou presa aqui embaixo com as crianças.

Enquanto contava a sua história, ela abriu uma cortina improvisada que dividia o pequeno cômodo em dois e, depois de procurar em uma caixa de roupas, selecionou um vestido simples, que entregou a Candy.

— Aqui está — disse ela. — Vista este. Se continuar com essas roupas molhadas por muito mais tempo, vai ficar resfriada.

Agradecida, Candy pôs o vestido, sentindo-se secretamente envergonhada por suas suspeitas iniciais. Obviamente Izarith tinha um bom coração. Tinha muito pouco para compartilhar, mas o pouco que tinha, estava oferecendo.

— Ele serve em você — disse Izarith enquanto Candy amarrava um cinto simples de corda na cintura. O tecido do vestido era marrom, mas tinha uma sutil iridescência; um toque de azul e prata na trama.

— Qual é a moeda corrente aqui? — perguntou Candy.

Izarith ficou evidentemente surpresa com a pergunta, o que era compreensível. Mas mesmo assim respondeu:

— É um zem — disse ela. — Ou um paterzem, que é uma nota de cem zens.

— Ah.

— Por que você pergunta?

Candy enfiou a mão no bolso do seu jeans. — É só que eu tenho alguns dólares — disse ela.

— Você tem dólares? — disse Izarith, a boca escancarada de perplexidade.

— Sim. Uns poucos.

Candy tirou do bolso as notas empapadas e as estendeu cuidadosamente na frente da lareira, onde ficaram fumegando diante do fogo.

Os olhos de Izarith não abandonaram mais as notas desde o momento em que elas apareceram. Era quase como se estivesse testemunhando um milagre.

— Onde você arranjou essas...? — disse ela, ofegante em sua perplexidade. Finalmente conseguiu desgrudar os olhos da lareira e olhou para Candy.

— Espere aí — disse ela. — Será possível?

— Será possível o quê?

— Você... veio do Mais-Além? Candy assentiu com a cabeça.

— Na verdade, eu vim de um lugar chamado Estados Unidos da América.

— Estados Unidos da América — Izarith pronunciou o nome como se fosse uma oração. — Você tem dólares, e você veio da América. — Ela balançou a cabeça, incrédula.

Candy agachou-se em frente ao fogo e descolou as notas, já quase secas, da lareira.

— Tome — disse ela, oferecendo-as para Izarith. — Fique com elas.

Izarith sacudiu a cabeça com uma expressão que era quase de reverência religiosa.

— Não, eu não posso. Não dólares. Só os anjos usam dólares, não uma skizmut como eu.

— Então aceite de mim — disse Candy —, eu não sou um anjo. Muito longe disso. E o que é uma skizmut?

— Skizmut é o meu povo. Ou era, gerações atrás. A descendência se diluiu com o passar dos anos. Você precisa ir até o meu bisavô para encontrar um skizmut puro.

Ela parecia melancólica; uma expressão que combinava com o formato do seu rosto melhor que qualquer outra.

— Por que está tão triste?

— Eu bem que gostaria de voltar às profundezas e fazer lá o meu lar, longe de tudo isto...

Izarith voltou os olhos tristes para a janela, que não tinha moldura nem vidraça. A multidão lá fora se movia como um desfile

interminável.

Candy podia ver como devia ser difícil subsistir naquela choça minúscula, com a multidão do crepúsculo subindo e descendo a rua lá fora, em todas as horas enviadas por Deus.

— Quando você diz "às profundezas" — perguntou Candy —, quer dizer ao mar?

— Sim. Mamãe Izabella. Os skizmuts tinham cidades lá embaixo. No fundo do oceano. Lindas cidades, construídas em pedra branca.

— Você as viu?

— Não, é claro que não. Depois de duas gerações, você perde o dom dos peixes. Eu me afogaria, como você.

— Então, o que vocês podem fazer?

— Viver em um barco, o mais perto possível das profundezas. Viver com o ritmo de Mãe Izabella embaixo de nós.

— Bem, talvez os dólares ajudem você e Ruthus a comprar um barco — disse Candy.

Candy entregou a Izarith uma nota de dez e uma de um, e guardou seis para si mesma.

Izarith deu uma gargalhada, e a música do seu riso foi tão contagiante que a sua filha, Maiza, também começou a rir.

— Onze dólares? Onze. Isto daria para comprar dois barcos! Três barcos! Isto vale uns dez paterzens! Mais, eu acho! — Ela ergueu os olhos, subitamente ansiosa. — E isto é mesmo para mim? — disse ela, como se temesse que o presente fosse pedido de volta.

— E tudo seu — disse Candy, sentindo-se meio estranha por soar tão magnânima. Afinal, eram só onze dólares.

— Vou gastar um pouquinho desta aqui — disse Izarith separando uma nota de um dólar e embolsando o resto. —Vou comprar um pouco de comida. As crianças ainda não comeram hoje. Acho que você também não comeu. -- Seus olhos estavam brilhando; a alegria deles era aumentada pelo lustro prateado que era um dom da sua origem skizmut. — Você fica com eles enquanto eu saio? — disse ela.

— É claro — disse Candy. De repente, ela percebeu que estava morrendo de fome.

— Maiza?

— Sim, mamãe?

— Você vai ser boazinha com a lady do Mais-Além enquanto eu vou buscar pão e leite?

— Bolinhos de grish! — disse Maiza.

— É isso que você quer? Bolinhos de grish com sementes de noga?

— Bolinho de grish com sementes de noga! Bolinho de grish com sementes de noga!

— Não vou demorar muito — disse Izarith. — Vamos ficar bem — disse Candy, sentando-se ao lado da criança em frente ao fogo. — Não vamos, Maiza? A criança sorriu de novo, os dentinhos semitranslúcidos com um toque de azul.

— Bolinho de grish com sementes de noga! — disse ela. — Tudo pra mim!

14. CARNIÇA

NO DECORRER DOS SEUS MUITOS ANOS de serviços prestados a Cristóvão Carniça, Vivaldo Stampa chegou a conhecer muito bem a geografia da Décima Segunda Torre na Ilha de Gorgossium. Sabia se orientar pelas cozinhas e salas de oráculo, nos porões das câmaras mortuárias, pela Capela Negra e pelas Salas de Lágrimas.

Mas naquele dia, ao retornar à Torre com a notícia de que tinha perdido tudo (a Chave, Treloso e a sua cúmplice no roubo, a menina chamada Candy), Stampa ouviu de Naw, o criado de cabeça inchada, que deveria se apresentar era uma câmara que nunca visitara antes: a Grande Biblioteca, perto do topo da torre.

Obedientemente, foi o que fez. Era a maior sala em que já tinha entrado na vida: uma câmara enorme, redonda, sem janelas, com pilhas de livros que se erguiam talvez doze metros no ar.

Aguardando pela chegada do seu amo, Vivaldo não era um homem feliz. Estava vestindo um surrado casaco comprido, que era forrado de lã de filhote de lobisomem, mas não conseguia impedir o frio de chegar à medula de seus ossos. Os dentes queriam bater, mas ele os impediu de fazer isso. Demonstrar medo não seria bom, sabia disso. Carniça apenas ficaria inspirado a cometer crueldades se percebesse que a criatura com a qual estava falando sentia medo.

Vivaldo testemunhara as crueldades de Carniça muitas vezes. Ele vinha ocasionalmente para essa torre e parecia ter sempre alguém chorando, ou gritando, ou implorando por misericórdia atrás de cada porta: tudo obra de Carniça. Naquele mesmo dia, subindo as escadas para a Grande Biblioteca, ele ouvira alguém atrás das pedras, trancado para sempre em algum espaço escuro e estreito nas paredes, chamando por ele, soluçando por luz, um pedaço de pão, misericórdia.

Mas esse era o lugar errado para procurar misericórdia, Vivaldo sabia. Os tetos abobadados da Décima Segunda Torre — onde tinham sido pintadas cenas aterrorizantes — já tinham visto muitas cenas horríveis e, Vivaldo tinha certeza, nenhuma terminara com um ato de misericórdia.

Sua perna sem pé estava doendo, mas ele não se atreveu a sentar, caso Carniça entrasse e o pegasse sem fazer nada. Em vez disso, para passar o tempo, ele foi até uma das muitas mesas da Biblioteca, cheias de livros empilhados que presumivelmente tinham sido descidos das prateleiras porque atraíram o olhar de Carniça.

Um deles, em cima de um pequeno atril para facilitar a leitura, era um volume de que Stampa se lembrava desde a sua infância: *Rimas e disparates de Tapacaixão*. O livro era um dos seus favoritos, continha muitos versinhos e canções de ninar que ainda sabia de cor, inclusive aquele que cantara para a menina do Mais-Além. Estava aberto em uma sinistra cantiga infantil de que ele já tinha se esquecido. Mas agora, ao ler de novo, seu encantamento se renovou.

Monstrenguinho, monstrenguinho,
Aonde vais a correr?
A sepultura lá fora,
Em folguedos te entreter?
Dançar com esqueletos
Saídos do chão?
Pular numa jiga
Por sobre o caixão?

Seus lábios se mexiam enquanto ele escandia os versos, e aquilo trouxe à tona uma remota lembrança de sua mãe, Miasma Stampa, sentada com seus três meninos, Necas, Neres e Vivaldo, lendo em voz alta a obra de Tapacaixão. Oh, como ele idolatrava a mãe!

Ele prosseguiu lendo.

Monstrenguinho, monstrenguinho,
Como és feio, ó infeliz!
Tens as asas de um morcego,
Focinho com cicatriz;
Tens as presas de um vampiro,
A cauda de uma serpente;
Tu abres essa bocarra
E sai um som repelente:
Canção que o Diabo canta,
Tão cruel e estridente.
Conta pra mim, meu bebê:
Tua mãe, orgulho sente?

"Canção que o Diabo canta." Aquela era uma frase que persistia em sua cabeça ao longo dos anos, embora tivesse esquecido, até então, a origem dela. Muitas vezes já se perguntara se poderia ter esperanças de, um dia, fazer uma canção assim.

Deixou escapar um som da garganta. Um rosnado surdo, ameaçador, que foi amplificado pela câmara circular. Oh, sim, aquele era um ruído que poderia infundir medo no coração do inimigo. Aquele seria o som, pensou, que faria quando encontrasse de novo aquela menina desgraçada. Um som tão horripilante que faria seu juízo se esfacelar.

Ele emitiu um ruído ainda mais forte e, do topo das pilhas de livros, perturbadas pelo barulho, mergulharam duas criaturas aladas, que desceram até um ponto a cerca de um metro acima da cabeça dele e lá ficaram pairando. Eram do tamanho de abutres e tinham caras cinzentas e intumescidas, como querubins monstruosos.

— O que vocês querem? — disse ele, erguendo a cabeça e olhando intensamente para as criaturas.

Seus olhinhos sem branco se fixaram nele por um momento; e então elas pareceram decidir que ele não era importante e voltaram aos seus poleiros, subindo em largas espirais até o topo das pilhas de livros.

Vivaldo voltou à estrofe final do poema.

Monstrenguinho, monstrenguinho,
Aonde vais a correr?
Não sair pela manhã,
Não pra ver o sol nascer.
Vives em meus pesadelos,
Te escondes da luz do dia;
E lá, pequeno...

— Stampa?

O homem de um pé só se voltou.

A voz viera das sombras, do outro lado da sala. Nenhuma porta se abrira para deixar entrar quem falou. Estava lá o tempo todo, observando Vivaldo. Ouvindo-o praticar os seus rosnados.

Vivaldo não se mexeu. Ele simplesmente estudou as sombras, aguardando o surgimento da pessoa que se dirigira a ele. Sabia, é claro, quem era essa pessoa. Era o Lorde da Meia-Noite em pessoa: Cristóvão Carniça.

— Sente-se — disse a voz. — Por favor, Stampa, sente-se. Gosta de livros?

Era uma voz profunda e, mesmo na mais simples das perguntas, tinha um quê de desespero. Era a voz de alguém que mergulhara no abismo.

Vivaldo podia vê-lo agora, vagamente. Era uma figura imponente, um metro e noventa ou mais, usando um manto comprido e negro que era a razão pela qual se mesclava tão bem com as sombras.

Ele veio na direção de Stampa, e as velas sobre a mesa o iluminaram um pouco.

Tinha olhos mais penetrantes que qualquer pessoa que Vivaldo conhecesse. Eles faiscavam em sua cabeça pálida e calva. Como sempre, usava um colarinho de um material translúcido que parecia vidro, feito para esconder a metade inferior da cabeça. O colarinho estava cheio de um fluido azul, o qual agora se acendera de repente, iluminado pela presença de diversas formas serpenteantes. Elas cintilavam naquele fluido: algumas em branco como um relâmpago de verão, outras em amarelo como gordura fatiada, tecendo desenhos brilhantes em volta da cabeça do Lorde da Meia-Noite. Obviamente ele sentia prazer com a proximidade delas, talvez até uma espécie de conforto. Quando uma delas encostou na sua pele ele sorriu, um sorriso tão horripilante que Vivaldo teve vontade de sair correndo.

Pelo que Naw lhe contara, sabia por que Carniça sorria daquele jeito, e o que eram aquelas formas brilhantes. Carniça descobrira um jeito de canalizar todos os pensamentos e imagens de pesadelo que saíam da sua cabeça e trazê-los àquela forma semifísica. Ele respirava o fluido, as formas cintilantes entravam e saíam em sua boca e suas narinas, impregnando-lhe a alma com seus próprios pesadelos.

A voz dele, ecoando através daquela sopa de visões sombrias, estava contaminada pelo poder desses pesadelos; o terror tocava cada sílaba que ele pronunciava.

— Os livros, Stampa...

— Sim? Ah, sim, os livros. Eu tenho livros. Alguns.

— E o que mais você tem? — disse Carniça.

As luzes serpenteantes cintilavam em volta da cabeça do Lorde da Meia-Noite. Seus olhos estavam fixos em Vivaldo.

— Ou não tem?

— Quer dizer, a Chave?

— Sim, é claro. A Chave. O que mais eu quereria dizer?

— Lorde, por favor, me perdoe. Não tenho a Chave.

Vivaldo ficou esperando, com medo de que Carniça fosse até ele; para bater nele, talvez. Mas não. Carniça só ficou lá parado, perfurando Stampa com seu olhar vazio.

— Prossiga — disse ele calmamente.

— Eu... eu encontrei os homens que a roubaram de você.

— João Treloso e seus irmãos.

— Sim.

— Ele escapou para Efrit com a Chave e pegou um barco para o Mais-Além. Fui atrás dele e afundei o barco, e achei que ia pegá-lo... — Mas?

— A maré estava do lado dele. Ela o arrastou até o outro lado.

O caminho inteiro, até o Mais-Além? — disse Carniça, com um toquez.inho de ansiedade na voz.

— Sim.

— E como são as coisas por lá? — ele perguntou em um tom quase coloquial.

— Vi muito pouco. Estava tentando pegar Treloso.

— É claro que estava. Você estava sinceramente fazendo o melhor que podia, mas ele conseguia se esquivar. Oito cabeças pensam melhor do que uma, não é? Você estava em desvantagem.

— Eu estava, Lorde — disse Vivaldo, começando a ousar pensar que o seu amo estava entendendo os riscos que seu servo Stampa linha corrido para ir até o Mais-Além e voltar.

Carniça dirigiu-se à maior das cadeiras da sala. Sentou-se nela e entrelaçou os dedos de leve diante de si, como se fosse rezar.

— E então? — disse ele.

— Então...?

— Conte-me o que aconteceu.

— Ah. Bem... Eu quase o alcancei, no Porto do Grito.

— O Porto? Pensei que tinha sido destruído.

— Restaram algumas pequenas partes, Lorde. Um farol. Um píer.

— Nenhum navio?

— Nenhum navio. Acho que os que foram afundados estão enterrados no solo. De qualquer modo, não vi nenhum.

— Então prossiga. Você foi até o Porto e...

— Ele tinha uma cúmplice.

— Além dos irmãos?

— Sim. Uma menina. Uma menina do Mais-Além.

— Ah, ele tinha uma cúmplice. E uma menina, ainda por cima. Pobre Stampa. Você não teve a menor chance.

— Não, Lorde.

— Então ele deu a Chave para ela?

— Se ele deu? Não sei. Deu. É possível.

— Ele deu ou não deu a Chave para ela? — perguntou Carniça, sua voz sutilmente mais alta e ameaçadora.

Vivaldo olhou para o chão. Seus dentes começaram a bater, embora tivesse prometido a si mesmo que iria se conter.

— Olhe para mim, Stampa.

Vivaldo estava com medo de obedecer. Manteve os olhos baixos, como um homem confrontado por um animal enfurecido.

— Eu disse: olhe para mim!

Stampa teve a impressão de que alguma coisa segurara a sua cabeça e a atirara para trás, forçando-o a olhar para o homem sentado diante dele. Um instante depois, aquele mesmo poder pressionou-lhe os ombros para baixo, empurrando-o para o chão de mosaico com tanta força que os seus joelhos estalaram como chicotes.

O rosto de Carniça era esquelético, e as marcas em volta da boca (onde, de acordo com os rumores, sua avó Mater Heteróclita certa vez costurara os seus lábios) pareciam os dentes de uma caveira; a carne seca acima da linha do fluido era quase mumificada. Só os olhos é que realmente tinham vida. E era uma vida insana, irremediavelmente ensandecida. Não havia nada no mundo que Vivaldo Stampa desejasse mais do que sair da Biblioteca naquele instante.

— Você me decepcionou — disse Carniça.

Sua voz pareceu ressoar na cabeça de Vivaldo de tal forma que ele, de repente, com uma sensação de náusea, se deu conta do formato do seu próprio crânio, da caveira sinistra que mal se ocultava logo atrás da pele.

— Desculpe. Fiz tudo o que pude. Eu juro.

— Qual era o nome dessa menina?

— Só ouvi um nome. Candy.

O lábio superior de Carniça virou para cima só de pensar em açúcar-cande.

— Você a reconheceria se a visse de novo?

— Sim. É claro.

— Então tudo indica que devo deixá-lo viver, Vivaldo. Você lidou com essa menina. Será que sabe alguma coisa da natureza dela?

— Sim. Acho que sei — disse Stampa através dos dentes, que não paravam de bater. Queria desesperadamente desviar os olhos da cara de Carniça, mas o Lorde da Meia-Noite o segurava.

— Acho que provavelmente ela está com a Chave, você não acha?

— Mas Treloso...

— Entregou a ela.

— Eu não vi nada disso, Lorde.

— Mas ele teria feito isso.

— Se mal lhe pergunto... Por que você tem tanta certeza disso?

— É que ele é como você. Está cansado da perseguição. Quer que outra pessoa esteja na minha mira, ao menos por algum tempo. — Carniça fez uma pausa e olhou para o teto. As querúbicas criaturas, despertadas em seus poleiros pelos sons da tormenta abaixo, estavam voando em círculos pela abóbada da Biblioteca, apreciando o espetáculo.

Finalmente, Carniça disse:

— Você vai ter de voltar e achar essa menina para mim.

— Mas, Lorde...

— Sim?

— Ela veio para cá.

Carniça levantou-se da cadeira.

— Você a viu, aqui?

— Não. Eu vi que ela foi arrastada pela maré.

Então ela pode ter se afogado! Pode estar na barriga de um mantizac!

Ele veio, afinal, na direção de Vivaldo, com as mãos erguidas. Tomado por uma espécie de alívio terrível porque ia receber o que merecia, Stampa sentiu-se levantado no ar, muito embora Carniça não o tivesse tocado, Ele foi jogado por cima da mesa mais próxima e os livros, inclusive as *Rimas de Tapacaixão,* saíram voando. Vivaldo foi subjugado por uma força invisível, tão poderosa que o impedia de respirar livremente. Ele ouviu o seu osso esterno estalar.

— Escute bem, Stampa — disse Carniça. — Os seus irmãos estão mortos por causa dos fracassos deles, e você vai juntar-se a eles na cova cheia de cal se não tiver sucesso nesta última empreitada. Você entendeu?

Vivaldo mal conseguiu assentir com a cabeça.

— Trate de encontrar essa... Candy. Se estiver morta, me traga o corpo dela. Posso interrogar os mortos se for preciso. Quero saber que tipo de criatura ela é. Você disse que a maré a arrastou?

— Foi o que me pareceu — disse Vivaldo.

— Isso é estranho. Depois de tudo o que aconteceu, tenho certeza de que a Nossa Senhora Izabella preferiria afogar a maioria das almas a trazê-las para cá.

Carniça tirou os olhos de Stampa pela primeira vez em vários minutos, e Stampa sentiu relaxar um pouco a pressão da força sobre ele.

— Há alguma coisa de estranho aqui — disse Carniça, meio consigo mesmo. — Alguma coisa misteriosa.

— Como vou encontrá-la, Lorde, se ela pode estar em qualquer uma das ilhas?

— Você terá ajuda para isso — disse Carniça, sua ira aparentemente acalmada. — Desça para as cozinhas. Coma. Aguarde notícias de Naw. Eu o verei de novo quando tiver alguma pista...

— Sim, Lorde.

— Uma menina, hein? — disse Carniça, como se a idéia o divertisse. Ele então se afastou e foi envolvido pelas trevas. Com aquele peso de rachar os ossos removido do seu peito, Stampa rolou, ofegante, para fora da mesa.

Lá em cima no teto abobadado, os ignóbeis querubins ainda estavam voando em círculos, matraqueando uns com os outros, excitados com a violência que acabavam de presenciar.

Vivaldo ignorou-os. Ficou de pé e aguardou por alguns momentos até que a dor no peito passasse.

Ele então coxeou até a porta e saiu para descer à cozinha, prometendo a si mesmo queimar os poucos livros que tinha assim que chegasse em casa, por medo de que fizessem lembrar os horrores por que acabara de passar.

III. ONDE É QUANDO?

O Dia é palavras e fúria.
O Dia é ordem, terra e ouro.
E os filósofos em suas cidades;

É os cartógrafos em suas terras devastadas.
E estradas e seus marcos,
E pânico, é riso e sobriedade;
Branco, e todas as coisas enumeradas.
Ele é carne; é vingança; é visibilidade.

A Noite é azul e negra.
A Noite é silêncio, poesia e amor.
E os dançarinos em seus bosques de ossos,
É todas as coisas em transformação.
Ela é sina, é liberdade.
E máscaras e prata e ambigüidade,
Ela é sangue; ela é perdão;
E a música invisível do instinto.

Fasher Demerondo
A divisão das horas

15. INSETO

TALVEZ FOSSE o calor do fogo, talvez o estranho aroma do vestido que ela ganhara, talvez simplesmente o fato de que estava exausta; qualquer que fosse a razão, Candy entregou-se a um cochilo gostoso em frente ao fogo de Izarith enquanto a pequena Maiza cantarolava as rimas de algum jogo infantil ao seu lado. Não era um sono profundo o bastante para trazer sonhos, apenas umas poucas lembranças bruxuleantes de coisas que ela tinha visto nas últimas horas. O farol, em toda a sua glória maltrapilha no meio do capinzal, abandonado mas à espera. A bola azul-turquesa, gravada com exatamente o mesmo desenho que Candy rabiscara em seu livro de exercícios. O Mar de Izabella rolando, vindo do nada, como um milagre espumante...

Ela abriu os olhos de repente, o coração aos pulos. Alguma coisa lhe disse para se mover com muita cautela e ela o fez, virando a cabeça bem devagarzinho para descobrir o que estava fazendo aquele barulho tão peculiar.

No meio do quarto pairava uma criatura que lembrou a Candy o cruzamento de um gafanhoto muito grande com uma libélula. Suas asas eram de um verde vivo e ele tinha grandes olhos malignos; em sua cabeça havia um desenho que, à primeira vista, parecia um sorriso.

Ela deu uma olhada para Maiza. Era óbvio que a pobre criança entendia tão pouco quanto Candy o que aquela coisa era. Estava agarrada à beira do berço como se estivesse prestes a escalá-lo e se esconder lá junto com o irmão se a criatura fosse para cima dela.

Candy não tinha tempo para insetos, fossem eles grandes ou pequenos. Lá em Galinhópolis eram freqüentes as pragas de moscas, por causa das granjas, e não havia nada que ela detestasse mais do

que entrar na cozinha e encontrar uma legião de grandes insetos azuis rastejando nos pratos que sua mãe deixara na pia antes de sair para o trabalho. Candy não era nada sentimental em relação a moscas. Pegava um pano e as chicoteava, derrubando-as em pleno vôo e matando-as quando caíam no chão.

Sabia onde elas tinham estado: nos galinheiros, comendo excremento de galinha, ou se alimentando do sangue coagulado que fedia nos esgotos em volta do abatedouro. Candy pensava nelas como doenças voadoras. Mosca boa era mosca morta. O mesmo quanto às baratas, que invadiam periodicamente a casa dos Quackenbush na rua Followell. Com elas Candy também não tinha piedade.

Mas aquele inseto era de um outro nível e Candy não tinha muita certeza de como tratá-lo. Para começar, era muito grande; mais como um pássaro que como um inseto. Não tinha medo de que ele a picasse ou mordesse; estava bem preparada para correr esse risco. Mas tinha medo de irritá-lo e vê-lo voltar-se contra as crianças. Em vez de tentar matá-lo com uma palmada como se fosse uma grande vespa, decidiu tratá-lo como se realmente fosse um pássaro e tentar convencê-lo a sair pela porta.

— Maiza?

— Eu quero a mamãe.

— Ela já vai voltar. Quero que você fique sentada, muito quieta, está bem?

— Está.

Tendo instruído a criança, Candy tentou se posicionar de modo a poder enxotar o inseto pela porta. Mas quando ela se movia pelo quarto, a criatura se reposicionava de modo a estar sempre olhando diretamente para ela. Quando Candy se aproximou, a coisa não deu sinal de que pretendia se retirar e, em vez disso, estendeu o pescoço, fazendo os seus olhos de inseto parecerem ainda maiores.

Toda essa manobra deu a Candy tempo suficiente para estudar a coisa e avaliar as complexidades dela.

Ela não devia ter ficado surpresa com o fato de que um mundo que continha espécies tão estranhas como os Saltadores-do-Mar tivesse insetos bizarros como aquele, porém quanto mais olhava, mais inusitado lhe parecia. Seus olhos tinham uma profundidade enervante, como se, por trás da camada de lustro azul-esverdeado, houvesse algo mais que uma inteligência insetóide.

De fato, o modo como a encarava tinha algo de quase inteligente demais. Os insetos não deveriam ser idiotas? Então, por que aquela coisa a estudava como se tivesse vontade própria?

Ela tentou de tudo para pôr a criatura pela porta afora, mas ela se recusava a ir; decidiu então tentar o plano B. Quando um pássaro entrava na casa (evento raro, mas que deixava a mãe de Candy em pânico), cabia sempre a Candy enxotá-lo. Ela aplicou o mesmo método.

Foi até o catre estreito encostado na parede oposta, onde — ao que parecia — Izarith, seu marido e Maiza dormiam, e pegou um lençol. Quando se voltou, viu que a criatura a seguira. Antes que tivesse tempo de planejar o que estava fazendo, ela brandiu o lençol, atirou-o sobre a criatura e puxou-a para o chão.

A libélula começou imediatamente a bater as asas desesperadamente e a produzir um som extraordinariamente parecido com o de um bebê soluçando, escalas crescentes de queixumes que o lençol fazia muito pouco para abafar. Candy segurou firme, tentando capturar a criatura sem feri-la. Juntou as pontas do lençol por baixo do inseto e, delicadamente, transportou-o para a porta. Mas ela não contava com a violência dos movimentos da criatura. Batia as asas tão desesperadamente, e suas asas eram tão fortes que começaram a rasgar o tecido fino como se não passasse de um saco de papel.

Candy apressou o percurso até a porta, mas a criatura era rápida demais para ela. Rasgou o lençol, alçou-se ao ar outra vez e ficou adejando, dando sete ou oito voltas parada no ar. Obviamente queria averiguar quem lhe dera aquele golpe baixo. Quando fixou os olhos na sua captora, voou desafiadora para mais perto que nunca, e Candy viu o escuro atrás daqueles olhos se fechar como uma íris mecânica.

— Você não é real — disse para a coisa, surpresa e incomodada ao mesmo tempo. Surpresa porque tinha sido enganada por sua perfeição por tanto tempo, e incomodada exatamente pela mesma razão.

A coisa a estava espionando.

— Bicho maldito! - disse ela, chicoteando o ar com o lençol para todos os lados, como teria feito na cozinha da casa da rua Followell se estivesse perseguindo um moscardo azul.

A criatura era tão grande (e talvez estivesse um pouco atordoada com suas próprias manobras) que Candy logo conseguiu apanhá-la com o lençol e derrubá-la. Ela atingiu o chão com muita força.

Assim que a coisa bateu no assoalho, Candy percebeu que o seu palpite sobre a verdadeira natureza dela estava correto. O som foi inegavelmente metálico.

Ela puxou o lençol. A coisa estava caída de lado, uma das asas batendo fracamente, a outra completamente parada, e as seis pernas pedalando devagar como se alguém tivesse acabado de tirar uma bicicleta do meio delas.

Mas mesmo ferida e atordoada ela voltou seus olhos de inseto para Candy, que ouviu um zumbido encoberto até então pelo barulho das asas.

O que ela estava ouvindo era o som produzido pelo mecanismo da criatura, que nitidamente estava bastante danificado.

Mesmo assim, Candy achou melhor não confiar. Já tinha visto baratas que tinha certeza de estarem pra lá de mortas se levantarem e saírem andando como se nada tivesse acontecido. Enquanto aquele bicho estranho desse sinais de vida, representava perigo.

Ela foi até a lareira e pegou o ferro usado para atiçar o fogo. Então, mantendo distância da coisa, tocou-a com a ponta do atiçador.

O que aconteceu a seguir foi tão rápido que pegou Candy completamente desprevenida. A criatura virou-se de um salto e rastejou pelo atiçador acima com a velocidade de uma cobra dando o bote.

Antes que Candy pudesse largar o atiçador, o desenho embaixo dos olhos do inseto se abriu como a boca de um caranguejo e um ferrão, com uns quinze centímetros de comprimento, surgiu e cravou-se na mão de Candy, bem na carne macia que fica entre o polegar e o indicador. O sangue começou a correr. Gritando de dor, Candy deixou cair o atiçador de ferro.

Ela levou imediatamente a ferida à boca e sentiu o gosto forte do próprio sangue e, talvez, das entranhas metálicas da criatura, de onde saíra o ferrão.

Enquanto isso, o inseto pulara fora do atiçador e estava finalmente se retirando. Dava para ver que ele estava ferido; duas de suas pernas tinham entortado e estavam sendo arrastadas atrás dele.

Ao mesmo tempo, enquanto fugia, passava por uma extraordinária transformação.

Sem que ele perdesse um passo sequer em sua marcha acelerada, duas portas deslizantes abriram-se em suas costas. As asas então ergueram-se, dobraram-se e encaixaram-se com perfeita precisão na abertura, e as costas fecharam-se de novo. Ao mesmo tempo, uma série de outras pequenas mudanças estava acontecendo em sua anatomia. Apareceu uma cauda telescópica que quase

dobrou o comprimento do inseto depois de totalmente estendida, e um segundo conjunto de pernas apareceu ao longo do abdômen. Depois de terminada essa reconfiguração, a criatura não se parecia mais com um gafanhoto nem com uma libélula, mas sim com uma enorme centopéia. Até a cor parecia ter mudado de um modo sutil, os verdes-vivos tendo perdido sua intensidade, restando agora apenas um amarelo manchado e doentio.

Ela não tentou mais registrar Candy e suas imediações. Tudo o que queria agora era se afastar o mais depressa possível, para evitar outro atentado contra a sua vida artificial. Candy não tentou mais impedir a sua fuga. Não valia o risco.

A criatura estava agora a pouco mais de meio metro da liberdade. E então, entrou Izarith. Ela nem notou a coisa escapulindo por baixo do seu pé. Boa mãe que era, seus olhos foram primeiro para a filha assustada.

— Cuidado! — gritou Candy.

Tarde demais. Izarith pisara no rabo da criatura, que estalou como a casca de uma lagosta.

Izarith olhou para baixo. A comida que trouxera escapou-lhe das mãos. Uma expressão da mais intensa repugnância apareceu em seu rosto.

Ela ergueu o pé para pisar de novo.

— Pega ele, mamãe! — disse Maiza, as lágrimas silenciosas escorrendo lhe pelas bochechas.

— Tenha cuidado — advertiu Candy, ainda tentando estancar o sangue que escorria da sua mão. — Ele reage.

Izarith não pareceu se importar; tinham invadido sua casa e aterrorizado sua filha. Estava furiosa. Bateu o pé na coisa duas vezes, pisando com força com o calcanhar. No entanto, a criatura foi rápida. Tentou fugir correndo por entre as pernas de Izarith. Mas ela

deu um passo atrás para impedi-la e a criatura, percebendo que o caminho estava bloqueado, voltou-se e percorreu com seus olhos de inseto a parede à direita da porta. Apanhando o atiçador que Candy deixara cair, Izarith perseguiu a criatura até o canto da sala.

Mas novamente o inseto as surpreendeu com uma notável mudança de velocidade. Correu na direção da parede e saltou, cravando os pés no estuque. Então subiu em ziguezague, conseguindo evitar todos os golpes que Izarith tentou desferir. Em questão de segundos estava fora do alcance dela, dirigindo-se pelo teto a um lugar onde o estuque caíra, expondo um buraco de tamanho considerável. Ele desapareceu por esse buraco e foi embora.

— Shhhh... — fez Izarith para Nazré, que começara a chorar alto. A criança parou de chorar quase instantaneamente. Candy aguçou os ouvidos. Ainda podia ouvir os passos da criatura fugindo. Aos poucos, foram ficando mais distantes, até que Candy já não pôde mais ter certeza se estava ouvindo ou só imaginando.

Então, afinal, eles desapareceram.

Candy baixou os olhos para a mão. Ainda estava sangrando. Não muito, mas o bastante para deixá-la ligeiramente enjoada. Não era só o sangue que a deixava enjoada; Candy tinha um estômago resistente. Tinha muito mais a ver com a lembrança de ser examinada pela criatura, da horrenda inteligência no olhar dela.

— Você sabe de onde veio aquela coisa? — perguntou ela a Izarith.

Izarith pegou algo que parecia ser os restos de uma camisa de criança e jogou para Candy.

— Aqui — disse ela —, isto vai parar o sangue.

— E então, você sabe?

— Não — retrucou Izarith sem olhar para Candy. — Há coisas como aquela por toda parte. Mas nunca tinham aparecido na minha casa.

— Mas não era real, Izarith. Era algum tipo de máquina.

Izarith encolheu os ombros, como se a questão de aquilo ser real ou não fosse completamente irrelevante.

Candy rasgou em duas tiras a velha peça de roupa que lhe fora dada e amarrou-as em volta da mão. Pouco a pouco, a ferida parou de latejar. Enquanto ela estava dando o nó, Izarith, que em silêncio estivera tentando acalmar e depois alimentar os filhos, disse:

— Acho melhor você ir embora.

Ela ainda não estava encarando Candy. Obviamente o fato de que estava pondo para fora de sua casa a menina que fora tão generosa com ela era um constrangimento. Mas a sua maior preocupação era a segurança dos filhos.

— Virão outras coisas como aquela?

— Não sei — disse Izarith, finalmente erguendo os olhos para Candy. O sangue fugira-lhe do rosto. Embora tivesse lidado com o inseto de modo muito eficaz, era óbvio que estava profundamente amedrontada. Havia lágrimas em seus olhos, mas ela as continha corajosamente. — Sinto muito — disse ela. — Só acho que seria melhor que você fosse embora.

Candy concordou com a cabeça.

— É claro — disse ela. — Eu entendo. Espero que as coisas dêem certo para você e a sua família.

— Obrigada — disse Izarith. — Espero que as coisas dêem certo para você também. Mas tome cuidado. Estes são tempos perigosos.

— Estou começando a perceber — disse Candy.

Izarith concordou e voltou à sua tarefa de alimentar as crianças, deixando Candy encontrar o seu próprio caminho de saída.

16. O OLHO UNIVERSAL

CARNIÇA NÃO SENTIA GRANDE AMOR pelas coisas commexianas. Muitos anos atrás a Ilha de Pyon, onde eram sempre Três Horas da Manhã c onde Rojo Pixler construíra a Cidade Commexo, chamada por ele de Cidade de Luz e Riso, tinha sido o local da Mansão da Noite de Carniça. O Lorde da Meia-Noite tinha lembranças felizes da época anterior ao incêndio que destruíra a Mansão, quando Pyon tinha sido um lugar de diversão. Naquela época ele não precisava de magia. Era o príncipe, o favorito do pai. Era tudo de que precisava para tornar o mundo glorioso e Pyon, um parque de diversões.

Mas depois do incêndio ele jamais voltara lá. E quando o homem que pensara ser um sonhador inofensivo chamado Rojo Pixler ofereceu-se para comprar as terras em que ainda restavam as ruínas da Mansão da Noite, ele as vendeu imediatamente.

Só depois descobriu que os representantes de Pixler estiveram comprando sub-repticiamente outras terras em volta de Pyon, até reunir o suficiente para começar a construção da sua cidade de sonho; um lugar de onde a noite fosse permanentemente banida por um resplendor constante de luz artificial. Que escárnio, o próprio lugar onde a família Carniça vivera em um palácio de sombras e enigmas era agora uma cidade berrante e vulgar onde cada superfície resplandecia. Aquele esplendor espalhafatoso podia ser visto à meia-noite se você estivesse em certos pontos ao longo da Costa do Tutano no noroeste, onde os ventos de Izabella dispersavam as névoas vermelhas.

Carniça prometera a si mesmo que iria apagar pessoalmente aquelas luzes quando chegasse a sua Noite das Noites. E Rojo Pixler teria um ou dois pesadelos para repor o seu fulgente e deplorável sonho. Alguma coisa colhida do próprio córtex de Carniça. Alguma

coisa que transformasse o homem num destroço balbuciante, levado tão longe na loucura que seria incapaz até de se lembrar do nome da sua própria cidade odiosa.

Mas isso era para o futuro. Até que chegasse essa Noite feliz, o sensato era pôr para trabalhar as invenções que Pixler financiara. Pixler não era nenhum idiota. Ele descobrira um jeito de casar os princípios mágicos ancestrais que vinham sendo praticados na ilha desde o início dos tempos com as novas máquinas inventadas pelos cientistas que ele mantinha em laboratórios lustrosos nas torres da Cidade Commexo.

Onde Pixler encontrara aqueles primeiros princípios mágicos? Em livros subtraídos — entre outros lugares — da biblioteca do próprio Carniça por ladrões profissionais, pagos por ele. Carniça fez saber que estava ciente do roubo e até do preço pago por Pixler ao ladrão, um sujeito chamado João Treloso, por seus serviços ilícitos.

Soubera que Pixler, que no fundo era um homem supersticioso, ficara muito agitado ao ouvir contar que os seus roubos encomendados não eram segredo. Com medo de represálias, ele oferecera a Carniça, como quem não quer nada, o uso das suas "Verdades Sublimes", como chamava o seu casamento de ciência com magia, para o caso de ele precisar.

Bem, o momento chegara.

Imediatamente depois de interrogar Stampa, Carniça mandara um dos seus lugares-tenentes de confiança, Otto Bader-Nás, o Homem Zás-Trás, à Cidade Commexo. Ele foi enviado com uma missão específica. Conhecia o fato de que, como qualquer homem poderoso, especialmente tendo subido de repente como Pixler, o rei da Cidade Commexo não só era supersticioso, mas também paranóico. Temia por sua vida e sua cidade. E com razão. Sem dúvida havia gente em todas as ilhas que odiava a Cidade Commexo e tudo o que ela representava.

Sendo um homem prático, um homem que acreditava em achar soluções e não em simplesmente ficar cozinhando o medo, Pixler instruíra seus cientistas mágicos a usar as Verdades Sublimes na criação de espiões que assumissem a forma de seres vivos e se disseminassem pelas ilhas para observar c relatar qualquer sinal de rebelião contra ele.

Havia apenas um mês, o Homem Zás-Trás trouxera uma dúzia desses espiões-robôs à Décima Segunda Torre, para diversão do Lorde da Meia-Noite. Aos olhos de Carniça, eram como brinquedos sofisticados; ele se divertia fazendo com que Bader-Nás os vendasse para ficar assistindo enquanto se despedaçavam batendo contra as paredes da sua sala de oráculo. Entregara alguns dos melhores deles aos seus próprios cientistas para uma análise mais detalhada. Um deles, um pássaro-mécol artificial, ele mandara engaiolar e guardara para si, já que não precisava ser alimentado e cantava de um modo encantador, mesmo estando cego.

Ele tinha agora um novo motivo para as operações de espionagem de Rojo Pixler. Queria saber se a menina que aparentemente tinha sido cúmplice de João Treloso sobrevivera às águas de Izabella e, se assim fosse, aonde tinha ido.

Então enviou Bader-Nás à Cidade Commexo; pouco tempo depois o homem voltou, não com informações, mas com um dos principais cientistas de Pixler, um certo dr. Voorzangler.

O doutor compareceu perante Carniça vestindo um fino terno de linho branco, com sapatos brancos e gravata branca; usava um dos mais excêntricos dispositivos ópticos que Carniça já vira. Tinha o efeito de captar as imagens dos seus olhos e sobrepô-las, uma por cima da outra, no meio da cara. Os olhos de Voorzangler não eram exatamente iguais. Um deles era um pouco maior que o outro, e um parecia se mexer um pouco mais devagar que seu par, e assim o olho ciclópico criado pelo dispositivo raramente estava inteiro. Uma imagem estava sempre meio olho atrás da outra.

Qualquer que fosse o motivo que ele tinha para usar aquilo, a coisa parecia não atrapalhar a visão de Voorzangler. Ele estava estudando as pinturas nas paredes da galeria quando Carniça entrou.

Sua voz, quando ele falou, soou aguda como a de uma fuinha.

— Ouvi dizer — disse ele — que o senhor está procurando alguém. Está correto? Alguém que conspirou contra o senhor? O senhor precisa da assistência do senhor Pixler? — Antes que Carniça pudesse responder, o doutor continuou com aquela voz que, depois de algumas frases, já estava incomodando Carniça: — O senhor Pixler me incumbiu de lhe dizer que está extremamente feliz em poder ajudar a um amigo e vizinho. O senhor poderia, quem sabe, me fornecer uma rápida descrição do celerado?

— Não — disse Carniça. — Mas sei de alguém que pode. — Ele se voltou para Bader-Nás. — Onde está o senhor Stampa?

— Eu o trouxe da cozinha conforme as suas instruções, senhor. Está aguardando na sala ao lado.

— Traga-o aqui.

Enquanto Bader-Nás seguia pela galeria para buscar Stampa, Carniça voltou toda a sua atenção para Voorzangler.

— E então, o que trouxe para me impressionar? — disse ele. Voorzangler começou a piscar vigorosamente o seu olho-e-meio.

— É vontade do senhor Pixler que o senhor tenha acesso ao nosso mais secreto dispositivo de espionagem — disse ele. — O Olho Universal.

— Sinto-me honrado — retrucou Carniça. — Posso perguntar por que o senhor Pixler me concede essa honra, se esse dispositivo é tão secreto?

— Ele está pensando no futuro, senhor Carniça. Ele antevê um tempo em que, se me permite a ousadia, o senhor e ele possam ser

mais do que vizinhos distantes.

— Ah — disse Carniça. — Bom. Então deixe-me ver que prova de sua intenção ele mandou.

— Aqui está — disse Voorzangler, chamando a atenção de Carniça para uma caixa cinza-escuro quadrada, com cerca de um metro de lado, que estava a uma pequena distância, na galeria. Ele tirou do seu casaco branco um pequeno aparelho de controle, que tocou com o polegar.

A reação da caixa foi instantânea. Ela ergueu-se no ar sobre um quinteto de pernas delicadas, em cima das quais estivera agachada. Então, sem nenhuma instrução adicional de Voorzangler, começou a abrir-se como uma flor geométrica até apresentar dezesseis telas, quatro viradas para cada parede da sala. Um instante depois, todas elas cintilaram e se acenderam, mostrando imagens brilhantes.

Carniça sorriu.

— Bem, bem... — disse ele.

Começou a contornar o dispositivo pelo outro lado, mas ao fazer isso o dispositivo se acomodou a ele, girando de modo a apresentar-lhe mais quatro telas. Algumas das imagens eram estáticas, mas algumas se mexiam, às vezes em movimentos caóticos quando a câmera, onde quer que estivesse situada, saía em perseguição de algum suspeito em particular.

A essa altura, Bader-Nás já tinha trazido Stampa. Ele ainda estava usando o mesmo casaco surrado, com a diferença de que agora estava condecorado com os restos da sua refeição nas cozinhas. Pareceu constrangido quando Carniça lhe disse que capengasse até mais perto para ver a multiplicidade de telas.

— Tenho esperanças de encontrar a nossa pequena Candy em algum lugar por aqui — disse Carniça. Voltou-se então para Voorzangler.

— Que tipo de criatura faz essa espionagem para vocês? — perguntou ele.

— O senhor viu algumas delas, senhor, um mês atrás. — Seu olhar ciclópico ficou irônico. — Acredito que o senhor ainda mantém o pássaro-mécol em seus aposentos privados.

O significado desse comentário não passou despercebido para Carniça. Voorzangler estava lhe contando sutilmente que até ele, o Lorde da Meia-Noite, tinha sido espionado.

Carniça arquivou aquela informação para uma outra ocasião e simplesmente fingiu não ter entendido o que tinha sido dito.

— Quantos dossiês estão nesse dispositivo? — perguntou ele.

— Dezenove mil quatrocentos e doze — respondeu Voorzangler.

— Só dos últimos dois dias. Naturalmente, se o senhor quiser ir um pouco mais...

— Não, não — disse Carniça. — Dois dias está ótimo. Stampa?

— Sim, Lorde?

— O doutor Voorzangler vai mostrar uma porção de fotografias para você. Se a menina estiver entre elas, eu quero saber. Otto? Me encontre e me chame quando estiver pronto.

Carniça deixou-os ocupados com aquilo e saiu para a meia-noite, os pensamentos à deriva entre as Verdades Sublimes de Voorzangler e assuntos mais sólidos e distantes.

O presente tema de suas meditações eram as estrelas que tremulavam através da névoa.

Ele sabia, dos livros que lera, que cada uma daquelas luzes distantes era, em si, um sol. E embora a sua pálida iluminação não perturbasse a ele, havia outras criaturas em Abarat para as quais aquelas estrelinhas (para não mencionar o cintilante sol do meio-dia

ou a luz pálida das luas que pairavam acima das ilhas) eram uma maldição.

Eram chamadas de Requiax, aquelas criaturas, e seu lar era nas mais profundas depressões do Mar de Izabella.

Sua idade e capacidade para o mal estavam além das possibilidades de cálculo. De fato, a magnitude da sua perversidade e a extensão da sua idade eram tão grandes que muitos estudiosos, homens e mulheres que se dedicavam totalmente ao estudo das inúmeras formas de vida em Abarat, nem mesmo acreditavam que elas existissem. Uma perversidade de tais proporções só podia ser uma invenção mítica, diziam. Os Requiax não podiam ser reais.

Mas Carniça sabia de fonte segura que os Requiax existiam. E tendo aquela certeza, muitas vezes se perguntara como as coisas seriam para os seus inimigos do outro lado do arquipélago se a luz do sol, da lua e das estrelas fosse de algum modo obliterada por um tempinho.

Caso isso acontecesse, os Requiax não iriam emergir de suas depressões insondáveis, abandonando os templos onde ainda eram venerados pelos monstros cegos das profundezas e voltando as suas enormes caras depravadas para o céu sem luz? Não iriam emergir e vir para o lugar onde nunca mais se aventuraram desde a época em que grandes nuvens de cinzas encobriram o sol, a lua e as estrelas?

Que males iriam causar se viessem assombrar as ilhas de novo?

Que cidades iriam destruir, que povos trucidariam?

Estava além dos poderes de Carniça conceber plenamente a devastação que desencadeariam.

Mas de uma coisa ele sabia: queria estar lá para testemunhar. E queria estar preparado para quando passasse a Hora das Trevas e os Requiax retornassem aos seus templos e depressões. Pronto com os

seus pedreiros e sacerdotes para lançar as fundações de um Novo Mundo e reconstruí-lo à sua própria imagem.

— Lorde?

A voz que interrompera seus pensamentos não era a de Bader-Nás, como esperava. Era um dos muitos costuradinhos da sua avó, criaturas feitas de pedaços de pele, couro e tecido costurados uns nos outros e depois recheados com lama viva. Aquele costuradinho em particular chamava-se Knotchek e era uma lastimável obra de artesanato, em todos os aspectos.

— O que foi? — disse Carniça a ele.

— Sua avó, Mater Heteróclita, está chamando o senhor. Ela precisa falar com o senhor sobre a visita da Cidade Commexo que o senhor recebeu.

— Ela não deixa passar nada, não é? — observou Carniça. Muito pouco, Lorde — concordou Knotchek.

— Bem, não posso ir agora — disse Carniça ao costuradinho. Tenho muitos assuntos urgentes a tratar.

— Ela me disse... ahn...

Knotchek estava ficando nervoso. Era óbvio que aquela não era uma mensagem que ele tivesse vontade de transmitir.

— Prossiga — disse Carniça.

— Ela disse... disse que proíbe qualquer presença futura de visitantes da Commexo em Gorgossium.

— Ela proíbe? — disse Carniça. Sua voz tinha um tom levemente ameaçador. Os pesadelos na água em volta da sua cabeça começaram a ficar agitados. — Ela proíbe a mim. Aquela megera? Aquela costureira?

Ele atingiu Knotchek com as costas da mão enluvada em um golpe para trás tão violento que atirou o costuradinho a dez metros

de distância.

— Volte para ela! — berrou Carniça. — E diga a ela que se alguma vez me proibir de fazer QUALQUER COISA DE NOVO vou soltar um bando de pesadelos no meio da pequena tribo de costuradinhos dela e mandá-los demolir a Décima Terceira Torre, até não sobrar nada além de uma pilha de entulho! SERÁ QUE FALEI CLARO?

Enquanto falava, ele avançou na direção de Knotchek como se fosse bater nele outra vez. O costuradinho se encolheu até virar uma bolinha aterrorizada e ficou aguardando ser espancado.

Mas a pancada não veio. Bader-Nás tinha emergido da galeria, sorrindo.

— Ela foi encontrada! — exclamou ele. Carniça dispensou Knotchek.

— Vá embora. Diga a ela — disse ele.

Knotchek fugiu para dentro da névoa carmesim e desapareceu. Algum problema, Lorde? — disse Bader-Nás.

— Só minha avó. Tem um monte de idéias extravagantes a respeito de si mesma. Um dia desses ela vai longe demais. Mas então... Você diz que a encontrou? Mostre-me.

Bader-Nás levou Carniça de volta para dentro. A mesma imagem estava agora em todas as dezesseis telas do dispositivo de Voorzangler. O ciclope de terno branco os aguardava com um sorriso de quem está satisfeito consigo mesmo.

— Ela estava em Yebba Dia Sombrio, em uma casa na rua Krux, que fica no Gueto dos Pescadores. Devo dizer, Lorde, que não entendo por que o senhor tem qualquer tipo de interesse nela. Ela não parece grande coisa.

— Eu mesmo serei juiz dessa questão — disse Carniça.

Ele aproximou-se das telas. As imagens à sua frente eram claras como cristal. Lá estava a menina, olhando o espião diretamente nos olhos, que se moviam para mantê-la no centro e em foco sempre que se virava ou recuava.

Carniça voltou-se para Vivaldo Stampa.

— Você tem certeza absoluta de que era essa a menina que estava com Treloso?

Stampa concordou.

— Nenhuma dúvida?

— Não, Lorde. Nenhuma.

O olhar de Carniça retornou às telas.

— Então... — disse ele mansamente, o olhar fixo na menina. — Quem é você? — Ele continuou a encarar a imagem por alguns segundos, como se os seus olhos estivessem tentando interrogar a tela. Então voltou os olhos para Voorzangler.

— Quando isso aconteceu?

— Três horas atrás. Talvez quatro.

— Então é provável que ela ainda esteja em Yebba Dia Sombrio. O que você acha, Otto?

— Houve alguns problemas por lá — disse Voorzangler, antes que Bader-Nás tivesse tempo de responder. — A doca desabou. Por isso nenhuma embarcação saiu de lá nas últimas duas horas.

— Então ela ainda está lá — disse Bader-Nás.

— E daí que ainda está lá? — disse Voorzangler. — Ela é só... Carniça ergueu de repente um dedo para calar o doutor e fixou com intensidade renovada a imagem nas telas. A estranha do Mais-Além tinha ficado zangada e o seu rosto — gravado pela própria coisa que a estava irritando — mudara.

A expressão de menina desaparecera. Uma jovem mulher surgira, inflamada pela fúria que sentia.

A mudança deixara Carniça fascinado.

— E agora, o que é isto? — ele disse muito, muito suavemente. Apertou os olhos, tirando a luva e pondo a mão sobre uma das telas, como se desejasse entrar nela e agarrar a própria menina.

— Eu conheço você? — disse ele em voz ainda mais melíflua. — Conheço, não é mesmo?

De repente a tela se apagou. Carniça deixou escapar um pequeno soluço, como se estivesse saindo de um transe.

— Acaba aqui — disse Voorzangler. Carniça ficou calado por um longo tempo.

Ele simplesmente continuou a olhar fixamente para a tela vazia, com uma expressão de profundo devaneio. Voorzangler abriu a boca para falar de novo, mas Bader-Nás o calou com uma olhada brusca.

Afinal, depois de dois minutos inteiros, Carniça disse:

— Stampa?

— Sim, Lorde.

— Vá até a Rocha do Ocaso e espere por mim.

— Devo ir atrás da menina?

— Oh, sim. Você deve ir atrás dela. Mas não de glifo. Vou dar a você alguma coisa que esteja mais à altura da importância da sua missão.

— Não estou entendendo.

— Apenas vá — disse Carniça, ainda encarando a tela vazia. Stampa saiu, apressado.

— Há alguma coisa nesse rosto, Otto, que me faz pensar que os meus inimigos são mais astutos do que eu suspeitava. Eles agora estão mexendo com sonhos.

— Sonhos? — perguntou o Homem Zás-Trás.

— Sim, Otto. Eu sonhei esse rosto. Esse rosto inocente. Mas quem...? — Ele ergueu os olhos e encontrou a estranha mirada de Voorzangler. -Ah, ainda está aí? — disse ele ao doutor. — Pode ir embora. Agradeça ao senhor Pixler por sua gentileza.

— O Olho Universal — disse Voorzangler. — Tenho de voltar à Cidade Commexo com ele.

— Não — disse Carniça, muito simplesmente. — Vou ficar com ele aqui, por enquanto.

— Não, não, não, o se-se-senhor não está entendendo — disse Voorzangler atropelando as palavras em pânico. — A, a ciência de, de...

— ... não tem o menor interesse para mim, Voorzangler. Portanto, não fique choramingando. Não vou roubar nenhuma das suas preciosas verdades. E nela que eu estou interessado. E até ter o original na minha frente, vou ficar com o Olho Universal.

— É que, é que, simplesmente não é, não é...

O doutor não chegou a terminar de responder. Num instante Carniça estava em cima do homem, com as mãos na garganta dele. Voorzangler tentou soltar da sua traquéia o poderoso aperto, mas os seus dedinhos finos não estavam à altura da tarefa.

Carniça ergueu-o do chão; seus pés ficaram pendurados no ar.

— O que estava dizendo mesmo, doutor? — disse Carniça.

A vida estava se esvaindo rapidamente do dr. Voorzangler. Seus olhos conjugados começavam a ficar vidrados. Braços e pernas sacudiam como se ele estivesse tendo um ataque.

— Podemos precisar da ajuda do senhor Pixler no futuro — observou Bader-Nás despreocupadamente.

Carniça ficou ruminando aquilo um momento. Em seguida, tirou as mãos de Voorzangler. O homem desmoronou em uma pilha arfante de soluços aos pés do Lorde da Meia-Noite.

— Levem-no para fora.

Bader-Nás puxou o doutor para cima e arrastou-o para a porta, parando apenas para puxar os controles do Olho Universal do bolso de Voorzangler.

Depois de depositar o doutor do lado de fora da porta da galeria, ele retornou para aguardar a próxima instrução de Carniça. Quando ela veio, foi bastante simples.

— Mostre-me a menina de novo — disse Carniça. — E depois, pode ir.

O dispositivo de Voorzangler era fácil de operar. A imagem da menina do Mais-Além foi logo trazida de volta à tela, pronta para ser reproduzida quantas vezes quisessem.

— Arranje um glifo para me levar à Rocha do Ocaso — disse Carniça, olhando as imagens de Candy. — Quero cinco cadáveres lá, aguardando por mim. No lugar de costume. Pegue alguns no cadafalso. Mas eles têm de ser velhos. Vou precisar de pó.

Ele continuou olhando para as telas.

— Pó para a menina do Mais-Além — sorriu consigo mesmo. — É o mínimo que posso fazer.

17. ALMENAK

CONSIDERANDO O QUANTO ERAM PRÓXIMAS as cabanas, Candy realmente esperava encontrar uma pequena multidão do lado de fora da porta de Izarith, atraída pelo barulho de sua luta com o inseto. Mas havia muito mais interesse no que estava acontecendo na doca; todo mundo estava indo naquela direção. Então Candy abriu caminho rua acima, contra o fluxo da multidão. Ela agora estava muito mais consciente da população de insetos. Quais dentre as inúmeras criaturas zumbindo de um lado para outro eram espiãs, como aquela na casa de Izarith? Volta e meia alguma coisa passava zunindo pelo seu ouvido e ela enxotava. Ficou feliz em constatar que nenhuma delas voltava.

A rua tinha degraus largos e baixos, o que tornava a subida um pouco mais fácil. Mesmo assim, o esforço para andar logo começou a pesar. O breve sono diante do fogo na cabana de Izarith não fora suficiente para restaurá-la completamente.

Sabia que aquilo de que ainda precisava era um pouco de comida. Havia uma série de quiosques montados à esquerda e à direita nos degraus, vendendo alimentos variados: peixes secos (que não eram o prato preferido dela) pendiam de um quiosque; em outro, alguém fritava algo que se parecia muito com rosquinhas, especialmente quando polvilhadas com açúcar. Ela enfiou a mão no bolso do vestidinho que Izarith lhe dera e tirou de lá os seis dólares que guardara para si. Talvez não fosse sensato usá-los, pensou. Eles denunciavam que ela era uma estranha ali.

Com isso, restavam duas opções: ou roubava ou mendigava. Como ela precisava urgentemente de meios de sustento, não era o caso de questões morais. Ela observou a seu redor. Um quiosque

parecia ter sido abandonado pelo proprietário, que provavelmente havia ido para a doca com o resto da multidão.

Quando começou a seguir para o quiosque vazio, ouviu um ruído crescente atrás de si e uma parte da multidão, junto com diversos policiais, voltou e se reuniu em torno de três ou quatro pessoas que, claramente, tinham sido resgatadas da água.

— Abram caminho! Abram caminho! — gritou um dos policiais. — Temos gente ferida aqui!

Aquela foi, naturalmente, a coisa errada a se dizer. Assim que as palavras escaparam dos lábios dele, mais espectadores apareceram para engrossar a multidão, ansiosos por ver o quanto eram horríveis os ferimentos. Muitos deles bloquearam a rua à frente da massa humana que avançava. O policial começou a gritar de novo. Mas as pessoas queriam ver, e não havia grito de policial que as impedisse de chegar perto para dar uma olhada.

Era uma cena curiosamente familiar. Assistindo-a, Candy lembrou-se de repente de algo que acontecera quatro ou cinco anos atrás em casa, ou no Mais-Além, que era como via agora a sua casa. A família estava fazendo uma viagem, no auge do verão, para visitar a Vovó Chapelinho, mãe da mãe de Melissa, em Corredeiras do Pelicano. Estavam na rodovia 94, e a viagem corria tranqüila até que, de repente, o trânsito parou quase completamente. Eles se arrastaram durante a hora e meia seguinte. O ar-condicionado do .carro não estava funcionando direito e o calor era terrível. Isso deixou todo mundo de mau humor.

Logo ficou claro que o problema à frente era uma colisão, e o pai de Candy começou a vociferar que a verdadeira razão de o trânsito estar parado era o fato de que as pessoas estavam reduzindo a velocidade para ver o acidente.

Malditos bisbilhoteiros! Todo mundo tem de reduzir a velocidade para dar uma olhada! É doentio! Por que as pessoas não

podem cuidar da sua própria vida?

Naturalmente, meia hora de suor e xingamentos depois, quando o carro dos Quackenbush finalmente chegou ao local do acidente, o pai de Candy também reduziu a velocidade, como todo mundo. Na verdade, ele quase fez a fila parar completamente, para poder assistir a um corpo sendo retirado de debaixo de um dos sete veículos — caminhões, automóveis e uma carreta de oito rodas — envolvidos no acidente.

Candy devia ter mais juízo e ficar quieta, mas a sua língua foi mais rápida que os seus instintos de autopreservação.

— Eu pensei que você tinha dito que isso era doentio, papai — disse ela.

Sem hesitar, Bill Quackenbush se inclinou para trás entre os assentos e esbofeteou-a com força.

— Não me venha com insolências!

— Eu só disse...

Ele bateu de novo, ainda mais forte.

— Já basta, Bill — disse a mãe de Candy.

— Eu decido quando basta — veio a resposta, e só para mostrar que não se importava com a opinião da esposa, esbofeteou Candy uma terceira vez, arrancando lágrimas dos olhos dela.

Enxugando o rosto, ela viu pelo espelho a mãe lançando um olhar acusador ao marido. Bill Quackenbush não tinha visto esse olhar: ainda estava com os olhos fixos na cena sangrenta do outro lado da estrada. Mas Candy tinha entendido o olhar claramente e, na confusão de sentimentos que tinha pelo pai, ver aquele ódio frio nos olhos da mãe lhe proporcionara uma espécie de satisfação triste. Mas não era o bastante. Por que ela nunca tomara a defesa de Candy, ou de si mesma? Por que ela era tão fraca?

Tudo isso veio à lembrança de Candy enquanto ela observava a multidão que vinha pela rua acima, tão claramente que parecia ter acontecido no dia anterior. O calor do carro; o cheiro do suor e do pum dos irmãos; o seu próprio tédio e desconforto. Depois a visão horrível dos destroços retorcidos; o instante de arrependimento quando falou, porém era tarde demais para engolir as palavras; e em seguida o tabefe, e as lágrimas, e o olhar glacial da mãe.

Era esse o mundo que deixara para trás. Tédio, violência e lágrimas.

O que quer que estivesse pela frente, pensou ela, tinha de ser melhor do que isso. Tinha de ser.

Desviou os olhos da multidão que subia a rua e viu que mais de um quiosque havia sido abandonado pelos proprietários, que tinham todos se apressado para ver o que dava para ser visto.

Ela subiu dois ou três degraus até um quiosque que expunha uma variedade de produtos de pastelaria. Pareciam muito similares aos que poderia ter encontrado no supermercado em Galinhópolis, só que tinham um aspecto mais gostoso. Empadas, croissants, pães recobertos com frutas secas e uma série de pequenos bolos.

Ela selecionou três bem depressa: duas empadas e um grande bolo de aveia; gulosa, ainda pegou um croissant. Depois de ter embolsado bem mais do que o equivalente a uma refeição normal, controlou a rua de um lado e de outro para conferir se o vendedor não estava voltando. Aparentemente, a barra estava limpa. Afastou-se apressada, com uma empada entre os dentes e o resto nos bolsos. Subiu a rua e encontrou uma mureta de pedra na qual podia sentar-se e comer.

A massa era grossa, talvez mal assada, mas o recheio era extremamente doce, com um estranho loque quase apimentado de que ela não gostou na primeira mordida, mas que logo depois lhe

pareceu bom. Enquanto comia, reparou num grande anúncio do outro lado da rua. Mos trava um menino delirantemente feliz, desenhado em estilo de desenho animado, de calças listradas grandes demais e um grande cacho de cabelo azul, como uma onda prestes a quebrar, no meio da cabeça. Era animado por meio de linhas de néon cuidadosamente dispostas e andava sem sair do lugar, acenando enquanto andava.

Ao lado dele, na parede, um letreiro dizia:

O Commexo Kid recomenda:

ALGUMA COISA O AFLIGE?

CALOS? IMPOSTOS? CEFALÉIA?

EXPERIMENTE A PANACÉIA.

Candy riu. Seu humor, que se entristecera com a lembrança dos eventos na rodovia 94, estava melhorando de novo.

E então enxergou uma figura com o canto do olho. Um homem de casaco azul, vestindo por baixo um macacão de bolinhas, se aproximou.

— Eu vi você — disse ele.

— Me viu fazendo o quê?

— Pegando os salgadinhos.

— Oh, não.

— Está tudo bem — disse o homem, sentando-se na mureta ao lado dela. — Desde que você compartilhe comigo.

Ele sorria o tempo todo ao falar e assim parecia que a ameaça, tal como foi feita, não pesava muito. Candy tirou o bolo de aveia do

bolso e partiu ao meio.

— Aqui — disse ela, entregando uma metade ao seu novo companheiro.

— Muito generoso — respondeu ele, um tanto formal. — E você é...?

— Candy Quackenbush. E você é...?

— Samuel Hastrim Klepp. Quinto. Tome. — Ele pescou do bolso um livrinho impresso em papel marrom e áspero.

— O que é isso?

— O *Almenak de Klepp;* publicado pela primeira vez pelo meu tataravô, Samuel Hastrim Klepp Primeiro. Esta é a nova edição.

Candy pegou o livrinho e folheou. A diagramação era caótica, com ilustrações em branco e preto e informações que transbordavam até as margens. Havia mapas, regras de jogos, uma ou duas páginas de astrologia e algumas páginas de figuras daquilo que o autor descrevia como "Novos Animais", um conceito interessante. Outras páginas listavam Eventos Celestiais (as datas de chuvas de meteoros e eclipses), e até uma coleção de receitas. Dispersos entre essas matérias relativamente banais havia artigos com um viés bem mais abaratiano: "A Catedral de Pêlo de Gato: Mito ou Realidade?", "As Jóias-do-Esterco de Efrit: Relato de um Colecionador". E "O Guerreiro de Ouro: Vivo ou Morto?".

— Então você publica isto? — disse Candy.

— Sim. E vendo aqui na Grande Cabeça e em Tazmagor, Candlemas e Kikador. Mas já não há muito mercado para ele. As pessoas podem obter toda informação de que precisam com ele — e apontou o dedo de um jeito um tanto grosseiro para o Commexo Kid.

— Ele não existe, existe? Quero dizer, aquele menino?

— Não, ainda não. Mas acredite em mim, é só uma questão de tempo.

— Você está brincando?

— Não, de jeito nenhum — disse Samuel. — Aquele pessoal da Cidade Commexo, Rojo Pixler e a sua gangue, tem planos para nós. E acho que nenhum de nós vai gostar do que eles têm na manga.

Candy olhou para ele perplexa.

— Você não sabe do que estou falando, sabe?

— Não exatamente. Não.

— De onde você veio?

— Ora... daqui e dali.

Samuel pôs a mão no braço dela.

— Pode falar — disse ele. — Eu sei guardar segredo.

— Acho que não há razão para você não saber — disse Candy. — Eu vim do outro mundo. Acho que vocês chamam de Mais-Além.

Um largo sorriso apareceu no rosto de Samuel Klepp.

— Veio mesmo? — disse ele. — Ora, vejam só. Na primeira vez em que pus os olhos em você, roubando aqueles bolos, pensei: "Aquela menina tem alguma coisa que...". — Ele balançou a cabeça com uma expressão deleitada. — Sabe, muita gente pensa que o Mais-Além é um mito, mas eu sempre acreditei nele. Assim como o meu pai, e o pai do meu pai, até Samuel Hastrim Klepp Primeiro. Conte mais, por favor. Quero saber tudo sobre o Mais-Além.

— Verdade? — disse Candy. — Eu não acho que seja muito interessante.

— Bem, pode não ser para você, que nasceu lá. Mas os meus leitores precisam saber sobre o seu mundo. Eles precisam conhecer a verdade.

— Mas se as pessoas acham que

é tudo um mito, como você vai fazer para todos acreditarem?

— Pense assim: acho que é melhor tentar fazer com que acreditem em coisas novas do que simplesmente me dar por satisfeito deixando a Commexo dirigir as vidas deles. Curar tudo, calos, cefaléias e até impostos! Isso é o cúmulo do ridículo!

Houve um novo tumulto mais abaixo na rua quando trouxeram mais gente afogada, ou quase afogada, das docas. Klepp fez uma careta.

— Nunca vou conseguir ouvi-la com todo este barulho e esta gritaria. Por que não vem até a imprensa comigo?

— A imprensa?

— O lugar onde imprimo o *Almenak*. Posso mostrar a você um pouco do meu mundo, enquanto você me fala do seu. Que tal?

— É claro — disse Candy. Estava feliz em sair da rua, ficar longe de todo aquele barulho e confusão, para poder pôr os pensamentos em ordem.

— Então vamos, antes que a pasteleira volte e note o desfalque — disse Samuel com um jeito travesso, e levou Candy pelas longas escadas acima para o centro da cidade.

18. A HISTÓRIA DE PORTO DO GRITO

ELES PASSARAM POR DIVERSAS OUTRAS imagens do Commexo Kid a caminho da imprensa de Klepp. Estava em um cartaz anunciando as suas aventuras cinematográficas: *O Commexo Kid e os Cães de Guerra,* e havia muitos outros anúncios da sua Panacéia. A cara dele estava nas camisetas das crianças que passavam correndo, e os brinquedos com que brincavam eram versões em plástico do Commexo Kid.

— Vocês têm alguma coisa assim no Mais-Além? — disse Klepp.

— Alguma coisa como o Kid?

— Sim. Não se consegue escapar dele. Candy pensou sobre aquilo.

— Não, nada — disse ela. — Não como o Kid. Ele parece estar por toda parte.

— Ele está — disse Klepp, soturno. — Sabe, a Companhia Commexo fez esta promessa: eles cuidarão de você desde o berço até a sepultura, literalmente. Eles têm maternidades do Commexo Kid e um serviço funerário do Commexo Kid. E entre os dois, enquanto você estiver vivendo a sua vida, não há nada que eles não possam fornecer. Comida para a sua mesa. Roupas para o seu corpo. Brinquedos para as suas crianças...

— O que a Commexo quer? — disse Candy.

— Não é a Commexo, é o dono da Commexo: Rojo Pixler. É o que ele quer...

— E o que é que ele quer?

— Controle. De todos nós. De todas as ilhas. Ele quer ser o rei do mundo. Não usa a palavra "rei" porque é antiquada. Mas é o que ele quer.

— E você acha que ele vai conseguir o que quer? Klepp encolheu os ombros.

— Provavelmente — disse ele.

Já estavam agora quase no alto da colina, e Samuel parou para olhar uma versão esculpida do Commexo Kid montada sobre um prédio que ficava no fim da jornada. Era enorme.

— Por trás desse sorriso feliz — disse ele — há uma mente muito fria. Fria e esperta. E por isso que ele é o homem mais rico das ilhas, enquanto a nós, o resto, cabe comprar a Panacéia dele.

— Você também?

— Eu também — disse Klepp, falando como se tivesse vergonha da sua confissão. — Quando fico doente, bebo a Panacéia dele, como todo mundo.

— E funciona?

— Bem, aí é que está o problema — disse Samuel. — Funciona. Faz com que eu me sinta melhor, seja de uma dor de cabeça, seja de um mau jeito nas costas.

Ele balançou a cabeça, desanimado, e enfiou a mão no bolso, de onde puxou um molho de chaves. Escolhendo uma, levou Candy até uma portinha, tão pequena perto da estátua do menino que poderia ter passado despercebida se Klepp não a tivesse levado até lá.

Enquanto introduzia a chave na fechadura ele falou de novo, dessa vez no mais baixinho dos sussurros.

— Sabe o que eu ouvi?

— Não, o quê?

— Bem, é só um boato. Talvez seja bobagem. Espero que seja bobagem. Mas ouvi dizer que Rojo Pixler procurou o Conselho dos Mágicos para comprar a Conjuração de Vida.

— O que é isso?

— O que parece?

Candy ponderou sobre aquilo um momento.

— A Conjuração de Vida? — disse ela. - Hein, soa como alguma coisa que desperta os mortos.

— Você está certa. Seguramente foi usada para esse propósito no passado. Mas os resultados são imprevisíveis. E podem ser grotescos, às vezes trágicos. Mas não, não é para isso que Pixler a quer.

— Para o quê, então? — disse Candy. Então seus olhos se arregalaram. — Não — disse ela. — Não pode ser o Kid.

— Sim — disse Samuel. — Ele quer usar a Conjuração para dar vida ao Commexo Kid. De acordo com as minhas fontes, a oferta dele foi recusada. O que é muito bom, se alguma coisa disso tudo for verdade.

— Qual foi a reação dele?

— Se sentiu ultrajado. Teve um ataque. Ficava dizendo: O Kid só traz alegrias! Vocês não podem negar-lhe a vida! Ele poderia espalhar tanta felicidade.

— Mas você não acredita nisso, né? Sobre ele só trazer alegrias?

— Eu acredito no seguinte — disse Samuel. — Acredito que, se Pixler conseguir a Conjuração de Vida, não teríamos só um Kid vivo. Teríamos exércitos deles! Todos com aquele sorriso idiota na cara enquanto conquistam as ilhas. — Ele estremeceu. — Horrível.

Girou a chave na fechadura e começou a empurrar a porta. O cheiro de tinta de impressão agrediu as narinas de Candy.

— Antes que você entre, preciso avisá-la — disse Klepp. — É um caos.

Então acabou de empurrar a porta. Era mesmo um caos; do teto até o chão. Havia um pequeno prelo no meio da sala, e dúzias de pilhas desordenadas do *Almenak de Klepp* por todos os lados. Obviamente Samuel dormia no meio do trabalho, pois havia um velho sofá encostado na parede, com travesseiros e um par de cobertores largados em cima dele.

Mas o que atraiu imediatamente o olho de Candy foi uma série de fotografias emolduradas e penduradas em uma das paredes. A primeira delas retratava o farol onde começara a jornada de Candy.

— Meu Deus! — disse ela.

Klepp veio olhar as fotografias com ela.

— Você conhece este lugar?

— Sim, é claro. É perto da minha casa em Galinhópolis.

Ela passou para o quadro seguinte. Era uma fotografia do píer que surgira da terra quando ela convocara o Mar de Izabella. Fora tirada em uma ocasião movimentada porém aparentemente feliz. Havia gente abarrotando o píer de ponta a ponta, alguns vestindo o que parecia ser fraques e cartolas, outros — os estivadores e marinheiros — uma indumentária mais simples. Um veleiro de três mastros estava atracado na ponta do píer.

Um veleiro! No meio do Minnesota. Mesmo agora, depois de ter andado pelo píer e saltado por aquele mar, a idéia ainda a deixava estarrecida.

— Sabe quando esta foi tirada? — perguntou Candy a Klepp.

— Em 1822 pelo seu calendário, acredito — disse Samuel.

Ele passou para a fotografia seguinte, que mostrava a outra ponta do píer, onde se viam diversos edifícios de dois andares, lojas anunciando suprimentos navais e o que parecia ser um hotel.

— Este é o meu bisavô — disse Samuel, apontando para um homem que era estranhamente parecido com ele.

— Quem é a dama ao lado dele?

— É a mulher dele, Vida Klepp.

— Era muito bonita.

— Ela o deixou, um dia depois que esta fotografia foi tirada.

— Verdade? — disse Candy, por um momento com o pensamento em Henry Murkitt, que também perdera a esposa quando voltara sua atenção para o Abarat.

— Para onde ela foi? — disse Candy.

— Vida Klepp? Ninguém sabe com certeza. Foi embora com um homem de Autland e nunca mais foi vista. O que quer que tenha acontecido com ela, aonde quer que tenha ido, quase partiu o coração do meu bisavô. Ele só voltou para o Porto do Grito uma vez depois daquilo...

— Porto do Grito? É esse o nome do lugar?

— Sim. Era o maior dos portos que serviam Abarat, e era para lá que iam todos os grandes navios. Os clíperes e escunas.

Com tanta coisa para pensar naquele momento, Candy foi se lembrar justo da srta. Schwartz, dando instruções à classe para encontrar dez fatos interessantes sobre Galinhópolis. Bem, que tal isso?, pensou Candy. Como teria ficado a cara da srta. Schwartz se Candy tivesse levado aquelas fotografias para mostrar na aula? Teria sido um momento e tanto.

— Agora ele desapareceu totalmente, é claro — disse Samuel.

— Não totalmente — replicou Candy. — Este píer... — ela bateu no vidro que cobria a fotografia — ... ainda está lá. E o farol. Mas todo o resto... Estas lojas, por exemplo, sumiram todas. Imagino que devem ter apodrecido com o passar dos anos.

— Oh, não, elas não apodreceram — disse Klepp. — Está lembrada de que falei que o meu bisavô voltou lá uma última vez?

— Sim.

— Bem, foi para incendiar Porto do Grito. — Incendiar? — Veja.

Samuel avançou para a penúltima fotografia da seqüência. Mostrava uma imagem um pouco fora de foco, talvez como conseqüência de ter sido usada uma máquina antiquada para capturar a cena cheia de movimento. Era uma fotografia do incêndio do porto. Os prédios no fim do píer estavam todos cm chamas, com brilhantes labaredas borradas escapando pelas janelas e portas. Até onde Candy podia ver, não havia tentativas de apagar o fogo. As pessoas simplesmente estavam em pé no píer, assistindo ao espetáculo. Não dava para distinguir as expressões dos seus rostos.

— Foi premeditado?

— Bem, não foi acidente — disse Klepp. — Mas também não foi exatamente premeditado. Foi um caso de destruição autorizada.

— Não entendi.

— Como eu disse, Porto do Grito era o lugar onde era feita a maior parte dos negócios entre as ilhas e o Mais-Além. Era um lugar muito movimentado. Às vezes chegavam a atracar dez navios por dia para carregar e descarregar. Havia cargas de vinho abaratiano e especiarias das ilhas. E escravos, é claro.

— E aquelas pessoas sabiam de onde vinham os escravos? — disse Candy, espantada com a idéia. — As pessoas sabiam sobre Abarat?

— Ah, sim, elas sabiam — disse Klepp. — Mas não era um conhecimento muito difundido, você entende. Havia um círculo seleto de mercadores do seu mundo que gostavam de fazer negócios lá, e faziam negócios estrondosos. Obviamente não queriam compartilhar os lucros, portanto não compartilhavam o segredo. E também, é claro, havia os mercadores daqui, que importavam arte, plantas e animais do Mais-Além, e se davam muito bem nesses negócios.

— Então por que o incêndio?

— Ganância — disse Samuel. — No fim, todo mundo começou a ficar ganancioso. Os mercadores abaratianos começaram a vender coisas que jamais deveriam ser vistas no seu mundo. Tesouros mágicos roubados de templos e desenterrados de sepulturas, depois vendidos no Mais-Além por somas enormes de dinheiro. E óbvio que aquilo não podia continuar. A nossa gente estava sendo contaminada pelos costumes do seu mundo e, provavelmente, vice-versa. Havia disputas amargas. Algumas acabavam em assassinato.

E ele continuou:

— Sem dúvida, havia culpa nos dois lados, mas o meu bisavô era de opinião que o Mais-Além era um lugar de corrupção infinita. Ele disse no *Almenak* que poderia fazer endurecer a alma de um santo. Agora ele tinha uma razão para odiar o Mais-Além: o Mais-Além levara a sua mulher. Mas acredito que provavelmente ele tinha razão. O comércio entre o Mais-Além e Abarat corrompia a todos. Os mercadores, os marujos e provavelmente as pessoas que acabavam comprando as mercadorias.

— Isso é triste. Klepp concordou.

— É uma história trágica — disse ele. — De qualquer modo, foi decidido que o comércio teria de parar. Nada mais de vender escravos abaratianos, nem mágicas.

— Então o porto foi incendiado?

— Reduzido a quase nada — disse Klepp.

Ele avançou para olhar a última fotografia da seqüência. Mostrava os prédios eviscerados, ainda fumegando. E uma fila de pessoas ao longo do píer, aguardando para embarcar em um clíper.

— O último navio a zarpar — disse Klepp. — Meu bisavô estava a bordo. Esta é a última fotografia que ele tirou no seu mundo.

— Incrível — disse Candy. — Mas veja. — Apontou para o farol, que era visível na fotografia ao lado do clíper, claramente intocado pelo fogo. — Por que eles deixaram o farol intacto?

Klepp encolheu os ombros.

— Quem sabe? Talvez alguém do seu povo tenha pago a alguém para deixar lá o farol, na esperança de que os negócios fossem retomados algum dia. Ou talvez achassem que ele iria se desfazer sozinho com o tempo.

— Bem, isso não aconteceu — disse Candy. — Não completamente.

— Eu gostaria de vê-lo um dia desses — disse Klepp. — Talvez tirar algumas fotografias para o *Almenak*. Antes e depois, sabe? Isso iria vender alguns exemplares! É claro que muita gente vai dizer que eu as falsifiquei.

— As pessoas realmente não acreditam que o meu mundo exista, não é mesmo? — disse Candy.

— Depende da pessoa a quem você perguntar. O homem comum do povo? Não. Ele acha que o Mais-Além é uma historinha para fazer as crianças dormir.

Candy sorriu.

— Qual é a graça? — disse Klepp.

— É só a idéia de que o mundo onde vivo é uma historinha para crianças. O que dizem sobre ele?

— Ora, que é um lugar onde o tempo é eterno. E onde existem cidades do tamanho de uma ilha. Que é um lugar repleto de maravilhas.

— Eles ficariam bem desapontados se soubessem da verdade.

— Eu não acredito nisso.

— Um dia, quem sabe, ainda vou lhe mostrar.

— Eu gostaria muito — disse Klepp. — Enquanto isso, quer apreciar uma vista aérea do meu mundo?

— É claro.

— Então venha comigo.

Ele a levou a uma pequena porta do outro lado da sala. Tinha uma porta de ferro na frente, que abria como uma concertina.

— Meu elevador particular — disse Klepp, abrindo a porta. — Direto até o topo das torres.

Candy entrou e Klepp a seguiu, fechando a porta atrás de si.

— Segure firme — disse ele, girando uma antiquada alavanca na qual estavam marcadas duas direções: Subir e Descer.

O elevador subiu com muitos rangidos e queixumes, às vezes passando por uma abertura que dava a Candy um vislumbre sedutor do interior das torres encarapitadas no topo da Grande Cabeça. A certo ponto a velocidade do elevador começou a diminuir, e afinal parou com um forte barulho de atrito.

Candy já podia sentir o cheiro de ar limpo do mar, um agradável contraste com o interior enfumaçado de Yebba Dia Sombrio e com o fedor de tinta de impressão da imprensa do *Almenak.*

— Agora, por favor — advertiu-a Samuel —, insisto que tenha cuidado aqui em cima. A vista é maravilhosa; porém estamos muito alto. Não acredito que alguém suba até aqui, exceto eu. É perigoso demais. Mas você ficará bem enquanto tomar cuidado.

Oferecida a advertência, Samuel abriu a porta e levou Candy por um estreito lance de escadas acima. No topo havia uma grade, que ele ergueu e jogou para trás, com um tinido forte.

— Você primeiro — disse ele, afastando-se para deixar Candy sair ao ar livre.

19. NA ROCHA DO OCASO

VIVALDO STAMPA JÁ ESTIVERA na Rocha do Ocaso em diversas ocasiões anteriores, fazendo alguns servicinhos sinistros para Carniça. O nome desse lugar era enganador de todas as formas possíveis. Para começar, era bem mais que uma rocha. Era uma coleção de penedos enormes, talvez quinze ao todo, o menor deles do tamanho de uma casa, todos cercados por uma praia larga — se é que o termo é apropriado para uma coisa tão sem encantos e desconfortável — formada por milhões de calhaus menores, rochas, pedras e pedregulhos. Embora já tivessem dito

a Stampa que, se ele escutasse atentamente, ouviria as vozes de doces espíritos cantando canções de ninar enquanto rodeavam a ilha, ele jamais ouvira nada de reconfortante. Muito pelo contrário. A Rocha era o lar de uma espécie de pássaros malignos chamados qwat, e eram os seus incessantes guinchos vindos das fendas dos rochedos que saudavam a chegada de qualquer visitante. Essa noite, no entanto, os pássaros qwat estavam tão silenciosos quanto as vozes dos ditos espíritos, pois Cristóvão Carniça estava na Rocha do Ocaso, e até mesmo o mais turbulento dos pássaros preferia esconder a cabeça para não correr o risco de atrair a atenção do Lorde da Meia-Noite.

Carniça estava trabalhando em uma caverna formada por diversas pedras, um lugar que ele usava com freqüência para conjurações, especialmente quando queria trabalhar fora das vistas da avó. Ela tinha tantos espiões na Meia-Noite que era praticamente impossível fazer o que quer que fosse em segredo. A Rocha do Ocaso proporcionava a Carniça o lugar ideal para os seus experimentos particulares, já que ficava suficientemente perto da Meia-Noite para que a viagem fosse confortável, e era

suficientemente pequena para ser defendida com facilidade usando talismãs.

Agora, nesse seu esconderijo infernal no meio das pedras, ele pusera um dos costuradinhos da avó para trabalhar, triturando os restos de cinco cadáveres humanos mumificados até virarem pó. Seu nome era Ignácio, e era uma das criações mais feias de Mater Heteróclita, fato de que ele estava dolorosamente ciente. Detestava a velha megera (como ele a chamava) pelo que lhe tinha feito e, muito embora ela o chamasse com freqüência para prestar serviços na Décima Terceira Torre, ele escapava de suas convocações sempre que podia, para realizar pequenos servicinhos para Carniça.

— Você ainda não acabou com esse cadáver? — disse Carniça.

— Quase.

— Bem, ande logo com isso. Não tenho a noite toda — Carniça permitiu-se um sorriso. — Muito embora um dia desses — murmurou consigo mesmo —, eu vá ter.

— Vai ter o quê, Lorde?

— A noite toda.

Ignácio concordou sem entender e continuou a malhar os ossos. Uma nuvem de pó de gente subiu até a cara dele. Ele espirrou e cuspiu um chumaço de catarro e pó. Então continuou malhando por um minuto ou mais, só para se certificar de que o trabalho estava bem-feito. Carniça era um perfeccionista, e ele queria agradar ao Homem Pesadelo, que era o nome secreto que reservara para o Lorde da Meia-Noite.

Finalmente ele se levantou, de malho na mão, e inspecionou sua obra.

— Sempre achei que eles ficam melhor assim — disse ele.

— Todo mundo fica melhor assim — disse Carniça, empurrando Ignácio para o lado. — Vá avisar Stampa. Ele está na praia, comendo.

— Devemos voltar imediatamente para cá? — disse Ignácio.

Ele sabia muito bem que algum tipo de conjuração secreta estava prestes a acontecer, e estava ansioso por presenciá-la.

— Não — disse Carniça. — Vocês vão saber quando o trabalho estiver terminado. Agora dê o fora daqui.

Ignácio se retirou, deixando o Lorde da Meia-Noite se agachar e pôr o dedo nos ossos moídos, como uma criança que vai fazer tortas de barro. O Homem Pesadelo fez uma pausa e respirou fundo, enchendo os dois pulmões com o fluido que fervilhava em volta da sua cabeça, antes de começar as tarefas que o aguardavam. Então, fortalecido pelas visões horrendas que preenchiam cada fibra do seu corpo, começou a desenhar no pó um esboço da coisa que pretendia fazer surgir de lá.

* * *

Ignácio encontrou Vivaldo Stampa, que ele conhecia um pouco das diversas tarefas que tinham realizado juntos para Carniça, sentado na praia iluminada pela luz das estrelas ao lado de um montículo de pedregulhos. Estava acrescentando as suas próprias pedras a essa pilha.

— Acabou de comer? — disse Ignácio.

— Matei alguma coisa, mas depois fiquei sem fome — disse Vivaldo dando uma olhadela para o imenso caranguejo emborcado, com dois metros de pata a pata, que jazia na praia um pouco mais abaixo. Vivaldo arrancara-lhe o baixo-ventre e começara a comer a carne fria da criatura, mas não fora muito longe.

— Posso? — disse Ignácio.

— Sirva-se.

— Pena deixar estragar.

Ele foi até o caranguejo e começou a mergulhar as mãos nas entranhas cinza-esverdeadas, retirando dois punhados generosos das tripas amargas, sua parte favorita do animal, em parte porque era a mais desprezada. Era um dos raros — e talvez abençoados — costuradinhos que comiam. A maior parte dos de sua espécie não tinha meios de digestão e eliminação. Ignácio era uma feliz exceção. Dois terços do seu corpo ainda funcionavam como na anatomia humana comum. Era atormentado pela constipação e, conseqüentemente, hemorróidas, mas esse era um preço barato a pagar pelo prazer de comer da carne de um caranguejo que ainda tinha um ou outro espasmo nervoso.

Ele ergueu os olhos para Vivaldo.

— O que você veio fazer aqui? — perguntou.

— Estou aqui para montar em um sei-lá-o-quê que ele está criando lá em cima — disse Vivaldo, soturno. — E depois vou ter de ir buscar uma certa garota para ele.

— Então ele está pensando em se casar?

— Não com essa — disse Vivaldo, azedo.

— Você a conhece?

— Já nos vimos aqui e ali. Ela vem do Mais-Além.

— É mesmo?

Ignácio agarrou o caranguejo por uma das suas patas espinhentas e arrastou a carcaça por cima das pedras até o lugar onde Vivaldo estava agachado.

— Você foi ao Mais-Além? — disse ele.

Stampa encolheu os ombros.

— Sim — disse ele.

— E...? Como são as coisas por lá?

— O que você quer dizer com "como são as coisas"? Ah, você quer dizer: "É um paraíso?".

Ele ergueu os olhos para Ignácio, uns olhos que pareciam duas contas brilhando de desprezo, mesmo no escuro. — É isso o que você pensa?

— Não — disse Ignácio, na defensiva. — Não necessariamente.

— Anjos guiando as almas dos mortos para as cidades imortais de luz? Como os velhos pregadores costumavam contar?

— Não acredito nessas bobagens — disse Ignácio, sem expor suas verdadeiras esperanças quanto àquele assunto, que eram sem dúvida otimistas. Gostava da idéia de que, em algum lugar além do Mar de Izabella, havia um mundo onde um costuradinho como ele podia ser curado, suas dores aplacadas, suas deformidades apagadas. Mas por mais que quisesse acreditar no que os pregadores professavam, ele confiava em Stampa.

— Então, essa menina... — prosseguiu ele, quebrando as enormes pinças do caranguejo e tentando parecer indiferente à notícia que acabara de ouvir.

— Candy Quackenbush?

— É esse o nome dela?

— É esse o nome dela.

— Ela o seguiu até aqui, e agora você tem de matá-la?

— Não sei se ele a quer morta.

— Mas, e se quiser?

— Então, eu mato.

— Como?

— Ainda não sei, Ignácio. Por que você está fazendo todas essas perguntas idiotas?

— Porque um dia quero fazer o que você faz.

— Se está pensando que é uma grande honra, não é.

— É melhor que ficar desenterrando corpos mumificados. Você viaja para o Mais-Além.

— Não é nada de especial — disse Stampa. — Agora me ajude a levantar. — Ele ofereceu o braço para que Ignácio puxasse, de modo a poder ficar em pé sobre seu único pé. — Estou ficando velho, Ignácio. Velho e cansado.

— Você precisa de um assistente — disse Ignácio, afoito. — Eu poderia ser seu assistente, eu poderia!

Stampa olhou para Ignácio e balançou a cabeça.

— Eu trabalho sozinho — disse ele.

— Por quê?

— Porque só gosto da companhia de uma pessoa.

— Quem?

— Eu, seu pateta. Eu!

— Ah...

Stampa olhou para trás, para as pedras onde Carniça estava trabalhando. Notara alguma coisa que Ignácio, no meio daquela tagarelice invejosa, não tinha percebido.

— Os pássaros — disse ele.

Os pássaros qwat, que estavam quietos nas suas gretas desde a chegada de Carniça à ilha, tinham se erguido no ar acima da Rocha

sem emitir um som, e agora pairavam em uma vasta nuvem negra, de asas dadas, lá em cima.

— Isto é raro — disse Ignácio, os destroços da sua cara costurada e recosturada registrando alguma coisa próxima ao deslumbramento.

Ele nem bem tinha posto os olhos no bando quando, do lugar entre as pedras onde Carniça estava trabalhando, veio um clarão de um azul-escuro arroxeado, seguido por outro, dessa vez laranja-avermelhado, seguido por um terceiro, cor de osso. As cores subiram no ar, acima das pedras, forçando a nuvem de qwats mais para cima, e lá as cores explodiram em fragmentos, dardos e lascas de luz que se entrelaçavam em uma dança elaborada.

Nesse momento, o criador apareceu entre as pedras, suas mãos erguidas à frente, como se estivesse regendo uma sinfonia. Talvez, num certo sentido, estivesse. Certamente as cores pareciam estar reagindo aos gestos sutis que fazia. Iam ficando cada vez mais sólidas à medida que ele as entrelaçava.

Então, muito suavemente, ele as trouxe para baixo. Obedecendo às instruções silenciosas dele, elas se assentaram sobre a pedra comprida e chata que era a parte mais alta da Rocha do Ocaso. Ali, finalmente, começaram a se aglutinar e a assumir uma forma reconhecível.

— É nisso que você vai voar? — disse Ignácio, a voz quase um sussurro.

— Aparentemente.

— Boa sorte — disse ele.

Uma enorme mariposa, com um abdômen peludo de quatro metros de comprimento, e quatro ou cinco vezes mais largo que o corpo de Stampa, estava agora pousada na rocha, sua anatomia recém-formada ainda lançando salpicos de cor.

A não ser por seu tamanho gargantuesco, sua aparência era semelhante à de uma mariposa comum. Tinha antenas compridas e penugentas, e seis pernas longas e finas.

Mas foi só quando Carniça ordenou: Voe! Quero ver você voar! que ela pôde mostrar a que veio.

Quando ela subiu acima da ilha e estendeu as asas, os desenhos que havia nelas ficaram parecidos com um rosto enorme, gritando, que se desdobrava e dobrava de novo contra o céu, depois se desdobrando mais uma vez. Era como se o próprio céu estivesse dando vazão à sua angústia a cada batida de asas da grande criatura que se elevava no ar.

— Stampa! — gritou Carniça.

— Sim, Lorde! Estou indo.

Carniça estava gesticulando para a criatura, chamando-a de volta para a rocha. Stampa postou-se ao lado dele.

— Lorde.

— Mais bonito que um glifo, não acha? — disse Carniça, depois que a mariposa pousou na pedra comprida.

— Sim, Lorde.

— Monte nas costas dela e traga-me aquela menina — instruiu o Lorde da Meia-Noite.

— Ela sabe onde procurar?

— Vai seguir a sua orientação. Mas sugiro que você comece por Yebba Dia Sombrio. E não tente bancar o esperto. A criatura pode não ter um grande cérebro, mas eu posso ver o que ela vê, e sentir o que ela sente. É por isso que estou mandando você com ela, e não com um glifo. Portanto, se você tentar qualquer espécie de truque pra cima de mim... — Truque? — protestou Stampa. — Lorde, por que eu haveria de...

— A menina é minha, Stampa. Nem pense em fugir com ela. Você me entendeu? Vai trazê-la direto para a Décima Segunda Torre.

— Eu entendi.

— Essa menina tem alguma coisa que me incomoda. Quero saber por que ela foi trazida aqui...

— Eu contei, Lorde. Foi um acidente. Eu vi tudo.

— Não acredito em acidentes, Stampa. Todas as coisas contribuem para a consumação de um plano superior.

— É mesmo?

— Sim.

— Tem um lugar para mim nesse plano? Carniça dirigiu um olhar vazio para Stampa.

— Sim, Stampa. Por improvável que pareça, imagino que até você tenha uma razão de ser. Agora, vá embora. Quanto mais você demora, maior a probabilidade de que ela já tenha ido para outro lugar.

— Vou encontrá-la para o senhor — prometeu Stampa.

— E...

— Sim. Eu sei. Vou trazê-la direto para cá, para a Meia-Noite. Direto para o senhor.

20. O MUNDO ATRAVÉS DE OLHOS EMPRESTADOS

De uma coisa Candy tinha certeza absoluta: não existia vista sobre a terra que estivesse à altura daquela que se descortinava do topo da cabeça colossal de Yebba Dia Sombrio. Para onde quer que olhasse daquela plataforma elevada, fustigada pelos ventos, via maravilhas.

Ela teve ajuda, é claro. Não só tinha ao seu lado Samuel Klepp Quinto, que lhe mostrava as coisas (e ocasionalmente segurava o braço dela quando uma lufada de vento especialmente forte ameaçava arrastá-la por cima da borda da Grande Cabeça), como ele também tinha fornecido duas lulas muito solícitas, que se agarravam às cabeças deles e posicionavam os corpos invertebrados para que os seus olhos, imensamente poderosos, pudessem ser usados como lentes telescópicas.

As lulas de Klepp eram os bichinhos de estimação dele. Uma ele chamara de Lulo, e a outra de Lola. De início Candy achou meio estranho estar usando uma criatura viva, mas imaginou que seria como qualquer animal que trabalhasse junto com um ser humano: um cavalo, um cão, um rato treinado. Era só mais um lembrete de que ela não estava em Galinhópolis.

— Se quiser chegar mais perto de alguma coisa — disse Klepp para Candy — apenas diga: "Um pouco mais perto, se não se importa, Lola". Ou: "Um pouco mais longe, se não se importa, Lola". E importante que você seja precisa e delicada quando falar com ela. Essas lulas são muito suscetíveis no que diz respeito às pequenas cortesias.

Candy não teve nenhuma dificuldade em pegar o jeito, e apenas um ou dois minutos depois Lola já estava tão à vontade na sua cabeça que aquilo não parecia mais esquisito do que usar um chapéu que ficara guardado por alguns dias em uma caixa cheia de peixes.

Certamente Lola parecia ansiosa por oferecer a Candy a melhor vista possível de Abarat. Metade do tempo ela não precisava nem pedir-lhe que alterasse o foco. Parecia saber instintivamente o que ela queria; como se estivesse lendo as ondas cerebrais que saíam do seu crânio. Candy não descartou totalmente essa possibilidade. Tinha lido que as lulas dispunham de extraordinários meios de comunicação. Não seria ainda mais provável que a espécie equivalente aqui fosse dotada de algum poder miraculoso? O mundo inteiro estava cheio de magia. Pelo menos foi essa a impressão que Klepp lhe deu ao enumerar as ilhas do arquipélago e falar dos milagres que elas continham.

— Cada ilha é uma Hora diferente do dia — começou ele. — E em cada ilha você encontrará todas as coisas que nossos corações, almas e imaginações associam com essa Hora. Olhe ali.

Ele apontou para um lugar não muito distante dos Estreitos da Penumbra.

— Está vendo aquela ilha envolvida em luz e nuvens?

Candy viu. A nuvem subia em uma espiral revoluteante em volta do que parecia ser uma grande montanha, ou talvez uma torre de tamanho gargantuesco.

— O que é? — perguntou Candy a Klepp.

— A Vigésima Quinta Hora — respondeu ele. — Às vezes chamada de Torre de Odom. É um lugar de mistérios e sonhos.

— Quem mora lá?

— Esse é um dos mistérios. Embora eu tenha ouvido o nome Fantomaya associado com o lugar, não tenho idéia do que significa.

Lola, a nova amiga lula de Candy, fez o melhor que pôde para focalizar as nuvens em volta da Torre de Odom, mas por alguma razão a espiral ondulante impedia uma observação mais detalhada.

— Se você está procurando vislumbrar o que há do outro lado da nuvem — disse Klepp —, não perca seu tempo. De algum modo a luz prega peças em nossos olhos e simplesmente não se consegue fixar a imagem muito bem. Então, às vezes as nuvens se separam e dão a ilusão de que vai dar para ver alguma coisa...

— Mas nunca dá?

— Não que eu saiba.

— Então o que aconteceria se você entrasse com um navio bem no meio das nuvens?

— Ah, muita gente com certeza já tentou isso — disse Klepp. — Alguns saíram de lá vivos, mas alegremente enlouquecidos. E, é claro, totalmente incapazes de descrever o que quer que tenham visto. Quanto aos demais...

— ... nunca mais saíram?

— Isso mesmo. Um deles era o meu pai... — Ele deixou a informação pairando no ar por um instante. Depois disse: — Você parece estar com frio, meu bem.

— É só o vento.

— Vou buscar um casaco para você.

— Não, eu estou bem.

— Eu insisto — disse Klepp. — Não quero que você pegue uma pneumonia. Estarei de volta em um momento.

Ele seguiu para o elevador. Candy não protestou. O vento estava muito mais gelado do que esperava.

— Fique longe da beira! — disse Samuel; e, fechando a porta do elevador, desapareceu de vista.

Depois que ele se foi, Candy e Lola continuaram inspecionando as ilhas. Samuel repetira para ela os nomes de todas diversas vezes, e Candy agora testava a memória aplicando os nomes aos locais. Alguns vinham à lembrança com facilidade, outros a faziam ficar quebrando a cabeça por algum tempo.

A ilha a oeste de Yebba Dia Sombrio se chamava Nause-Eca, e a sua cidade de telhados vermelhos se chamava... Tazmagor. Sim, era isso:Tazmagor. A sudoeste havia uma ilha montanhosa chamada Ditto, que ficava às Dez Horas da Manhã. Às Onze Horas ficava a Ilha de Nully e, ao Meio-Dia, a Ilha de Yzil, banhada na luz mais tépida e mais mágica que se possa imaginar.

À Uma Hora ficava Boné de Orlando ou Obamotim, não conseguia se lembrar qual. Às Duas, pelo contrário, ficava Obamotim ou Boné de Orlando.

Ao su-sudoeste ficava outra ilha banhada de sol, que era o lugar — lembrou-se — onde, segundo Samuel, toda a vida supostamente começara: Três Horas da Tarde, também chamada de Porora.

Às Quatro estava Gnomon, às Cinco uma ilha chamada Soma Pluma, no centro da qual havia um grande zigurate. Às Seis, bem para o leste de Yebba Dia Sombrio, embora separada por apenas duas horas, estava uma ilha chamada Babilonium, onde parecia que a vida consistia de diversão o tempo todo. Havia diversas tendas de circo enormes armadas no meio da ilha, e milhares de luzes coloridas cintilavam nos galhos de todas as árvores. "Tenho de ir até lá", pensou Candy consigo mesma.

Ao norte de Babilonium havia uma ilha cujo nome ela não lembrava, embora se recordasse do nome do vulcão ainda ativo no centro dela, que era Monte Galigali. A maré da tarde dava a volta no arquipélago, terminando onde ficava a ilha, às Oito da Noite, dando para os Estreitos da Penumbra.

E então, nas vizinhanças de Yebba Dia Sombrio, ficava uma segunda série de ilhas. Às Nove da Noite havia um lugar chamado Abóbada de Hap (ela perguntou a Samuel quem era Hap, e ele disse que não se lembrava). Às Dez da Noite ficava a Ilha de Malhoparvo, que tinha uma cidade ocupada por animais chamados gatardos. A cidade se chamava Alta Esladéria.

O nome da ilha das Onze lhe fugira, mas lembrava-se do nome da Ilha da Meia-Noite: Gorgossium. "É o lugar mais aterrador de todas as ilhas", dissera Samuel Klepp. "Evite a todo custo!"

À Uma da Manhã, que se chamava Xuxux, havia seis pirâmides, umas grandes e outras pequenas; e às Duas, outra ilha, envolvida em trevas, cujo nome lhe escapava. Vizinha a ela, no entanto, ficava uma ilha que, aos seus olhos, era a mais atraente, apesar de tudo o que Samuel dissera a respeito do arquiteto dela.

A ilha se chamava Pyon, e cobrindo-a de um extremo ao outro (e tão resplandecente de luz que não fazia diferença que lá fossem altas horas da noite) estava a Cidade Commexo. As torres e cúpulas da Cidade Commexo eram completamente diferentes de tudo o que Candy já vira: configurações enormes e elaboradas que davam a impressão de ter sido conjuradas a partir de uma geometria que não existia no seu mundo, e depois erigidas desafiando as leis da física.

Fazendo-lhe contraste, a ilha ao seu lado era um lugar sinistro, com uma cadeia de montanhas que parecia impenetrável. Era chamada de Insula do Ovo Negro, e era uma das Ilhas Exteriores — lembrou-se — junto com Ponto-Fru, que era às Cinco da Manhã. Ao lado de Ponto-Fru estavam as duas ilhas ligadas pela ponte Gilholly, que ficavam às Seis e às Sete da Manhã. Com isso, restava apenas

Obadiah, às Oito da Manhã, para que ela completasse o círculo na pequena e ensolarada cidade de Tazmagor, encarapitada nos flancos orientais de Nause-Eca.

— Você está parecendo muito satisfeita consigo mesma — disse Klepp, emergindo do elevador. Tinha na mão um casaco verde-claro, coberto de pequenos desenhos em vermelho-vivo. Ela aceitou agradecida e vestiu.

— Eu estava só tentando memorizar os nomes das ilhas — contou ela, puxando para cima a gola do casaco. — Uns poucos eu não consegui lembrar, mas acho que fiz uma boa...

Ela parou de falar.

Uma expressão terrível aparecera no rosto de Klepp. Seus olhos ficaram enormes e ele não estava mais olhando para Candy mas, em vez disso, olhava além dela, alto no céu, acima do seu ombro esquerdo.

— O... o que... foi? — disse ela, quase assustada demais para se virar, mas se virando assim mesmo.

— Corra! — gritou ele.

Ela ouviu, mas seus pés não lhe obedeceram. Estava atônita demais, e horrorizada com a visão que enchia o céu atrás dela.

Uma mariposa mergulhava na direção dela, uma mariposa com a envergadura de um pequeno avião. E montado nas costas daquele inseto estupendo e aterrorizante estava o seu velho perseguidor, Vivaldo Stampa.

— Aí! Está! Você! — gritou ele para ela.

Finalmente os pés de Candy resolveram reagir ao pânico.

Ela começou a correr para o elevador, onde Samuel Klepp estava esperando para agarrá-la e salvá-la.

Porém, ao mesmo tempo que corria, algum instinto lá no fundo dizia-lhe que não ia conseguir. A mariposa vinha descendo depressa demais. Podia sentir nas costas o sopro gelado de suas asas, tão violento que quase a derrubou. Enquanto cambaleava, as pernas imensas e multiarticuladas se fecharam em volta do seu corpo e a arrancaram do telhado da torre.

— Peguei! — ela ouviu Stampa gritar, triunfante.

Ele então deu alguma ordem incompreensível para a sua montaria, e a mariposa bateu as vastas asas e subiu.

Deu para Candy ver de relance a cara horrorizada de Klepp quando ele estendeu as mãos para tentar arrancá-la das garras da mariposa; mas por alguns centímetros ele não conseguiu alcançar a mão dela.

Ela então foi carregada para cima e para longe, além da beira da Grande Cabeça de Yebba Dia Sombrio. Estava aterrorizada. Seu coração parecia um tambor retumbando no peito e na cabeça. Um fio de suor escorreu-lhe pela espinha.

A pobre Lola ainda estava presa à sua cabeça, agora agarrando-se mais ferozmente que nunca. Curiosamente, Candy estava grata pela presença dela. Era como ter um talismã de boa sorte. Sentia que, enquanto Lola estivesse com ela, iria sobreviver a tudo o que estivesse pela frente.

Movendo-se com cuidado para não assustar a mariposa (ela estava agora a centenas de metros acima das águas do Mar de Izabella; se fosse largada daquelas alturas, com certeza suas aventuras em Abarat seriam rapidamente encerradas), ergueu a mão para fazer um agrado na lula. — Vai dar tudo certo — murmurou ela para a trêmula criatura. — Prometo que não vou deixar acontecer nada com você.

Ter outra vida para proteger além da sua própria naquela situação terrível a ajudou. Ela fizera uma promessa a Lola. Agora

dependia dela cumprir essa promessa e fazer com que ambas saíssem vivas das aventuras que as aguardavam, por perigosa que se tornasse a jornada e por mais terrível que fosse o seu destino.

21. A CAÇADA

EM CIRCUSTÂNCIAS MAIS AGRADÁVEIS, Candy poderia ter se divertido com a viagem que a levou para longe das torres de Yebba Dia Sombrio. Nunca sofrera de vertigens, portanto não se importava com o fato de estarem a trezentos metros de altura. A vista era espetacular: uma colcha de retalhos feita de mar ensolarado e brilhante, onde ficavam as Horas do Dia, e as águas escuras onde as Horas da Noite exerciam seu domínio.

Mas dificilmente ela poderia bancar a turista despreocupada na sua presente e precária situação. Embora a mariposa a estivesse segurando com razoável firmeza, era evidente que ela era um fardo, a anatomia da criatura não fora concebida para suportar tal peso. Volta e meia Candy passava por um momento de sufoco, quando as pernas compridas e finas lutavam para prendê-la melhor. Sempre que isso acontecia, Lola automaticamente se agarrava ainda mais forte à cabeça dela, como um alpinista se agarra à superfície do penhasco para salvar a própria vida.

O medo de ser largada não era a sua única preocupação. Pior, de um certo modo, era o matraquear ameaçador de Vivaldo Stampa.

— Você com certeza achou que nunca mais ia me ver, hein? — disse ele.

Ela não respondeu.

— Bem, é bom que você saiba — ele prosseguiu — que eu não sou o tipo de homem que desiste com facilidade. Se Lorde Carniça a quer, Lorde Carniça a terá. Ele é o meu príncipe. A palavra dele é lei.

Ele fez uma pausa, obviamente esperando ouvir dela alguma reação assustada. Como isso não aconteceu, continuou no mesmo tom confiante. — Eu diria que ele vai me recompensar por entregá-

la. Provavelmente vai me dar um pedaço do Abarat quando chegar a Noite da Vitória e as trevas encobrirem tudo sob sua asa. Você percebe que é isso o que vai acontecer? Vai haver uma Meia-Noite Absoluta. E nessa Noite serão despertados todos os que estão no *Empório dos Pecadores,* você vai ver.

Candy ficara em silêncio até então, mas sua curiosidade foi mais forte que ela.

— Em nome de Deus, o que é o *Empório dos Pecadores*? — disse ela.

— Um lugar onde o nome de Deus não está escrito — disse Vivaldo, divertido com a própria piada. — É um livro escrito por Mater Heteróclita, avó do meu Lorde Carniça, no qual ela enumera os sete mil maiores pecadores do Abarat.

— Sete mil pecadores. E você é um deles?

— Sou.

— Não me parece o tipo de coisa do qual se deva ter orgulho — comentou Candy.

— Que é que você sabe? — disse Vivaldo Stampa asperamente. — Só porque correu mais depressa que eu uma vez, acha que tem todas as respostas! Pois você não tem, mocinha! Eu podia tê-la deixado cair num instante! — Ele inclinou-se para a frente e disse: — Cafire!

Em resposta à instrução, a mariposa estremeceu e soltou Candy. Ela soltou um grito agudo quando escorregou das patas da criatura e começou a cair...

— Jazah! — gritou Stampa. — Jazah!

Num ápice, a mariposa agarrou-a de novo, embora de um jeito precário. Stampa aparentemente percebeu isso. Latiu uma terceira ordem incompreensível e dessa vez a mariposa reagiu trazendo Candy contra a parte superior do seu corpo e apertando mais do que

nunca; segurou-a tão apertado que os pêlos pretos e duros do seu tórax a espetaram, a despeito do forro acolchoado do casaco que Samuel Klepp lhe dera.

Candy sentiu um fio de fluido escorrendo pelo rosto. A pobre Lola obviamente achara que elas iam despencar para a morte e, com o pânico, perdera o controle da sua bexiga moluscóide. Ela ergueu a mão e acariciou-a.

— Está tudo bem — sussurrou ela.

Seu coração batia furiosamente, sua cabeça inteira latejava. Ela olhou para Stampa, pensando se não deveria tentar fazer algum tipo de paz com ele, para que ele não repetisse aquele jogo mortífero. Da próxima vez, a mariposa poderia não ser rápida o bastante para agarrá-la.

Mas a atenção de Stampa estava localizada em alguma coisa à frente deles. Candy acompanhou seu olhar e viu uma frota de cinco ou seis balões de ar quente aparecer de dentro de um agrupamento de nuvens iluminadas pela lua, talvez a uns quatrocentos metros de distância.

— Mas que xincaca é isso? — ela ouviu Vivaldo resmungar consigo mesmo.

"Xincaca", pensou ela. Acho que acabo de aprender o meu primeiro palavrão em abaratês.

Ao que parecia, alguém da frota tinha visto a mariposa, pois a nave capitânia estava mudando de direção e vindo na direção deles.

— *Skrill! Skrill!* — gritou Vivaldo.

A mariposa obedeceu à instrução e iniciou uma descida vertiginosa. Foi tão violenta que Candy ficou com medo de que ela e Lola escorregassem para fora do arco formado pelas pernas da mariposa. Ela então ergueu as duas mãos e segurou firme o tórax da criatura, indiferente às espetadelas dos pêlos duros.

Uma ilha aparecera abaixo deles. Se caíssem agora, mergulhariam para a morte. Ela precisava se agarrar firme. Sua única esperança era o seu seqüestrador.

Olhou de novo para cima, na direção da frota de balões. Obviamente tinham outros meios de propulsão além do vento, pois nos dez ou quinze segundos que se passaram desde que a mariposa começara a sua descida as naves tinham percorrido metade da distância que as separava de sua presa.

Candy ouviu um silvo agudo e alguma coisa passou voando perto do seu rosto. Um instante depois veio um segundo silvo, seguido por uma enxurrada de xingamentos em abaratês. Stampa se achatara contra o corpo e a cabeça da mariposa. Precisou de um momento para entender por quê. E então entendeu: eles estavam sendo alvo de disparos. Havia caçadores nos balões, e eles tinham a óbvia intenção de abater a mariposa. Ou não tinham visto o cavaleiro e a sua cativa, ou não se importavam com o que pudesse acontecer a Stampa e Candy se os seus mísseis atingissem o alvo. Qualquer que fosse a razão, dificilmente faria diferença. A conseqüência para Candy e Lola seria a mesma. Ela ouviu um terceiro silvo agora, seguido por um golpe surdo. E então, um estremeção traumático percorreu o corpo da mariposa.

— Oh, por favor... — murmurou ela. — Por favor, não permita que isto esteja acontecendo.

Mas era tarde demais para rezar.

Ela ergueu os olhos para a cabeça do inseto e viu que uma flecha de besta, disparada por alguém em uma das gôndolas dos balões, a atingira certeira entre os dois olhos enormes.

Não espirrou sangue da ferida. Em vez disso, saiu uma corrente espiral de cores fragmentadas que subiu pelo ar obscurecido. Pelo jeito o inseto era alguma espécie de criação mágica, o que pouco ajudava para explicar por que ele não morreu

na hora, apesar de ter sido mortalmente ferido. Em vez disso, ele lutava para alçar-se novamente ao céu, suas asas imensas batendo em movimentos majestosamente lentos, tentando subir.

Mas não conseguiu ir muito longe. Uma nova salva de disparos veio dos balões, e as flechas cruéis foram abrindo um buraco após o outro na delicada membrana das asas da mariposa. Mais uma vez as cores fluíram das feridas, e ao mesmo tempo que ela descarregava suas miríades de matizes, o bater desesperado das asas começou a falhar. E depois, parou.

A descida começou pela segunda vez.

Candy ergueu os olhos para Stampa. Ele ainda estava com o corpo dobrado rente à mariposa, tomado de pânico, cochichando para ela em uma tentativa desesperada de fazê-la despertar. Mas era causa perdida.

Abatida, a mariposa caía, e caía, e caía.

Tudo o que Candy e o seu perseguidor podiam fazer era continuar se segurando enquanto o inseto ganhava velocidade e precipitava-se para a terra implacável lá embaixo.

IV. ESTRANHO COMO O DIABO

Minh'alma de água,
Minh'alma de mó
Sendo alma no nome,
É ignara, que dó!

As horas desfazem
Meus ossos em pó.
Minh' alma, ela é tudo;
Contudo é tão só.

Versos gravados por
mão anônima em uma
pedra da Rocha do Ocaso.

22. NA FLORESTA DE FORCAS

NINGUÉM, NEM MESMO O PRÓPRIO Cristóvão Carniça, conhecia todos os segredos da Ilha da Meia-Noite. O lugar era um labirinto, com suas colunas de pedra negra e seus lagos insondáveis, suas minas, suas florestas, seus despenhadeiros e suas planícies. Ali se escondiam incontáveis mistérios ancestrais. De fato, ele ouvira dizer que todos os medos que um dia gelaram o coração humano estavam lá em Gorgossium. Todos congregados naquela Hora terrível em que o passado nos escapa e somos deixados no escuro, sem saber o que virá a seguir. Se é que virá alguma coisa.

Naquela noite, Carniça caminhava por entre os horrendos esplendores de Gorgossium, meditando sobre o que tinha visto através dos olhos da mariposa que ele conjurara do pó humano na Rocha do Ocaso.

Testemunhara a fuga a Yebba Dia Sombrio e, é claro, vira a menina lá na torre da Grande Cabeça, estudando as ilhas. Sentira prazer com a expressão de terror no rosto dela quando a sua criação, guiada por Stampa, mergulhara para agarrá-la e levá-la embora. A viagem de volta para a Meia-Noite tinha começado. As coisas estavam caminhando muito bem.

E então os balões apareceram e atacaram a mariposa. Carniça assistira à aproximação das naves em um estado de fúria impotente, ouvira horrorizado quando as flechas voaram. Ouvira Vivaldo mandando a mariposa descer, presumivelmente na esperança de despistar seus perseguidores. Mas era causa perdida. Uma das flechas atingira o alvo, ferindo os poderes telepáticos da mariposa. As imagens se apagaram da mente de Carniça.

Ele não se importava com o destino da mariposa. Fora criada a partir do pó e da luz, e agora ao pó e à luz ia voltar. Nem a

sobrevivência de Vivaldo Stampa tinha importância para ele. Sua única preocupação era a carga da mariposa: a menina que ele seqüestrara das torres de Yebba Dia Sombrio.

Embora só a tivesse visto de relance e seu rosto estivesse encoberto por algum dispositivo que estava usando por cima dos olhos, sentira uma extraordinária sensação de reconhecimento ao vê-la. Ela era alguém especial; alguém importante. Talvez até alguém por quem poderia sentir amor.

Mas ao mesmo tempo que o coração disparava ao ver a garota, a cabeça o advertia para ser cauteloso. Não tivera experiências agradáveis no que dizia respeito ao amor. Ele pode partir o coração se você não tomar cuidado. Pode fazer com que se sinta tão perdido, tão confuso e tão inútil que a vida parece não valer mais a pena. Isso não era algo que ele tinha lido em livros; eram as amargas lições da sua vida.

Então decidiu pensar melhor naquilo tudo e, em vez de retornar à Décima Segunda Torre, foi andar, pegando o seu caminho preferido através da Floresta das Forcas. Enquanto caminhava, seus pensamentos inevitavelmente se desviaram da garota que vira nas torres de Yebba Dia Sombrio, para aquela outra garota especial, que tanto desgosto lhe causara: a sua Princesa Anaconda.

Embora muitos anos tivessem passado desde que ela o magoara, ainda conservava no coração as cicatrizes que ela deixara.

Aos seus olhos, não havia palavras que descrevessem a beleza dela, uma criatura de infinitos encantos e natureza afetuosa. Era também a filha do Rei Noel, que na época controlava uma aliança das Ilhas do Dia. Assim sendo, era um partido perfeito para o Lorde da Meia-Noite. E foi o que disse a ela em suas cartas.

Que tempos de restabelecimento virão, escreveu ele, se você consentir em se casar comigo. Você, que ama as Horas do Dia, e eu, que amo a Noite. Não seria perfeito nós dois juntos? As ilhas estão em guerra há séculos, às vezes em hostilidades secretas, às vezes em luta aberta; mas sempre conflitos

que terminam com uma terrível perda de vidas e um impasse que não favorece nenhuma das causas.

O fim de tudo isso. O fim da guerra, para sempre! Se você se casasse comigo, anunciaríamos no dia do nosso casamento que todas as inimizades entre as ilhas da Noite e as do Dia cessaria dali em diante; e que as velhas feridas seriam curadas pelo exemplo do nosso amor, e uma nova era começaria: uma era de amor perene. Os fazedores de guerras seriam despojados de suas armas e convencidos a usar suas mãos em algum trabalho de amor. Nesse dia, eu também pretendo libertar todos os meus costuradinhos, que trabalharam para defender a Meia-Noite de ataques. Isso seria um ato de fé da minha parte. Fazendo isso, eu estaria anunciando ao mundo que prefiro morrer desarmado e apaixonado a jamais pegar em uma espada de novo.

E eu nomearia você, minha querida, como minha inspiração. Você, minha doce princesa, seria a alma dedicada a quem Abarat iria agradecer por ter tido o poder de acalmar a ira no coração da Noite.

Houve muitas cartas assim, e muitas da Princesa Anaconda para ele, nas quais ela lhe dissera como eram belos os sentimentos dele, e como ela queria acreditar que a Era de Amor Perene de Carniça fosse algo que poderia de fato se tornar realidade.

Tanto meu pai, o Rei Noel, como meu irmão Quiffin me aconselharam a aceitar os seus nobres rogos, escreveu a Princesa, *porém, meu lorde, estou longe de ter certeza de poder fazer como todos vocês desejam que eu faça. Se eu não sentir no meu coração a profundidade do amor que a união das.nossas almas certamente exige, as coisas nunca darão certo entre nós. Por favor entenda que não tenciono ser descortês ao falar deste modo. Só desejo ser sincera para que não haja mal-entendidos.*

A carta dela, cheia de dúvidas (não houve uma recusa inequívoca, pelo menos não no começo), o magoara. Durante longas noites não conseguiu comer, nem falar com ninguém depois de recebê-la.

Por fim escrevera uma resposta, implorando a ela que reconsiderasse.

Se *está preocupada com a minha aparência, lady,* dissera ele, *por favor fique tranqüila: minha avó, Mater Heteróclita, prometeu usar suas habilidades nas artes mágicas para apagar as marcas que uma vida de desgostos e solidão deixou em mim. Caso concorde com uma união entre nós, e embora diga que a sua alma não foi tocada pelo amor por mim, ainda ouso ter a esperança de conquistar esse sentimento, e então o seu Príncipe da Meia-Noite será renovado, como deve ser qualquer amante: renovado aos seus olhos, aos meus próprios olhos e renovado, por fim, aos olhos do mundo.*

Mas todas essas palavras tranqüilizadoras não foram o bastante para persuadir a Princesa Anaconda a mudar de idéia. Ela respondeu com muito carinho, mas havia sempre incerteza em tudo o que escrevia. Não estava recusando terminantemente porque seu pai concordava com Carniça e via uma grande oportunidade para a paz entre o Dia e a Noite caso a sua filha e o Lorde da Meia-Noite se casassem. Mas para dizer "sim" ela teria de se livrar de todas as perguntas que a atormentavam.

Tinha tido sonhos, escrevera, que não a tranqüilizaram.

Ele escrevera de volta perguntando que sonhos eram aqueles.

A Princesa Anaconda não fora específica em sua resposta. Dissera apenas que os sonhos a tinham assustado e, embora não duvidasse das boas e honradas intenções em relação a ela, não conseguia afastar da cabeça aquelas visões.

Caminhando pela Floresta das Forcas, com abutres e corvos acompanhando seus passos, os corvos voando de árvore em árvore acima dele, os abutres saltitando aos seus pés e brigando entre eles por um lugar mais perto dos calcanhares, ele se lembrou de como se empenhara nas cartas que escrevera para ela, determinado a convencê-la de que os sonhos que vinha tendo não eram

importantes, e de que ela deveria encontrar conforto na imortal devoção dele por ela.

Vou protegê-la, ele escrevera, *de qualquer força que a ameace. Vou me interpor entre você e a própria morte. Por favor, lady, fique tranqüila: não há demônio no ar, na terra ou no mar que possa ameaçá-la.*

Sempre que enviava uma carta para ela, passava pela provação de uma esperança enquanto aguardava pela resposta. E depois, por um momento terrível quando essa resposta finalmente chegava e seus dedos ficavam grossos e desajeitados de ansiedade enquanto ele pelejava para abrir o envelope.

A resposta nunca o satisfazia.

Ele a pressionara, vezes seguidas, a parar de castigá-lo com a indecisão. E afinal, depois de muita importunação por parte dele, a princesa lhe dera uma resposta clara. De fato, não poderia ter sido mais clara. Ela não o amava, não podia amá-lo, c nunca o amaria.

Quase se afogara na onda de ódio por si mesmo que se quebrara em cima dele depois de ler aquela resposta final. Sabia por que ela lhe dissera "não", e nada tinha a ver com os pesadelos dela. Era outra coisa; uma coisa muito mais simples.

Ela o odiava.

Era essa a terrível verdade. Por mais que sua recusa tivesse sido delicadamente formulada, dava para ler nas entrelinhas da carta. Ela o via como uma coisa grotesca, feia e cheia de cicatrizes, saída de um pesadelo, a qual odiava de todo o coração.

Era esse o começo, o meio e o fim do problema.

A sua longa e meditativa caminhada por entre as árvores o trouxera agora ao coração da floresta, onde as grandes forcas do passado tinham sido plantadas. Algumas ainda tinham laços apodrecidos pendurados, e alguns desses laços ainda suportavam os restos de homens e mulheres executados, mumificados em suas

últimas e horripilantes poses, as bocas estiradas de modo grotesco. As línguas de alguns tinham sido arrancadas por corvos famintos, e muitas aves das vizinhanças agora possuíam as vozes daqueles cujas línguas comeram. Tagarelavam como seres humanos enquanto saltitavam de um lado para o outro nos ramos vermelho-sangue que haviam brotado das forcas.

— *Que noite para ser enforcado, hein?*

— *Fui enforcado numa noite como esta. Como a minha mulher chorou!*

— *A minha não chorou.* — *Por que não?*

— *Foi por causa dela que ganhei um laço em volta do pescoço!*

— *Você a matou?*

— *E claro que sim! Ela fazia o pior pudim de pão de Tazmagor!*

O Lorde da Meia-Noite afastou da cabeça aquela conversa absurdamente sinistra e deixou que seus pensamentos voltassem para a menina que vira através dos olhos da mariposa nas torres de Yebba Dia Sombrio. Apesar de ter caído quando a mariposa foi morta, ela ainda estava viva; disso, Carniça tinha uma certeza irracional. E mais cedo ou mais tarde ele a encontraria, e falaria com ela.

Ousaria ele acreditar que talvez essa menina tivesse vindo do Mais-Além como uma compensação do destino pelo que sofrera nas mãos da Princesa Anaconda? Talvez aquela fosse a razão por que reconhecera a menina: porque era um presente das circunstâncias para ele.

Esse pensamento, de algum modo, melhorou o seu humor soturno. Continuou caminhando por entre as árvores rumo à beira do penhasco, de onde avistaria as ilhas do oeste. Inclusive, é claro, Yebba Dia Sombrio.

Seu trajeto o fez passar por um lugar entre as árvores onde dois homens mascarados, que tinham sido carcereiros em sua prisão e cultivado uma profunda inimizade mútua, lutavam a porretadas. Os dois eram irmãos, Wendigo e Chilek, e Carniça se divertira alguns dias antes lançando displicentemente as sementes da discórdia entre os dois (um boato, nada mais, sussurrado em cada ouvido, sugerindo que um irmão estava tentando se tornar diretor da prisão pelas costas do outro). Na verdade era um teste, para determinar quanto tempo seria preciso para que a inveja vencesse o amor fraterno que os irmãos nutriam um pelo outro. Não muito, estava lá a resposta. Ali estavam eles agora, lutando até a morte por algo que nem sequer era verdade.

Sem ser visto, Carniça ficou observando das sombras enquanto a luta chegava à sua cruel conclusão. Um irmão escorregou na lama de folhas podres das forcas debaixo dos pés dele e foi ao chão. O outro não deu oportunidade ao irmão de implorar por clemência. Ergueu o porrete e deu o golpe de misericórdia com um grito de alegria juvenil.

O momento de triunfo do vencedor não durou muito. O grito foi morrendo aos poucos e o sobrevivente pareceu despertar do seu transe de inveja e sede de sangue. Ele balançou a cabeça e tirou a máscara. Então, deixando cair das mãos a máscara e o porrete, caiu de joelhos ao lado do irmão. O reconhecimento do que fizera inundou-lhe o rosto.

Carniça riu, achando aquilo imensamente divertido. Ao ouvir o riso, Wendigo desviou os olhos do corpo do irmão, voltando-os na direção das sombras.

— Quem está aí? — demandou ele das trevas.

O súbito pesar em sua voz perturbou um bando de corvos das forcas pousados nos galhos acima. Também eles tinham assistido à luta, ao que parecia. E agora gritavam para Wendigo, descendo em círculos em volta dele:

— Assassino! Assassino! Assassino!

Ele tentou enxotá-los, mas eles não estavam dispostos a se deixarem expulsar.

Davam voltas e mais voltas, alguns até se atrevendo a pousar na cabeça do homem para ficar lá saltitando e rindo nos ouvidos dele. Ele os atacava desesperadamente, mas eles voavam para longe antes que ele conseguisse agarrar suas pernas pretas e finas. Derrotado, agora sozinho com seu crime, Wendigo desabou aos soluços nas folhas mortas.

Carniça abandonou os corvos aos seus tormentos e Wendigo às suas lágrimas. Seu humor melhorava a cada momento.

Enquanto caminhava, um vento oeste passou pela floresta, assobiando por entre os dentes podres dos enforcados e suspirando ao passar pelas órbitas vazias dos olhos. Os cadáveres balançavam para a frente e para trás, fazendo ranger os laços.

Carniça descalçou uma das luvas e expôs a mão nua ao vento, contraindo os lábios. Tinham sido permanentemente marcados, aqueles lábios, por algo que a avó lhe fizera muitos, muitos anos antes. Ao ouvi-lo usar a palavra "amor", Mater Heteróclita costurara-lhe os lábios e o deixara assim, sem poder falar nem comer, durante um dia inteiro.

— Onde estará você, criança do Mais-Além? — perguntou-se em voz alta.

O vento levou suas palavras.

— Venha a mim — prosseguiu ele enquanto andava pelo meio dos cadáveres oscilantes na direção do mar. — Não vou machucá-la, criança. Juro pela tumba da minha amada.

E novamente o vento levou suas palavras. Ele deixou levar. Talvez o seu presente do Mais-Além ouvisse o que estava dizendo e fizesse o que estava pedindo.

— Venha a mim — disse ele de novo, reduzindo as palavras a um sussurro, imaginando que elas dariam um jeito de chegar aos ouvidos da invasora. Enquanto ela dormia, talvez, ou enquanto olhava para o mar, assim como ele agora olhava para o mar.

— Está me ouvindo? — disse ele. — Estou esperando por você. Venha a mim. Venha a mim. Venha a mim.

23. O HOMEM QUE FEZ O KID

A GRANDE MARIPOSA, APESAR DE certamente estar morta, não caiu do céu como uma pedra. Suas asas eram tão grandes que ela foi descendo em espirais como uma pipa que perdeu a corrente de vento. Candy continuou se agarrando ao tórax da criatura, rezando em voz alta:

— Por favor, meu Deus, me ajude!

Mas as palavras foram arrancadas da sua boca pela velocidade da descida, que estava ficando cada vez maior.

Ela capturou um relance do que estava abaixo. Não era rocha nua, mas também não era um colchão de plumas: era uma extensão de terra que parecia uma charneca, com algumas árvores esparsas aqui e ali.

E então, para piorar as coisas, Vivaldo Stampa esticou o braço para baixo em volta do corpo da mariposa e começou a sacudi-la para fazer Candy cair. Exatamente por que ele estava fazendo isso estava além da compreensão dela; talvez ele estivesse simplesmente tentando aliviar a carga. Quaisquer que fossem as razões, foram a ruína do próprio Stampa. Em sua tentativa de jogar Candy para fora do corpo do animal, suas mãos se soltaram e ele começou a escorregar para a frente por cima da cabeça da mariposa. Em desespero, agarrou-se às antenas da mariposa, mas o peso do seu corpo simplesmente virou ao contrário o cadáver do inseto.

Agora era a vez de Stampa rezar em voz alta implorando por ajuda, embora fizesse isso em uma língua que Candy não entendia. Seus rogos não tiveram mais sucesso que os de Candy. Ela o ouviu tentando passar para o lado de cima da mariposa, agarrando-se com as unhas e soluçando ao respirar. Mas estava perdido. Seus rogos se

tornaram mais desesperados que nunca; e então uma rajada de vento especialmente forte o arrastou para longe. De relance, Candy o viu passando ao lado dela. Ele mergulhou e desapareceu nas trovas, deixando a de cara para cima na barriga do inseto que despencava para a terra.

A envergadura das asas da mariposa desacelarava a queda; essa era praticamente a única notícia boa naquela dramática situação. Candy se agarrou firme, prevendo um belo impacto quando tocassem a terra.

Mas ela teve sorte. O vento tinha arrastado a mariposa para longe das pedras onde Vivaldo caíra, em direção a um dos bosques. O corpo do inseto aterrissou sobre as copas. Galhos e ramos se quebraram e o cor po enorme ameaçou continuar caindo até o chão, mas as jovens árvores tiveram elasticidade suficiente para suportar o corpo da mariposa no alto.

Folhas voaram pelo ar e caíram voluteando em cima de Candy. Ela ficou absolutamente imóvel, esperando que os últimos movimentos se acalmassem. Então, gentilmente, rolou o corpo para ficar de bruços e olhou para baixo por entre os galhos que estalavam.

O chão ainda estava a uns seis metros de distância abaixo dela, talvez mais. Precisaria proceder com extremo cuidado, sabia, se quisesse chegar à terra firme sem se machucar. Mas logo percebeu que isso não seria um problema muito grave. As árvores ofereciam pontos de apoio fáceis para os pés e as mãos. Embora ainda estivesse trêmula por causa do drama dos últimos minutos, conseguiu descer à terra sem mais incidentes.

A primeira coisa que fez foi liberar Lola do seu dever, soltando-a da cabeça com delicadeza. A pobre lula tremia em convulsões. Candy fez o melhor que pôde para reconfortá-la.

— Está tudo bem — disse ela. — Agora estamos totalmente seguras.

Teria de levá-la de volta à água o mais cedo possível. Lola estava servindo de binóculo para ela havia uma hora ou mais; era surpreendente que ainda estivesse viva.

Agora que estava no chão, ponderou a situação. Que lugar era aquele? Ou, mais corretamente, já que estava em Abarat, que Hora?

Estava escuro ali, mais escuro que em Yebba Dia Sombrio, mas não era ainda noite alta. Seu palpite era que estavam às Dez Horas da Noite, que — pelo que se lembrava das lições de Klepp — era a Ilha de Malhoparvo.

Havia uma leve friagem no ar, e a brisa trazia de uma certa distância o som de uma orquestra tocando alguma música lamentosa.

Ela se aventurou até o limite do pequeno bosque para ver se conseguia descobrir a origem da música. Foi fácil. Enquanto ela espiava atrás das árvores, dois dos caçadores fizeram descer seus balões suavemente a menos de cinqüenta metros de distância. A luz dos holofotes em suas gôndolas iluminou o chão em todas as direções. Ao invés de sair para a luz e se tornar um alvo em potencial para os caçadores, ela recuou de volta ao abrigo das árvores e ficou observando o desenrolar dos acontecimentos.

Primeiro ouviu o som das portas das gôndolas sendo abertas e depois, com um leve zumbido, surgiu uma escada para que aqueles caçadores folgados não precisassem pular a pequena altura da porta até o chão.

Os três homens que saíram de lá estavam usando roupas idênticas: ternos cinzentos, colarinhos altos e botas cinzentas muito bem engraxadas. O que parecia ser o líder, a julgar pelo modo como os outros dois homens o tratavam, não era o mais velho. Era um jovem diminuto com uma mecha de cabelo alaranjado caindo na testa e os olhos apertados de uma pessoa profundamente desconfiada do mundo.

Os outros dois, talvez seus guarda-costas, tinham quase o dobro do tamanho dele e começaram imediatamente a reconhecer o território por onde o líder estava vagando. Ambos estavam armados.

Por fim, na rabeira do pequeno grupo, havia um negro tão alto que tinha de se curvar para passar pela porta da gôndola. Usava um minúsculo par de óculos com armação de prata e trazia consigo uma espécie de prancheta eletrônica grande, cuja tela produzia uma luminescência pulsante que iluminava o seu rosto com uma luz que às vezes era branca, às vezes turquesa, às vezes laranja. Prestava muita atenção em tudo o que o homem de cabelo alaranjado dizia ou fazia, e seus dedos longos e ágeis reagiam movendo-se de um lado para o outro sobre a prancheta, sem perder nenhum detalhe do que quer que o seu patrão tivesse dito ou feito enquanto ele tomava notas.

O homem de olhos desconfiados já tinha fixado o olhar na mariposa em cima da árvore; e ele se aproximou da criatura enquanto falava.

— Já viu alguma forma de vida como esta, senhor Marmelo? — disse ele ao homem de óculos prateados. Ele não esperou uma resposta.

— Teimulo? — disse o sr. Desconfiado, agora se dirigindo ao maior dos dois guarda-costas. — É melhor você arranjar alguns croques e cordas para podermos trazer essa coisa para baixo. Quero que seja preservada para a nossa coleção.

— Considere feito, senhor Pixler — disse Teimulo, e afastou-se do pequeno grupo para dar andamento ao trabalho.

"Pixler?", pensou Candy consigo mesma. Seria possível que aquele homenzinho fosse de fato o mestre arquiteto da Cidade Commexo?

— O que você acha disto, Marmelo? — perguntou Pixler ao seu companheiro.

O homem chegou mais perto de Pixler. Era bem uns setenta centímetros mais alto que o patrão e, a despeito do corte insípido e funcional dos ternos pálidos que todos eles usavam, ele o portava com especial elegância. — Estive consultando o livro de Willsberger, *Flora e fauna das ilhas* e...

— Não há menção a mariposas gigantes? — disse Pixler, ajeitando o topete com palmadinhas leves, para garantir que mantivesse a forma.

— Não.

— Não estou surpreso — disse Pixler. — Na minha opinião, essa coisa foi feita com magia. Olhe para as cores que saem dela, Marmelo. Isso é obra de uma conjuração. E das poderosas. — Pixler sorriu. — Vai levar tempo para erradicar toda a magia destas ilhas. Teremos muitos livros para queimar, muitos espíritos para quebrantar...

Candy ouviu que o homem falava de queimar livros e quebrantar espíritos com um leve sorriso de antecipação, e isso a fez estremecer. Então era essa a filosofia de Rojo Pixler, o grande arquiteto da Cidade Commexo. Era uma coisa assustadora de se ouvir.

— Não os quero indo aos seus xamãs e curandeiros locais à procura de curas e revelações. Quero que venham a nós. A mim! Se as pessoas querem um gostinho de magia, que seja a nossa magia. Sanitizada. Sistematizada.

— Aleluia — disse Marmelo.

— Você não está zombando de mim, está? — disse Pixler rispidamente, avançando para o homem com seu dedo em riste na cara dele.

Marmelo ergueu os braços como quem se rende, deixando a prancheta escapar-lhe das mãos. — Bom Deus, não. Absolutamente não, senhor.

Pixler deu uma gargalhada.

— Foi uma piada, Marmelo. Uma piada! — disse ele.

— O quê? — disse Marmelo com uma cara inexpressiva.

— Onde está o seu senso de humor? — disse o sr. Desconfiado.

— Ah. Uma piada.

— Vamos, Marmelo, alegre-se. Eu confio em você.

Marmelo se curvou para pegar a prancheta que deixara cair. Ao fazer isso, lançou a Pixler um olhar que o chefão não viu, mas Candy sim. Ele revelava muita coisa. Por trás do comportamento leal de Marmelo havia um arraigado desprezo pelo seu empregador.

— Escreva isto, Marmelo — disse Pixler. — QUITO anunciar uma anistia em relação a todos os livros de magia. Se os livros forem entregues para nós na Cidade Commexo nos próximos trinta dias para serem queimados, vou garantir pessoalmente que as pessoas que os entregarem fiquem imunes à perseguição.

— Com todo o respeito, senhor — disse Marmelo —, não existem leis que proíbam a prática de magia fora da Cidade Commexo. E mais uma vez com todo o respeito, acho que seria muito difícil fazer com que os Conselhos Insulares concordem em promulgar uma lei assim.

— E se dissermos a esses conselheiros de meia-tigela que jamais poderão voltar a ter qualquer tipo de negócio com a Commexo a não ser que criem uma lei assim? — disse Pixler.

— Isso pode funcionar — disse Marmelo. — Mas, e os graúdos? A família Carniça tem uma vasta biblioteca de magia, ouvi dizer. Provavelmente a maior das ilhas. Como vamos fazê-los abrir mão dela?

— Descobrirei um jeito — disse Rojo, exalando confiança. — Eu sempre descubro um jeito, você me conhece.

— Espere — disse Marmelo em voz baixa.

— O que foi?

— Se importa, senhor? — disse Marmelo, entregando a sua prancheta luminosa ao patrão.

— Qual c o problema, Marmelo? — disse Pixler.

— Nenhum, senhor — disse Marmelo, afastando-se um passinho do chefe na direção do bosque, depois outro, depois um terceiro.

— Marmelo?

Nesse momento os passinhos de Marmelo viraram uma arremetida a passos largos para dentro da vegetação rasteira.

Tarde demais, Candy se deu conta de que era ela o alvo da perseguição. Voltou-se e começou a correr, mas antes que pudesse se afastar um metro as mãos dele já estavam em cima dela.

— Um espião? — gritou Pixler.

— É só uma menina — disse Marmelo, puxando Candy para fora das sombras e para o clarão dos holofotes dos balões. Ela reclamou enfaticamente contra os maus-tratos, mas não tinha escolha. Ele era consideravelmente mais forte e não parecia se importar com o fato de que a estava machucando ao segurá-la.

— É você a fazedora de mariposas? — disse Pixler. — Você fez aquilo? — Ele apontou para a mariposa morta, que ainda estava nas árvores apesar das tentativas de Teimulo e sua equipe para trazê-la para baixo.

— Provavelmente ela pertence a uma das tribos locais — disse Marmelo, ainda segurando Candy com força. — Alguns deles são mudos, eu acho.

— Você é muda? — disse Pixler.

— Não — respondeu Candy.

— Ah. Lá se vai uma teoria à sepultura — disse Pixler.

— Então quem é você? — disse Marmelo.

— Meu nome é Candy Quackenbush e, para o seu governo, eu estava sendo seqüestrada por aquela *coisa* que está nas árvores quando vocês, valentes e espertos cavalheiros, a abateram dos céus. Podiam ter me matado!

Pixler ouviu aquele pequeno desabafo com uma expressão levemente divertida.

— Acho que você poderia soltar a mocinha agora, Marmelo — disse Pixler.

— Ela pode estar armada — disse Marmelo, sem soltar Candy.

— O que é isso na sua mão? — demandou Teimulo.

— Esta é a Lola — disse Candy, olhando para baixo. Para seu desgosto, percebeu que nos últimos poucos minutos, enquanto estivera ouvindo os absurdos sobre queima de livros que Rojo Pixler solenemente proferira, a vida afinal abandonara a sua pequena lula. Talvez tivesse ficado tempo demais fora do seu elemento natural.

— Me solte! — gritou ela, furiosa, enfiando os cotovelos em Marmelo na tentativa de fazê-lo afrouxar o aperto.

— Você ouviu o que a menina disse — disse Pixler.

Marmelo soltou Candy, porém ficou a vinte centímetros de distância dela, para o caso de ela tentar alguma coisa contra o patrão dele.

— Quer que eu pegue isso para você? — disse Pixler, estendendo as mãos para receber o corpo de Lola.

— Não, não quero — disse Candy. — Vou enterrá-la eu mesma. Quero dizer uma pequena oração.

— Por uma lula? Meu Deus — disse Marmelo —, vocês aqui nesta ilha são mesmo uma gente primitiva.

— Não banque o juiz, Marmelo — disse Pixler, agora com uma voz mais suave. — Quando éramos jovens, minha irmã Filomena costumava enterrar todos os seus bichinhos de estimação no jardim dos fundos. Tínhamos lá um cemitério e tanto. Eu abria a cova e ela escrevia uma pequena oração. Esses pequenos rituais são importantes. De onde você vem, menina?

— De muito, muito longe — disse Candy.

De repente sentiu passar por ela um frêmito intenso de tristeza e desejou, de todo o coração, poder estalar os dedos e ser devolvida ao seu próprio quintal na casa da rua Followell, onde poderia pôr Lola para descansar ao lado de Monty, o canário, e diversos peixinhos dourados falecidos: os companheiros da sua infância. Pôde sentir que as lágrimas vinham vindo, e a última coisa que queria era chorar na frente de dois completos estranhos. Então ela disse:

— Se me derem licença, vou enterrar a Lola no bosque. Foi um prazer conhecê-lo, senhor Pixler. Quanto a você — ela olhou para Marmelo —, não posso dizer o mesmo.

— Bem, isso é que é falar com franqueza — disse Pixler.

— No Minnesota, falamos com franqueza. — Minnesota? — disse Marmelo. — Que ilha é essa?

— O Minnesota não fica em Abarat, Marmelo — disse Pixler.

— Quer dizer... ?

— Sim — disse Pixler. — O Minnesota fica no Mais-Além. Candy deixou-os discutindo e afastou-se para o bosque, cuidando para ficar bem longe da área onde os homens estavam trabalhando sob a supervisão de Teimulo, para arriar a mariposa dos galhos.

Ela encontrou um lugar onde a terra parecia relativamente macia e começou a cavar com as mãos. Depois de ter cavado pouco mais de um palmo, depositou o pequeno corpo de Lola no fundo do buraco c jogou um punhado de terra por cima. Em sua vida comparecera a um único funeral, o da avó, mas se lembrava de algumas palavras esparsas da cerimônia. — Cinzas às cinzas, pó ao pó... — murmurou ela. E então improvisou: — Obrigada pela sua companhia, Lola. Lamento muito você ter partido. Vou sentir saudades. — Ela começou a empurrar o resto da terra para cima do corpo da lula enquanto falava, até cobri-lo completamente. — Espero que o lugar onde você está seja um lugar onde você queira estar. — Fungou forte, engolindo as lágrimas. Não fora só o funeral improvisado de Lola que as provocara. Foram as lembranças de casa e pensar na enorme distância entre o lugar onde estava e as ruas de Galinhópolis. — Agora estou sozinha — disse para si mesma.

— Não, não está.

Ela olhou por cima do ombro. Rojo Pixler estava ao seu lado.

— Este é um funeral particular — ela lhe disse.

— Oh, sinto muito — disse ele, parecendo verdadeiramente contrito. — Eu realmente não quero me intrometer no seu luto. É só que lá atrás você disse uma coisa muito interessante.

— Eu disse?

— Quando me disse que veio do Minnesota.

— Ah, isso.

— Sim, isso. Estava falando a verdade?

— Por quê?

— Porque eu ficaria extremamente grato se você me levasse até lá.

— Até o Minnesota?

— Sim. Até o Minnesota. Candy pareceu incrédula.

— Você não iria gostar — disse ela.

— Ah, mas eu acho que iria. Estou sempre à procura de novos mercados para o Commexo Kid e a Panacéia dele.

Candy não reagiu. Acabou de cobrir o corpo de Lola e ajeitou a terra com as mãos. Pixler, nesse meio-tempo, se acocorara ao lado dela.

— Aqui — disse ele. Tinha feito uma pequena cruz com dois gravetos, amarrados com um pedaço de capim.

Candy foi um pouco pega de surpresa com a gentileza simples do gesto, mas pensou: "Bem, ele está tentando ser civilizado", e pegou a cruz da mão de Pixler e a cravou na terra fofa na cabeceira do túmulo.

— Obrigada — disse ela.

— Não há de quê. Quero que sejamos amigos. Qual é mesmo o seu nome?

— Candy Quackenbush.

— Candy, eu sou Rojo. Vou falar sem rodeios. O fato de você ter vindo do Mais-Além é da maior importância para mim.

— Não vejo por quê — disse Candy. — Lá não é tão interessante quanto aqui.

— Talvez não seja para você — retrucou Rojo. — Mas você está acostumada. Já para mim é... é um novo território para explorar. Uma nova fronteira. Já fiz tudo o que podia aqui. Preciso de algum lugar novo para...

— Conquistar? — disse Candy, pondo-se em pé e olhando para Pixler de cima para baixo.

— Não — ele protestou não muito enfático. — Tenho cara de conquistador? Sou um homem civilizado, Candy. Construo cidades...

— E queima livros — disse ela.

Ele pareceu aflito por ter sido pego mentindo. Antes que ele pudesse rebater com outra contestação, Candy tinha algo mais a dizer:

— E dispara contra criaturas indefesas.

— Eu não vi que você estava sendo carregada pela mariposa, juro. Se tivesse visto, não teria disparado.

— Também havia alguém montado na mariposa. — Verdade?

— Sim. O nome dele era Vivaldo Stampa. Ele morreu na queda. Rojo pareceu genuinamente desolado.

— É uma tragédia. E eu sou o responsável, não há dúvida. No calor da caçada, fiz algo que não devia ter feito. Você o conhece? Quero dizer, o homem que estava montado? Se ele tiver família, vou providenciar todas as reparações que puder.

— Não sei se ele tem algum parente. Trabalhava para alguém chamado Cristóvão Carniça.

— Carniça? E mesmo? — Rojo desviou os olhos de Candy para a mariposa, que os homens de Teimulo já estavam quase arriando das árvores. — Então ela foi obra de Carniça, hein? — disse ele com uma certa reverência na voz. — Muito impressionante.

Candy também olhou para a mariposa. Luz e cores ainda jorravam dela e se dissipavam pelo ar, iluminando as árvores: azul, roxo, amarelo, vermelho.

— Então conte para mim — disse Pixler — o que você estava fazendo, dando um passeio na mariposa de Carniça?

— Se precisa saber, eu não estava dando um passeio. Stampa me seqüestrou.

— Seqüestrou?

— Sim.

Rojo deu um sorrisinho convencido. — Bem, então... — disse ele —, eu a salvei de algum problema muito sério. Você não teria gostado de ser prisioneira de Carniça, acredite. Aquele homem tem a moralidade do próprio Demônio. E se ele conseguir encontrar um jeito de passar para o Mais-Além...

— Não é tão difícil assim — disse Candy.

— Chegar lá talvez não seja. Mas estabelecer uma cabeça-de-ponte... — ele passou a mão pelo cabelo. — Esse é o desafio. Por favor, me escute, Candy. Eu sinceramente acredito que poderíamos ser muito úteis um para o outro.

Candy não estava convencida.

— Como? — disse ela.

— Pense bem. Eu preciso de alguém com um bom conhecimento prático do Mais-Além, e você precisa de alguém aqui para protegê-la de Carniça.

— Não preciso de proteção.

— Ah, menina, você não tem a menor idéia do que esse homem será capaz de fazer com você se ele resolver ser cruel. Ele faz sua própria lei, acredite.

— Mesmo assim, não estou a fim de contar nada sobre o Mais-Além — disse Candy, recuando.

— Ora, não se faça de difícil — disse Pixler. — Reconheço que nos conhecemos em circunstâncias difíceis. Mas eu honestamente lamento pela mariposa. Foi só um acidente. Podia ter acontecido com qualquer um.

— Qualquer um que estivesse caçando — disse Candy.

— Reconheço que nem todo mundo aprova a caça. Mas me faz relaxar. E tenho uma enorme coleção de animais empalhados na Cidade Commexo. Dezenove mil espécimes, desde pulgas até baleias kiefalentes. Realmente gostaria que você visse.

— Em alguma outra ocasião, quem sabe — disse Candy. Pixler encolheu os ombros.

— Pode duvidar de mim — disse ele, endurecendo o tom —, realmente não me importa. No fim, ainda virá me implorar ajuda quando Carniça estiver atrás de você. Para escondê-la dele.

— Sim, é possível... — disse Candy. — Mas neste momento, prefiro correr o risco.

— Por favor — disse Pixler, fazendo uma última tentativa desesperada de convencê-la —, deixe-me levá-la para a Cidade Commexo. Metade destas ilhas não é segura. Os habitantes são selvagens. Totalmente incivilizados.

— Eu não vou para a Cidade Commexo com você. Decididamente — disse Candy.

Na verdade, uma pequena parte de Candy queria aceitar o convite de Pixler. Afinal, ele era bastante bem educado; era mais parecido com um ser humano comum do que muitas das criaturas que encontrara em suas andanças, coisa que — naquele momento — lhe parecia reconfortante, listava se sentindo muito só, e muito cansada. Já perdera a conta de quanto tempo havia se passado desde que ela e Treloso mergulharam no Mar de Izabella (o relógio tinha parado, embora Candy o tivesse acertado quando Treloso lhe mandara fazer isso); estava se sentindo agora como os turistas do Mais-Além se sentiam quando viajavam à volta do mundo e seus relógios biológicos ficavam confusos. Seu raciocínio estava lento, seus braços e pernas doíam. A idéia de ir com Pixler para algum

lugar civilizado onde os chuveiros provavelmente eram quentes e as camas certamente macias não deixava de ter seus atrativos.

Porém nesse caso ela estaria efetivamente sob o controle de Pixler, não estaria? Na cidade dele, como convidada dele. Ou prisioneira.

— Posso ver que você está reconsiderando — disse Pixler, lendo a confusão no rosto de Candy. — Sem dúvida, está pensando em um lugar confortável para descansar a cabeça.

Candy tentou bloquear as tentações dele concentrando-se em outra coisa. Voltou a atenção para a mariposa.

Escondida no meio das árvores, a equipe de Teimulo estava prestes a descer o corpo da criatura. Ouviam-se muitos gritos e uma confusão de ordens quando, antes do que planejavam os trabalhadores, o cadáver da mariposa despencou das árvores com grande estardalhaço. Quando atingiu o chão, explodiu numa chuva cintilante de luz e cores.

Mas havia algo mais na substância da criatura, que também foi liberado quando ela arrebentou. Candy viu quatro ou cinco faces cadavéricas se erguerem dos restos resplandecentes da mariposa e subirem serpenteando para o céu.

O espetáculo não atraiu só a atenção de Candy, mas também a de Pixler e Marmelo. Candy aproveitou o momento. Cautelosamente recuou um passo, depois outro, e depois outro. Marmelo e Pixler não notaram: a desintegração da mariposa era como uma exibição de fogos de artifício; exigia toda a atenção.

Depois de cinco passos para trás, Candy se voltou e saiu correndo.

Não levou muito tempo para chegar até o outro lado do bosque, onde parou para dar uma olhada para trás. Pôde ver as silhuetas de Marmelo e Pixler recortadas contra o clarão da mariposa. Àquela altura, já tinham ambos percebido que ela se fora.

Estavam olhando em volta, obviamente tentando localizá-la. Mas pelo jeito tinham fitado o clarão da mariposa em desintegração por tempo demais, e ainda estavam ofuscados. Ou, quem sabe, ela simplesmente estava oculta pela escuridão. Qualquer que fosse o motivo, quando eles olhavam na direção dela, como agora, não chegavam a vê-la.

Pixler gritou alguma coisa para Marmelo, que voltou imediatamente à gôndola do balão.

"Ele foi buscar mais gente", pensou Candy. "E melhor eu sair daqui."

Virou as costas para os homens e a mariposa, e sondou o terreno à sua frente sob a luz das estrelas. Malhoparvo era uma ilha de colinas suaves; no topo de uma dessas colinas, talvez a um quilômetro e meio do lugar onde estava, havia uma construção com uma grande cúpula em cima. Havia luz nas janelas, portanto, se era uma casa, alguém estava lá, e se era algum tipo de construção religiosa (como a cúpula a fazia pensar), estava aberta para orações. Ou para oferecer proteção, que é o que precisava naquele momento.

Dessa vez ela não se voltou para trás para dar uma olhada em Rojo Pixler, ou na mariposa com suas cores e fantasmas serpenteantes. Simplesmente começou a descer a rampa suave que levava para longe das árvores. Em muito pouco tempo perdeu o bosque de vista, e as vozes dos homens foram levadas pelo vento.

Estava sozinha pela primeira vez desde que chegara a Abarat. Não havia caçadores, nem Saltadores-do-Mar; e nem Izarith, nem Samuel Klepp, nem João Treloso e seus irmãos.

Somente ela, a srta. Candy Quackenbush de Galinhópolis, debaixo de um céu cheio de estrelas estrangeiras.

De algum lugar dentro dela, lá no fundo, surgiu um grande e imprevisto acesso de alegria.

Por puro prazer, começou a cantar enquanto andava. Não foi uma canção do Mais-Além que lhe veio aos lábios. Foi a absurda cançoneta que os Saltadores-do-Mar tinham cantado.

Ó, ai de mim!
Ó, ai de mim!
Eu tinha um pé de guaxinim!
Mas foi comido por galinhas,
Não tenho mais frutas fofinhas!
Ó, ai de mim!
Ó, ai de mim!
Eu tinha um pé de guaxinim!

Por alguma razão misteriosa, lembrava-se dela perfeitamente, como se tivesse sabido a vida inteira, o que obviamente era impossível. No entanto ali estava, saindo dos seus lábios com a mesma facilidade de algum versinho que tivesse aprendido no jardim-de-infância.

Ora, ora, pensou ela soltando a voz na canção, eis aí um novo mistério.

E contente com a idéia de que, na jornada que tinha pela frente, em algum lugar iria encontrar a resposta para aquele mistério — além de algo para comer —, ela seguiu caminho, cantando sobre galinhas e pés de guaxinim.

24. CAVADORES E DRAGÕES

JOÃO TRELOSO NÃO ESTAVA se gabando sem motivo quando se referiu a si mesmo — ou, mais corretamente, a eles mesmos, os irmãos — como mestres do crime. Durante a sua longa carreira criminal, tinham roubado de todos os tipos de lugares, carregando todos os tipos de mercadorias. Tinham sido presos apenas uma vez mas fugiram da custódia quando estavam sendo transportados de volta a Yebba Dia Sombrio, pulando por cima da amurada do barco.

Os irmãos praticaram tantos furtos que era difícil se lembrar de todos; alguns deles, porém, eles ainda gostavam de relembrar em momentos de ócio e bazófia. O assalto à mansão de Maleus Gentyl no Morro do Buffo, por exemplo, tinha sido extremamente lucrativo. Saíram de lá com todas as fantasias que Gentyl já usara nos Carnavais Cacodemônico.s em Soma Pluma: sessenta e uma roupas completas, todas enfeitadas com jóias preciosas e costuradas com Fio de Sírio. Apenas um ano depois ou pouco mais, eles invadiram a prisão em Scoriae e roubaram todas as tatuagens do corpo do gângster Miko-Miko, deixando-o nu como no dia em que nasceu.

Depois eles forçaram as fechaduras da porta do Repositório da Memória, que continha cento e trinta e uma salas de tesouros que pertenceram aos importantes e notáveis de Abarat, desde os tempos em que as ilhas eram vinte e quatro Territórios Tribais.

Nada do que havia no Repositório tinha qualquer valor real. Não havia jóias, nem metais preciosos. Mas as salas continham objetos de valor infinitamente maior do que riquezas. Aqui, colecionado e catalogado nas prateleiras, havia um tesouro do coração: jogos de infância de reis, brinquedos de príncipes; moldes de barro que potentados sonharam um dia transformar em palácios. Os compradores potenciais de todos aqueles objetos de adorável

inconseqüência eram pessoas do outro lado do arquipélago, que ainda idolatravam os antigos proprietários; e os irmãos contavam lucrar tantos milhões de zens que nunca mais teriam de roubar um garfo sequer.

Mas o destino não quis assim. Miko-Miko fugiu da prisão dois dias depois e foi atrás dos irmãos, e a única maneira de Treloso e os outros escaparem vivos foi entregar a ele o butim do Repositório.

Mas o tesouro do qual os irmãos mais se orgulhavam de ter roubado, já que o roubo tinha sido tão difícil, era uma pintura conhecida como *O momento de beleza.*

Estivera pendurada naquela que era conhecida como a Casa de Pedra, propriedade do antigo senhor das Ilhas do Dia, o Rei Noel. Desde a morte de sua filha, Noel se tornara um comilão obsessivo e agora pesava mais de quatrocentos e cinqüenta quilos. Comia e dormia em um enorme carro de dar corda, no qual saíra em perseguição aos ladrões quando acordara e descobrira que a sua pintura tinha sido roubada.

Aquela tinha sido por pouco. Mas os irmãos ficaram orgulhosos do serviço. E sem dúvida tão enamorados do quadro que tinham roubado que quase consideraram a possibilidade de ficar com ele.

O momento de beleza era uma obra adorável.

Ou, mais exatamente, três obras; pois o artista, um homem chamado Thaddeus George, pintara um tríptico que, com as três partes dispostas lado a lado, retratava o arquipélago inteiro, imortalizado em óleo numa época em que todos tinham altas esperanças para o futuro. O Rei Noel encomendara a obra de Thaddeus seis semanas antes do casamento da filha; levara o artista a um passeio de balão, para que ele pudesse ver Abarat se descortinar "neste momento de beleza".

O mundo que Thaddeus pintara era muito diverso do Abarat de hoje. As ilhas eram muito diferentes dezesseis anos antes. Não existia uma Cidade Commexo em Pyon. Babilonium era uma modesta coleçãozinha de tendas e barracas de parque de diversões (uma roda-gigante, um labirinto de espelhos, uma jaula com um saltimbanco que arrancava a dentadas cabeças de galinhas vivas). O tráfego aéreo acima das ilhas era de pouco mais de alguns milhões de aves e um ou outro balão ocasional, e no mar o movimento consistia principalmente de veleiros.

No interesse da sua arte, Thaddeus também tomara algumas liberdades com o tamanho e complexidade das ilhas. Deixara de fora a maior parte das cidades e aldeias, e os afloramentos menores — que não contavam como Horas, tais como a Rocha do Ocaso — também foram omitidos.

Porém mesmo dessa forma tão simplificada, a última obra conhecida de Thaddeus tinha sido a sua realização mais ambiciosa: olhar para ela era sentir-se como um pássaro pairando acima das ilhas, sustentado por um vento balsâmico.

Os Joões tinham feito uma pequena fortuna com aquele roubo.

Tinham vendido o quadro a Rojo Pixler. Ele pagara muitos milhares de zens, os quais Treloso supunha que fossem emprestados, pois na época Pixler era um caixeiro-viajante que vendia brinquedos de dar corda em cores berrantes.

O fato de que Pixler provavelmente usara 0 *momento de beleza* como um modo de planejar a sua lenta — porém aparentemente irrevogável — conquista das ilhas não passou despercebido para os irmãos. Nos anos que se seguiram desde que Pixler adquirira a pintura, o juízo de Pixler (bem como a sua sorte) tinha sido impecável. Era agora, sem dúvida, a criatura não mágica mais poderosa de Abarat. Além da Cidade Commexo, que de tão vasta era praticamente um mundo em si, o ex-caixeiro-viajante também possuía o controle acionário de Babilonium, e estava agora

planejando a construção de um prazeródromo, como descrevia, às Cinco Horas da Tarde. Falava-se até mesmo

que ele pretendia comprar o Grande Zigurate em Soma Pluma e desconsagrá-lo, para transformá-lo em uma segunda cidade do tamanho de Commexo.

Apesar do fato de que a sua imagem pública era o sempre sorridente Commexo Kid, Pixler não era, de modo algum, um amorzinho de pessoa. De fato, quando comprara o quadro fizera saber que, caso João Treloso ou qualquer de seus irmãos chegassem alguma vez a murmurar para alguém que aquela transação acontecera, daria um jeito para que o murmurante e seus irmãos fossem silenciados.

Aquele era o verdadeiro Rojo Pixler falando.

Portanto, Treloso e seus irmãos ficaram de boca calada, e o fato de que o quadro desaparecera jamais chegou às páginas dos jornais. Ainda assim, diversos outros crimes pelos quais os Joões eram responsáveis continuava sendo o assunto predileto, tanto nos cafés como nas barracas de doces, anos depois de terem ocorrido. Era opinião geral que, quando Treloso e seus irmãos fossem finalmente localizados e levados a julgamento, a pena seria a morte.

Tudo isso é para explicar por que Treloso, por mais exausto que estivesse com as suas viagens e por mais que quisesse ficar por perto de Candy para resgatar a Chave que ainda estava com ela, não ousava ficar nas proximidades de Yebba Dia Sombrio.

Em vez de entrar na Grande Cabeça para procurar Candy, arriscando-se a ser reconhecido, ele aguardou na água, perto do píer, até que o tumulto se aquietasse. Arrastou-se, então, até o cais (ou o que restara dele) na esperança de encontrar um barco que o levasse até alguma ilha menos movimentada. Para algum lugar onde os

irmãos pudessem relaxar por alguns dias e planejar a próxima jogada.

Ele estava com sorte. Sentado, dando flocos amanteigados de peixe-coa a Mingau, ouviu uma mulher bater palmas para chamar a atenção de todos os que estavam no cais no momento e anunciar:

— Precisamos de alguém que saiba cavar! Em uníssono, todos os irmãos disseram:

— Ele sabe cavar!

E, não pela primeira vez, Treloso se viu apresentado como voluntário.

Cinco minutos depois um veleiro de dois mastros chamado *Belbelo* zarpou de Yebba Dia Sombrio rumo às correntes dos estreitos da Penumbra.

O homem encarregado da embarcação era um certo capitão Hemmett McBean, um sujeito do tamanho de um urso, com água salgada no sangue. Havia mais quatro ocupantes no *Belbelo,* além dos oito irmãos. Primeiro havia a pessoa que pedira alguém que soubesse cavar, uma guerreira negra chamada Geneva Pessegueiro, que era obviamente a encarregada daquela missão, qualquer que fosse o objetivo dela. Além dela e do capitão havia mais dois cavadores: um era uma criatura que chamara da ilha de Ditto, cujo nome era Dodô Dois-Dedos; o outro, um sujeito grande, abrutalhado e careca a não ser por três cachos negros, chamado Carlotti "Beija-Cacho". Tinha sido um jogador de certa notoriedade, mas perdera a língua e os dedos do meio de um dos pés em uma aposta havia muitos anos, e desde então abandonara o jogo. O último membro daquele bando improvável — mas de modo algum o menos importante — era uma menina com um jeito de criança abandonada, com não mais de treze anos, longos cabelos platinados e olhos escuros e eloqüentes. Seu nome era Tria, e ela ficava a maior parte

do tempo sentada na proa do *Belbelo,* com o olhar perdido nas águas do Izabella.

Essas águas logo se tornaram muito mais turbulentas, quando a pequena embarcação de McBean deixou os Estreitos e saiu para o mar aberto. Havia nuvens de tempestade vindas das alturas da Abóbada de Hap, e Hemmett já avisara os passageiros de que a tempestade ia ser violenta. As nuvens agora se moviam sobre o mar, cuspindo relâmpagos nas águas agitadas.

A menina Tria não parecia se perturbar com o modo como o *Belbelo* cavalgava as ondas cada vez mais violentas. Simplesmente continuava olhando fixamente para as ilhas obscurecidas ao longe e, de quando em quando, sussurrava alguma coisa para Geneva. As instruções da menina eram por sua vez passadas a McBean, que pilotava o barco na direção que os instintos de Tria indicavam.

Enquanto seguiam, Dodô Dois-Dedos, que se gabava de uma bela coleção de tatuagens de espirais, ficou sentado a estibordo com um mapa amarelado e muito vincado nas mãos, estudando-o com uma grande lupa. Geneva Pessegueiro estava em pé no centro do barco, dando ordens e escrutinando o horizonte. De vez em quanto ia até onde estava Dodô Dois-Dedos para consultar o mapa.

Os Joões estavam curiosos demais para não ir até o outro lado perguntar o que havia de tão interessante no documento que eles estavam estudando. Assim que se aproximaram, Dodô Dois-Dedos começou a dobrar apressadamente o mapa. Então Geneva disse:

— Tudo bem, Dodô, eu conheço os irmãos.

— Mesmo? — disse João Depena.

— Só de reputação — respondeu Geneva Pessegueiro com um sorriso tão encantador que todos os Joões ficaram um pouco apaixonados naquele instante.

— Então, se você nos conhece — disse João Bagatela —, provavelmente não confia em nós.

— Muito pelo contrário — disse Geneva para Bagatela. — As únicas pessoas em que realmente confio são aquelas que não têm nada a perder.

— Ah — disse João Depena —, então somos nós,

— Não temos para onde fugir — disse Filé, um tanto abatido.

— Eis a minha promessa a vocês, irmãos — disse Geneva. — Se as coisas derem certo nesta expedição, oferecerei a vocês um lar num lugar onde garanto que a lei jamais os tocará. Um lugar onde poderão começar vida nova.

— Onde fica isso?

— Na Ínsula do Ovo Negro — respondeu Geneva. -- Pode não parecer o mais convidativo dos lugares. Quatro da Manhã é um horário escuro. A Lua já desceu e o sol ainda não está nem perto de exibir sua face. Mas na minha ilha há mais do que trevas e morte.

— É mesmo?

— Acredite em mim. Às vezes, quando a vida parece estar mostrando o seu lado mais implacável, há uma luz, escondida na essência das coisas.

Ela desviou os olhos enquanto falava, e João Treloso percebeu que não estava apenas descrevendo os mistérios da sua ilha. Estava falando sobre o aqui e agora: aquela viagem e o objetivo dela.

Aquele pareceu ser um bom momento para perguntar exatamente que objetivo era aquele.

— O que você planejou para nós? — perguntou João Filé. — Por que precisamos de cavadores, para começar?

— Conte a eles, Dodô — disse Geneva. Dodô Dois-Dedos pareceu um pouco relutante.

— Prossiga — urgiu Geneva.

— **Não quero assustá-los** — disse Dodô.

— Não sei **por** quê, mas João Treloso não me parece ser do tipo nervoso — retrucou Geneva. — Nem os irmãos dele.

— Se você **diz.**

— **Eu digo** — replicou Geneva. Suas palavras, mesmo pronunciadas com brandura, eram indiscutivelmente uma ordem. E uma vez dada a ordem, ela deixou Dodô e os Joões conversando e foi se consultar com Tria outra vez.

Os Joões ficaram olhando enquanto ela se afastava.

— Acontece depressa, hein? — O quê?

— Se apaixonar por Geneva. De fato, basta um olhar. Não precisa de mais nada.

Todos os Joões olharam para Dodô. Chorão, Pestana e Depena co-raram.

— Não se preocupe, ela tem o mesmo efeito sobre todo mundo. Até eu. Você tem esposa?

— Não — disse Treloso. — E você?

— Eu tenho uma estranha família — disse Dodô Dois-Dedos. — Quer ver?

— Com certeza — disse Treloso.

Dodô Dois-Dedos mostrou uma fotografia muito manuseada de cinco indivíduos. Um era o próprio Dodô, com uma Jenga Idjotiana de duas cabeças enrodilhada a seus pés. Em pé ao lado de Dodô estava um homem grande, de pele escarlate e cabelo comprido em tranças, com um leitão-em-flor miniatura nos braços.

— Entendo o que quer dizer — disse Treloso. — Uma estranha família, sem dúvida. Sente saudades deles?

— É claro. De todos eles. Estivemos juntos por muito tempo. Mas esta missão é importante para mim. Eles entendem que eu tive de vir.

— Ele guardou a fotografia com todo o cuidado. — E sabem que posso não voltar.

— O que foi que ele disse? — perguntou João Depena.

— Eu ouvi o que ele disse — respondeu João Pestana. Todo o chifre do qual brotava Pestana se inclinou para a frente quando ele se dirigiu a Dodô. — Vamos ver se entendi direito — disse João Pestana. — Você está dizendo que podemos ser mortos?

— Ora, quietos, todos vocês — disse João Treloso, embaraçado com a demonstração de covardia dos irmãos. — Nós nos envolvemos nesta viagem e vamos até o seu amargo fim.

— No entanto seria bom saber exatamente do que tudo isso se trata — disse Chorão com o seu jeito seguro de costume. — Apenas para estarmos preparados, você sabe.

— É claro — disse Dodô, esquecendo as reservas iniciais. — Por onde começo? Bem, vamos começar com Finnegan. Algum de vocês se lembra de um homem chamado Finnegan Hob?

— É claro — disse João Mingau. — Era o pobre coitado...

— ... que ia se casar com a Princesa Anaconda — disse João Bagatela.

— Mas ele não teve chance... — disse João Chorão. — ... porque a Princesa — disse João Treloso — foi levada por um dragão quando estava no altar.

— Você está certo — disse Dodô. — Finnegan era um bom homem. De fato, acredito que teria sido um grande homem se tivesse se casado com a Princesa e tido uma oportunidade de chegar ao poder. Juntos, eles teriam curado grande parte das antigas feridas

em volta das ilhas. Hostilidades que vêm desde a guerra entre a Noite e o Dia.

— Ele não era de sangue real, era? — disso João Cobra.

— Bem, esta é a parte interessante no que diz respeito a Finnegan — prosseguiu Dodô. — O pai dele era um Príncipe do Dia. Seu nome era Maffick Hob. A mãe era de origem plebéia, mas possuía alguns poderes extraordinários próprios. E era uma filha da Noite. Seu nome era Mariah Capella, e vivia em Ponto-Fru...

— Mistura interessante — observou Treloso. — Finnegan era um híbrido e tanto.

— Isso é um eufemismo — disse Dodô. — Era uma união proibida, esse casamento entre Maffick e Mariah. Um Príncipe do Dia e uma bruxa das Bandas da Noite; coisa nunca vista, Então Finnegan era um homem raro, sob todos os aspectos. Tive a grande honra de conhecê-lo por alguns meses enquanto ele fazia a corte à Princesa Anaconda. Eu era encarregado dos estábulos dela, e fazia os arranjos para eles cavalgarem juntos. De início era uma corte secreta, é claro. Mas não ficou secreta por muito tempo.

— Por que não?

— Porque o amor dela por ele transbordou. Um amor tão profundo não podia ser escondido, não das pessoas que a conheciam bem, como seu pai. Ele logo descobriu tudo mesmo com nossos pequenos arranjos.

— E o que disse o Rei Noel quando descobriu? — perguntou João Bagatela.

— No começo ficou furioso. Como podia a Princesa contemplar a possibilidade de se apaixonar por um homem de origens tão questionáveis? "Meio isso, meio aquilo", lembro-me que ele dizia. Mas tudo mudou muito depressa.

— Por quê?

— Porque ele conheceu Finnegan. — Dodô deu um sorrisinho triste. — Não era possível conhecer Finnegan por mais de dois minutos e não se encantar com ele. Tão gentil. Tão compassivo. Tão certo de suas opiniões e tão profundo em seus sentimentos... — Ele suspirou fundo. Aquelas memórias obviamente tinham um sabor meio amargo. — Enfim, o Rei Noel sancionou a união e o casamento foi anunciado. Era para ser realizado na Porora, no Velho Palácio de Bowers. Acredite, jamais houve mulher tão feliz como a Princesa naqueles meses que antecederam a cerimônia. O amor dela por Finnegan iluminava tudo o que dizia e fazia. — Lágrimas surgiram nos olhos de Dodô e, transbordando, escorreram pelo seu rosto. — Só tenho um consolo — disse ele, com a voz rouca de tristeza. — O de que ela foi a alma mais feliz em toda a criação, até o último momento da sua vida.

— Então você estava lá no Palácio quando aconteceu? — disse João Chorão.

— Ah, sim — disse Dodô. — Infelizmente sim. Eu estava talvez a dez metros dela quando a língua do dragão a pegou. — Ele silenciou quando o quadro daquele horror surgiu na sua cabeça. — Ele a arrastou para fora pela porta do Palácio antes mesmo que nos déssemos conta do que estava acontecendo. Finnegan foi o primeiro a ir atrás dele. Mas era tarde demais. Ela já estava morta quando ele saiu. Dez, talvez doze segundos se passaram desde que estivera junto ao altar com Finnegan ao seu lado até estar caída no chão, afastada de nós para sempre. Mesmo agora, depois de todos esses anos, quando penso nisso mal dá para acreditar.

Uma trovoada violenta sacudiu as tábuas do barco e eles sentiram nos rostos o borrifo das primeiras gotas de chuva gelada, que se misturaram às lágrimas que escorriam pelas faces de Dodô.

— O que tudo isso tem a ver com esta nossa pequena pescaria? — disse João Treloso.

— Eu vou contar. Durante nove anos, depois de ter perdido a Princesa, Finnegan ficou procurando pela família do dragão que a matara. Ele precisava de respostas, você entende. Sabia que o assassinato da sua amada não tinha sido o ato de um verme brincalhão...

— Verme? — disse João Cobra.

— Sim, senhor. Verme — replicou Dodô, com profundo desprezo. — "Dragão" é um termo nobre demais para aquelas coisas.

— Espere aí — disse Treloso. — Acho que não estou acompanhando muito bem. Você está dizendo que Finnegan estava indo atrás daqueles dragões... daqueles vermes, para interrogá-los?

— Vermes têm línguas — disse Dodô. — E muitos deles são bem

eloqüentes. Alguns são poetas.

— Verdade? — disse João Chorão. — Nunca soube disso.

— Há algum que preste? — disse João Bagatela.

— Porcaria, estrume, excrementos — respondeu Dodô.

— Foi o que imaginei — disse Bagatela.

— Então, Finnegan reuniu um bando de pessoas que estavam dispostas a ajudá-lo a encontrar aqueles vermes — disse Dodô. — Éramos em onze. Doze, incluindo Finnegan. Que eu saiba com certeza, restamos do bando somente McBean, Beija-Cacho, Geneva e eu.

— Nossa! — disse Mingau.

— A caça aos dragões não é uma tarefa apropriada para pessoas que pretendem viver vidas longas.

— Imagino que a essa altura Finnegan já tinha matado o dragão que assassinara a sua amada, certo?

— Oh, sim. Finnegan o matou logo na saída do Palácio. Entrou na boca da criatura e lhe meteu a espada nos miolos. E aquele era um verme famoso. Será que já não ouviram falar? Gravainia Pavonine.

— Uau! — disse Treloso.

— São criaturas totalmente ridículas quando você as põe contra a parede — disse Dois-Dedos. — Fazem todo aquele alarido e se dão ares de importância, mas não têm um pingo de amor ou honra dentro delas.

— Mas são inteligentes? — disse Depena.

— Ah, com certeza. Maravilhosamente inteligentes, alguns deles. Mas eu acho que inteligência sem amor é uma coisa vazia.

— Bem colocado — comentou João Chorão.

— Acredite, estive cara a cara com diversos vermes na minha época, e eles são uma espécie perversa, fútil e cruel. Até mesmo as cabeças coroadas.

— Você conheceu a realeza?

— Oh, sim. Gravainia Pavonine era o quarto na fila da sucessão ao Trono de Escamósia. Somente os seus irmãos, Nemapsychus e Giamantis, e a sua irmã, Pijirantia Pavonine, vinham antes dele. E ainda estão todos vivos, receio ter de dizer.

— E Finnegan? — disse João Bagatela. Você estava nos contando sobre ele e perdeu o rumo com toda essa conversa vermiculosa.

— Ah, sim. Finnegan. É aqui que entra ela — disse Dodô. Ele apontou para a garota franzina ainda sentada na proa do *Belbelo,* desafiando as ondas. Geneva tinha posto um casaco em volta dos ombros frágeis de Tria, mas ela parecia nem notar o aguaceiro. — A nossa pequena amiga Tria tem uma misteriosa capacidade de

encontrar pessoas; com freqüência pessoas que estão desaparecidas há muito tempo.

— E quando você viu Finnegan pela última vez? — perguntou Treloso.

— Cerca de seis anos atrás — respondeu Dodô. — Ele foi embora sozinho.

— Por quê?

— Porque a sua busca pela família de Gravainia Pavonine já cobrara um terrível tributo em vidas. Não queria que mais ninguém morresse por musa dele, então escapuliu enquanto estávamos em Efrit; deixou um bilhete dizendo que deveríamos todos seguir com as nossas vidas. Disse para esquecer dele. Como se acaso pudéssemos fazer isso.

Ele relanceou Geneva, que estava olhando em sua direção naquele momento. Pela expressão do rosto, ela claramente sabia qual era a história que estava contando e, com um aceno de cabeça, encorajou-o a terminá-la.

E assim, Dodô prosseguiu.

— Todos nós tentamos obedecer às instruções dele, tanto por ele como por nós mesmos. Fomos cada qual para o seu lado e tentamos viver as nossas vidas. Mas Finnegan nunca ficou muito longe dos nossos pensamentos. Como poderia? Tínhamos compartilhado da sua missão e da sua companhia por anos. Todos sabíamos que ele estava lá fora, em algum lugar entre as ilhas, sozinho. — Dodô balançou a cabeça. — Detestávamos pensar nisso. Ficávamos atentos às notícias dele, e às vezes ouvíamos alguma coisa, que ele tinha sido visto aqui, ou tinha sido visto ali, mas nunca nada de fidedigno. Então, há cerca de sete semanas, Geneva conheceu Tria. Aparentemente a criança percebeu na hora que havia alguém que Geneva queria encontrar.

— Então ela sabe que Finnegan está vivo?

— É o que ela diz.

— Com certeza?

— Com certeza. Mas ela tem uma sensação de que, onde quer que ele esteja, está enterrado.

— Ahá! — disse Treloso. — Então é por isso que vocês precisavam de um cavador!

— Você não vai estar só, acredite — disse Geneva, entrando na conversa. — Estaremos todos cavando ao seu lado.

— Fico feliz em saber — disse Treloso. Geneva voltou-se para Dodô.

— Você não quer tentar persuadir Tria a descer um pouco? Talvez ela lhe dê ouvidos. Pelo menos até que esta tempestade...

Ela foi interrompida pelo som de alguma coisa raspando no fundo do *Belbelo.* O navio foi sacudido.

— Batemos em alguma coisa? — disse João Cobra, alarmado.

— Eu sabia que não devíamos ter vindo nesta viagem! — resmungou João Depena. — É uma insanidade que...

Treloso ignorou os irmãos e foi olhar por cima da amurada do barco, para ver se tinham batido em alguma pedra. Mas não; o que eles tinham atingido, ou melhor, o que os atingira, estava se movendo nas águas turbulentas. E não era um pequeno objeto.

Dodô olhou para Treloso com uma expressão de profunda preocupação.

— Acho que encontramos o nosso primeiro dragão — disse ele.

25. TRELOSO ANIQUILADO

ERA MESMO UM DRAGÃO; um verme da variedade marítima, Ele se erguia seis metros acima das águas agitadas, a parte de trás da cabeça se dilatava como o capelo de uma serpente e era coberto de espinhos de trinta centímetros de comprimento. A sua aparição foi o bastante para balançar o *Belbelo* tão violentamente que ele quase emborcou. — *A'zo e Txá!* — disse Treloso. — Olhe só aquela coisa!

— Pegue a criança! — gritou Geneva.

Dodô Dois-Dedos saiu correndo imediatamente e atravessou o barco oscilante para resgatar Tria da proa. Nem mesmo a chegada súbita da grande serpente a distraíra das suas meditações sobre o paradeiro de Finnegan. Mas não protestou quando Dodô a tirou da sua vulnerável posição e a levou para a pequena cabine.

O dragão, enquanto isso, estava falando.

— Estas águas são minhas — disse ele em voz profunda e macia; seu tom era bem indiferente. — Eu cobro pedágio de quem passa por elas. — A cabeça oscilou como um pêndulo enquanto ele perscrutava as pessoas no tombadilho do *Belbelo.* — Hoje, serei generoso. Por vocês terem invadido meus domínios, vou tomar apenas... vejamos, o que vou tomar de vocês? — Ele farejou, sua cabeça passando rente às tábuas da embarcação, que rangiam. — Vou tomar uma menininha — disse ele. — Onde está ela? Não a escondam.

A cabeça do dragão chegou mais perto da porta da cabine.

— Tragam-na para fora! — exigiu o dragão. — Andem logo! Entreguem-na, e garantirei a sua passagem em segurança.

Ele se voltou para Carlotti.

— Qual é o seu destino, senhor? — perguntou o verme, todo cortesia.

Carlotti balançou a cabeça.

— Não me venha com negativas agora — continuou o dragão, seus terríveis dentes perigosamente perto da cabeça de Carlotti, como se estivessem prestes a decapitá-lo.

— Você não vai conseguir nenhuma resposta dele — disse Geneva, correndo os olhos em volta para localizar sua espada. — Ele não tem língua.

— Ah — disse o dragão, voltando-se para Geneva. — Então diga-me você, mulher. Aonde vocês vão? A Porora, por acaso?

— Quem sabe.

— Posso criar uma corrente com a minha cauda que vai levar vocês até lá em metade do tempo.

— Tenho certeza de que pode — disse Geneva, puxando a espada da pilha de roupas onde estava.

— Apenas me entregue a menininha — disse o dragão, bufando tão forte contra as portas da cabine que elas balançaram.

— Nem pensar — disse Geneva, dando uma cutucada com a espada no lado do pescoço do dragão, desviando sua atenção da cabine.

A besta lançou seu olhar cadavérico na direção dela.

— Ora, não me deixe nervoso, mulher — disse o verme. — Só quero cobrar o meu pedágio.

— Você me ouviu, verme — replicou Geneva. — Nem pensar. — Maldita seja, mulher — disse o dragão. — Tome isto!

Ele soltou um barulho obsceno de vômito e, de repente, regurgitou o conteúdo dos seus cinco estômagos em uma torrente

ruidosa que atingiu Geneva com tamanha força que a jogou do outro lado do tombadilho. A espada escapou-lhe da mão e saiu rodopiando pelas tábuas.

Geneva pôs-se em pé com dificuldade, as botas deslizando na gosma viscosa dos sucos digestivos do dragão. Escorregou duas vezes, mas na terceira tentativa conseguiu ficar na vertical. Tinha pegado uma nova arma: um dos ossos maiores que o dragão pusera para fora. Correu de volta pelo tombadilho e deu com o osso repetidamente de um lado e de outro do focinho do dragão, e quando o osso se estilhaçou, pegou outro e continuou a bater até esse novo osso também ficar em cacos.

— Quanto tempo vamos continuar com este joguinho? — disse o dragão, fazendo-se de profundamente enfadado. — Estou começando a ficar irritado.

Treloso e os irmãos estavam assistindo a tudo isso, sem saber muito bem se deveriam se esconder ou se atirar pela amurada.

— Eu é que não chego perto daquela coisa — avisou João Cobra.

— Pois justo você, Cobra — disse João Depena —, é quem deveria ficar feliz na companhia dela.

A discussão atraíra a atenção de Geneva. — Treloso! — gritou ela. — Distraia a atenção dele!

— O quê?

— Você me ouviu: distraia a atenção dele!

— Como?

— Use a imaginação!

Dizendo isso, Geneva se ajoelhou na imundície fétida expelida pelo verme e procurou a espada perdida.

— O croque! - disse João Bagatela. — Treloso! Escute! Pegue o croque!

— Onde está?

— Atrás de nós! — disse João Pestana.

— Não estou vendo!

— Na parede da cabine, Treloso! — gritou João Bagatela. — Está cego?

Havia de fato um gancho de atracação preso à parede da cabine. Infelizmente, estava bem embaixo do dragão, que recuara para avaliar melhor a dispersão dos seus inimigos.

— Não se preocupe — disse Pestana. — Ele não está interessado em nós! Estamos abaixo da dignidade dele.

— As famosas últimas palavras — disse João Cobra.

Mas Pestana estava certo. Pelo menos no momento, o dragão não estava interessado nos irmãos João. Estava observando Geneva de quatro no chão, sorrindo de contentamento com a humilhação dela.

Treloso mergulhou por baixo do pescoço coleante da besta e arrancou o croque do seu suporte. A vara tinha coisa de um metro de comprimento e o gancho na ponta era de ferro, mas aquilo não dava a sensação de ser a arma mais poderosa do mundo.

— Ele vai quebrar! — disse Treloso.

— Você não tem escolha! — João Pestana gritou para Treloso.

— Eu sei — disse Treloso. Então bradou para o grande verme: — Ei, você aí!

O dragão baixou os olhos para os irmãos por um momento e, com um ar desdenhoso, derrubou-os displicentemente para o lado com o focinho, como se fossem um pedaço de carne estragada que

de algum modo fora parar no seu prato. Com Treloso no chão, ele deslizou a enorme cabeça espinhosa mais adiante, para chegar à porta da cabine.

— Menininha! — ele disse. — Você pode sair agora.

Ele empurrou a porta, que se abriu bruscamente, os gonzos arrancados do batente.

Atordoado, Treloso pôs-se em pé. Ouviu Dodô gritar para a besta

não entrar. A criatura inspirou fundo e expeliu o ar. Ao fazer isso, todas as janelas da cabine estouraram para fora e uma onda de calor enfumaçado irrompeu lá de dentro. Tossindo, e cegados pelas lágrimas, Dodô Dois-Dedos eTria saíram cambaleando da cabine, expulsos do seu refúgio pelo calor.

Então o dragão abriu a boca, deslocando o queixo escamoso por cima das tábuas rangedeiras do navio para recolher a criança, como se fosse uma escavadeira.

Mas antes que pudesse fazer isto, Carlotti Beija-Cacho avançou para ele com uma espada curta e cravou-a na carne tenra em volta da narina. Um sangue escuro jorrou da ferida e chiou ao atingir as tábuas do *Belbelo*. O beiço do dragão se crispou de raiva e ele escancarou a bocarra de um jeito horrendo, desconjuntando a mandíbula inferior e deixando a boca parecida com um túnel.

— Cuidado, Carlotti! — gritou Treloso, lutando freneticamente em cima do tombadilho molhado na tentativa de desviar da criança o ataque do dragão.

Ele foi direto ao olho, cravando o croque na órbita estreita. O gancho pegou embaixo da pálpebra do dragão, mais por sorte que por intenção.

— Puxe! — gritou João Cobra.

Foi exatamente o que Treloso fez,. A membrana delicada da pálpebra do dragão se rasgou e uma segunda golfada de sangue jorrou da besta. Um pouco dele salpicou os braços desprotegidos de Treloso, provocando uma dor lancinante.

O dragão sacudiu a cabeça, forçando Treloso a soltar a arma, e recuou soltando um urro de fúria narcisista.

— Meu rosto! — ele gritou, e o som fez a embarcação reverberar de ponta a ponta. — Meu rosto perfeito! Meu rosto lindo!

Ele sacudiu a cabeça de novo, soltando o gancho da vara. Mais sangue esguichou da ferida, enchendo o olho do dragão.

— Acho que você conseguiu! — disse João Bagatela.

— Eu não teria tanta certeza — disse Treloso, recuando por cima das tábuas viscosas de sangue.

Cego de um olho, o dragão baixou a cabeça para o tombadilho outra vez, abrindo sua boca de túnel e deslizando a mandibula pelas tábuas para recolher Treloso.

Desarmados agora, tudo o que os irmãos podiam fazer era bater em retirada diante da bocarra da criatura, gritando por ajuda.

— Geneva! Alguém! Pelo amor de Deus, ele vai nos engolir vivos!

— Estou indo! — gritou Geneva em resposta.

Ela ainda estava escarafunchando o vômito à procura da espada. O balanço do barco não ajudava em nada os seus esforços, ao contrário; e piorava à medida que o dragão agitava as águas em redor do *Belbelo.*

A goela do dragão estava agora a menos de meio metro dos irmãos. Como não tinha outro lugar para onde correr, Treloso fugiu para dentro da cabine enfumaçada.

— Carne! — gritou o dragão, determinado a devorar os que o tinham mutilado. — Vocês são todos carne!

Os espinhos do capelo do dragão o impediam de passar pela porta, mas a besta ensandecida não pretendia deixar que um detalhezinho como aquele a detivesse. Sacudiu a cabeça para a frente e para trás com tamanha violência que o batente rachou e se quebrou. Ele então enfiou a cabeça para dentro da cabine pelo buraco que abrira.

Os irmãos estavam encurralados.

— Dê um chute nele! — berrou Filé.

— Dê um murro nele! — berrou Pestana.

Sem a menor chance de escapar pela esquerda ou pela direita do monstro, e não tendo pela frente outra perspectiva senão aquela goela de hálito escaldante, Treloso entrou em um frenesi de sopapos, esmurrando o focinho, os beiços e até as gengivas da criatura. Mas de nada adiantou. O verme enfiou a cabeça mais para dentro da cabine e cerrou os dentes em volta do corpo dos irmãos. Fez isso com uma curiosa delicadeza. Sem dúvida poderia ter partido Treloso ao meio com aqueles dentes se assim o desejasse, mas pelo jeito o que queria era submetê-lo ao suplício de ser lentamente devorado e, com este intuito, arrastou os irmãos, que gritavam sem parar, pela porta destruída afora.

No convés, todos, menos Tria, estavam aos berros. Ameaças, súplicas, rezas: qualquer coisa para evitar que Treloso fosse comido vivo.

O dragão não se comoveu. Bem devagar, quase majestoso, levantou a cabeça com o corpo dos irmãos pendurado de ambos os lados da boca e começou a submergir nas águas turbulentas do Izabella.

Em um último ato de desespero, Dodô correu para a borda do barco e estendeu a mão, conseguindo agarrar a mão de Treloso.

De algum modo o verme conseguiu falar, mesmo com um pedaço de carne de primeira entre os dentes.

— Dois pelo preço de um — rosnou ele.

— Geneva! — gritou Dodô. — Pelo amor de A'zo, ajude-nos!

— Estou aqui! — gritou Geneva.

Ela finalmente encontrara a espada. Sem perder tempo limpando a gosma, disparou pelo tombadilho oscilante para atacar novamente o inimigo.

Dodô conseguira se segurar na amurada do *Belbelo* com a outra mão, mas era difícil agarrar com firmeza o corrimão escorregadio; e a cada vez que o dragão clava um tranco para se livrar dele, os dentes da fera se cravavam mais fundo no corpo de Treloso.

Ele e os irmãos não estavam agüentando tudo isso em silêncio. Estavam deixando claro que aquilo era uma agonia; oito vozes, todas uivando, soluçando ou gritando, exigindo que se fizesse alguma coisa para libertá-los antes que fosse tarde demais.

Geneva já estava agora junto ao costado, gritando para o dragão.

— Solte-os, verme! — exigiu ela. — Ou então eu tiro a sua vida. Solte-os, eu disse!

O dragão olhou para a espada de Geneva com o rabo do seu olho preto de sangue. E vendo que, se segurasse a presa por mais um instante, Geneva iria mesmo degolá-lo, fez três coisas em seqüência rápida. Soltou João Treloso, que deixou escapar a mão de Dodô e caiu na água; ergueu uma das garras dianteiras e desceu-a sobre o costado da embarcação, arrebentando o tombadilho e todas as tábuas abaixo dele até um ponto bem abaixo da linha-d'água. E por fim, pegou Dodô Dois-Dedos e o atirou o mais longe que pôde do *Belbelo*.

Quando a criatura se voltou, a espada de Geneva abriu de lado a lado a parte de cima do peito do dragão. O verme soltou um urro de agonia; suas vibrações foram de tal intensidade que todos os pregos do tombadilho pularam fora das tábuas, restando para segurá-las apenas o piche que os carpinteiros usaram para vedar a embarcação.

Ele então mergulhou para pegar Geneva com uma velocidade assustadora. Geneva corria em direção à popa, e seu peso foi o que bastou para rachar o piche e soltar as tábuas.

Naquele instante o *Belbelo,* que já suportara valentemente muita coisa, passou a ser um navio condenado.

— Hemmett! — gritou Geneva. O capitão estivera ao timão durante todo o ataque do dragão, tentando impedir a sua embarcação de emborcar no tumulto criado pelo verme. — Tire Tria do barco!

— Mas o meu navio... — Ele não tem salvação, capitão! Salve a criança!

Assim que ela disse isso, os dentes do dragão se fecharam com um estalo a menos de dez centímetros do rosto de Geneva. O sangue ácido e rançoso, junto com uma onda de calor do pulmão perfurado, jorrou da ferida que ela fizera no peito da criatura, salpicando-lhe os braços e a nuca, mas ela se recusou a deixar que a dor a fizesse recuar. Manteve a posição, muito embora o dragão ferido tentasse abocanhá-la de novo vezes e vezes seguidas, quase arrancando-lhe o rosto. Por sorte, com um olho só a noção espacial dele ficou tão prejudicada que ele não conseguia acertar o alvo. Mas o som produzido pelo bater dos dentes era aterradoramente sólido: como o retinir de uma porta metálica sendo batida seguidamente.

Geneva respirou fundo e empunhou a espada. Sabia que não teria uma segunda oportunidade para o golpe que estava prestes a desferir. Teria de mirar embaixo, atrás do sólido osso esterno, se

quisesse varar o coração: ou a espada acertaria nos órgãos vitais do dragão e mataria aquela coisa maldita, ou erraria e ela seria engolida pelo verme.

Fazendo uma prece muda para as noventa e uma deusas da sua terra natal, ela brandiu a espada.

A criatura estava se preparando para tentar abocanhá-la de novo. Deu para ouvir os músculos das mandíbulas rangendo como uma imensa mola quando se abriram.

Fiando-se nas deusas e no seu instinto para guiá-la, ela mergulhou por baixo da bocarra do dragão e encostou a ponta da espada na garganta escamosa. Encontrou resistência imediatamente, como se estivesse pressionando um osso. Praguejando, tentou outro lugar.

O dragão abriu a boca, expelindo o cheiro fétido dos seus estômagos.

Era isso! Tinha de atacar. Era agora ou nunca.

Empurrou a espada; e finalmente ela rompeu a armadura de duras escamas cinza-esverdeado e perfurou a carne do verme. Ela jogou todo o peso do corpo contra a espada. Foi o bastante. A lâmina deslizou para trás do osso esterno do dragão.

Ela sentiu o estremeção serpentino do corpo da criatura quando a

lâmina se enterrou na cavidade do peito e se cravou no enorme coração.

A boca, já escancarada, se abriu ainda mais. E lá de muito, muito fundo,

nos intestinos da besta, veio um som como o rosnar de mil cães raivosos.

— Morra — disse, alto o bastante para ser ouvida.

Então torceu a lâmina em seu coração. O som de cães raivosos ficou ainda mais alto e o fedor dos estômagos ficou incomensuravelmente mais forte: era o cheiro da morte que estava sendo liberado das entranhas do monstro.

O olho bom do dragão moveu-se devagar para a esquerda, para fixar Geneva uma última vez. Ele franziu o beiço superior, expondo a sua formidável coleção de dentes. Mas também isso foi uma demonstração inútil. O alarido estava enfraquecendo. Não havia fúria verdadeira no corpo ferido.

O dragão estremeceu até o fundo das entranhas fedorentas. Então, apoiando as duas patas dianteiras no costado do navio que afundava, deu um empurrão e se afastou.

Geneva deixou a espada escapar-lhe das mãos, para não se arriscar a ser arrastada para o mar quando o dragão foi embora. Voltou cambaleante ao tombadilho — que se desintegrava e estava agora quinze centímetros debaixo d'água —, mal podendo acreditar que vencera a besta.

— Você está viva? — gritou McBean para ela.

— Por pouco — disse ela.

Enquanto Geneva lutava com o dragão, McBean arriara o pequeno bote salva-vidas vermelho e o lançara ao mar do lado oposto do costado do *Belbelo.* Agora estava apressadamente depositando no bote a menina Tria, por quem o dragão perdera a vida.

Carlotti Beija-Cacho, enquanto isso, estava tentando salvar o que podia do navio antes que ele afundasse. O precioso mapa que Dodô e Geneva estiveram consultando foi posto sob a guarda do capitão. O resto — um pouco de comida, algumas barricas d'água, escassas armas — foi rapidamente armazenado no fundo do bote salva-vidas.

Geneva respirou fundo, agradeceu às deusas por ter sobrevivido e começou a atravessar o navio na direção do bote. Enquanto ia, perscrutou as águas na esperança improvável de que Izabella desistisse dos dois homens que reclamara. Viu que o dragão ainda não afundara nas ondas. Embora enfraquecido com a perda de sangue, de fato quase incapaz de erguer a cabeça acima da água, ele permanecia nas vizinhanças do *Belbelo,* como se ainda tivesse alguma expectativa de capturar aquela que o ferira. O Izabella estava escuro de sangue e um vapor amarelado subia das águas, como se a mistura da água salgada com os fluidos do dragão estivesse causando algum tipo de reação alquímica.

— Está vendo algum sinal de Dodô ou Treloso? — perguntou o capitão a Geneva.

— Não — disse ela, soturna. — Nada.

— Aqui... — disse uma voz débil vinda da amurada.

Geneva olhou para o costado do navio. Lá, mal conseguindo manter as cabeças acima das águas encrespadas, estavam João Treloso e seus irmãos. Alguns dos irmãos pareciam ter perdido a consciência. Dois tinham os olhos revirados, como se estivessem mortos.

— Oh, Deus — disse McBean. — Vamos trazê-los para o bote. Juntos, Carlotti e Geneva puxaram o corpo inerte de Treloso e seus irmãos para fora da água e para dentro do bote salva-vidas. Então McBean empurrou a pequena embarcação para longe do navio, que continuava afundando, e começou a remar, afastando-se do *Belbelo* para que não fossem pegos no vórtice quando ele afinal submergisse de vez.

Calada, Tria foi até a proa do pequeno bote e assumiu a sua posição de costume.

— Estojo de primeiros socorros? — disse Geneva, delicadamente soltando das calças a camisa rasgada de Treloso. As

feridas perfurantes que os dentes do dragão tinham deixado no seu estômago e flancos estavam dilaceradas, e eram fundas. Ainda segregavam sangue.

Carlotti foi até a proa do bote e trouxe o estojo de primeiros socorros. Abriu e começou a escolher algumas ataduras e gaze, enquanto Geneva mantinha as mãos apertadas contra a mais grave das feridas, para estancar a hemorragia.

Estavam agora a uma distância segura do *Belbelo.* McBean parou de remar e recolheu os remos.

— Posso cuidar de Treloso agora — disse o capitão a Geneva. — Você procura Dodô.

Ele apontou para a sua luneta, que estava no chão do bote.

— Vá em frente — disse McBean. E então, com uma terrível tristeza na voz, acrescentou: — Posso ter perdido o *Belbelo,* mas ainda sou o capitão deste barco. Encontre Dodô. Por favor, encontre-o.

Geneva deixou McBean cuidando delicioso e começou a perscrutar as águas nas proximidades do lugar onde Dodô tinha sido jogado pelo verme.

A uma certa distância do pequeno bote salva-vidas, a carcaça quebrada do *Belbelo* gemia de um modo lúgubre enquanto as águas do Izabella se despejavam para dentro do porão. O capitão não desviou os olhos de Treloso. Ele não gostaria de testemunhar a morte da embarcação. Os ruídos ficaram mais fortes. O madeiramento estourou; o mastro rachou e caiu na água, fazendo subir uma enorme parede de água. Então, logo antes de o mar se fechar sobre ele, o *Belbelo* parou de afundar por um longo momento e, no súbito e fantasmagórico silêncio, deu para ouvir o seu sino batendo.

Ele bateu seis vezes e depois se calou, e então a água investiu uma fúria, pela última vez, mais forte que nunca. Ouviu-se um

último e violento estalido vindo das profundezas e a pequena c nobre nau do Capitão McBean submergiu para juntar-se às dezenas de milhares de naus reclamadas pelo Mar de Izabella no decorrer dos séculos.

Nem uma só vez, enquanto tudo isso acontecia, o capitão ergueu os olhos de seus pacientes.

Quando o barulho do naufrágio do *Belbelo* afinal se aquietou, ele disse:

— Algum sinal de Dodô? — disse o capitão.

— Nada até agora — respondeu Geneva, ainda perscrutando a água.

— E o verme?

— Foi-se — respondeu Geneva. — Desapareceu de vista quando não estávamos olhando. Como estão os irmãos?

— Alguns, acho eu, estão indo melhor que os outros — disse o capitão, soturno. — Estanquei o sangue, mas nenhum deles está consciente. — Ele abaixou a voz, como se Treloso e seus irmãos pudessem ouvir alguma coisa do que estava dizendo. — As coisas não me parecem nada boas — disse ele.

Nesse momento, Tria se manifestou, com uma voz tão pálida quanto a sua pele.

— Por Hora — disse ela.

Geneva ergueu os olhos da visão melancólica que eram Treloso e seus irmãos para ver o que a menina estava apontando a bombordo.

A quatrocentos metros deles as águas do Izabella ficavam consideravelmente mais calmas. As nuvens de tempestade diminuíam, deixando-se atravessar por raios de sol que iluminavam

uma praia dourada e, além da praia, erguia-se uma luxuriante paisagem tropical.

Geneva não voltara a Por Hora desde a trágica ocasião do casamento de Finnegan com a Princesa Anaconda; e embora tivesse conjeturado, junto com Dodô, que era de fato para lá que Tria os estava levando, sua pele se arrepiou com a perspectiva de voltar.

— Se existir alguma esperança para Treloso e seus irmãos — disse Geneva —, ela está na Porora.

— O que acontece se um deles morrer enquanto os demais continuam vivos? — disse McBean.

— Vamos lidar com esse problema quando acontecer — respondeu Geneva. E depois, em tom mais baixo: — Tomara que não seja preciso. De repente ouviu-se um leve ruído no costado do bote, exatamente como alguém batendo na porta, querendo entrar; Geneva voltou-se e se deparou com uma visão muito bem-vinda. Dodô Dois-Dedos tentava içar-se para dentro do bote salva-vidas por cima da borda. Ela foi ajudá-lo e desabou nas tábuas do fundo do bote, ofegante.

— Eu... estava... com medo... de que vocês... me dessem por morto e fossem embora.

— Nunca faríamos isso — disse Geneva.

— E o nosso cavador? — disse Dodô, dando uma olhada para Treloso.

— Ele está gravemente ferido. Estamos indo para a Ilha de Por Hora, Dodô. Espero poder conseguir algum tipo de ajuda para ele.

— É surpreendente que ainda esteja vivo — disse Dodô, com admiração. — Ele estava na boca do dragão.

— E estava mesmo — disse o capitão. — Se os irmãos sobreviverem, terão uma história e tanto para contar.

A correnteza estava do lado deles; ela os levou rapidamente rumo à Ilha de Por Hora. A condição dos feridos — Treloso e seus irmãos não deteriorou de modo significativo durante o percurso e, ao aceno da praia iluminada, quando o aroma de flores perfumou o ar, Geneva começou a sentir-se um pouquinho mais animada.

Eles estavam talvez a uns seiscentos metros da praia quando alguma coisa esbarrou de leve embaixo do barquinho. Geneva foi até a amurada. Podia ver o recife abaixo; a profundidade da água não passava de cinco metros. Era um belo espetáculo: peixes coloridos de todas as formas e tamanhos se moviam em cardumes ou em tranqüila solidão por entre os cânions de coral.

E então, diante dos olhos dela, todos os peixes pareceram tomados pelo pânico. Como se fossem um único animal, eles estremeceram e saíram nadando depressa para algum esconderijo; desapareceram em um piscar de olhos.

Geneva murmurou o início de uma oração: — Deusa, escuta-me em minha Hora de desespero...

Foi só o que conseguiu dizer. Nesse momento, uma mancha negra como a meia-noite se espalhou pela água embaixo do bote.

Geneva deu um passou cauteloso para trás, afastando-se do costado.

— Pegue a criança, capitão — disse ela, bem baixinho.

— Problemas? — murmurou ele.

— Um *déjà vu* — disse ela.

— Eu poderia jurar que ele estava...

— Morto? — disse o verme, erguendo-se das águas escuras. Era uma visão verdadeiramente grotesca. A espada de Geneva ainda cravada na sua garganta, o sangue ainda escorrendo copiosamente

da ferida, por cima das escamas antes imaculadas do pescoço e da parte de cima do corpo. Estremeções violentos perpassavam seu corpo, como se ele estivesse prestes a ter um ataque de proporções titânicas.

— Tem alguma arma, capitão?

— No *Belbelo...*

— Alguma coisa — ela disse. — Qualquer coisa. Beija-Cacho? Carlotti atravessou o barquinho para procurar algo que pudessem

usar para se defenderem. Seu movimento atraiu o olhar do verme e, sem hesitar, a criatura mergulhou. Beija-Cacho não teve chance. O dragão veio por trás dele, escancarou a bocarra e abocanhou Carlotti, por inteiro.

— Não! — gritou Geneva atirando-se para Beija-Cacho na tentativa de agarrá-lo antes que fosse engolido. Mas o dragão jogou a cabeça para trás, como uma ave engole um peixe, e Carlotti escorregou para dentro de um dos estômagos da criatura, calado na morte como fora em vida.

— Filho-da-mãe! — disse Geneva, com lágrimas de fúria escorrendo pelas faces.

Um som horrível saiu da garganta do dragão: uma risada baixa e nada amigável.

— Quem é o próximo? — disse ele, perscrutando os sobreviventes.

— McBean? — sussurrou Geneva.

— Sim?

— Há algum foguete de sinalização no bote?

— Acho que sim.

— Dá para pegar?

— Claro.

— Bem devagar, capitão. Sem pressa nenhuma.

O capitão fez conforme as instruções de Geneva. Com grande cautela, ergueu o assento central do bote, onde havia um compartimento com rações de emergência e... Sim! Um lançador de foguetes de sinalização.

O verme, enquanto isso, crispava-se e vacilava. Obviamente estava mais perto do colapso a cada momento. Mas isso não o deixava menos perigoso, Geneva sabia. Certa vez vira um dragão tirar a vida de seis pessoas mesmo com as espadas de todas as seis cravadas na cabeça.

— Aqui está — disse o capitão muito, muito suavemente, pondo o lançador na mão dela.

Era um objeto grosseiro, mas Geneva sabia que não precisava fazer uma pontaria perfeita: o alvo era grande.

O verme teria visto o que estavam fazendo? Ele abriu a boca e soltou um ruído áspero, mas o som era mais de angústia do que de fúria. Os tremores da morte no corpo serpentino aumentavam a cada batida do coração.

Geneva exibiu o lançador de foguetes. O olho bom do verme pestanejou. Houve um instante de silêncio e então o verme disse:

— Maldita seja, mulher.

E Geneva disparou.

O foguete deixou para trás um rastro de fumaça vermelha, brilhante mesmo com a luz do dia que vinha chegando.

Embora a pontaria não precisasse ser boa, Geneva se mostrou exímia atiradora. O foguete de sinalização voou direto pela garganta do dragão abaixo e, por um momento, a criatura se transformou na

própria imagem do seu eu mitológico: a lera cuspidora de logo dos T*estamentos de Pottishak,* que Geneva aprendera de cor na escola.

"E sim, o grande dragão Cascatheka Rendithius caiu sobre a terra qual praga, c fogo saía da sua garganta, enegrecendo a terra viva..."

Quando criança, ela metia medo em si mesma conjurando aquela imagem na cabeça. Mas vendo-a agora tornada carne, tornada fumo, não era assim tão terrível. Afinal, era só um verme: ordinário, manhoso e cruel.

Então a pólvora explodiu e duas colunas de cegante fogo branco golfaram dos olhos do monstro. O dragão guinchou; um guincho surgido do inferno de suas entranhas e saído da garganta e do coração trespassado.

Durou um tempinho e depois se extinguiu.

O corpo do dragão oscilou, seus olhos reduzidos a buracos enegrecidos, e sem mais um som ele desabou sobre si mesmo como se a sua espinha tivesse se transformado em geléia. Ele não caiu para a esquerda nem para a direita. Afundou sobre si mesmo nas águas manchadas de sangue, submergindo com tanta delicadeza que desapareceu de vista quase sem fazer bolhas.

— Boa noite e obrigado — comentou o capitão em tom amargo.

— Vermes — disse Geneva, fazendo coro com o amargor dele. — Eu os odeio, do fundo do coração. E agora eles nos tiraram Beija-Cacho. Eu juro... Eu juro que não vou ficar satisfeita até que todos os dragões sejam eliminados destas ilhas. E das águas também. Até não sobrar nenhum. — Ela olhou de esguelha para Dodô e o capitão. — De acordo?

— De acordo — disseram ambos.

Eles então ficaram todos em silêncio por algum tempo, meditando sobre o camarada perdido.

Enquanto faziam isso, a maré os levou gentilmente até a praia e, quando suas preces silenciosas terminaram e eles ergueram a cabeça, o casco do bote salva-vidas roçou de leve na areia branca e macia da Porora.

— Chegamos — disse Tria.

— Finnegan está em algum lugar desta ilha? — disse Geneva.

— Sim — respondeu a criança. Dodô balançou a cabeça, incrédulo.

— De volta para onde tudo começou — disse ele. — Quem diria? Eles não disseram mais nada; trabalharam cm silêncio, pensativos, transportando o corpo de João Treloso e seus irmãos para fora do bote e pela areia acima, até as sombras frescas das árvores carregadas de flores que orlavam a praia.

26. A CASA DAS MENTIRAS

CANDY CAMINHOU POR COLINAS ondulantes, o caminho à sua frente iluminado só pelas estrelas. Enquanto seguia, mantinha os olhos na estranha casa cupulada que tinha sido construída no topo da colina. Estava ficando mais cansada e faminta a cada passo que dava, e esperava desesperadamente encontrar lá uma acolhida simples; um lugar onde pudesse finalmente descansar a cabeça e dormir. Suas pernas e braços pareciam feitos de chumbo, as pálpebras insistiam em pestanejar e se fechar, e com isso a sensação era de que estava, na verdade, sonâmbula.

Pensou em se deitar ali mesmo, fazendo um ninho no meio do capim e cochilando até passar o pior da sua exaustão. Mas logo se convenceu a desistir do plano. Não tinha idéia de que tipo de animais habitava Malhoparvo. Pelo que sabia, bem que podia ser uma ilha de sapos venenosos, fuinhas vampíricas e cobras raivosas. Dada a variedade da estranha fauna que encontrara em suas viagens, tudo era possível. Por isso seguiu em frente, apesar de seu ritmo ir ficando mais lento a cada passo.

Quando já estava a cerca de um quilômetro e meio da casa, se deparou com um pilar que tinha uma pequena plataforma no topo, onde ardia um fogo bem-alimentado. Havia talvez uma dúzia de outros pilares assim, todos com fogo aceso no topo, e aparentemente demarcavam o perímetro da propriedade do dono da casa.

Certamente serviam para demarcar alguma coisa, pois, depois que ela passou o pilar, houve uma mudança sutil na atmosfera. As chamas dos pilares, embora não fossem muito grandes, lançavam uma luz desproporcionalmente intensa que multiplicava a sombra de Candy e dava a impressão de que a terra sólida saltitava sob os pés dela.

Também sentiu a presença de criaturas vivas nas proximidades, embora por algum motivo não pudesse avistá-las. Talvez fossem rápidas demais para os seus olhos cansados; talvez estivessem ocultas no capim alto ou simplesmente, considerando que estava em Abarat, eram invisíveis. Mas às vezes as sentia roçando nos seus tornozelos, ou cutucando-lhe as panturrilhas.

Depois de algum tempo, a presença incômoda daquelas criaturas começou a incomodá-la.

— Quem são vocês? — demandou ela afinal. — Não pretendem aparecer? Não há nada que eu deteste mais do que ficar brincando de esconde-esconde.

Sua exigência produziu um efeito imediato. Dois animais duas vezes maiores do que gatos domésticos mas definitivamente pertencentes à família felina — surgiram de umas rochas esparsas ali perto. Tinham a pelagem cor de tijolo e fogo, com listras pretas e enormes olhos luminosos.

— Vocês parecem estar com fome — disse a eles. — Mas não adianta ficar olhando para mim. Não tenho nada para oferecer.

— Saia de lado, menina!

E passando por Candy arrojou-se atrás dos gatos com o seu bastão. — Fora das minhas vistas, suas partículas repugnantes de hidrofobia! — berrou ele. — Você, menina: vá para dentro!

Os animais se dispersaram até ficar fora do alcance do bastão. Mas uma vez feito isso, começaram de novo com o seu ir-e-vir, acompanhado pelos mesmos lamentos ansiosos.

— Obrigada — disse Candy ao homem que a salvara. — Eu estava certa de que planejavam me atacar.

— Ah, estavam mesmo — retrucou o homem sem sorrir. — Não tenho dúvidas quanto a isso. Eles foram enviados pelo próprio Diabo para me atormentar, esses malditos gatardos.

— Gatardos, é assim que os chama?

— Sim. Gatardos. Eles têm a sua própria cidade do outro lado da ilha. É chamada Alta Esladéria. Por que diabo eles não podem ficar por lá, é algo que foge à minha compreensão. Algum deles chegou a meter as garras em você?

— Não, eles nem tocaram em mim. Só estava assustada porque eles estavam me perseguindo. E aquele barulho que faziam...

— Nauseabundo, não é? — disse o homem em voz soturna, afastando Candy com um gesto para poder trancar a porta, em cima, no meio e embaixo. — Acredite quando digo que há motivos para ter medo dessas criaturas. Todas elas, sem exceção, já tiraram uma vida inocente.

— Não pode ser!

— É a mais pura verdade! Crianças foram asfixiadas por bolas peludas. Pulgas de gatardo do tamanho do meu polegar sangravam bebês até secá-los. Você teve sorte por ter tido energia bastante para escapar deles. Se tivesse escorregado ou caído, estariam em cima de você num piscar de olhos. Eu vi você da minha grande janela — ele apontou para a escada que, presumivelmente, levava à cúpula da casa — e enviei um pequeno encantamento para acelerar os seus calcanhares. Espero que tenha ajudado.

— Bem, deve ter funcionado, já que estou aqui.

Como resposta, o mais esquelético dos dois gatos soltou um berro de gelar a espinha e, em trinta segundos, meia dúzia de irmãos dele emergiu de seus esconderijos. Todos eles estudaram Candy intensamente com os mesmos olhos esbugalhados dos primeiros dois.

Candy ficou só um pouquinho nervosa. Estariam eles avaliando-a para depois devorá-la? Se não era isso, então por que a estavam seguindo tão de perto, como se estivessem farejando a sua carne crua?

Ela parou uma segunda vez, voltou-se para eles e disse: — Vocês querem parar de ficar me encarando? Não sabem que isto é falta de educação?

Se eles entenderam, não reagiram. Simplesmente continuaram a segui-la, olhando, olhando, enquanto ela caminhava a passos largos pela trilha estreita que ziguezagueava colina acima na direção da casa cupulada.

De fato, quanto mais perto chegava da casa, mais agitado era o comportamento dos gatos. Em vez de se limitarem a segui-la junto aos calcanhares, eles corriam à frente, trançando de um lado para o outro na frente dela, como se tencionassem fazê-la tropeçar. Enquanto trançavam, emitiam aquele mesmo som de lamento felino. Soava como um coro de almas penadas, e aquilo embrulhava o estômago de Candy.

Afinal, não conseguiu agüentar mais. Lépida, pulou por cima dos animais que estavam no seu caminho e disparou desesperadamente em direção à casa. As bestas felinas foram atrás, o volume e a dissonância da cacofonia aumentando à medida que ela se aproximava da porta.

Podia sentir o bafo quente na barriga da perna enquanto corria, e receava que a qualquer momento o mais veloz deles saltasse e cravasse as garras nas suas pernas, imobilizando-a. Conseguiu se manter à frente deles, mas a perseguição cobrou seu tributo. Quando chegou à casa estava ofegante, seus pulmões e sua garganta ardiam.

Ela bateu forte na porta e gritou o mais alto que a sua garganta em fogo permitia:

— Ó de casa! Ninguém respondeu.

Ela bateu de novo, gritando com ímpeto renovado. Aquela altura os gatos já a tinham alcançado, mas, por alguma razão, em vez de atacá-la eles simplesmente começaram a andar de um lado para o outro a dois ou três metros da porta, miando seus lamentos.

— Por favor, será que alguém pode me ajudar? — disse Candy, espancando a porta de novo.

Dessa vez ela ouviu o ruído de alguém se mexendo atrás da porta.

— Depressa — ela implorou.

Depois de alguns segundos, a porta foi aberta por um homem de aparência truculenta, usando um terno amarelo-vivo. Era baixo, mas parecia mais alto devido ao fato de que portava não apenas um chapéu deselegante mas uma porção deles, todos empilhados um em cima do outro.

Também trazia um chapéu em cada mão, que ele acrescentou à pilha desordenada. Ele então pegou um bastão comprido que estava encostado do lado de dentro junto à porta e disse, lacônico:

— Aqui está você, sem dúvida. E estou feliz em vê-la. — Ele pôs o bastão no lugar e se voltou para segurar a mão de Candy. — Sou Kaspar Wolfswinkel: filósofo, taumaturgo e *connaisseur* de rum fino. E você é...?

— Candy Quackenbush.

— Quackenbush. Quack. En. Bush. Esse não é um nome abaratiano.

— Não, não é. Imagino que o senhor diria que sou uma visitante. O rosto de gnomo de Kaspar, profundamente marcado, era a imagem perfeita da fascinação.

— É mesmo? — comentou ele em tom displicente. — Uma visitante? Talvez. .. — seu dedo fez um círculo no ar — ... daquele outro lugar?

— O Mais-Além? Sim.

— Bem, bem — disse Wolfswinkel. — Foi uma jornada e tanto, a sua. Percorrer toda essa distância, de lá até...

— Aqui? — completou Candy.

— Sim. E isso mesmo. De lá até aqui. Isso é que é lonjura. — Ele sorriu, muito embora a expressão assentasse de um modo desconfortável naquele rosto feito para carrancas e desânimo. — Sabe, você não faz idéia de como é maravilhoso tê-la aqui em casa comigo.

— O senhor mora sozinho aqui?

— Bem, mais ou menos — disse Kaspar, levando Candy até a sua sala de visitas. Ela fazia a imprensa de Samuel Klepp parecer arrumada. Livros, folhetos e papéis empilhavam-se em todas as superfícies menos uma, a confortável poltrona de couro verde na qual Wolfswinkel se sentou, deixando Candy em pé. — A maior parte da minha família e dos meus amigos já morreu — prosseguiu ele. — Vítimas da guerra que foi declarada contra nós por aqueles bichanos miseráveis. — Ele suspirou.

— Aqui em Malhoparvo era um paraíso antes de os gatardos construírem aquela favela que eles chamam de cidade. Quero dizer, sou um homem mais velho. Quase aposentado. Aqui seria a Hora perfeita para eu passar os meus últimos anos. Planejei ficar sentado bebericando o meu rum e ruminando sobre a minha vida. Coisas que fiz, coisas que não fiz. Você sabe como é. Não me arrependo de nada, é claro.

— Ah — disse Candy. — Bem, imagino que isso seja uma coisa boa. — Faltavam-lhe palavras para discorrer sobre o tema do arrependimento, portanto passou para um assunto sobre o qual sabia alguma coisa. — Você deve sentir-se solitário — disse ela.

— Sim — disse Kaspar. — É ermo aqui, com certeza. Mas piores que a solidão são as lembranças.

— Do quê?

— De como Malhoparvo era antes da chegada dos gatardos. Eles transformaram esta ilha perfeita em um pesadelo.

Transformaram mesmo. De vez em quando consigo um suprimento de combustível para os fogos e...

— Os fogos nos pilares?

— Sim, com eles eu posso pelo menos ver o inimigo. Mas vivo com medo de que um dia eu fique sem combustível e...

— ... os fogos se apaguem.

— Exatamente. Quando isso acontecer... bem... temo que será o meu fim, e Kaspar Wolfswinkel também passará a ser uma lembrança.

— Mas certamente deve haver um meio de apanhar os gatos — disse Candy. — Lá em casa, em Galinhópolis...

— Perdão? Galinhópolis? O que é exatamente um galinhópolis?

— A cidade onde moro. Ou onde morava.

— Que nome perfeitamente ridículo para um lugar — observou Wolfswinkel.

Seu tom deixou Candy um pouco na defensiva.

— Não é mais esquisito do que Malhoparvo — comentou ela. Os olhos de Wolfswinkel ficaram estreitos e astutos.

— Bem, esta ilha não é realmente o meu lar — disse ele.

— Não? Então por que continua aqui?

— É uma longa, longa história. Talvez eu a conte depois. Por que não se senta? Você parece cansada.

Candy olhou em volta procurando um lugar onde pudesse aceitar aquele convite. Wolfswinkel, vendo que todas as cadeiras estavam ocupa das, resmungou alguma coisa baixinho e fez um simples gesto na direção de uma das cadeiras menores. A pilha de

livros que estava em cima dela saiu voando, como um pequeno bando de pássaros assustados.

— Agora, sente-se — disse ele. — Posso tirar os sapatos?

— À vontade. Permita-me preparar alguma coisa para você comer. Sinta-se em casa.

— Meus pés estão me matando.

— Conheci uma pessoa que tinha pés assim. Ficavam andando por cima dele. Archie Kashanian era o seu nome. Costumava acordar com o peito e a cara cheios de pegadas. No fim, foi o que o matou.

Candy não sabia muito bem se Kaspar estava dizendo aquilo de brincadeira ou não. Então, em vez de insultá-lo rindo, ela manteve uma cara séria, muito embora a idéia de alguém sendo pisoteado até a morte pelos próprios pés lhe parecesse inteiramente absurda.

Mais uma vez, Candy mudou de assunto.

— Lá no Mais-Além disse ela — temos gente que apanha animais perdidos e encontra novos lares para eles. Ou, caso não consigam fazer isso, mandam sacrificá-los.

— Lares? — disse Wolfswinkel, incrédulo. — Quem daria um lar a um desses monstros? O único lar que os gatardos merecem são as regiões infernais. De qualquer modo, eles não podem ser apanhados. São rápidos demais. Precisam ser enganados. Veneno! Esse é o jeito. Está vendo o prato com peixe sobre a mesa, perto da porta? Contém ácido escatrássico suficiente para matar um bando inteiro deles. O problema é fazer com que comam isso. Eles desconfiam de mim. — Ele fez uma pausa, depois estalou os dedos. — Espere um minuto — disse ele. — Talvez você tenha mais sorte! Sim. Acho que você teria.

— Eu? — disse Candy.

— Sim, você! Se eles virem você pondo a comida lá fora, você que eles não conhecem de fato, serão enganados e comerão! — Parecia muito satisfeito consigo mesmo pelo seu pequeno plano. — Você só precisa agir de um jeito bem despreocupado... — Ele começou a se levantar da sua poltrona.

— Espere! — disse Candy. — Não quero desapontá-lo, senhor Wolfswinkel, especialmente o senhor tendo sido tão gentil e tudo o mais, mas não pretendo envenenar gatos para o senhor.

— Se fossem apenas gatos eu entenderia o seu dilema moral, se-nhorita Quackenbush. Mas não são. Eles são gerados pelo inferno. Confie em mim. Gerados pelo inferno. Depois de todo o dano que causaram, não só a mim, mas àquela pobre gente inocente por toda Malhoparvo, ácido escatrássico é a coisa mais suave que eles merecem, acredite. Se houvesse qualquer tipo de justiça no céu, eles seriam fulminados por relâmpagos, até o último deles!

Antes que Candy pudesse reagir a essa explosão do seu anfitrião, ouviu um som vindo de um quarto adjacente.

— O que foi isso? — disse ela.

— Ora, foi só o vento — Wolfswinkel respondeu, apressado. — Não ligue para isso.

— Não parecia ser vento — disse Candy, levantando-se da sua cadeira. — Parecia uma voz. Uma pessoa chorando.

— Oh! Chorando! Bem, sim. E claro que há gente chorando! Eu não queria deixá-la deprimida quando chegou, mas há diversos enlutados aqui nesta casa comigo.

— Enlutados?

— Um dos meus amigos, um amigo muito, muito querido, foi morto ontem pelos gatardos, e este é o seu velório. Sabe, um encontro para brindar à memória dele e contar histórias sobre o bom sujeito que ele era.

— É mesmo? — disse Candy. Alguma coisa naquela explicação não estava soando lá muito verdadeira. — Se está havendo um velório disse ela —, então por que o senhor está usando um terno amarelo-vivo? Wolfswinkel deu uma olhada para a sua ictérica fatiota e afetou uma expressão de surpresa.

— Isto é amarelo? — disse ele. — Tem certeza? — Sim.

— Oh, céus — disse ele com um ar patético. — Pobre Kaspar. A cegueira está ficando pior.

— Quer dizer que não percebeu que estava usando um terno amarelo? — disse Candy, cada vez mais segura de que as suas suspeitas estavam certas e de que, por alguma razão, aquele homenzinho esquisito estava tentando enganá-la.

— Sim — disse Kaspar, levando a mão à testa, como se aquele drama fosse demais para ele. Mas Candy não se convenceu com a sua histriônica encenação. Seu verdadeiro interesse agora era descobrir quem produzira o som lamentoso que ouvira.

— Então, onde estão todos esses enlutados? — disse ela, levantando-se e indo até a porta de onde viera o som de soluços.

Kaspar fez um movimento para impedi-la, mas não foi suficientemente rápido. Candy abriu a porta e passou para o quarto contíguo.

Exatamente como suspeitava, não havia ali nem caixão, nem cadáver, e nem um único enlutado. Havia apenas um quarto escuro e abarrotado, com uma das paredes tomada por um enorme retrato de Kaspar sentado em cima de um animal que parecia um cruzamento de tatu gigante com camelo.

— Não está havendo velório nenhum nesta casa! — disse Candy asperamente. — Você estava mentindo para mim. Não suporto mentirosos!

Kaspar atravessara a porta atrás dela.

— E daí se eu menti? — retrucou ele, indiferente. — É a minha casa. Eu posso mentir na minha casa, se tiver vontade. Posso sair correndo nu pela casa gritando aleluia, se assim quiser.

— Ninguém nunca lhe disse que mentir é falta de educação?

— Talvez eu não possa evitar. Talvez eu tenha uma doença incurável que me obriga a mentir. Pobre Kaspar.

— Ah — disse Candy. — E você tem uma doença assim?

— Talvez eu tenha. Talvez não.

— Ora, pare com isso — disse ela, ríspida. Sua paciência já estava chegando ao limite. — Será que não consegue simplesmente me dizer a verdade?

— Bem... sim, imagino que sim. Mas aí, qual seria a graça?

— Sabe de uma coisa? — disse Candy. — Esta conversa é ridícula. E você é um homenzinho ridículo.

Ela girou nos calcanhares e começou a voltar para a porta que acabara de atravessar.

— Eu não iria lá fora se fosse você. Os gatardos ainda estão lá.

— E daí? — disse Candy. — Prefiro correr o risco de ser atacada por eles a ficar aqui mais um...

Antes que ela pudesse terminar, Kaspar interpôs-se entre ela e o vão da porta, impedindo-lhe a passagem.

— O que está fazendo? — disse Candy. — Saia do meu caminho. Ele não falou nada. Simplesmente ergueu o braço, pôs a mão de dedos curtos na cara de Candy e a empurrou.

Candy cambaleou para trás e o seu pé se enroscou em uma dobra do tapete. Ela caiu sentada em cima do cóccix. E gritou de dor.

— Acho que você devia parar de ser tão crítica, mocinha — disse Wolfswinkel. Até os menores vestígios de benevolência

desapareceram abruptamente do seu rosto. 1 Ir .1 enfrentou, encarando-a bem nos olhos. — Acredite, já fiz coisas piores que mentir na minha vida. Muito piores.

— Não duvido — disse Candy mansamente.

Ela começou a se levantar. Wolfswinkel chutou com precisão as pernas debaixo dela e ela foi ao chão pela segunda vez. Agora estava começando a ficar um pouco assustada com Wolfswinkel. Ele podia parecer um palhaço, com seus chapéus bobos e seu terno amarelo, mas o fato é que ela sempre tivera um pouquinho de medo de palhaços.

— Quero ir embora agora — ela comunicou a ele.

— Quer mesmo? Bem, receio que não possa ir. Você vai ficar aqui comigo.

— Você não pode me segurar aqui. Não sou... — ... uma criança? Para mim, você é. Para mim, você é um bebê. Um bebezinho sem ninguém que a proteja. Aposto que ninguém sequer sabe que você está aqui.

Candy não respondeu, mas seu silêncio era toda a confirmação de que Wolfswinkel precisava.

— Eu não menti sobre uma coisa — disse Kaspar.

— E que coisa é essa?

— Eu realmente murmurei um encantamento quando a vi. Pedi para você cometer o erro de ignorar os gatardos que estavam tentando avisá-la para não subir até aqui. E vejam só, eis que as minhas súplicas foram atendidas! Você veio parar nas minhas mãos, como um peixinho tolo.

— Num minuto sou um bebê, e no minuto seguinte sou um peixe — retorquiu Candy. — Decida-se!

Estava ficando mais assustada com Wolfswinkel a cada momento, mas não pretendia demonstrar.

— Erro meu — disse Kaspar. — Você não é um bebê, e você não é um peixe. Você é uma refém.

— Uma o quê?

— Você me ouviu: uma refém. Aposto que deve haver gente lá fora disposta a pagar alguns milhares de zens para tê-la nas mãos.

— Bem, esqueça isso — disse Candy. — Não tenho amigos em Abarat.

— E agora, quem está mentindo? — disse Wolfswinkel, curvando-se para dar uma cutucada em Candy. — É claro que você tem amigos. Uma menina bonita como você? Provavelmente tem uma meia dúzia de rapazinhos sofrendo por você.

Candy deu uma gargalhada com aquele absurdo.

— Então você tem uma família.

— Não, aqui não — disse Candy, pensando em quão depressa poderia escapulir por entre as pernas de Wolfswinkel e chegar até a porta.

— Os meus pais estão...

— ... em Galinhópolis.

— Sim.

— Hum... — disse Wolfswinkel. — Bem, me dê algum tempo. Hei de encontrar alguém por aqui que a queira. Alguém que pague um preço. Malingo? Onde está você? Malingo! Apresente-se diante de mim agora mesmo, ou vou arrancar o seu couro para fazer umas botas!

— Estou aqui — disse uma voz vinda do alto, e lá, pendurada de cabeça para baixo em uma viga do telhado, estava uma criatura

que se parecia com um pesadelo do Dia das Bruxas tornado realidade. Sua pele era de um laranja manchado e as pupilas duas fendas escuras nos olhos orlados de preto. Tinha na testa quatro protuberâncias parecidas com chifres e, de cada lado da cabeça, no lugar onde as pessoas comuns teriam orelhas, abria-se um grande leque de pele coriácea. Estava usando uma camiseta imunda e um par de calças ainda mais imundas.

Teria sido uma visão assustadora, se não estivesse com uma expressão tão deplorável. Ao vê-lo, Candy lembrou-se do som de choro que ouvira logo que entrara na casa. Esse Malingo era certamente a origem de toda aquela tristeza.

— Desça aqui e agarre essa maldita criança para mim — ordenou Wolfswinkel. —Agora!

— Estou indo, estou indo.

Malingo começou a descer dos caibros.

Mas antes que pudesse chegar ao chão, Candy escapou. Deu um empurrão com as duas mãos na barriga de Kaspar, disparou para a porta entre os dois cômodos e passou chispando para a sala da frente. A essa altura, Malingo já estava no chão. Ela pôde ouvir as batidas dos seus pés descalços no chão de ladrilhos, correndo atrás dela. Ele era veloz. Candy mal tinha atravessado metade da sala quando ele a agarrou.

— Não resista — disse ele suavemente. — Será pior para nós dois se você o enfrentar, acredite.

Ao ouvir a delicadeza da voz de Malingo, Candy ergueu os olhos e seus olhares se encontraram. Havia naqueles olhos uma doçura que ela não esperava encontrar. O horror de Dia das Bruxas que era a sua rara escondia algo de muito mais gentil.

— Traga-a para cá — gritou Wolfswinkel. — E ande depressa. Obedientemente, Malingo a arrastou para longe da porta da frente e para dentro do segundo cômodo, onde Kaspar, em pé na frente de

um espelho comprido, reorganizava a ridícula pilha de chapéus em cima da cabeça.

— Sugiro que você acate o conselho de Malingo — disse Wolfswinkel. — Não acho que você queira conhecer o meu lado pior.

Candy o ignorou, debatendo-se para se livrar das garras de Malingo. Mas era causa perdida. A criatura era consideravelmente mais forte que ela. E somando-se à força física, liberava um cheiro estonteante, uma mistura doce e amarga de cravo, canela e limas podres.

— Agora escute aqui, meu bem — disse Wolfswinkel —, você precisa se acalmar. Debatendo-se desse jeito, só vai conseguir ficar exausta. Não vou lhe fazer nenhum mal, desde que se comporte.

Ele virou as costas para o espelho e foi para o outro lado da sala, onde um grande quadrado tinha sido pintado sobre os ladrilhos do piso em um azul berrante. Em cada canto do quadrado havia uma vela curta e gorda.

— Velas, acendam-se — disse Kaspar, e com um pequeno som semelhante a um breve sopro, as velas se acenderam uma a uma.

— Mais luz! — instruiu ele, e as chamas se alongaram, lançando uma luz que tornou inúteis todas as outras lâmpadas da sala.

— Agora — continuou Kaspar, voltando a atenção de novo para Candy —, vamos ver quais são os segredos que você está escondendo de mim, certo? Malingo, você sabe o que fazer.

Malingo empurrou Candy para o quadrado azul. — Não se preocupe — sussurrou ele. — Não vai doer.

— Eu ouvi isso — disse Wolfswinkel. — Não sei por que você está tentando bajular essa menina. Ela não tem nenhuma utilidade para você.

— Eu só estava...

— Quieto! — interrompeu Kaspar. — Ponha-a sob a luz! Ande! Malingo deu um segundo empurrãozinho em Candy e ela cambaleou para dentro do quadrado. Quando fez isso, sentiu seu corpo passar por uma barreira invisível. No quadrado, notou uma estranha pressão em cima dela, como se o ar dentro do desenho fosse mais pesado que o ar de fora e pressionasse o seu corpo por todos os lados. Não era, de modo algum, uma sensação agradável. A pressão dificultava a respiração, e sua cabeça doía furiosamente.

Não só isso. Estar naquele quadrado pintado a isolava do mundo exterior. Agora, apesar de poder ver Wolfswinkel dando ordens a Malingo, não podia ouvir a voz dele. Evidentemente havia algum tipo de parede invisível em volta dela. Testou a tese estendendo a mão. Foi como enfiar os dedos em gordura fria. O ar engrossado congelou-se contra a sua pele, e a sensação foi tão desagradável que Candy retirou a mão antes mesmo de ter chegado ao limite de sua resistência.

Wolfswinkel, enquanto isso, agitava o bastão de um lado para o outro, como se estivesse desenhando letras no ar.

As velas bruxulearam; a cela convulsionou-se em volta de Candy.

E então, para seu horror, sentiu que alguma coisa a puxava. Não a sua mão, nem o braço, mas algum lugar no meio da cabeça. Isso não piorava sua dor de cabeça mas ainda assim, de algum modo, se sentia invadida pela sensação. Era como se Wolfswinkel estivesse se enfiando dentro dela para arrancar alguma coisa. Apareceram estranhas imagens borradas no ar, na ponta do bastão de Wolfswinkel; e quando afinal se firmaram e entraram em foco, deu-se conta de que era capaz de reconhecê-las. Dez, vinte, trinta imagens surgiram, todas arrancadas da memória dela. Lá estava a rua Followell, 34, onde tão freqüentemente embarcava em sonhos longínquos. Lá estava o seu quarto, e o rosto da sua mãe, e o pátio da

escola, e a casa da Viúva White, com o jardim da frente coberto de cata-ventos coloridos.

Aparentemente nenhuma daquelas imagens despertava o menor interesse em Wolfswinkel, pois ele as apagou com um aceno irritado do bastão.

Ele juntou forças para uma segunda evocação, e uma nova onda de imagens emergiu da cabeça de Candy, dessa vez mais recentes. Primeiro, lá estava o farol, e o píer decrépito do Porto do Grito. Depois, Treloso e Stampa, e as águas turbulentas do Mar de Izabella; e então os Saltadores-do-Mar e Yebba Dia Sombrio.

No meio de todas aquelas visões familiares, no entanto, houve uma que Candy não reconheceu. Era um vulto de luz azul-esverdeada, que lembrava um pedaço curto de fita trançada que tivesse passado por um congelamento profundo. Nele havia minúsculos cristais de gelo e, de uma das pontas, se derramava um rastro de luminosidade que se rompia em minúsculos pontinhos de luminescência intensa antes de derreter-se no ar.

Ao ver aquilo, Wolfswinkel fez uma pausa. A cor subiu-lhe às bochechas já vermelhas. Havia uma expressão de choque em seu rosto, de descrença.

— Olhem só para isto — murmurou ele.

Um sorriso feio, avaro, começara a insinuar-se em seu rosto. Ele largou o bastão em pé sozinho e cuspiu nas palmas das mãos, esfregando-as uma na outra antes de enxugá-las nas calças. Estendeu as mãos assim preparadas para a frente, para segurar o estranho objeto que conjurara de dentro da mente de Candy. Embora não fosse sólido (como poderia ser, se era feito de pensamento puro?), pareceu ganhar um certo grau de concretude quando as mãos de Wolfswinkel se fecharam em volta dele.

Candy sentiu uma dor terrível apertando-lhe o crânio quando os dedos de Wolfswinkel tomaram posse do objeto. Surgiram clarões

brancos nos cantos dos seus olhos, que rapidamente se alastraram e, em questão de instantes, suprimiram completamente a sua visão.

De repente suas pernas fraquejaram. Ela desabou para a frente contra a parede invisível da sua cela quadrada e azul, depois desabou no chão de ladrilhos.

A última coisa de que se lembrou foi o som da voz de Malingo infiltrando-se do outro lado.

Ele não pronunciou o nome dela. Simplesmente deixou escapar um grito de aflição que reverberou na cabeça latejante de Candy por um momento. Então foi sumindo pouco a pouco e ela se abandonou a uma bem-aventurada inconsciência.

27. CONVERSA COM O HOMEM ZÁS-TRÁS

CANDY ACORDOU COM A pior dor de cabeça que já sentira na vida, mas pelo menos não estava mais na cela em que Kaspar Wolfswinkel a prendera. Estava esparramada em uma *chaise longue* decadente com estofamento de veludo e enchimento exagerado, jogada ali junto com uma pilha de livros velhos. Endireitou-se e levou a mão à testa latejante. Sentia-se levemente febril e seus olhos ardiam atrás das pálpebras quando piscava.

Wolfswinkel estava falando no quarto ao lado, parecendo meio enlouquecido de excitação.

— Sim... sim... Eu sei o que tenho, acredite! É a Chave da Pirâmide, bem aqui na minha mão. Alguém a pôs nos pensamentos dela, mas agora eu a tenho.

Candy levantou-se lutando contra a vertigem e foi para a porta entre os cômodos. Ao se aproximar, porém, alguma coisa entrou no seu campo de visão, na frente dela. Era Malingo. Estava pendurado de cabeça para baixo nos caibros, e tinha contra os lábios um dedo comprido, cor de laranja e parcialmente encurvado. Candy apontou para a porta, dando a entender que queria ver Wolfswinkel, mas ele lhe fez sinal para recuar. Candy obedeceu. Malingo podia ser bem esquisito, mas havia alguma coisa em seu olhar que não só a cativava, como também a fazia confiar nele instintivamente.

Ele atravessou o teto agarrando-se nos caibros e, ainda de cabeça para baixo, desceu pela parede usando minúsculas rachaduras no reboco como apoio para os dedos dos pés e das mãos. Desvirou-se e deixou-se cair suavemente no chão a três ou quatro metros de Candy, com expressão e postura hesitantes, como se estivesse com medo de só ganhar uma pancada como recompensa pelos seus esforços.

— Está tudo bem — sussurrou Candy. — Não vou bater em você. Não precisa ter medo de mim.

Malingo foi pé ante pé até ela.

— Você precisa sair daqui — sussurrou ele. — O meu amo é um homem muito cruel.

— Do que vocês dois estão falando? — gritou Wolfswinkel da outra sala. — Apareça, criança! Agora!

Candy sabia que seria mais sensato obedecer àquele déspota ordinário do que discutir com ele. Foi para a porta e avançou para a luz.

Wolfswinkel estava sentado em sua poltrona de couro com o fone de um antiquado telefone na mão.

— Estou falando com alguém que tem um considerável interesse em você — disse ele.

— Ah, é mesmo? — retrucou ela com um leve encolher de ombros.

— Parece que você é uma celebridade e tanto, Candy Quackenbush. Pelo menos, é o que tenho ouvido. — Ele retornou sua atenção à pessoa do outro lado da linha. — Sim, ela está aqui comigo agora. Em pé bem na minha frente, perfeitamente real. Ah, deve ter um metro e sessenta, um e sessenta e dois. Então, o que faço com ela, Otto? Quanto está valendo no mercado?

Evidentemente o homem com quem ele estava falando ficou um tanto agitado com esse comentário, pois as palavras seguintes de Wolfswinkel foram:

— Calma, Otto. Foi uma piada. Sei que Carniça a quer. Mas seja razoável. Se ele quiser os dois, a Chave e a menina, é claro que espero receber algo de substancial em termos de recompensa. É apenas justo, não é? Malhoparvo? Não, não quero Malhoparvo. Depois que tudo isso acabar, nunca mais vou querer ver este

pedregulho miserável. Não. Quero ser o senhor de Babilonium! Ou da Cidade Commexo! Qualquer lugar, menos isto aqui. Estou enjoado de viver em um lugar onde todo mundo parece estar meio dormindo!

Mais uma vez, a pessoa do outro lado da linha tinha algo a dizer em resposta. Wolfswinkel escutou, tamborilando os dedos rechonchudos — como os dedos de um abatedor de galinhas, grossos de sangue — no braço puído da poltrona.

— Você já terminou, Bader-Nás? — disse ele por fim. — Você parece esquecer que quem está com as cartas nesta mesa sou eu. Tenho algo que Carniça deseja muitíssimo. Não, não, a menina não. A Chave! Eu tenho a Chave! Não sei como foi parar nas mãos dela, mas aposto os meus chapéus que é a genuína. Eu sei qual é a sensação do poder. E é esta.

Ele ergueu a mão direita, que segurava a tal chave, e estudou o objeto. Estava com um sorriso satisfeito enquanto ouvia a resposta do sujeito do outro lado da linha.

Por fim, disse:

— Candy? Quer vir até aqui? Estou falando com um amigo meu chamado Otto Bader-Nás. Ele é um... negociante, e quer falar com você. — Wolfswinkel fez um gesto impaciente para ela se aproximar. — Depressa, menina! E seja educada. Ele só quer saber se você é a legítima. — Candy manteve a distância. — Venha logo — disse Wolfswinkel entre dentes, a cara vermelha de fúria.

— Vá — disse Malingo a ela. — Ele pode perder a paciência em um piscar de olhos.

Muito relutante, Candy foi até Wolfswinkel.

— Aqui está ela, Otto — disse Wolfswinkel. Ele entregou o fone a Candy. — Como eu disse, seja simpática. Otto Bader-Nás é um bom e velho amigo meu. Freqüentamos a escola juntos.

Candy pegou o fone e levou ao ouvido.

— Alô...? — disse ela.

— Estou falando com Candy Quackenbush?

A voz do outro lado era macia como seda. Ela imaginou que estava falando com alguém intimamente relacionado com uma cobra, o que — dada a variedade de pessoas que conhecera até então — não estava fora de questão.

— Sim, sou Candy Quackenbush.

— Bem, você é uma menina de muita sorte.

— Sou? — retrucou Candy. Não estava se sentindo muito cheia de sorte naquele momento. — E por quê?

— Bem, ficar andando por aí com aquela Chave poderia ter significado a sua morte.

-- Verdade? — disse ela. Não estava acreditando em uma palavra daquilo.

— Concorde com ele — Wolfswinkel articulou as palavras sem som.

— Eu nem me dei conta de que tinha uma chave — disse Candy. Ela lembrou-se de quão enfaticamente Treloso a convencera da necessidade de negar que a tinha.

— Agora me diga a verdade — Bader-Nás estava dizendo. — É melhor você me contar a verdade agora do que deixar que eu descubra depois.

— Eu estou dizendo a verdade.

— Não vou avisar de novo — disse Otto Bader-Nás. Sua voz estava deixando de ser sedosa. — De onde você a roubou?

— Eu não a roubei — disse Candy. — Eu já disse: nem sabia que estava com ela.

— Wolfswinkel me disse que a encontrou nos seus pensamentos. Está me dizendo que ele é um mentiroso?

— Não — disse Candy. — Se é isso que ele diz, acho que deve tê-la encontrado lá.

— Mas você não sabe como foi parar lá?

— Não. Não sei. — A linha ficou em silêncio por um momento. — Vamos desligar agora? — disse Candy. — Realmente não tenho mais nada para lhe contar.

— Ah, mas eu acho que você tem muito mais para me contar — disse Bader-Nás, com uma voz que agora nada mais tinha de sedosa. Havia agora um sutil elemento de ameaça em suas palavras. — Mas nós teremos tempo à vontade para conversar quando eu for buscá-la. Ponha Kaspar na linha de novo. Eu a verei muito em breve.

— Ele quer falar com você de novo — disse Candy, passando o fone para Wolfswinkel.

— Já acabou de falar com ela? — disse Wolfswinkel a Bader-Nás. A resposta aparentemente foi sim, pois Wolfswinkel despachou

Candy com um aceno. Ela se retirou para a sala contígua, aliviada com o fim do interrogatório.

Talvez pudesse sair, pensou ela, enquanto Wolfswinkel estava ocupado com o telefonema. Foi até a janela, tentou abrir mas estava trancada. Chovia, a água tamborilava nas pequenas vidraças.

— Não há como sair. Pelo menos, não assim.

Ela olhou em volta. Malingo estava pendurado de cabeça para baixo nos caibros. Foi até ele.

Posso confiar em você? perguntou ela. Era uma pergunta idiota, é óbvio: se não pudesse confiar nele nem teria posto a questão. Mas ele aquiesceu como se soubesse do que se tratava.

— Você tem de me ajudar. Preciso sair daqui — ela sussurrou. Uma expressão de piedade perpassou o rosto invertido de Malingo.

— É impossível — disse ele. — Você acha que não tenho tentado todos esses anos? Mas Kaspar sempre me pega. E quando ele me pega, me bate com o bastão. Você não vai querer que isso aconteça.

— Vou me arriscar a levar a surra — disse Candy. — Esse sujeito, Otto Bader-Nás, vem aqui me pegar. E eu realmente não quero estar aqui quando ele chegar.

Malingo pareceu ficar ainda mais aflito. Balançando para a frente e para trás nos caibros, cantou uma pequena cantiga:

Bader-Nás, Bader-Nás
O Homem Zás- Trás,
O Homem Zás-Trás.
Arranja um santo eficaz,
E depressa
Se tu és capaz,
Pois aí vem Bader-Nás,
O Homem Zás- Trás...

— Bem, isso não ajuda muito — disse Candy. — Preciso de ajuda e você se pendura de ponta-cabeça, cantando cantigas como um maluco.

— Não sou maluco — protestou Malingo. — Apenas estou cansado de apanhar a toda hora. Quando canto as minhas cantigas, me sinto melhor.

Ele começou a balançar de novo, os braços envolvendo o corpo, a própria imagem do desespero.

— Escute aqui — disse Candy, pondo a mão no ombro dele para conter o balanço. — Nós dois queremos a mesma coisa. Você quer sair daqui, e eu também.

— O que vocês dois estão matraqueando aí dentro? — gritou Wolfswinkel da sala ao lado.

— Nada — disse Malingo, lamuriento.

— Nada? Ninguém matraqueia sobre nada, a não ser que seja um idiota apalermado com cuspe no lugar de miolos. É isso que você é, Malingo?

— S... s... sim, senhor.

— Então diga alto para que possamos ouvi-lo! Você é o quê?

— Eu... eu esqueci, senhor.

— Um idiota apalermado com cuspe no lugar de miolos. Vamos, fale! Diga: "Eu sou um idiota apalermado com cuspe no lugar de miolos, senhor".

— O senhor é um idiota apalermado com cuspe no lugar de miolos, senhor.

Wolfswinkel bateu o telefone. — O QUE FOI QUE VOCÊ DISSE?

— Eu queria dizer que eu sou um idiota, senhor! Eu! Sou eu o idiota apalermado com cuspe no lugar de miolos, senhor.

— Você sabe o que estou fazendo, Malingo?

— Não, senhor.

— Estou pegando o meu bastão. E você sabe o que isso significa... não sabe?

Candy viu duas lágrimas se formarem nos olhos de Malingo, rolarem para baixo pela testa e depois caírem no tapete.

— Venha cá, Malingo.

— Deixe-o em paz! — protestou Candy. — Está assustando o coitado.

— Fique de boca fechada, ou será a próxima! Malingo? Venha cá, seu espasmo-de-rato insignificante!

Candy foi até a porta.

— Por favor. Era eu que estava falando, não ele. Wolfswinkel sacudiu a cabeça.

— Por que você está defendendo Malingo? — disse ele. — Ah, já sei. Está tentando fazer com que ele a ajude, não está? — Ele sorriu mostrando os dentes, na maioria podres. — Bem, deixe-me explicar uma coisa. Malingo é um gueshrato. Gueshratos são covardes, até o melhor deles é covarde. E Malingo faz quase todos os da espécie dele parecerem heróis. Venha cá, Malingo. Agora!

Candy ouviu um pequeno baque surdo quando Malingo se soltou dos caibros. Alguns segundos depois, ele apareceu na porta.

— Por favor, senhor, não, senhor — disse ele, suas palavras fundido-se numa única súplica lastimosa.

— Eu disse venha cá! Agora! Se eu tiver de esperar mais um único segundo...

Malingo não tentou mais implorar por clemência. Começou a andar na direção de Wolfswinkel, lançando um olhar desamparado para Candy ao passar por ela, como se levar uma surra na frente dela tornasse as perspectivas ainda piores.

— De joelhos — disse Wolfswinkel. — AGORA! Venha até mim de joelhos. Costas nuas!

Malingo caiu de joelhos e se arrastou até o feiticeiro.

— Por favor... — começou Candy.

— Você quer tornar as coisas piores para ele? — Wolfswinkel disse friamente.

— Não — disse Candy. — E claro que não.

— Então cale a boca. E observe. Você pode muito bem ser a próxima. Não vou sentir compunção absolutamente nenhuma por bater em uma representante do sexo frágil, acredite.

"Aposto que não", pensou Candy. Até aquele momento, não teria sido capaz de se imaginar desprezando alguém com o calor do ódio que sentia por Wolfswinkel. Porém não ousava falar o que sentia. Não com Malingo aos pés do brutamontes, prestes a ser espancado pelo crime de falar.

Vá pegar um copo de rum para mim, menina — disse Wolfswinkel. — E sorria, menina, sorria!

Candy fez uma deplorável tentativa de parecer jovial.

— Agora, vá buscar a minha libação! Está em cima da cômoda, na sala de estar. Vá!

Candy virou as costas e retornou ao aposento onde estivera conversando com Malingo.

Havia uma grande cômoda, elaboradamente entalhada, encostada na parede oposta. Sobre ela havia uma garrafa de cristal e um copo pequeno.

Ela tirou a tampa da garrafa. Ao fazer isso, viu de relance a fileira de cinco pinturas na parede, acima da cômoda. Eram todos retratos: duas mulheres e três homens. Embaixo dos retratos estavam os nomes dos retratados: Jengol Pequeno, Doutor Inchball, Hetch Heckler, Biddy Stuckmeyer e Deborah Jib. Não havia nada no grupo que sugerisse que eles fossem parentes, ou ligados um com o outro de qualquer modo, a não ser talvez por um detalhe. Estavam todos usando chapéus. Chapéus do mesmo estilo... não, os mesmos chapéus, exatamente os mesmos que estavam agora empilhados de um modo meio absurdo na cabeça de Kaspar Wolfswinkel.

Enquanto observava aquela esquisitice, ouviu o som do bastão de Wolfswinkel assobiar no ar e atingir as costas de Malingo. Ela se encolheu. Uma segunda pancada veio logo depois da primeira, e depois uma terceira, e uma quarta, e quinta. Entre os golpes, dava para ouvir o som suave dos soluços de Malingo. Candy entendeu aquelas lágrimas de cortar o coração; ela mesma já as derramara, quando o pai batera nela. Lágrimas de alívio por estar tudo acabado, pelo menos por enquanto. E lágrimas de medo de que viesse a acontecer de novo, quando ela menos esperasse. Seu pai não tinha usado um bastão para bater nela, porém tinha os seus próprios métodos para causar dor.

Tremendo de raiva e frustração, encheu o copo de rum desejando em silêncio que o feiticeiro engasgasse com aquilo, pôs a tampa de volta na garrafa e foi levar a bebida para Wolfswinkel. As pancadas continuaram enquanto ela andava, mas pararam assim que entrou.

Malingo estava enrolado sobre si mesmo em uma pequena bola de dor e lágrimas, aos pés de Wolfswinkel, como um animal que acaba de ser castigado. O mágico estava sem fôlego. Havia um estertor catarral no seu peito.

— O rum! O rum! — disse ele acenando para Candy. Ele arrancou o copo dos dedos de Candy.

— Fora das minhas vistas! — berrou ele.

Malingo escafedeu-se engatinhando, subiu na parede, passou pela parte de cima da porta e voltou — Candy supôs — a se pendurar de cabeça para baixo no seu lugar favorito. De volta ao seu balançar e à sua canção sobre Bader-Nás e o santo eficaz.

Wolfswinkel engoliu o rum de um gole só.

— Mais! Mais! — disse ele estendendo o copo vazio. — Onde está a garrafa, menina?

— Eu não trouxe.

— Não trouxe, sua palerma cheia de vermes? Bem, então traga! Candy recuou bem a tempo.

Ele desferiu um golpe com seu bastão na direção dela. Não lhe acertou o nariz por alguns preciosos centímetros.

Ela foi recuando e antes que Wolfswinkel, coberto de suor, pudesse armar um segundo golpe, já estava fora do alcance dele.

Então, xingando o homenzinho a meia-voz com alguns adjetivos seletos que aprendera com o pai, foi ao aposento contíguo buscar a garrafa de rum.

28. ALMA DE ESCRAVO

CANDY ADIVINHARA, MALINGO DE fato estava se balançando pendurado nos caibros, as lágrimas escorrendo pela testa e ensopando o tapete embaixo dele.

— Temos de sair daqui — Candy articulou sem som.

Ele negou com a cabeça com uma expressão de desespero infinito.

Candy pegou a garrafa de rum e voltou à sala da frente. Quando chegou à porta, o telefone tocou. Wolfswinkel levantou o fone e atirou o copo vazio para Candy encher de novo.

Tinha posto de lado o bastão, ela observou. Estava sobre os braços da poltrona.

E se ela jogasse a garrafa para Wolfswinkel e, enquanto ele estivesse ocupado tentando pegá-la, roubasse o bastão e corresse para a porta da frente? Não, não era uma boa idéia. Mesmo se conseguisse chegar lá fora — e quem sabe que armadilhas Wolfswinkel armara em volta da casa para evitar fugas? —, estaria deixando Malingo para trás.

Não podia fazer isso. Embora não tivessem conversado por mais de dois minutos, sentia-se responsável por ele. Tinham de escapar juntos.

Ela serviu mais rum para o feiticeiro. Wolfswinkel não estava sequer prestando atenção no que ela fazia. O que quer que estivessem lhe contando por telefone o deixara absurdamente excitado.

— Ele quer falar comigo? — disse ele. — Verdade?

Ele virou o copo de rum e atirou-o para Candy encher de novo. Por sua experiência, ela sabia o que o álcool é capaz de fazer com cabeças brilhantes. Deixava-as obtusas, estupidificadas. Um mágico bêbado, raciocinou ela, era um mágico lerdo, que era precisamente o que queria naquele momento.

Wolfswinkel esvaziou o terceiro copo de rum com a mesma velocidade dos dois primeiros. E exigiu um quarto. Antes que pudesse levá-lo aos lábios, no entanto, toda a sua conduta mudou, e uma estranha expressão de reverência surgiu em seu rosto.

— Meu Lorde da Meia-Noite — disse ele. — É realmente uma honra, senhor.

"Lorde da Meia-Noite"?, pensou Candy. Ele está falando com Cristóvão Carniça, o Príncipe Tenebroso em pessoa. E qual era o assunto da discussão? Aparentemente, era ela.

— Sim, lorde, ela está aqui — disse Wolfswinkel. — Está aqui bem ao meu lado. — Houve uma pausa. — Bem, se me permite o atrevimento, senhor, ela não me parece ser uma criatura extraordinária, de modo algum. Ela é... só uma garota, o senhor sabe. Como a maior parte das meninas: alguma coisa e coisa nenhuma. — Houve mais uma pausa enquanto Wolfswinkel escutava. — Ah, sim, senhor, eu falei com Otto Bader-Nás. Ele está a caminho, para pegar a Chave. — Outra pausa. — E a menina também? Oh, sim, é claro. Ela é sua.

Ele tomou todo o rum e, mais uma vez, jogou o copo para ser reabastecido. Mas a garrafa estava vazia. Com um gesto irritado, Wolfswinkel mandou Candy procurar mais. Ela teve a impressão, a julgar pelas mãos trêmulas e pelos tiques debaixo dos olhos e da boca, que, apesar de se sentir honrado por estar falando com o Lorde da Meia-Noite, ele estava também intimidado até o fundo do seu covarde ser.

Candy foi ao aposento contíguo procurar mais bebida. Não teve de procurar muito. Havia uma garrafa sobre a cômoda. Enquanto lutava para destampá-la, seus olhos caíram sobre os retratos outra vez.

— Quem são essas pessoas? — murmurou para Malingo.

O gueshrato espancado precisou de um momento para sair do transe de infelicidade em que estava. Mas sussurrou em seguida:

— Eram todos amigos dele. Membros do Círculo Mágico Porore-ano. Mas então ele jurou fidelidade ao Rei Podrido...

— Quem?

— Carniça.

— Ah, Rei Podrido. Entendi. O que ele fez depois que jurou fidelidade?

— Ele os assassinou.

— O quê? Assassinou os seus próprios amigos?

— Rum! — rugiu Wolfswinkel.

— Por quê?

— RUM!

Wolfswinkel estava na porta agora, com o copo vazio. De cara vermelha por causa da bebida e da excitação, como um lustroso tomate equilibrado em cima de uma banana madura demais.

— Aquele — disse ele com um gesto expansivo — era o Lorde da Meia-Noite em pessoa. Minha libertação, como vê, é iminente. E graças a você. — Sorriu torto para Candy, mostrando os dentes estragados. — Foi uma ocasião e tanto, mocinha, quando você veio bater à minha porta. Você mudou a minha vida. Imagine só! Quem diria que um montinho de estéreo de furão como você seria a causa da Libertação do Tio Kaspar?

Ele foi até Candy e beliscou-lhe a bochecha, como se ela fosse uma criancinha e ele, um parente compreensivo.

— Me dê outro copo de rum, menina — disse ele. — Mantenha-me feliz até Otto chegar, e talvez eu não a espanque até ficar toda roxa.

Candy tirou a tampa da garrafa e despejou outro copo cheio até a borda. Enquanto Wolfswinkel levava o copo aos lábios, Candy decidiu tomar nas mãos o próprio destino e, deliberadamente, deixou a garrafa escorregar por entre os dedos. Ela se arrebentou no chão entre eles, liberando um forte odor de rum.

— Sua idiota de...

Candy não deu tempo a Wolfswinkel para terminar seu insulto. Em vez disso, pressionou as mãos contra o peito dele e empurrou. O rum tinha deixado Wolfswinkel instável em cima das pernas. Ele cambaleou tentando recuperar o equilíbrio e, ao fazer isso, escorregou pela porta afora até a outra sala.

Lá, ainda atravessado na poltrona onde ele o deixara, estava o seu bastão. Sem dar a si mesma tempo para questionar, ou duvidar da sensatez do que estava a ponto de fazer, Candy o tomou para si. O bastão parecia emitir estranhas vibrações, como se recusasse o manuseio de um estranho.

Mas ela se recusava a deixar que o bastão a intimidasse. Agarrou-o e aguardou pelo inevitável reaparecimento do seu dono.

De algum modo ele já sabia o que ela tinha feito, pois, ainda antes de aparecer na porta, gritou:

— Largue isso!

As vibrações do bastão ficaram ainda mais violentas com o som da voz do dono. Mas Candy recusou-se a largá-lo.

— Eu disse largue isso — disse Wolfswinkel, a voz pastosa de tanto álcool. — Largue isso, ou vou...

— Vai o quê? — perguntou Candy, brandindo o bastão como se fosse um taco de beisebol. — O que pretende fazer? Ahn? Não pode me matar, pois neste caso não terá ninguém para entregar ao seu amo e senhor.

Wolfswinkel enxugou o suor que brotara em sua testa inteira e ameaçava escorrer para dentro dos olhos.

— Malingo! — gritou ele. —Venha cá! *NESTE MINUTO!* Malingo se arrastou para dentro obedientemente, de cabeça para baixo, contornando o alto da porta.

— Agarre aquela miserável! — ordenou Wolfswinkel. — E me devolva o bastão!

Malingo hesitou, olhando Candy desesperadamente.

— Eu disse...

— Eu ouvi o que o senhor disse — retrucou Malingo.

Wolfswinkel considerou por um momento o que o seu escravo acabara de dizer, ou melhor, o tom em que dissera. Havia algo de novo na voz de Malingo. Algo de que Wolfswinkel não gostava nem um pouco. Aquilo exigia uma nova categoria de ameaça.

— Faça o que mandei, gueshrato. Ou juro que vou quebrar todos os ossos do seu corpo.

— Com o quê? — lembrou Candy. — Estou com o seu bastãozinho mágico.

Mas não sabe como usá-lo, mocinha — replicou Wolfswinkel e, antes, que Candy conseguisse se desviar, agarrou a ponta do bastão.

Mesmo bêbado de rum, tinha uma força sobrenatural. Ele torceu o bastão para a esquerda, depois para a direita, depois para a esquerda de novo, tentando arrancá-lo das mãos de Candy. Mas quanto mais violentamente ele torcia, mais ela se agarrava.

— Se você não soltar... — berrou ele, com o rosto nada bonito tornado ainda mais feio pela ira.

— Bola murcha. É isso que você é — disse Candy. — Uma bola murcha vestindo um terno de casca de banana.

O lábio de Wolfswinkel contraiu-se de fúria e ele puxou o bastão para si. Houve uma rápida escaramuça e, no calor do momento, ambos deixaram escapar o objeto, que caiu no chão entre os dois e saiu rolando pelas tábuas do assoalho.

Candy e Wolfswinkel mergulharam ao mesmo tempo para pegá-lo, mas antes que chegassem lá Malingo deixou-se cair do teto e, ágil e preciso, arrebatou o bastão.

Um sorriso satisfeito apareceu na cara de Kaspar Wolfswinkel.

— Bom menino — disse a Malingo. — Você é um menino muito, muito bom. Vou pensar em um jeito de recompensá-lo por isso. — Enxugou a testa suarenta com a manga do paletó amarelo. Depois estendeu a mão gorda. — Agora devolva ao Tio Kaspar — disse ele.

O abatido Malingo olhou para o seu amo como uma criatura hipnotizada por uma cobra venenosa. Mas não se mexeu para devolver o bastão.

— Você não me ouviu? — demandou Wolfswinkel. — *ME DÊ O BASTÃO.* Vou espancar essa menina miserável até ela ganir. Não vai ser divertido?

Nada aconteceu durante um longo momento. Então, devagar - muito, muito devagar —, Malingo fez que não com a cabeça.

— Candy... — disse ele mansamente, sem desviar os olhos um momento sequer do homem que tinha sido o seu amo. — É melhor você ir. Depressa, antes que Bader-Nás chegue aqui.

— Não vou embora sem você.

Ao ouvir isso, Malingo lançou um olhar para ela, tomado de um misto de medo e euforia.

— Ah, mas que coisa mais meiga — comentou Wolfswinkel. — Que coisa tocante. — Então, forçando um sorriso, acenou para Malingo. — Agora venha, menino. A piada acabou. Você já teve o seu momento. Vamos parar com essa representação. Você sabe que não tem coragem para me deixar.

O seu tom era todo leite e mel, e assustadoramente verossímil.

— Você me pertence, Malingo — prosseguiu ele. — Lembra-se? Eu o comprei em uma transação honesta. Tenho os documentos. Você não pode ir embora. Quero dizer, por Deus, onde o mundo ia parar se de repente todos os escravos resolvessem simplesmente ir embora quando lhes desse vontade?

O sorriso se apagou do seu rosto. Wolfswinkel exaurira o seu suprimento de doçura.

— Agora — disse ele —, pela última vez: devolva o meu bastão, e eu prometo a você, prometo que não vou machucá-lo.

Malingo não se mexeu. Nem mesmo piscou.

— Ora, espere um momento — prosseguiu Wolfswinkel. — Sei o que você está pensando. Está sentindo o cheiro da liberdade, não é? E é bem tentador. Mas pense, gueshrato. Você não sabe como viver no mundo lá fora.

— Não ligue para ele — disse Candy.

— Você tem alma de escravo, gueshrato. E isso nunca vai mudar.

— Não há nada do que ter medo lá fora — disse Candy. Então, reconsiderando sua opinião em nome da sinceridade, ela disse: — Bem, nada que seja pior do que isto. Do que ele. E eu vou estar com você...

— Ah, mas não vai mesmo — disse Wolfswinkel, agarrando o pulso de Candy.

O aperto queimou como fogo. Ela gritou de dor e se debateu tanto para se livrar que os chapéus dele, todos meticulosamente empilhados um em cima do outro, escorregaram para o lado em sua cabeça melada de suor.

Uma expressão de pânico perpassou-lhe a face e ele soltou Candy para segurar os chapéus antes que caíssem, e empurrou-os de volta ao lugar deles. Ela recuou para fora do alcance dele, seu pulso dormente de dor. Enquanto o massageava para trazê-lo de volta à vida, as pinturas dos cinco mágicos assassinados lhe vieram à cabeça. E com elas, um pensamento simples:

"Os chapéus. Parte do poder dele está nesses chapéus idiotas".

Ela só teve um instante para registrar essa idéia. Wolfswinkel estava chegando perto de Malingo, de mãos estendidas para reivindicar o bastão.

— Me dê o bastão — disse ele a Malingo. — Vamos. Você sabe que ele é meu.

Havia pingos de cuspe amarelo-esbranquiçado nos seus lábios. Parecia estar prestes a explodir de fúria. Malingo ergueu o bastão.

— Bom menino — disse Wolfswinkel com um ligeiro sorriso de volta à sua cara suarenta.

Malingo encarou o amo diretamente nos olhos. Então levantou a perna e, agarrando o bastão com as duas mãos, quebrou-o com o joelho.

Wolfswinkel soltou um uivo quando o bastão se partiu ao meio. Voaram lascas por todos os lados e o estalido da madeira se quebrando ecoou nas paredes.

Malingo ergueu os pedaços do bastão e mostrou a Wolfswinkel.

— O senhor nunca mais vai me bater com isto — disse ele.

Ele então jogou as duas metades no chão, no lugar exato onde tinha sido machucado e humilhado apenas alguns minutos antes. Wolfswinkel olhou para elas. Todo o seu corpo tremia.

— Ora, ora... — murmurou ele. — Que rebeldezinho valente você me saiu.

Dessa vez foi ele quem ergueu as mãos, entrelaçando os dedos acima da cabeça.

Então — murmurando alguma coisa incompreensível para Candy mas que, assim mesmo, soava profundamente ameaçadora — ele destravou os dedos e, bem devagarzinho, começou a separar as mãos. Entre as palmas havia uma forma feita de escuridão palpitante, que foi crescendo à medida que ele separava as mãos. Parecia um verme gordo de um metro e meio de comprimento, armado de tentáculos, cada qual terminando em um cruel gancho vermelho. Tinha duas cabeças, uma em cada ponta do corpo, com caras parecidas com a de Kaspar. Os dentes eram afiados como os de um tubarão.

— Adorável — disse Wolfswinkel olhando para aquela coisa asquerosa que conjurara. — Gosta do meu pequeno funériac?

Então, sem aguardar resposta, baixou as mãos na frente dele e soltou a criatura.

O funériac, embora sólido, parecia ser capaz de desafiar a gravidade, pois no mesmo instante subiu acima das cabeças das pessoas na sala, torcendo-se e contorcendo-se como uma corda que ambicionasse dar um nó em si mesma.

Ele fez uma curva invertida com o corpo e voltou ambas as caras grotescas para baixo, olhando para o seu criador. Wolfswinkel acenou com a cabeça para a coisa.

— Está pronto? — disse ele.

A coisa abriu as bocas e soltou um silvo do fundo das gargantas.

— Bom — disse Wolfswinkel. Ele apontou para Malingo e pronunciou estas palavras:

— Mate o meu escravo.

O funériac não hesitou. Jogou-se das alturas da sala e voou para Malingo.

Por sorte, Malingo foi ligeiro. Estava acostumado a escalar as paredes dos aposentos. Conhecia cada pedrinha e cada fissura. Antes que o funériac pudesse atingi-lo, ele subiu pela parede como uma aranha. A criatura o perseguiu, os ganchos dos incontáveis tentáculos batendo uns nos outros e soltando fagulhas com brilho suficiente para inundar a sala de luz rançosa.

Wolfswinkel estava feliz com o espetáculo que criara. Aplaudiu como uma criança mimada quando o lustre balançou por causa da perseguição. Os cristais reuniram e se entrechocaram, soltando uma chuva seca de pó e mariposas mortas.

— Vá embora! — Malingo gritou para Candy. — Vá!

O momento que ele usou para implorar a Candy que se fosse foi a sua perdição. A criatura diminuiu a distância entre eles em um piscar de olhos e ferrou os dois pares de mandíbulas nele.

Era demais para Candy. Desviou o olhar e o fixou em Wolfswinkel, que estava totalmente absorvido pelo espetáculo. Com certeza ela poderia se aproximar dele sorrateiramente, sem ser notada.

Teria coragem? Sim, é claro que teria coragem. Qualquer coisa para salvar Malingo do monstro de Wolfswinkel.

Deu uma olhada para cima para ver como Malingo estava indo. Nada bem, foi a resposta. O funériac se enrolara em torno dele e seus ganchos tentavam se prender à pele dele. Mas Maligno não

era tão vulnerável quanto um ser humano. Embora sua pele sem dúvida estivesse sensível por causa da surra, os ganchos não conseguiam feri-lo.

Mesmo assim estava correndo grave perigo: não por causa dos ganchos, mas devido aos dentes do funériac. Ele fez o que pôde com as mãos para manter as duas bocas da besta afastadas do seu rosto e, por algum tempo, conseguiu. Mas o funériac era forte. Era só uma questão de tempo até que os dentes do monstro o perfurassem, pontiagudos como agulhas.

Candy não esperou mais. Enquanto Wolfswinkel continuava a aplaudir o horrível espetáculo, Candy se aproximou dele por trás. E então atirou-se às suas costas.

Wolfswinkel se virou no último instante e ergueu a mão para bater nela, mas era tarde demais. A garota jogou-se em cima dele e, com um movimento amplo da mão, derrubou todos os chapéus da sua cabeça.

Wolfswinkel soltou um uivo de fúria e caiu de joelhos, numa tentativa desesperada de recolher os chapéus caídos. Candy fez o melhor que pôde para impedi-lo, chutando-os para longe das mãos dele.

Ecoou então um estardalhaço que parecia o som de enormes fogos de artifício explodindo.

Candy olhou para cima e viu que o funériac não estava mais ameaçando Malingo. Com o poder de Wolfswinkel subitamente removido, o funériac estava diminuindo. Soltara Malingo e estava ricocheteando de um lado para o outro pela sala como uma bexiga cheia deixando o ar escapar. Quando atingia algum objeto sólido, como uma parede de livros, o lustre, uma mesa, ou o chão, explodia em uma chuva de centelhas negras enquanto seu corpo ia ficando cada vez menor. Candy observou por um momento, depois chamou Malingo, que ainda estava pendurado no teto.

— Venha! Depressa!

Ele se deixou cair em pé na frente dela.

— Você está bem? — disse ela.

— Ele não me machucou. — Ele sorriu. — Bem que tentou, mas...

Candy sorriu e segurou a sua mão pegajosa.

— Temos de sair daqui! — disse ela, e eles correram para a porta da frente.

Assim que chegaram à porta a besta atingiu a parede acima dela, liberando uma última chuva de negras fagulhas cáusticas, e então caiu no chão entre eles. Estava esvaziada até reduzir-se a uma versão diminuta do que era. Retorcia-se no chão e as bocas minúsculas ainda soltavam aquele silvo gutural.

— Não olhe — disse Malingo.

— Não se preocupe, não sou fresca — disse Candy.

Malingo esmagou o funériac debaixo do calcanhar, triturando o que restava de sua vida mágica. Quando ergueu o pé, a criatura nada mais era que uma mancha escura no tapete.

— Agora podemos ir — disse Malingo.

Ele destravou o ferrolho de cima da porta. Candy cuidou dos ferrolhos do meio e de baixo.

— Espere. E a Chave? — perguntou a Malingo.

— Não é hora de se preocupar com isso — disse Malingo, ouvindo que o volume da gritaria de Kaspar estava ficando mais alto atrás dele.

Candy concordou com um leve meneio de cabeça e, de mãos dadas, eles se atiraram para o outro lado da soleira.

Não olharam para trás.

Apenas saíram correndo aos tropeções para longe da casa e pela noite incipiente de Malhoparvo adentro, deixando Kaspar Wolfswinkel para trás, a vociferar sozinho suas ameaças e sua frustração.

29. OLHOS DE GATO

— ESTOU LIVRE – GRITOU MALINGO enquanto corriam. — Nem posso acreditar! Estou livre! Estou livre!

De repente parou de correr, ergueu Candy nos braços, e abraçou-a tão apertado que ela quase perdeu o fôlego.

— Obrigado, obrigado, obrigado — disse ele, girando-a no ar. — Você me deu a coragem de fazer isso! O que quer que me aconteça depois, serei sempre grato a você.

Ele então plantou-lhe um carinhoso beijo coriáceo na bochecha e a pôs de volta no chão.

Candy ficou um pouco aturdida com tudo aquilo. Não conseguia se lembrar da última vez em que fora abraçada ou beijada. Mas logo recobrou a compostura e trouxe a conversa de volta às questões práticas.

— Ainda não saímos da floresta — observou ela. — Precisamos pôr a maior distância que pudermos entre nós e o Velho Terno de Banana.

Malingo riu.

— De acordo — disse ele. — Você tem um barco?

— Não. Nem você tem um iate de luxo nas vizinhanças, imagino?

— Não. Infelizmente não. Aliás, como você chegou aqui?

— Bem, havia uma mariposa gigante... — disse ela.

— Mariposa gigante?

— Enviada por Cristóvão Carniça.

— Então o Lorde da Meia-Noite andou atrás de você por uns tempos. Em que ele está tão interessado?

— Bem, eu estava com uma tal Chave... — começou Candy, e se interrompeu. — Mas não pode ser por isso que estava atrás de mim. Ele nem sabia que eu estava com a Chave até que Wolfswinkel descobriu.

— Você sabe para que serve essa chave misteriosa?

— Não, não sei. Acho que nunca me contaram.

Candy mal tinha acabado de falar quando ouviu a voz de Kaspar Wolfswinkel. Estava em algum lugar por perto, a julgar pelo modo como sussurrou.

— Oh, a Chave — disse ele. — Você quer saber para que serve a Chave...

Malingo voltou-se para Candy. A alegria fora arrancada do seu rosto e substituída pelo terror.

— Ele está aqui! — disse ele.

— Está tudo bem — murmurou Candy. — Ele não vai nos machucar.

Ao mesmo tempo que falava, ela olhou em volta procurando algum sinal de Wolfswinkel na escuridão. Mas a despeito da fantasmagórica intimidade em sua voz, não estava visível em lugar nenhum.

— Para o seu governo — prosseguiu o mágico —, a Chave abre as Pirâmides de Xuxux.

— É mesmo? — disse Candy, na esperança de continuar com o bate-papo enquanto tentava localizar Wolfswinkel. — As Pirâmides, é? Muito interessante. — Ela inclinou-se para perto de Malingo. — Vamos ficar de costas um para o outro — disse ela. — Assim ele não poderá se aproximar de nós sem ser visto.

Malingo fez como ela sugeriu e colocou suas costas contra as de Candy.

— Acredite em mim — prosseguiu Wolfswinkel, cheio de presunção —, eu vou ser regiamente recompensado pelo que fiz nesta Hora. Terei poder em uma escala que seria inimaginável para gente como você...

— Onde está ele? — sussurrou Candy para Malingo. — Está perto. Sei que está perto. Por que não podemos vê-lo?

— Isto está deixando você louca, não está? — disse Wolfswinkel. — Está se perguntando se os seus pífios sentidos não estarão finalmente sucumbindo? Talvez você esteja ficando louca. Já pensou nisso? Como é que diz o poeta? "A mente não pode suportar tanta realidade." Coitadinha de você. O hospício a espera. Malingo segurou a mão de Candy.

— Você não está ficando louca — disse ele.

— Então por que ele parece estar tão perto de nós? Malingo tremia violentamente.

— Porque ele está perto — disse ele. — Está muito perto.

— Mas eu não o vejo — disse Candy, ainda inspecionando a paisagem em volta deles.

— Aqueles chapéus lhe dão uma porção de poderes — sussurrou Malingo. — Ele simplesmente se fez invisível.

— Então... então poderia estar em qualquer lugar? — disse Candy.

— Receio que sim.

Candy estudou a paisagem em volta deles à procura de algum indício, por sutil que fosse, da presença de seu inimigo: um arbusto balançando com a passagem de Wolfswinkel; o som de um pedregulho pisado pelo seu calcanhar invisível. Mas à luz

bruxuleante e enganadora dos pilares de fogo era difícil ter certeza de qualquer coisa. Seria Wolfswinkel que provocava o movimento no capim à sua esquerda, ou apenas um truque da luz? Seria a respiração dele aquela brisa perto do ouvido dela, ou simplesmente o vento?

— Odeio isto — sussurrou ela.

Assim que ela falou houve um ruído forte de palmada e Malingo cambaleou para a frente com um grito. No mesmo instante ele soltou a mão de Candy e fez meia-volta erguendo os punhos como um boxeador à moda antiga.

— Ele está bem aqui! — advertiu Malingo. — Ele está bem aqui! Acabou de bater na minha... Ele não terminou a frase. Houve mais uma palmada, e depois uma terceira, esta tão violenta que jogou Malingo no chão. Ele pôs as mãos na cabeça para se proteger de outros ataques.

— Corra, Candy! — gritou ele. — Saia daqui antes que ele a ataque. Nesse momento Candy sentiu-se agarrar pelos braços de Kaspar e foi erguida no ar. Wolfswinkel estava demonstrando uma força sobrenatural: a fonte dela, é claro, eram aqueles chapéus ridículos. Candy agitou os braços às cegas, esperando ter a sorte de derrubá-los de novo da cabeça dele, mas o mago a segurava em uma posição que a deixava impotente para fazer isso.

— Você vai voltar para casa comigo — disse ele. — Neste minuto.

Candy continuou a se debater, mas a força do homem era simplesmente avassaladora. Começou a gritar por socorro, esperando que alguém nas encostas escuras pudesse salvá-los.

— É uma causa perdida, receio — disse Wolfswinkel com a boca invisível a centímetros do ouvido de Candy. Seu hálito fedia a rum.

Antes que Candy pudesse dizer alguma coisa, houve uma grande agitação no capim em volta deles e, da paisagem obscurecida, surgiu um bando de gatardos. Não era uma pequena reunião. Num minuto o lugar estava deserto; no minuto seguinte, os animais pareciam estar por toda parte, as orelhas em pé, os olhos incandescentes observando Candy atentamente enquanto ela se debatia nos braços do seu captor invisível.

Quando eles se aproximaram, Candy lembrou-se dos crimes horrendos pelos quais, segundo alegara Wolfswinkel, os gatardos tinham sido responsáveis. Será que alguma coisa do que ele dissera era verdade? Teriam os gatardos vindo agora para cometer alguma nova atrocidade? Como por exemplo pular em cima do pobre Malingo enquanto ele estava caído no chão e arrancar-lhe os olhos com as garras? Ou escalar o corpo dela e asfixiá-la?

Se a situação deles já estava bastante ruim, agora se tornara incalculavelmente pior.

Ou, ao menos, era o que ela pensava.

Mas assim que os gatardos avançaram para eles, sentiu o aperto dos braços de Kaspar afrouxar um pouco, e algumas palavras murmuradas escaparam dos seus lábios.

— Fiquem longe de mim... — ele avisou.

Os gatardos o ignoraram. Simplesmente continuaram a se aproximar, observando tudo com uma intensidade assustadora.

— Não olhem para mim deste jeito — disse-lhes Wolfswinkel. "Olhem para mim?", pensou Candy. O que ele quer dizer com

"olhem para mim"? Se ele estava invisível, como era possível que o vissem? De repente, a resposta ficou clara para Candy.

— Eles conseguem vê-lo — disse ela a Kaspar.

O mágico não respondeu. Mas nem precisava. Seu corpo estava respondendo por ele. Começou a tremer e o seu aperto

afrouxou tanto que Candy conseguiu escapulir. Foi imediatamente cuidar de Malingo, que ainda estava enrodilhado no chão.

— Está tudo bem — confortou-o. — Os gatardos estão aqui.

— E isso é bom? — disse ele, voltando-se para ela. Em seu rosto, havia sangue e medo.

— Ah, sim, isso é bom — disse ela.

— Como assim?

— É porque os gatardos conseguem vê-lo, Malingo.

— Conseguem?

Os dois olharam para cima.

Os olhos dos animais estavam todos focalizados no mesmo ponto, a alguns palmos apenas de Candy e Malingo. E desse exato lugar veio a voz de Wolfswinkel.

— Mantenham distância, seus trapos escarrados! — gemeu ele para os gatardos. — Fiquem longe, estou avisando, ou vou tocar fogo nos seus rabos. Não estou brincando. Vocês não sabem o que sou capaz de fazer com os da sua laia!

Alguns dos gatardos trocaram olhares ansiosos diante da explosão de Wolfswinkel, mas nenhum ficou bastante intimidado para fugir.

— Ele está blefando — disse Candy a eles. — Vocês me entendem? Ele tem medo de vocês.

— Você fique quieta, inseto putrefato! — gritou Wolfswinkel em uma voz agora estridente. — Depois eu lido com você.

Malingo, nesse meio-tempo, já tinha se posto em pé. O sangue escorria pelo seu rosto, mas ele parecia insensível à própria dor. Havia nele uma estranha e nova confiança.

Tudo o que você sabe é ameaçar as pessoas o tempo todo — disse ele, marchando para o lugar para onde convergiam os muitos olhares dos gatardos; em outras palavras, o ponto onde estava o feiticeiro. Wolfswinkel não disse mais nada, presumivelmente na esperança de evitar que as mãos do ex-escravo o tocassem. E em seguida, bateu em rápida retirada. Candy e Malingo ouviram os seus calcanhares levantando pó, e viram a mirada coletiva dos gatardos acompanhando o mágico enquanto ele subia a colina, fugindo para o abrigo de sua casa.

Malingo não tencionava deixar que ele chegasse lá. Perseguiu Wolfswinkel encosta acima, dando uma olhada de vez em quando para os animais atrás dele, para confirmar que estava indo na direção certa.

Wolfswinkel estava a uns vinte metros da porta da frente quando Malingo saltou sobre ele.

— Tire as mãos de mim, escravo! — gritou Wolfswinkel.

— Não sou seu escravo! — Malingo gritou de volta.

Wolfswinkel estava evidentemente lutando para se livrar de Malingo. Era como se Malingo estivesse lutando com duas braçadas de enguias invisíveis, todas lambuzadas de gordura. Ameaças e xingamentos jorravam da boca de Wolfswinkel.

Cansado do interminável boquejar do feiticeiro, Malingo sacudiu seu prisioneiro para a frente e para trás.

— Mostre a sua cara — ele ordenou.

Tinha agarrado o pescoço de Wolfswinkel — até onde Candy podia adivinhar — e ameaçava esganá-lo.

— Tire os chapéus e mostre a sua cara! — ele continuou. Um instante depois, uma forma bruxuleante começou a aparecer nos braços de Malingo, e um irado Kaspar Wolfswinkel se tornou visível. Tinha tirado os chapéus e estava segurando três em cada

mão. Pela expressão do seu rosto, teria matado tudo o que estivesse vivo em Malho-parvo naquele momento, a começar por Candy e Malingo, e depois prosseguindo com os gatardos.

— Então agora, Kaspar — disse uma voz atrás de Candy —, talvez você deva voltar para a sua casa e ficar por lá. Você sabe que não pode ficar andando por aí. Candy se voltou, perguntando-se quem seria a pessoa que estava falando, e viu-se face a face com uma criatura bípede que claramente tinha alguma ligação familiar com os gatardos. A cara larga era coberta de uma sutil penugem marrom-avermelhada e cinzenta. Os olhos verdes eram decididamente felinos, assim como os bigodes que brotavam das suas bochechas. Pelo jeito, subira a colina para ver o que estava acontecendo.

— Foi ela que começou tudo isto, Jimóteo! — disse Kaspar apontando para Candy. — Aquela menina danada. Culpe a ela, não a mim.

— Ora, pelo amor de A'zo, fique quieto, Wolfswinkel — disse a criatura.

Para surpresa de Candy, Wolfswinkel fez exatamente isso. A criatura olhou de novo para Candy:

— Meu nome é Jimóteo Gatardo.

— Encantada em conhecê-lo.

— E você, é claro, é a famosa... ou seria infame? Candy Quackenbush.

— Você me conhece?

— Poucos visitantes destas ilhas tiveram presença tão amplamente discutida quanto a sua — disse Jimóteo.

— É mesmo?

— Ah, com certeza. — Ele sorriu, mostrando os dentes pontudos. — Estive de viagem pelas ilhas nos últimos dois dias, e

parece que uma em cada duas pessoas que encontro sabe de você. A sua celebridade cresce de Hora em Hora. Pessoas que não poderiam tê-la conhecido alegam que conheceram.

— É mesmo? — disse Candy.

— Acredite. Você comprou uma fatia de furini daquele queijeiro em Autland?

— Não.

— Bem, ele diz que você comprou. E os sapatos que encomendou de um sapateiro em Tazmagor?

— Eu nunca estive em Tazmagor.

— Está vendo como é famosa? — disse Jimóteo.

— Não entendo por quê — disse Candy.

— Bem, existem vários bons motivos — disse Jimóteo. — Um, naturalmente, são as suas origens. Fazia um bom tempo que não recebíamos visita do Mais-Além. E há também o fato de que você parece ter semeado confusão por todos os lugares onde passou. Admito que nada disso foi sua culpa. Outras pessoas é que causaram problemas ao persegui-la com tanta impetuosidade. Mas problemas são problemas.

Candy suspirou, ainda confusa.

— E também — disse Jimóteo — há a questão de quando você chegou.

— Por que é tão importante?

— Ora, porque uma porção de gente, desde poetas das ruas até os mais respeitados lançadores de ossos do Abarat, anda dizendo há muito tempo que havia alguma força transformadora iminente. Uma força que iria, de algum modo, perturbar a triste ordem das nossas vidas.

— Por que triste? — disse Candy. — O que tem de tão triste?

— Por onde começar? — disse Jimóteo suavemente. — Pense assim: nós não dormimos bem hoje em dia.

— Nós?

— Aqueles dentre nós que se preocupam em questionar para onde nossas vidas estão indo. E o que valem os nossos sonhos. Acordamos com o gosto da Meia-Noite na garganta.

— Quer dizer, Cristóvão Carniça?

— Ele é parte disso. Mas não é a pior parte — disse Jimóteo. — Afinal, a família Carniça teve o seu lugar no equilíbrio do poder desde que surgiram historiadores para escrever essas coisas. As trevas sempre tiveram a sua parte. Sem elas, como saber quando andamos na luz? Só quando as ambições se tornam grandiosas demais é que elas precisam ser contestadas, disciplinadas e às vezes, se necessário, derrubadas por algum tempo. Depois elas se erguem de novo, como deve ser. No fim, seguir o Caminho Escuro não é menos honroso do que seguir a luz, desde que isso seja feito com um propósito claro.

Candy não estava muito certa de ter entendido completamente o que lhe estava sendo dito, mas sabia que, quando repensasse tudo, as observações de Jimóteo viriam a fazer sentido. De qualquer modo, não teve chance de fazer perguntas ao gatardo. Jimóteo continuava falando sobre o estado de Abarat, e Candy sorveu aquilo tudo.

— O verdadeiro problema é Commexo — disse ele. — Rojo Pixler e o seu Kid. Ele compra lugares santos e constrói restaurantes neles. E ninguém parece se incomodar. Estão todos muito ocupados bebendo a Panacéia dele. Isso me deixa doente. Hora a Hora, Dia a Dia, estamos permitindo que ele tire a magia das nossas vidas. E o que ganhamos em troca? Refrigerante e Panacéia. — Ele balançou a cabeça, chateado. — Está começando a entender? — disse ele.

— Um pouco — disse Candy.

— E eis que chega você, saída do Mais-Além. E no momento em que chega, todo mundo começa a falar, todo mundo começa a se perguntar. .. é ela a tal?

— A tal?

— Que vai curar as nossas doenças. Nos salvar das nossas próprias asneiras. Nos acordar!

Candy não tinha como responder àquilo exceto dizendo que não, ela não era a tal; ela não era ninguém. Mas isso não era o que Jimóteo queria ouvir, ela sabia. Então ficou em silêncio.

— Você é um espírito extraordinário — disse-lhe ele. — Disso eu tenho certeza.

Candy negou com a cabeça.

— Como pode...? Quero dizer... eu? — Ela suspirou. Não conseguia encontrar palavras, e sabia que também não conseguiria fazer jus às elevadas esperanças que Jimóteo depositava nela. Como poderia acordar alguém? Ela mesma estivera dormindo até alguns dias antes, rabiscando nos seus sonhos.

— Tenha coragem na sua missão — disse Jimóteo. — Mesmo que ela ainda não esteja clara.

Candy assentiu com a cabeça.

— É surpreendente que você tenha sobrevivido à sua jornada até agora. Sabia disso? Alguém deve estar cuidando de você.

A observação dele trouxe à lembrança tudo o que Candy tinha passado desde que conhecera João Treloso: escapara por pouco da morte pelas mãos de Vivaldo Stampa, e quase se afogara no Mar de Izabella; as flechas da expedição de caça de Pixler zunirem junto à cabeça dela; depois caiu do céu, agarrada ao cadáver da grande mariposa. E depois, é claro, houve o seu encontro com Wolfswinkel. Aonde quer que olhasse, havia perigo.

— Tudo isto começou com uma chave — disse ela, tentando entender aquilo que a trouxera àquele momento. — li Wollswinkcl ,v tirou da minha mente. Dá para trazê-la de volta para mim?

— Infelizmente não há nada que eu possa fazer quanto a isso. Embora Wolfswinkel seja um prisioneiro e eu, seu carcereiro, não tenho autoridade para tomar de volta o que ele tirou de você, do mesmo modo como não posso confiscar-lhe os chapéus.

— Por que não?

Aqui Wolfswinkel, que pusera os chapéus de volta na cabeça, resolveu falar:

— Porque eu sou um grande mágico e Doutor em Filosofia, e ele não passa de um gatardo pulguento que fica em pé nas patas de trás. Ele não pode me fazer nada, a não ser impedir que eu saia desta ilha miserável. E tudo isso vai mudar quando Otto Bader-Nás chegar aqui.

— Bader-Nás! — disse Candy. Estava tão absorta ouvindo Jimóteo falar que se esquecera de Bader-Nás.

— Que assunto você tem com esse homem perverso? — perguntou Jimóteo.

Foi Wolfswinkel quem respondeu.

— Foram feitos arranjos para que ele a leve ao Lorde da Meia-Noi-te, junto com a Chave que ela roubou.

— Volte para a sua casa, feiticeiro — disse Jimóteo, dispensando-o com um aceno. — Não quero ouvir mais nada sobre você. Irmãos e irmãs, levem-no.

Os gatardos, que tinham seguido Wolfswinkel colina acima, agora ululavam, reunidos em volta dele, forçando-o de volta à sua prisão.

— Odiosas criaturas — disse Kaspar. E então, para Candy: — Você não podia simplesmente tê-los envenenado quando eu pedi?

Os gatos desandaram a berrar em coro, encobrindo o que quer que ele ainda tivesse a dizer.

— É um lunático — disse Candy.

— Talvez — retrucou Jimóteo, mas havia dúvida em sua voz. - Sinto muito por você ter tido de lidar com ele. Mas no fim ele não passa de um pequeno participante em um jogo muito grande.

— Quem está organizando o jogo? — quis saber Candy. — Cristóvão Carniça?

— Prefiro não falar dele, se não se importa — disse Jimóteo. — Acho que quanto mais se fala da morte e das trevas, mais perto elas chegam.

— Desculpe — disse Candy. — É tudo culpa minha.

— Como assim?

— Porque deixei aquele homem ficar com a Chave. Devia ter lutado mais.

— Não, lady — disse Malingo, falando pela primeira vez desde o começo da conversa. ("Ele me chama de lady, pensou Candy, como João Treloso. Isso é agradável.") — Você não é responsável — prosseguiu Malingo. — Ele lançou um Encantamento de Revelações sobre você. Ninguém poderia ter resistido a uma coisa assim. Pelo menos, ninguém que não fosse mágico.

— Ele está certo — disse Jimóteo. — Não se culpe. É um desperdício de energia.

De volta ao topo da colina, Wolfswinkel bateu a porta da casa. Suas ameaças e inanidades foram finalmente silenciadas, bem como a barragem de berros que os gatardos tinham formado para encobrir a voz dele.

Tudo o que restou foi o lamento do vento no capim alto. Seu sussurrar fez Candy se lembrar de casa, da pradaria de capim alto ao redor de Galinhópolis. De repente sentiu uma pontada de saudade. Não que ela quisesse necessariamente estar de volta aos confins da rua Followell. Era só que a distância entre aquele lugar ventoso e sua casinha modesta parecia ser tão incomensurável. Até as estrelas eram diferentes ali, lembrou-se ela. Meu Deus, até as estrelas.

O que quer que fosse aquele mundo, um sonho acordada, outra dimensão ou simplesmente um recanto da Criação que Deus criara e esquecera, ela teria de encontrar nele um lugar para si, e entender o porquê de ali estar. Se não fizesse isso, sua saudade iria crescer e consumi-la com o tempo.

— Então, o que vai acontecer comigo agora? — disse ela.

— Uma excelente pergunta — respondeu Jimóteo.

30. "Ó TU, GLIFO, VEM A MIM"

— NOSSA PRIORIDADE NUMERO UM — disse Jimóteo — é tirar vocês dois desta ilha antes que Otto Bader-Nás chegue. Não quero vê-los sendo levados a Cristóvão Carniça.

— Por acaso você tem um barco? — perguntou-lhe Candy.

— Sim, tenho — disse Jimóteo. — Gatos detestam nadar. Mas receio que o barco esteja muito longe, do outro lado da ilha. Se tentássemos levá-los até lá, Bader-Nás os alcançaria antes que estivessem a meio caminho do porto.

— Eu... eu tenho uma idéia — interveio Malingo, hesitante. — Você tem? — disse Jimóteo.

— Prossiga — disse Candy. — Vamos ouvir a sua idéia. Malingo lambeu os lábios, nervoso.

— Bem... — disse ele. — Poderíamos sair da ilha em um glifo.

— Um glifo? — disse Jimóteo. — Meu amigo, esta é uma excelente proposta, mas quem dentre nós tem o conhecimento necessário para pronunciar a criação de um glifo?

— Bem... — disse Malingo, olhando modestamente para seus pés descomunais. — Eu tenho.

Jimóteo pareceu francamente incrédulo.

— Onde, em nome de Deush e Divinium, um gueshrato aprende a conjurar um glifo?

— Quando Wolfswinkel entrava em coma alcoólico depois de beber rum em excesso — explicou Malingo —, eu lia os livros de magia dele. Ele tinha todos os clássicos na casa. O *Manual de feitiçaria de Saturansky;* o *Guia do piloto dos estratos;* os *Estratagemas do papa-*

moscas; Chicanas e achaques. Mas o que realmente estudei foi *Os seis de Lumerique.*

— O que são *Os seis de Lumerique?* — perguntou Candy.

— São os sete livros de Feitiços e Encantamentos Profundos — disse Jimóteo.

— Se são sete livros, por que são chamados de *Os seis de Lumerique?*

— Foi a maneira que Lumerique achou para ajudar um verdadeiro mágico a descobrir rapidamente se está lidando com um falso.

Candy sorriu.

— Isso é engenhoso — disse ela.

— Existe um outro jeito — disse Malingo.

— E qual é? — quis saber Jimóteo.

— Apenas pergunte se Lumerique era um homem ou uma mulher.

— E qual é a resposta certa? — perguntou Candy.

— As duas coisas — Malingo e Jimóteo responderam ao mesmo tempo.

Candy pareceu confusa.

— Lumerique era um mutepe — explicou Malingo. — Portanto era simultaneamente ele e ela.

— Então... — disse Jimóteo, obviamente ainda um pouco desconfiado da alegação de Malingo de que possuía a habilidade de pronunciar glifos. — Você leu os livros. Mas chegou realmente a fazer alguma das mágicas?

Malingo deu uma pequena encolhida de ombros.

— Alguns encantamentos pequenos — disse ele. — Uma vez eu fiz uma cadeira se ajoelhar nos pés traseiros e dobrar os dianteiros, como um cão. — Candy riu, achando a imagem divertida. — E transformei catorze pombas brancas em uma... ahn... uma pomba branca muito grande.

— Aha! — disse Jimóteo, parecendo estar subitamente convencido. — Eu vi essa sua pomba. E do tamanho de um falcão-tigre. Enorme. Foi obra sua?

— Sim, foi.

— Você jura?

— Se ele diz que é obra dele, Jimóteo, é porque é — disse Candy.

— Eu acredito nele.

— Sinto muito. Foi falta de tato da minha parte — disse Jimóteo.

— Por favor, aceite as minhas desculpas.

Ficou claro que aquela era a primeira vez que Malingo recebia um pedido de desculpas.

— Oh... — disse ele, olhando para Candy com os olhos arregala dos. — O que faço agora?

— Aceite as desculpas, se achar que são sinceras.

— Oh... sim. É claro. Eu aceito as desculpas.

Jimóteo estendeu a mão e Malingo apertou-a, evidentemente deliciado com aquela nova prova da sua melhorada posição no mundo.

— Então, meu amigo — disse Jimóteo —, eu acredito que você tem o que é preciso para fazer um glifo. Faça isso.

— Eu contei que nunca realmente fiz isso antes? — ressaltou Malingo.

— Apenas tente — disse Candy. — É a nossa única saída. Mas não estou pressionando, é claro.

Malingo ofereceu-lhe um sorriso nervoso.

— Então é melhor vocês se afastarem — disse ele, abrindo os braços. Jimóteo tirou um pequeno telescópio do bolso do casaco, abriu e se afastou para observar o céu.

— Não fique nervoso — disse Candy a Malingo. — Tenho fé em você.

— Você tem?

— Não fique tão surpreso.

— Só não quero desapontá-la.

— Não vai. Se funcionar, funcionou. Se não funcionar... — ela afastou o pensamento com um gesto. — Encontraremos alguma outra rota de fuga. Depois de tudo o que você fez nas últimas poucas horas, não precisa provar nada.

Malingo concordou, embora parecesse longe de estar feliz. A julgar pela sua expressão, Candy imaginou que uma parte dele se arrependia de ter aberto a boca.

Ele ficou olhando para o chão um momento, como que relembrando o feitiço.

— Por favor, afaste-se — disse ele a Candy, sem erguer os olhos. Então levantou os braços e bateu as mãos três vezes acima da cabeça.

Ithni asme ata,
Ithni manamim,

Drutha lotacata,
Ó tu, glifo, vem a mim.
Ithni, ithinim,
Asme ata:
Ó tu, glifo, vem a mim.

Enquanto pronunciava essas palavras, contornou andando um círculo de dois ou três metros de diâmetro, apanhando alguma coisa no ar e aparentemente atirando o que apanhara para dentro do círculo.

Então começou de novo as palavras do ritual.

Ithni asme ata,
Ithni manamim,
Drutha lotacata,
Ó tu, glifo, vem a mim.

Três vezes ele contornou o círculo, atirando o ar e repetindo as estranhas palavras da conjuração.

Ithni, ithinim,
Asme ata:
Ó tu, glifo, vem a mim.

— Não quero apressá-los — disse Jimóteo dando uma olhada para Candy atrás dele, os olhos eloqüentes faiscando de ansiedade —, mas posso ver as luzes de três glifos vindo nesta direção. Deve ser o Homem Zás-Trás. Receio que você não tenha muito tempo, meu amigo.

Malingo não interrompeu o ritmo da sua invocação. Ele prosseguiu, dando voltas e mais voltas, apanhando ar. Mas

aparentemente nada estava acontecendo. Com o rabo do olho, Candy vislumbrou Jimóteo dando um leve e descrente meneio de cabeça. Ignorou o pessimismo dele e foi ficar ao lado de Malingo.

Só há lugar para um cozinheiro nesta cozinha? — disse ela.

Ele ainda estava circulando e apanhando ar, circulando e apanhando ar.

— A panela me parece bem vazia — disse Malingo. — Preciso de toda a ajuda que puder conseguir.

— Farei o que puder — disse Candy, entrando no círculo atrás de Malingo e imitando cada movimento e cada sílaba.

Ithni asme ata,
Ithni manamim...

Depois de ter feito tudo uma vez, aquilo ficou extraordinariamente fácil. De fato, era misteriosamente fácil, como um passo de dança que tivesse esquecido porém lembrado imediatamente depois de a música começar, muito embora não fosse capaz de imaginar onde ouvira antes a música daquela mágica. Não era uma dança que as pessoas dançassem em Galinhópolis.

— Acho que está funcionando — disse Malingo, hesitante.

Ele estava certo.

Candy pôde sentir uma corrente de ar inflamado vinda do meio do círculo e, para sua surpresa, viu uma miríade de pequenas fagulhas se acendendo por toda a volta: azuis, brancas, vermelhas e douradas.

Malingo soltou um brado de triunfo, e a sua alegria pareceu alimentar ainda mais o fogo da criação. Agora as fagulhas começavam a deixar um rastro de luz, formando um desenho

luminescente no ar escuro. O glifo que estava sendo conjurado era uma forma complexa, dominada por três pinceladas largas entre as quais havia uma filigrana de linhas mais finas. Algumas formavam uma espécie de cabine. O resto das linhas desceu por trás do engenho, onde se amarraram umas nas outras formando algo que poderia ser o motor do glifo. A cada momento parecia mais sólido. De fato, ele agora parecia tão substancial que seria difícil imaginar que o espaço que ocupava estivera vazio pouco tempo antes.

Candy olhou para Jimóteo, que estava admirando com evidente perplexidade o que Malingo conseguira fazer.

— Retiro o que disse, meu amigo — disse ele. — Você é um feiticeiro. Talvez o primeiro da sua tribo a pronunciar a criação de um glifo, não é?

Malingo parara de circular. E também se afastara para admirar melhor o veículo que estava sendo chamado à existência.

— Somos ambos feiticeiros — disse ele dirigindo a Candy um olhar que continha surpresa e deleite em partes iguais.

Jimóteo estava novamente consultando os céus com seu telescópio.

— Acho que é hora de vocês irem — disse ele.

— Ele ainda não está completo — disse Candy, olhando para o glifo inacabado.

— Ele deveria se completar sozinho — disse-lhe Malingo. — Pelo menos é o que escreve Lumerique.

Lumerique, o Mutepe, conhecia o seu ofício. Enquanto Candy observava, o glifo continuou a se tornar cada vez mais coerente, as linhas de luz correndo para a frente e para trás, tricotando a matéria do veículo, refinando a sua forma. Mas estava levando um certo tempo, e aí é que estava o problema.

— Não existe algum jeito de apressá-lo? — disse Jimóteo.

— Não que eu saiba — respondeu Malingo.

Candy olhou na direção do inimigo que se aproximava. Podia ver agora os glifos de que Jimóteo falara; todos os três consideravelmente mais elaborados que o veículo que Malingo conjurara. Mas um veículo é um veículo; desde que fosse capaz de transportá-los, pouco importava a aparência dele.

Enquanto ela olhava, o trio de Bader-Nás pousou sobre um cume a talvez uns quatrocentos metros de onde estavam. Assentaram-se lá, parecendo animais predadores.

— Por que eles pousaram lá? — perguntou Candy a Jimóteo.

— Porque Bader-Nás é um militar. Ele vê armadilhas e emboscadas por toda parte. Provavelmente acha que temos um exército de dez mil gatardos escondido atrás da colina. Quem me dera fosse assim. Eu o faria em pedaços, ele e os lodosos dele.

— Lodosos? O que são lodosos?

— As criaturas que ele trouxe consigo. São uma raça especialmente brutal de costuradinhos.

Candy estava prestes a pedir a Jimóteo para dar uma olhada nos tais lodosos pelo telescópio quando uma voz que todos esperavam que estivesse silenciada, pelo menos por algum tempo, ecoou pela ilha.

— Não há razão para ficar nervoso, Bader-Nás! Há apenas três deles. E alguns gatos.

Era Wolfswinkel, é claro.

Candy virou-se e olhou para a casa. O feiticeiro aparecera na cúpula, que funcionava como uma lente de aumento gigante, distorcendo a cara e o corpo de Wolfswinkel de um modo grotesco. Era como se ele estivesse sendo refletido em um enorme espelho de

parque de diversões. Sua cabeça parecia uma grande protuberância sobre um corpo nanico, fazendo-o se assemelhar a um feto enfurecido vestindo terno de casca de banana.

— Vá pegá-los, Bader-Nás! — gritou ele, seus punhos vermelhos contra o vidro. — Eles estão desarmados! Mate o gueshrato! É um escravo amotinado! E dê uma surra naquela menina! Dê-lhe uma lição.

— Eu realmente odeio aquele homenzinho — disse Candy.

— Há muitos piores do que ele, receio — replicou Jimóteo.

— Como por exemplo?

— O Homem Zás-Trás, por exemplo — disse Jimóteo. — A lista dos crimes dele é tão longa que poderíamos ficar aqui até o sol surgir sobre Malhoparvo.

Candy passou a língua pelos lábios ressecados e voltou a estudar o glifo. Para sua frustração, ele ainda estava se aperfeiçoando. Malingo também estava olhando fixamente para ele, como se tentasse forçá-lo a finalizar a autocriação.

— E você, Jimóteo? — disse Candy ao homem-gatardo. — Se conseguirmos fugir, o que vai acontecer com você?

— Vou ficar muito bem — disse Jimóteo. — Bader-Nás não vai tocar em mim. Ele sabe onde deve parar.

— Tem certeza?

— Tenho certeza — disse Jimóteo. — Não se preocupe comigo. Oh, A'zo. Ele vem vindo.

Candy olhou de novo para o cume. Bader-Nás e o seu bando de lodosos tinham saído de seus glifos e estavam se aproximando, confiantes — graças a Wolfswinkel — de que não tinham nada a temer. Bader-Nás vestia um comprido casaco roxo com forro vermelho-sangue; sua cara era levemente ictérica, com o que parecia

ser um tabuleiro de xadrez tatuado em cada bochecha. Os sete lodosos que vinham grudados nos seus calcanhares eram todos maiores que ele, o maior com quase duas vezes o seu tamanho. Como todos os de sua vil espécie, eram feitos de retalhos de carne e pano, grosseiramente costurados uns nos outros. As cabeças, no entanto, não tinham forma humana: eram como caveiras de demônios, com chifres, bicanço e dentes perversos. Todos traziam espadas elaboradamente configuradas; três deles tinham uma em cada mão. Era um espetáculo apavorante.

— Quanto tempo mais? — perguntou ela a Malingo.

— Não sei — respondeu o gueshrato. Então, com um toque de orgulho: — É o meu primeiro. — Ergueu os olhos para o grupo ameaçador que se aproximava. — Imagino que já podemos entrar agora, mas tenho medo de que ele se degrade e nós caiamos para fora.

Nesse momento, ouviram um grito de Bader-Nás.

— Candy Quackenbush? — berrou ele. — Você está presa, por ordem de Cristóvão Carniça.

Jimóteo pousou a mão de leve no ombro de Candy.

— Vou dizer aos gatardos para fazer o que for possível para retardá-lo — disse ele. — Tenha uma viagem segura, lady. É a minha mais sincera esperança de que venhamos a nos ver de novo quando as coisas não estiverem tão... corridas. Adeus, Malingo. Foi realmente um prazer.

Dizendo isso, começou a se afastar, depois voltou para dizer a Candy: — Se você chegar a ser pega, agora ou em qualquer momento, tenha coragem. Não acredito que Carniça queira a sua vida. Ele tem algum outro propósito para você.

Ele não aguardou resposta. Não havia tempo. Bader-Nás estava a não mais de trinta passos de distância.

— Irmãos e irmãs — chamou Jimóteo. — Venham a mim. Venham. Assim convocados, os gatardos surgiram das sombras e seguiram atrás dele. De início havia só uma dúzia ou pouco mais, mas então, aparecendo miraculosamente do meio do capim alto, vieram mais duas ou três dúzias.

Jimóteo Gatardo posicionou os seus soldados felinos diretamente no caminho de Bader-Nás.

O Homem Zás-Trás ergueu a mão, fazendo parar os seus lodosos.

— Jimóteo Gatardo — disse ele. — Que surpresa! Eu não esperava encontrar aqui a escória de Alta Esladéria. Achei que tinham reunido todos vocês transviados e dado um fim à sua miséria.

Jimóteo ignorou o insulto. Apenas disse:

— Você não pode levá-la, Bader-Nás. E ponto final. Ela não vai ser levada a Carniça. Eu não vou deixar que a leve.

Eles falavam, pensou Candy, como os mais velhos inimigos. Suas palavras estavam embebidas com o sangue coagulado de antigas hostilidades.

— Ela é uma invasora, Gatardo — retrucou Bader-Nás —, e uma ladra. E o Lorde da Meia-Noite exige que seja entregue diretamente a ele.

— Você não entendeu, Bader-Nás. A menina não vai com você.

Não, é você que não está entendendo, animal. Esta é a lei. Ela está presa.

— Com que mandado?

— O mandado da Meia-Noite.

— Malhoparvo não faz parte do império de Carniça, Homem Zás-Trás. Você sabe disso. As leis dele não significam nada aqui.

Portanto volte a ele e diga... diga o que quiser. Diga que ela escapuliu.

— Não posso fazer isso — disse Bader-Nás. — Ele a quer. E não vai aceitar recusas. Portanto saia da frente, ou terei de pegá-la à força.

— Gatardos! — gritou Jimóteo de repente. — Derrubem os lodosos!

Os animais não precisaram de novas instruções. Avançaram pelo ca-pinzal como uma maré rajada e pularam em cima do grupo sem rosto de Bader-Nás, escalaram seus corpos enterrando as garras nos casacos e atacaram as cabeças debaixo dos capacetes. Os lodosos não deixaram escapar som nenhum em resposta, mas usaram as espadas com uma eficiência terrível. Vários dos gatardos mais valentes caíram, abatidos em segundos. Era uma visão horrível. O fato de que fora a sua presença a causa daquela batalha dilacerou o coração de Candy.

— Tenho de dar um fim nisso — disse ela a Malingo. — Não posso permitir que continue. Vou simplesmente deixar que Bader-Nás me leve.

— Não será preciso — disse Malingo. — Olhe.

Ele apontou para o glifo. O processo de construção finalmente se completara. O veículo fumegava ligeiramente no ar fresco do anoitecer, aquecido pela febre da sua criação.

— Vamos — urgiu Malingo. — Suba! Ele apontou para o glifo.

Subindo no veículo, Candy gritou para Jimóteo Gatardo.

— Chame os gatardos de volta, Jimóteo!

No mesmo instante, ele jogou a cabeça para trás e soltou um miado agudo. Os gatos, tendo terminado seu corajoso trabalho e, em vários casos, pagado um altíssimo preço, retiraram-se do campo de batalha.

Bader-Nás avançou à frente dos lodosos na direção do glifo sem enfrentar resistência, com os dentes arreganhados e os olhos chamejando. Ele apontou para Candy ao se aproximar.

— Não se mexa, menina! — rugiu ele.

— Depressa, lady! — urgiu Malingo. — Diga as palavras!

— Que palavras?

— Ah, sim. Nio Kethica. Quer dizer "Responda à minha vontade".

— E depois?

— Ele responderá. Eu espero.

— Peguei você, menina! — o Homem Zás-Trás gritava. — Peguei você!

Bader-Nás estava a dez passos de distância, mas um dos lodosos, cuja cabeça parecia a de algum pássaro monstruoso, passara à frente dele, claramente tencionando deter Candy e Malingo. Por sorte tinha perdido a sua arma na curta batalha com os gatardos, mas seus braços eram enormes, como tenazes; de fato, possuía garras recurvas e prateadas.

O glifo não reagiu.

— Nio Kethica — disse Candy. — Nio Kethica! NIO KETHICA! O lodoso estava quase em cima deles. Estendendo a mão...

De repente, o glifo estremeceu. Um ruído escapou do motor, como um asmático tomando um fôlego doloroso.

Candy viu as garras do lodoso a centímetros do seu tornozelo. Ergueu a perna para escapar delas e, quando fez isso, o glifo miraculosamente obedeceu à sua instrução. Ele estremeceu e começou a se erguer lentamente no ar. O lodoso jogou-se para a frente e conseguiu segurar o veículo em ascensão. Em questão de segundos o glifo tinha se afastado cinco, dez, quinze metros do chão.

Mas o lodoso não tinha intenção de soltá-lo. Continuava tenazmente pendurado, jogando o corpo para a frente e para trás numa tentativa deliberada de desequilibrar o veículo.

— Ele está tentando nos fazer virar — disse Candy, segurando-se ao descanso de braço do glifo.

Malingo agarrou o braço dela.

— Não vou deixá-la cair — disse ele.

Era uma bela promessa, mas no fundo não a confortou. O lodoso estava sacudindo o corpo de um lado para o outro, fazendo o veículo jogar mais violentamente a cada momento. Era só uma questão de segundos até que o seu ataque desse certo e o glifo virasse de borco.

— Temos de nos livrar dele — disse Candy a Malingo.

— O que sugere? — retrucou Malingo.

— Primeiro temos de arrancar aquele maldito capacete da cabeça dele. Está do meu lado, portanto agarre-se a mim.

Ela curvou-se por cima da borda do veículo e agarrou o medonho bico do capacete do lodoso. A criatura não pôde fazer nada para se livrar. Conseguiu segurar-se ao glifo enquanto ele jogava e rolava como um brinquedo mortífero de parque de diversões.

— Puxe! — gritou Malingo.

— Estou fazendo o que posso! — gritou Candy de volta. — Preciso alcançar mais longe por cima da borda.

— Eu estou segurando — tranqüilizou-a Malingo, agarrando ainda mais forte.

Candy se debruçou para fora do glifo — que sacudia e balançava cada vez mais — o máximo que o seu equilíbrio permitiu. Estava agora mais fora que dentro do veículo. Enquanto isso o glifo

continuava sua ascensão descontrolada, constantemente arrastado pelo vento para longe do local onde fora conjurado. Embaixo, a casa de Wolfswinkel começava a entrar no campo de visão.

Aparentemente o feiticeiro testemunhara toda a subida vertiginosa do veículo, pois a sua cabeça grotescamente ampliada estava grudada no vidro da cúpula, com uma expressão ensandecida.

Candy ignorou o olhar demente de Wolfswinkel e se concentrou em tentar arrancar o capacete cheio de pontas. Além do bico selvagem, sua superfície era coberta por um número incontável de minúsculas barbelas que aguilhoavam e feriam as suas palmas. Mas ela recusou-se a soltar. Estava lutando pelas vidas deles dois. O lodoso também parecia compreender isso e pelo jeito estava disposto a se matar para derrubar o glifo. Ele chacoalhava o veículo de um lado para o outro com incrível violência. Mas seu apetite de destruição servia aos propósitos de Candy. Quando o lodoso se torcia para a direita, ela forçava o capacete para a esquerda, e quando ele ia para a esquerda, ela forçava para a direita.

Por fim, enquanto o glifo passava diretamente acima da casa de Wolfswinkel, uma série de ruídos estranhos saiu do crânio do lodoso. Primeiro um estalido, como se um grosso lacre estivesse sendo quebrado, depois um silvo forte e agudo.

Quando Candy puxou para si a cabeça pontuda, houve um terceiro som: um barulho molhado, viscoso, como o de um pé sendo puxado para fora de uma poça de lama pegajosa. E por fim o capacete do lodoso saiu na mão dela. Era pesado, e ela o soltou imediatamente. Ele caiu das mãos dela e despencou na direção do telhado da casa de Wolfswinkel, dando voltas e mais voltas sobre si mesmo até atingir a cúpula de vidro.

Agora Candy estava cara a cara com um lodoso. O formato da cabeça da criatura era o mesmo do capacete: o bico e os chifres eram idênticos. Não tinha feições, nem cores. Era exatamente do mesmo

cinza do capacete, a não ser pelo fato de que brilhava de modo horripilante, como uma ferida aberta.

— Lama — murmurou Candy consigo mesma. — Ele é feito de lama.

— O quê? — gritou Malingo por cima do barulho do vento.

— Ele é feito de lama! — Candy gritou de volta.

Enquanto ela falava, a cabeça do lodoso começou a perder a forma do seu molde. Coágulos e grumos de lama começaram a se soltar e cair pelo ar em direção à cúpula.

O lodoso parou de se debater quando o seu corpo — que, como Candy adivinhara, era inteiramente feito de lama encerrada no interior do capacete, da roupa, das botas e das luvas — começou a perder a coesão. A cabeça se desfez completamente, liberando o mau cheiro repugnante da putrefação. Grumos de lama salpicaram a cúpula da casa de Wolfswinkel, como se um enorme pássaro tivesse defecado no vidro.

Sem cabeça agora e com o corpo tomado por pequenos tremores e espasmos, o lodoso não tinha mais muita força para resistir a Candy. Ela começou a forçar as garras dele para fora da borda do glifo, uma a uma, e por fim o lodoso não conseguiu mais se manter agarrado ao veículo. Candy soltou um brado de triunfo quando a criatura caiu, deixando atrás de si um rastro de lama escorrida da ferida aberta em seu pescoço.

Lá embaixo, na lustrosa cúpula de vidro, Kaspar Wolfswinkel viu o corpo do lodoso despencar para cima dele e começou a se afastar do vidro com um olhar amedrontado na cara vermelha de raiva. Ele mal começara a se afastar quando o enorme volume do corpo do lodoso atingiu o vidro com violência. Um momento antes Wolfswinkel, com a cara descomedidamente ampliada, era uma presença gigantesca e astuta. Então a cúpula foi atingida por aquele corpo vazando lama, o vidro se estilhaçou e Candy e Malingo viram

o tirano como ele verdadeiramente era: um homenzinho ridículo de terno amarelo.

Até a sua voz, que antes reverberava pelas encostas como a voz de um tirano, foi reduzida a um guincho petulante enquanto os cacos de vidro choviam em cima dele.

Candy ficou olhando o corpo do lodoso atingir o piso de ladrilhos e se espatifar como uma melancia jogada de um edifício alto. O conteúdo pegajoso se espalhou em todas as direções. Não havia propriamente uma anatomia: nem ossos, nem coração, ou pulmões, ou fígado. Como tinha adivinhado, o lodoso era feito de lama da cabeça aos pés. E apesar de Wolfswinkel, em sua fuga, ter tentado evitar ser atingido pelo conteúdo da roupa do lodoso, ele não foi suficientemente rápido. Seu paletó amarelo ficou coberto de lama e as botas azuis de cano longo foram maculadas do mesmo modo. Seus saltos resvalavam e deslizavam debaixo dele.

Ele fez o melhor que pôde para manter o equilíbrio, mas fracassou e foi ao chão. Caiu com força em cima do traseiro, completando a sua humilhação. Para Kaspar Wolfswinkel, não era possível cair mais baixo.

O último vislumbre de Candy antes de o glifo levá-los para longe da cúpula despedaçada foi de Kaspar Wolfswinkel como um comediante do cinema mudo, lutando para ficar em pé e caindo de novo, agora com a cara tão lambuzada quanto o terno e as botas.

Aquele quadro a fez rir, e o vento levou o seu riso por cima das encostas obscurecidas de Malhoparvo.

Jimóteo Gatardo, que estava de joelhos no meio do capim alto celebrando os ritos fúnebres para uma de suas irmãs moribundas, ouviu o riso triunfal da menina e, apesar de ter perdido cinco dos seus entes mais queridos na batalha contra o bando monstruoso de Bader-Nás, conseguiu dar um pequeno sorriso.

Otto Bader-Nás também ouviu o riso quando estava mandando os seus lodosos sobreviventes de volta aos glifos para a perseguição. Deixara três das suas criaturas no campo de batalha, os capacetes arrancados pelas garras dos gatardos, a lama fedorenta escorrendo para fora das roupas. Não estava otimista quanto às possibilidades de que os lodosos alcançassem a menina e o escravo no glifo improvisado deles. Os lodosos são guerreiros destemidos, mas não possuem intelectos brilhantes. Precisam de instruções detalhadas, ou logo perdem o objetivo de vista. Era mais que provável que as nuvens sobre Malhoparvo ocultassem deles a sua presa e, depois de algum tempo, eles esquecessem por que estavam lá e começassem a voar em círculos, dando voltas e mais voltas e mais voltas até que se esgotasse a significância dos glifos e eles caíssem.

Mas Bader-Nás, embora tentado a fazer isso, não podia se dar ao luxo de lançar-se pessoalmente à perseguição. A menina era importante para Carniça, e a Chave, ainda mais importante. Sua prioridade era voltar à casa e fazer com que Wolfswinkel lhe entregasse a Chave. A menina teria de esperar. Não seria difícil encontrar Candy Quackenbush de novo. Ela chamava atenção. Havia alguma coisa nos olhos, e alguma coisa na postura. Ela teria dificuldade em se esconder.

Ele subiu a pequena colina sobre a qual Wolfswinkel construíra os seus domínios e entrou nas ruínas caóticas chamando pelo nome do feiticeiro. Como não houve resposta imediata, atravessou a sala de estar e subiu as escadas para a cúpula. Tinha visto o vidro se despedaçar, é claro, portanto sabia o que esperar quando chegasse lá. O que não previu foi o quadro de Kaspar Wolfswinkel de cuecas, meias e botas borradas de lama, em pé no meio dos destroços, olhando fixamente para o céu cheio de estrelas através dos restos escancarados da sua preciosa cúpula. As roupas sujas estavam empilhadas no chão.

Aquele homem seminu não era uma visão agradável.

— A Chave — disse Bader-Nás.

— Sim, sim — disse Wolfswinkel, indo até a pilha de roupas enlameadas e procurando nos bolsos. — Ela está aqui.

— Você será recompensado — disse Bader-Nás.

— Espero que sim — disse Wolfswinkel, entregando a Chave para Bader-Nás. O Homem Zás-Trás viu que ele estava tremendo.

— O que o preocupa? — disse Bader-Nás.

— Ah, além disso? — disse Wolfswinkel abrindo os braços e girando o corpo sem sair do lugar. — Bem, vou contar o que me preocupa. É aquela menina.

— O que há com ela?

— A presença dela aqui não é por acaso, Otto. Você se dá conta disso?

— Já me ocorreu. Mas que provas você tem?

— Está fácil demais para ela, Otto.

— Fácil?

— Estar aqui — disse Wolfswinkel. — Nos velhos tempos, antes de os portos serem fechados...

— Você não tinha nem nascido, Kaspar.

— Não, mas eu sei ler, Otto. E todos os livros concordam: os visitantes do Mais-Além precisavam de dias, semanas, às vezes meses para se aclimatar a Abarat. Se tentassem acelerar o processo, as pessoas ficavam loucas. Suas imaginações frágeis não podiam agüentar.

— Bem, as pessoas eram fracas — disse Bader-Nás.

— Você não está entendendo, Otto, como de costume. Estou falando sobre a menina. Essa Candy Quackenbush. Para ela, estar

aqui não é nada. Está fazendo mágicas como se tivesse nascido para isso. Nascido para isso, Bader-Nás! O que lhe parece?

— Não sei — disse Bader-Nás.

— Vou contar o que me parece.

— O quê?

— Ela já esteve aqui antes.

— Ahn. Bem, isso é coisa para Carniça decifrar — disse Bader-Nás, claramente nada interessado em debater o assunto com Wolfswinkel.

— E eu? — disse Kaspar.

— E você o quê?

— Eu achei a Chave. E a menina.

— E depois perdeu. Você a deixou escapar.

— Não foi culpa minha. Foram os seus malditos lodosos. Eles podiam tê-la pegado. De qualquer modo, há dois minutos você estava me dizendo que eu seria bem recompensado.

— Isso foi antes de eu ter a Chave nas mãos. Os lábios de Wolfswinkel se crisparam.

— Seu...

— Vamos, vamos, Kaspar. Nada de linguagem suja. Admita o seu erro. Ela estava sob sua responsabilidade.

— O que eu podia fazer? Ela fez o meu escravo se voltar contra mim. Ele quebrou o meu bastão.

— Parece que você foi um tanto descuidado — disse Otto. — O que ele estava fazendo com o seu bastão, para começar?

— Eu estava em minoria.

— Contra uma menina e um gueshrato?

Wollswinkel fez uma pausa. Então, apertando os olhos, apontou o indicador gordo para o Homem Zás-Trás.

— Eu sei o que você está fazendo, Otto — disse ele.

— E o que é? — replicou Bader-Nás.

— Vai tentar ficar com toda a glória para você e me deixar com toda a culpa.

— Ora, Kaspar. Você é tão paranóico. — É isso que você vai fazer, não é?

— É bem possível — disse Bader-Nás com um sorrisinho. — Mas você não pode me dizer que não faria a mesma coisa se estivesse numa situação parecida.

Wolfswinkel estava derrotado. Ele respirou fundo, angustiado.

— Pelo menos diga a Carniça que estou definhando aqui — disse ele, lastimoso. — Nós éramos amigos, Otto. Faça alguma coisa por mim. Por favor.

— Receio que o nosso Lorde da Meia-Noite seja um homem prático. Ele já tem de você o que precisa. E agora... Você é esquecido. É hora de cuidar de novos negócios.

— Isso não é justo!

— A vida não é justa, Kaspar. Você sabe disso. Você teve um escravo durante... Quanto tempo?

— Doze anos.

— Você foi justo com ele? Não, é claro que não. Batia nele quando estava de mau humor, porque isso fazia você se sentir melhor, e quando se sentia melhor, você batia nele mais um pouco.

— Você se acha esperto, não é, Bader-Nás? — disse Wolfswinkel com lágrimas amargas de frustração e raiva brotando

dos olhos. — Mas vou dizer uma coisa: a Hora da sua ruína chegará. Se você não me deixar capturar essa menina e matá-la, ela vai causar tantos problemas para você que... — Ele percorreu com os olhos as ruínas da sua preciosa cúpula. — Isso é só o começo, acredite.

Bader-Nás foi para a porta.

—Você gosta de bancar o profeta do fim do mundo, não é? Sempre gostou, até na escola.

Wolfswinkel se agarrou àquela última, frágil esperança.

— Ah, a escola... Otto, você se lembra de como éramos próximos naquela época?

— Nós éramos? — disse Bader-Nás. Então, considerando a figura desamparada na frente dele, conseguiu demonstrar uma migalha de compaixão. — Farei o que puder por você — disse ele. — Mas não estou fazendo promessas. Estes são tempos turbulentos. Tempos loucos.

— Tanto melhor. Em tempos assim, um homem esperto pode lucrar.

— E qual de nós é esperto? — disse Bader-Nás, sorrindo. — O que está de cuecas coberto de lama, ou o homem com a Chave do paraíso do seu Mestre no bolso? Não faz mal, Kaspar — continuou Bader-Nás, se afastando da porta e deixando Wolfswinkel no meio da sujeira e do caos, incapaz de cruzar a soleira sem que um gatardo pulasse no seu pescoço. — Tudo o que você pode fazer é esperar que surja a sua oportunidade de vingança, certo?

— Pelo menos, seria algo para almejar — disse Wolfswinkel.

— Então vou deixá-lo com este pensamento, Kaspar: Se eu conseguir a sua liberdade...

Kaspar se voltou, a luz da esperança rediviva em seus olhos.

— Sim? — disse ele. — O quê?

— Você vai ter de jurar agora que vai me servir. Ser meu cozinheiro, se eu assim quiser. Meu lavador de facas, meu esfregador de chão.

— Qualquer coisa! Qualquer coisa! Só me tire daqui!

— Bom. Então estamos entendidos — disse Bader-Nás, voltando-se para partir.

— Boa noite para você, Otto.

— Boa noite para você, Kaspar — disse o Homem Zás-Trás. — E bons sonhos.

31. A VIGÉSIMA QUINTA HORA

O TRIO DE GLIFOS DE BADER-NÁS veio atrás de Candy e Malingo a uma velocidade considerável, mas com algumas manobras Candy deixou-os para trás em um banco de nuvens roxas e azuis. Embora nunca tivesse conduzido nenhum tipo de veículo (além da sua bicicleta, o que não contava de verdade), ela achou notavelmente fácil a tarefa de pilotar o glifo. O veículo reagia rapidamente à vontade dela e se movia com uma graça que lhe proporcionava grande prazer.

Depois que ela e Malingo ficaram convencidos de que os seus perseguidores não iriam aparecer de novo, diminuiu o ritmo frenético, fez o glifo descer e eles prosseguiram roçando as ondas encapeladas. Desse modo, se algo de imprevisível acontecesse ao glifo — se, por exemplo, ele se degenerasse por alguma razão —, não cairiam mais que uns poucos metros.

Era chegada a hora dos parabéns mútuos.

— O jeito como você conjurou esta coisa! — disse Candy. — Foi surpreendente. Eu não tinha idéia...

— Bem, eu não tinha muita certeza de que ia conseguir — disse Malingo. — Mas acho que numa situação de aperto você descobre que é capaz de fazer todo tipo de coisas de que não sabia que era capaz. Além do que, eu não poderia ter feito isso sem a sua ajuda. — Ele segurou a mão de Candy. — Obrigado.

— Foi um prazer — disse Candy. — Formamos uma boa equipe, você e eu.

— Você acha?

— Eu sei. Eu estaria a caminho da Meia-Noite, se não fosse você.

— E eu seria um escravo se não fosse você.

— Viu só? Uma equipe. Acho que devíamos continuar juntos por algum tempo. A não ser, é claro, que haja alguma outra coisa que você precise fazer...

Malingo riu.

— O que eu teria pra fazer que fosse mais importante do que ficar na sua companhia?

— Bem... Achei que agora que é livre, você gostaria de rever a sua família.

— Não sei onde eles estão. Fomos todos separados depois de vendidos.

— Quem fez a venda?

— Meu pai.

— Seu pai vendeu você a Wolfswinkel? — disse Candy, mal podendo acreditar no que estava ouvindo.

— Não. Meu pai me vendeu a um mercador de escravos chamado Kafari Bandalho, e ele me vendeu a Wolfswinkel.

— Quantos anos você tinha?

— Nove e três quartos — disse Malingo, com a precisão de uma criança a quem tivesse sido feita essa mesma pergunta. — Não culpo meu pai. Ele tinha filhos demais. Não tinha condições de ficar com todos nós.

Não sei como você pode ser tão magnânimo — disse Candy balançando a cabeça. — Eu não seria capaz de perdoar o meu pai se ele fizesse uma coisa dessas comigo. De fato, há algumas coisas, nem

de longe tão ruins como essa, pelas quais não sou capaz de perdoar o meu pai.

— Talvez você se sinta de outro modo quando voltar para casa — disse Malingo.

— Se é que vou voltar.

— Se quiser, você vai — disse Malingo. — E eu vou ajudá-la. Minha maior responsabilidade é em relação a você.

— Malingo, você não tem nenhuma responsabilidade em relação a mim.

— Mas devo a você a minha liberdade.

— Exatamente — disse Candy. — Liberdade. Ninguém mais lhe dando ordens, nem eu, nem ninguém.

Malingo assentiu, como se a idéia estivesse, bem devagarinho, começando a fazer sentido para ele.

— Está bem — disse ele. — Mas e se eu quiser ajudá-la?

— Seria ótimo. Como eu disse, acho que formamos uma equipe muito boa. Mas a escolha é sua. E acho que devo avisá-lo de que nem sempre é seguro estar comigo. Desde que cheguei a Abarat, tem acontecido uma coisa atrás da outra.

— Não vou permitir que nada aconteça a você, lady — disse Malingo. — Você é importante demais.

Candy riu.

— Eu? Importante? Malingo, você não está entendendo. Alguns dias atrás eu era uma menina de escola perdida, de um lugar chamado Galinhópolis.

— O que quer que fosse lá, lady, não é o que você é aqui. Você pode fazer mágicas...

— Sim. Isso é mesmo estranho — disse Candy, trazendo à lembrança a sua estranha familiaridade com o funcionamento dos encantamentos. — Muitas vezes durante esta jornada me senti como se... Não sei... quase como se já tivesse estado aqui antes. E no entanto, sei que isso é impossível.

— Talvez esteja no sangue — sugeriu Malingo. — Quem sabe algum parente seu esteve aqui em um passado remoto?

— É uma possibilidade — disse Candy.

Ela visualizou na cabeça as fotografias desbotadas, lado a lado na parede da imprensa do *Almenak:* o velho píer do Porto do Grito, com sua fileira de lojas e o grande navio atracado no cais. Seria possível que uma daquelas pessoas na multidão tivesse sido um parente seu?

— O avô de Wolfswinkel negociava com a sua gente o tempo todo. Fez fortuna com isso.

— Vendendo o quê?

— Magia abaratiana. Exemplares de *Os seis de Lumerique.* Esse tipo de coisa.

— Mas isso certamente era proibido, não era?

— Mas é claro. Ele estava vendendo alguns dos mais preciosos segredos de Abarat. Qualquer coisa pelo lucro.

— O que me faz lembrar de uma coisa — disse Candy. — O que acontece com aqueles chapéus? A magia não vem sempre na forma de chapéus, vem?

Malingo riu.

— Não, claro que não, pode ser em qualquer forma: um pensamento, uma palavra, um peixe e até um copo d'água. Mas era uma tradição do Círculo Mágico Pororeano que se guardasse a maior parte do poder no chapéu. Não sei como isso começou;

provavelmente como uma piada. Mas depois que começou, ficou. E quando Wolfswinkel matou todos os outros mágicos e quis transferir o poder para alguma coisa mais conveniente, não conseguiu. Eles tinham posto todo o seu poder nos chapéus quando formavam um círculo, e uma vez rompido o círculo...

— Ele teve de ficar com os chapéus.

— Exatamente.

— Que coisa pouco digna para o Velho Terno de Banana.

— Ah, sim, ele ficou em um estado deplorável quando descobriu. Ficou maluco por uma semana.

— Mudando de assunto...

— Sim?

— Tem alguma idéia de onde estamos?

Eles tinham entrado em uma área de sombras densas, projetadas por picos montanhosos de nuvens que passavam acima. No mar abaixo deles, apareceu um enorme cardume de peixes possuídos por uma estranha luminescência. Seu brilho parecia virar o mundo de ponta-cabeça: a luz vindo do mar enquanto as trevas eram lançadas para baixo pelo céu.

— Aonde você pretende nos levar? — Malingo perguntou a Candy.

— De volta a Yebba Dia Sombrio. Conheço um homem na Grande Cabeça chamado Samuel Klepp. Ele poderia nos dar algum conselho sobre como...

Antes que ela pudesse acabar de falar, o glifo — que até então prosseguira em frente sem esforço — fez um curioso movimento. Inclinou-se para o lado, como se alguma coisa o estivesse puxando. Por alguns momentos, ele ziguezagueou descontroladamente e

Candy teve de usar toda a sua força de vontade para impedir que ele se desviasse para outra direção.

Por fim ela o trouxe de volta ao curso, mas a guinada a deixara nervosa.

— O que foi isso? — disse ela. — Será que o glifo está se deteriorando?

Malingo deu uma palmada na lateral do veículo.

— Acho que não — disse ele. — Me parece bastante sólido.

— Então, o que... Oh, não, Malingo, está acontecendo de novo! O glifo guinou uma segunda vez, muito mais violentamente que da primeira, e por um momento pareceu prestes a mergulhar no mar. Malingo escorregou do seu assento, e teria caído se Candy não tivesse conseguido agarrá-lo no último minuto e o puxado de volta à segurança.

O glifo, enquanto isso, ganhava velocidade. Parecia ter escolhido um novo destino e estava simplesmente precipitando-se para lá, ignorando todas as instruções anteriores. Tudo o que Candy e Malingo podiam fazer era se segurarem para salvar as próprias vidas.

— Você não consegue fazer isto ir mais devagar? — gritou Malingo para Candy por sobre o barulho do vento.

— Estou tentando! — gritou ela. — Mas ele se recusa a obedecer. Alguma coisa nos pegou, Malingo!

Ela deu uma olhada para o companheiro, que estava com uma expressão de pura perplexidade.

— O que foi? — disse ela.

— Olhe — ele falou em voz tão baixa que Candy não ouviu a palavra; só viu sua forma no movimento dos lábios. Viu também a forma das palavras que se seguiram:

— A Vigésima Quinta Hora — disse ele. Candy ergueu os olhos.

Diretamente à frente do glifo em disparada estava a vasta coluna de nuvem espiralada que Samuel Klepp apontara para ela. Era, sem dúvida, a Vigésima Quinta Hora, o Tempo Fora do Tempo.

— Alguma coisa lá dentro deve estar nos puxando — gritou Candy.

— Mas o quê? — disse Malingo. — E por quê? Candy balançou a cabeça.

— Acho que vamos descobrir muito em breve — disse ela.

Não havia dúvidas quanto a isso. O veículo estava se movendo tão depressa que o mar e o céu tinham praticamente se confundido em um borrão. Candy cedera todo o controle mental sobre o veículo. Não tinha cabimento desperdiçar energia combatendo uma força tão maior que a dela.

Mas enquanto o glifo voava disparado na direção da nuvem, ela não pôde deixar de se lembrar das histórias que tinha ouvido sobre os viajantes que entraram no Tempo Fora do Tempo. Klepp lhe dissera que a maior parte jamais retornou. Todos aqueles que conseguiram sair da nuvem tinham retornado loucos. Não era uma coisa alegre para se pensar.

— Quem sabe é melhor a gente pular fora! — gritou ela para Malingo por sobre o assobio do vento.

— A esta velocidade? — gritou ele de volta. — Seria o nosso fim!

Provavelmente ele estava certo. Mas por outro lado, o que aconteceria quando eles atingissem a parede de nuvens que ocultava as maravilhas (ou os horrores) da Vigésima Quinta Hora? Não seria igualmente suicida?

E então, de um momento para o outro, ficou tarde demais para pular fora.

O glifo começou a rodopiar, trezentos e sessenta graus, vezes e vezes seguidas, tão depressa que seus passageiros continuaram grudados nos assentos. Candy ouviu o pobre Malingo gritar em terror mortal ao lado dela. E então os sons que enchiam a sua cabeça — os gritos de Malingo, o assobio do vento, o estrondo do glifo ao parar violentamente — tudo aquilo cessou.

Ela sentiu-se mergulhar em um silêncio súbito e absoluto, como sú-bita e absoluta foi a escuridão que se abateu.

Não podia sentir o glifo embaixo de si; nem, quando estendeu a mão, pôde sentir Malingo ao seu lado. Parecia estar flutuando no espaço vazio, seu corpo afastado de todo e qualquer contato físico.

E então, quem diria, ela ouviu a chuva.

Estava distante, mas era reconfortantemente real. O que quer que fosse aquele lugar sem luz, chovia ali. Segundos depois, um outro som chegou a ela. Não, não um, mas dois sons.

Duas batidas de coração.

Havia mais gente na escuridão com ela. E, quem quer que fosse, estava muito perto.

Ela tentou formular uma pergunta simples: "Quem está aí?". Mas por alguma razão, sua boca se recusou a obedecer à instrução. Tudo o que pôde fazer foi aguardar e ouvir enquanto os corações gêmeos continuavam batendo, e o aguaceiro continuava.

Por algum motivo, não sentia medo. Havia algo de reconfortante na mescla de batimentos cardíacos com chuva.

E por fim, veio um terceiro som. O último som que ela esperaria ouvir naquele lugar misterioso: a voz da sua mãe.

— Por favor, não se demore, Bill — disse Melissa Quackenbush. — Não posso esperar muito tempo.

Sua voz parecia distante de Candy, abafada não pela distância mas por alguma coisa entre elas. Algum tipo de parede.

— Você está ouvindo, querido? Não gosto de ficar aqui sozinha. Aqui?, pensou Candy. O que a sua mãe queria dizer com isso? Será

que Melissa Quackenbush estava na Vigésima Quinta Hora com ela? Certamente não. Além disso, havia algo na voz de sua mãe que fazia Candy pensar que era uma mulher mais jovem que falava. Não era a mulher cansada e triste que vira pela última vez fazendo um bolo de carne na cozinha da casa da rua Followell. Quanto tempo, por exemplo, se passara desde a última vez em que ouvira a mãe chamar o pai de querido? Anos.

E agora, uma surpresa atrás da outra, ouviu a voz do pai responder.

Como ocorrera com a voz de Melissa, a fala de Bill Quackenbush estava abafada. Porém, mais uma vez, era uma versão muito mais carinhosa do pai que Candy ouvia agora.

— Prometo que não vou demorar, coração. Apenas aguarde. Estarei de volta em poucos minutos.

— Talvez eu devesse ir com você... — disse Melissa.

— Na sua condição, meu bem? — replicou Bill Quackenbush carinhosamente. — Não acho que seria muito inteligente. Está frio aqui fora. Fique no carro e mantenha esse cobertor bem aconchegado, que estarei de volta tão depressa que você não vai nem perceber que saí. Eu amo você, Cordeirinho.

— Eu também amo você, meu Bolinho Apimentado.

Cordeirinho? Bolinho Apimentado? Candy nunca ouvira os pais trocarem apelidos carinhosos, nem mesmo quando era criança.

Talvez tivesse se esquecido, mas duvidava disso. Cordeirinho e Bolinho Apimentado, ela teria lembrado. Sentiu-se ligeiramente desconfortável, como se estivesse espionando uma parte secreta da vida dos pais. Uma parte que pertencia a algum distante "Era Uma Vez", quando eles eram ambos jovens, felizes e apaixonados. Provavelmente antes...

— Antes de eu nascer — murmurou Candy consigo mesma. Dessa vez, por alguma razão, sua boca obedecera à instrução e as palavras saíram.

Ela até obteve uma resposta.

— É isso mesmo — disse uma mulher, em algum lugar na escuridão à frente dela. Não foi a sua mãe quem respondeu. As palavras daquela mulher tinham sutis inflexões abaratianas, o tom era caloroso e reconfortante. — Você ainda não nasceu — disse ela a Candy.

— Não estou entendendo.

— Só queríamos dar a você um vislumbre do seu passado — disse uma segunda mulher com a voz ligeiramente mais suave que a da primeira. — Você precisa saber quem era antes de se tornar o que vai ser.

— Como vocês sabem quem eu era? — disse Candy. — Ou quem vou ser? Aliás, quem são vocês?

— Perguntas.

— Perguntas.

— Perguntas.

Uma terceira mulher riu junto com as outras duas e, quando fizeram isso, houve um gentil desabrochar de luz nas vizinhanças de Candy.

Nessa luz ela viu as três mulheres. No meio do trio, em pé um pouco mais perto de Candy que as suas companheiras, estava uma mulher que parecia ser extraordinariamente velha. Seu rosto era profundamente marcado, e os cabelos, presos em longas tranças que chegavam à altura do umbigo, eram totalmente brancos. Mas ela ainda tinha um porte muito elegante, mesmo no crepúsculo de sua vida. Nem parecia estar debilitada pela idade. Havia uma energia misteriosa fluindo nas delicadas veias do rosto e das mãos.

As mulheres à direita e à esquerda dela eram algo mais jovens que a velha senhora, mas não havia nada definido em nenhuma das três. Seus rostos, a despeito da expressão de boas-vindas que ofereceram a Candy, pareciam repletos de sutis indícios de transformação. A mais jovem das três, com os cabelos pretos cortados rente, tinha um quê de fera na expressão, que de outra forma seria benigna; uma fera que estava só um pouco escondida atrás do rosto adorável. A outra mulher, que era negra, tinha o olhar mais estranho das três. Quando os longos cabelos, repletos de insinuações de cores vivas, se repartiam deixando Candy ver seus olhos, estes continham a glória de um céu noturno.

Eis que lá estavam elas, três almas polimorfas: uma trazendo o relâmpago, uma trazendo o céu, uma tocada pelo deserto.

Candy não sentiu medo na presença daquelas três: apenas aturdimento. A essa altura, é claro, já estava acostumada a vivenciar essa sensação específica ali no Abarat. E aprendera o que fazer diante de um mistério. Observar, e ouvir. As respostas às suas perguntas provavelmente se tornariam aparentes depois de algum tempo. E se assim não ocorresse, isso significava que ela não devia saber as respostas. Isso ela também aprendera.

As mulheres começaram a se identificar.

— Eu sou Diamanda — disse a velha.

— Eu sou Joephi — disse a ferina.

— E eu sou Mespa — disse a que tinha o céu noturno nos olhos.

— Somos Irmãs de Fantomaya — disse Diamanda.

— De Fantomaya?

— Psiu! Fale baixo — disse Joephi, embora Candy não achasse que tinha falado mais alto que as outras três. — Pela lei, não devíamos tê-la trazido à Vigésima Quinta Hora. Mas um dia você ainda virá aqui, com o seu próprio trabalho para fazer. Um trabalho grandioso...

— Então achamos que você deveria pelo menos dar uma espiada — disse Mespa.

— Assim — disse Diamanda —, quando voltar, estará preparada. Saberá como é.

— Vocês parecem ter muita certeza de que vou voltar — disse Candy.

— E temos — disse Diamanda. — Você terá coisas a fazer aqui no futuro...

— Se é que estamos lendo o futuro direito — disse Mespa. — Às vezes é difícil ter certeza.

Agora que Candy pensara nisso, a idéia não lhe parecia mais tão improvável. Se a Vigésima Quinta Hora a deixara entrar uma vez, então por que não de novo, quando ela entendesse melhor quem era, e qual a sua missão naquele mundo estranho?

— Eu quero ver melhor este lugar — disse Candy, olhando para as trevas que as cercavam.

— Quer mesmo? — disse Mespa.

— Sim.

As três mulheres trocaram olhares hesitantes, como que dizendo: "Estamos preparadas para isto, ou não?".

Ao que parece elas estavam, pois de repente o ar se animou de vida em torno de Candy, e nele, como pequeninos peixes prateados sendo arrastados por um rio de águas velozes, ela viu relances de coisas extraordinárias. De início as imagens passaram por ela tão depressa que só conseguiu ter uma idéia muito rudimentar do que eram: uma torre branca, um campo de flores amarelas, uma cadeira em cima do telhado azul de uma casa e, sentado nela, um homem vestido de dourado. Mas à medida que os seus olhos foram ficando acostumados com o modo como o cardume de imagens ia passando, ela por sua vez foi ficando capaz de reter uma por alguns momentos; era como segurar uma moeda quente na palma da mão, com o tempo de virar e examinar dos dois lados antes que o desconforto a obrigas se a largá-la. E sentia um inegável desconforto ao ver muitas daquelas imagens. Eram tão fortes, com formas e cores tão carregadas de estranheza, que doía-lhe a cabeça só de pegá-las e segurá-las, mesmo por um instante.

Não era apenas a intensidade de cada imagem que causava a dor, era o fato de que havia tantas delas. Para cada moeda que pegava e virava, havia mil — não, dez mil — que passavam rolando rebrilhantes sem ser examinadas. O que ela viu?

Uma mulher andando de cabeça para baixo, peixes no céu acima dela, pássaros aos seus pés.

Um homem postado em terras ermas, sob a luz do luar, sua cabeça desabrochando como um oásis de pensamentos.

Uma cidade de torres vermelhas debaixo de um céu cheio de estrelas cadentes; a perfeita miniatura de outra cidade, construída sobre pernas, com um pássaro azul decididamente enorme — monstruoso até para os habitantes da cidade — circulando acima dela.

Uma máscara grotesca cantando e flutuando no meio do ar; uma criatura do tamanho de um leão, com cabeça de ser humano, enorme e barbuda, sentada na beira de um vulcão. Uma praia de alguma ilha tropical, com um minúsculo barquinho vermelho na baía e uma estrela solitária pairando acima do horizonte.

E assim por diante. E mais. E mais. As imagens continuavam a passar voando.

Às vezes havia um som ligado à cena, muito embora nem sempre parecesse combinar, como se, assim como um relâmpago precede o trovão, as imagens chegassem mais depressa que os sons, ficando fora de sincronia. As vezes ela vislumbrava coisas que reconhecia, ainda que rapidamente. Yebba Dia Sombrio sobressaindo-se nas águas nevoentas dos Estreitos da Penumbra. A Ponte Gilholly sendo atravessada por um exército de pessoas de cujas cabeças brotava um fogo branco e brilhante. Viu até Malhoparvo, no meio de uma tempestade tão violenta que as suas jovens árvores estavam sendo arrancadas da terra e carregadas para longe.

Por fim, bem quando ela já estava quase ficando avassalada pela torrente de imagens, o cardume de peixes começou a rarear e, entre os ocasionais instantes de estranheza, a visão relativamente reconfortante de Diamanda, Joephi e Mespa começou a reaparecer.

Candy estava sem fôlego.

— O que...? — arquejou ela.

— O que era tudo aquilo? — disse Mespa.

— Sim.

Foi Diamanda quem respondeu.

— Um pedaço infinitesimal de um minúsculo fragmento de uma fração praticamente invisível do que há aqui na Torre de Odom. O passado, e o presente-passado, e o futuro-presente. Como

vê, estão todos neste lugar. Cada detalhe de cada coisa em cada momento da eternidade.

— E vocês?

— As Fantomaya?

— Sim. O que fazem com as imagens?

— Nós as estudamos. Imergimos nelas. As protegemos.

— De quem? — disse Candy.

— De qualquer um e de todos. Estas não são coisas que possam ser vistas por uma alma comum.

Candy riu.

— Qual é a graça? — disse Joephi.

— Bem... Eu não sou uma alma comum? — disse Candy.

— Boa pergunta — disse Diamanda. — O fato é que você é muitas coisas, minha querida. Uma delas é Candy Quackenbush da cidade de Murkitt...

— Você quer dizer Galinhópolis?

— Ah, sim. É claro. Quero dizer Galinhópolis. Quando eu estive lá, a cidade tinha o nome do avô do meu marido. — disse Candy. — Ou quem Espere um momento — disse Candy, com um sorrisinho de quem se deu conta de alguma coisa. — Eu sabia que já tinha ouvido o nome Diamanda antes. Você é Diamanda Murkitt. Era casada com Henry Murkitt.

A velha senhora assentiu devagar, olhando para Candy com uma intensidade renovada.

— Eu sou aquela mulher. Muito mudada, porém de alguns modos a mesma.

— Surpreendente — disse Candy.

— É mesmo? — disse Diamanda. — Quero dizer, sou mesmo? Por quê?

— O círculo está se fechando.

— Por favor, explique-se — disse Diamanda.

— Bem, a minha jornada começou com Henry Murkitt — disse Candy. — Sabe, eu escrevi algo sobre ele.

— Sobre Henry? — disse Diamanda, pronunciando o nome do marido com ternura. — Você escreveu sobre Henry?

— Só algumas páginas — disse Candy. — Estive no quarto onde ele... cometeu suicídio.

— Ah — disse Diamanda, suave. — Então foi isso que aconteceu com ele.

Candy assentiu.

— Sinto muito ter sido eu a contar — disse ela.

— Não, não se desculpe. É melhor que eu saiba. Sabia que mais cedo ou mais tarde teria de encarar a verdade. Sabe, eu abandonei Henry. Ele tinha tão poucos sonhos.

— Sim, ouvi falar — disse Candy. — Não sobre os sonhos, mas sobre você o ter abandonado.

— Ele pensou que eu fui para a Filadélfia, mas por que eu iria fazer uma coisa dessas, se sabia da existência de Abarat? Não... Eu peguei o primeiro navio que saiu daquele mundo infeliz...

— Você fez a mesma coisa, não é? — disse Joephi.

— Sim. Eu fiz a mesma coisa. Não tinha um navio para me trazer. Vim de Saltador-do-Mar. — Candy sorriu com a lembrança; parecia ter sido tanto tempo atrás.

— Mas você chegou aqui mais depressa do que esperávamos — disse Mespa. — Muito mais depressa.

— Bem, irmãs — disse Diamanda, soltando os cabelos enquanto falava —, parece que teremos de tomar muito cuidado quanto aos nossos planos para o futuro. Um elemento novo e altamente imprevisível entrou na nossa esfera. E ele muda tudo. Será impossível adivinhar o futuro com a velha segurança de sempre. — Ela voltou os olhos para Candy. — Tudo o que sabemos é que estamos com as mãos cheias.

— O que mudou? — disse Candy. — Por favor, expliquem. Há tanta coisa que quero saber. Me sinto como se, por alguma razão, pertencesse a este lugar. Como se este fosse realmente o meu lar.

As três mulheres não fizeram nenhuma tentativa de dissuadi-la disso.

"Aparentemente elas acreditam que também sou daqui", pensou Candy. Perceber isso fez os seus olhos verterem lágrimas de felicidade.

Os sorrisos e o silêncio das mulheres estavam confirmando algo em que não se atrevera a acreditar até agora. Ela tinha uma razão para estar ali. Mesmo que ninguém ainda soubesse qual era, ainda assim ela pertencia a Abarat. — Se eu realmente tenho alguma missão aqui — disse Candy —, quero dizer, se sou algo mais que uma reles turista, então será que vocês podem me ajudar a entender qual é essa missão?

— Ficaremos felizes em fazer isso — disse Joephi.

— Mas não tenho certeza de que nós mesmas entendemos — prosseguiu Mespa. A luz das estrelas em seus olhos tremeluziu. A mulher não estava com medo, pensou Candy; estava tomada por uma excitação curiosa.

— Alguma coisa vai acontecer comigo, não é verdade? — disse Candy.

— Meu bem, alguma coisa já aconteceu — replicou Diamanda. — Você não é a mesma menina que se jogou no Izabella, é?

Candy precisou de um momento para pensar naquilo. Mas não mais de um momento.

— Não, não sou. — E então disse: — Sou outra pessoa. Apenas ainda não sei quem é essa pessoa.

— Bem, é para isso que servem as viagens — disse Diamanda Murkitt. — Lembre-se, eu mesma fiz essa viagem. A procura de alguma coisa que eu não tinha. E, confie em mim, Candy, aonde quer que você pense que vai, o destino real é... bem aqui. — Ela bateu no peito, logo acima do coração.

— Algum dia vou voltar ao Mais-Além? — disse Candy. As três mulheres trocaram olhares ansiosos.

— O que está errado? — disse Candy, percebendo o desconforto em seus olhos. — Vocês sabem alguma coisa a respeito disso?

— Tivemos vislumbres... — disse Diamanda —, apenas vislumbres.

— Mas são más notícias? — disse Candy?

— Não para você — disse Mespa.

— Então para quem?

Joephi e Mespa olharam para Diamanda, como que buscando orientação da mais velha.

— Não vou começar a fazer profecias baseadas em vislumbres — disse Diamanda. — Mas você devia saber, meu bem, que de agora em diante existe perigo a cada passo. Para você. Para os que viajam com você. E até para os lugares aonde decidir ir. Você poderá arrasar cidades antes de ter resolvido todos os mistérios que estão à sua frente.

— Isso certamente me soa como uma profecia — disse Mespa.

— Bem, o que você sugere que contemos a ela? — disse a velha senhora, um pouco irritada.

— Devíamos começar com as histórias que andamos ouvindo sobre Finnegan.

— Quem é Finnegan? — disse Candy, ao mesmo tempo perguntando a si mesma se alguém naquela sua jornada já não lhe tinha dito quem ele era, pois o nome não lhe soava estranho. Ou, quem sabe, tinha conhecido algum Finnegan em Galinhópolis?

— Oh, você vai gostar de Finnegan — disse Diamanda com um sorrisinho provocador.

— Vai mesmo — disse Mespa.

— Também há os Requiax — disse Joephi, prosseguindo antes que Candy tivesse tempo de perguntar a respeito de Finnegan.

— Quem são os Requiax? — perguntou Candy, determinada a obter uma resposta dessa vez.

Houve um momento de silêncio. Candy percorreu rosto por rosto com o olhar.

— Por favor — disse ela. — Preciso de ajuda aqui. Mespa começou:

— São os inimigos do amor — prosseguiu Diamanda. — Os inimigos da vida. De uma perversidade tal que é impossível descrever...

— E onde estão eles?

— Neste momento — disse Joephi —, eles estão no fundo do Izabella, e esperamos que fiquem por lá.

— É duvidoso — continuou Diamanda. — Ouvimos todos os tipos de boatos de que os Requiax estão avançando. E também há quem diga que, quando eles vierem à superfície, será o fim do mundo como o conhecemos.

— Vocês estão me assustando — disse Candy.

— Eu a proíbo de ficar assustada — replicou Diamanda, gentil. — Ela nunca teve medo, portanto você não deveria ter.

— Ela? — disse Candy. — O que quer dizer com ela?

É curioso que as três mulheres abriram as bocas ao mesmo tempo para responder mas, antes que qualquer uma delas pudesse dizer alguma coisa, ouviu-se uma série de portas se fechando, talvez dez ao todo: a menor delas soou como uma porta de casa de boneca, a maior como uma porta de carvalho maciço batendo forte em algum lugar por perto.

— Ele vem vindo — exclamou Joephi.

— Temos de ir, Candy — disse Diamanda. — Abraham Occo, o Guardião da Vigésima Quinta Hora, não aprova que ninguém do mundo exterior seja trazido ao Tempo Fora do Tempo. Se souber que você está aqui, mandaria os Irmãos Fugit para esquartejá-la membro a membro.

— Que simpático — disse Candy. — E o que eu faço com todas as perguntas que ainda tenho para fazer?

— Guarde para outra ocasião — disse Joephi.

— Mas são tantas! — disse Candy.

As mulheres estavam claramente se preparando para uma saída apressada, recolhendo os mantos enquanto olhavam em volta, nervosas. Era óbvio que não queriam encontrar aquele Abraham Occo.

— Nos encontraremos de novo — disse Diamanda. — Não se preocupe com isso. Há muito por contar, de ambos os lados. Aliás, obrigada pelas notícias sobre Henry. Você me obrigou a um pedido de desculpas.

— Mas... ele está morto — disse Candy.

— Uma questão irrelevante, aqui — disse Diamanda.

— Por quê?

— Porque esta é a Vigésima Quinta Hora. Tudo é Aqui. Tudo é Agora. Até mesmo Ontem.

— Eu não...

— Quer se apressar, Diamanda Murkitt? — disse Mespa, segurando a mão da velha. — Ouço o Velho Abraham se aproximando.

— Sim, sim — disse Diamanda. — Já estou indo. Só queria que ela entendesse...

— Não temos tempo — disse Mespa.

— Não temos tempo? — disse Joephi, rindo. — Esta é a única coisa que, com certeza, temos em abundância. Tempo, e mais tempo, e ainda mais tempo.

— Não se faça de esperta — disse Mespa em tom áspero. — Não quero que Abraham nos encontre. Nenhuma de nós.E AGORA VAMOS.

Ela começou a puxar o braço de Diamanda.

— Sinto muito — disse a velha senhora para Candy. — Há tantas outras coisas que eu gostaria de lhe mostrar aqui. E receio que não tenhamos outra oportunidade de trazê-la em segredo. Até esta espiada exigiu muitas manobras...

— Quer parar de tagarelar? — disse Mespa.

— Sim, sim. Estou indo.

A luz que de início revelara as mulheres estava iluminando tudo em volta delas. Em alguns segundos, desapareceriam. Mas antes que as irmãs fossem erodidas pela luminosidade, Diamanda estendeu a mão e tocou o braço de Candy.

— Tenho inveja de você — disse ela.

— Inveja de mim?

— A jornada à sua frente... Vai ser uma aventura e tanto. As coisas que estão lá fora esperando para ser descobertas... — Ela sorriu e balançou a cabeça. — Você nem pode imaginar — disse ela. — É verdade... Você nem pode imaginar.

Então os dedos dela se afastaram do braço de Candy e as três mulheres desapareceram na torrente de luz.

Quando elas desapareceram, Candy viu de relance quem estava batendo as portas: Abraham Occo, o Guardião do Tempo Fora do Tempo. Não estava a mais do que dez metros de distância, em pé na soleira de uma porta que acabara de fechar, olhando para alguma coisa aos seus pés. Usava um volumoso manto escarlate e o rosto magro era possuído por aquela suavidade e translucidez que às vezes vêm com a idade extremamente avançada. Usava uns óculos pequeninos e redondos de lentes pretas que lhe escondiam os olhos, e tinha na cabeça um emaranhado de cabelos brancos.

— Ah, aí está você, Fuxico — disse ele, dirigindo-se a um grande rato malhado abaratiano, que aparecera entre os seus pés. Com grande esforço, Occo se curvou e ofereceu ao rato a manga do seu manto. O animal subiu imediatamente pela manga e correu pelo ombro encurvado de Occo até a sua orelha, como se estivesse sussurrando alguma coisa. De fato, talvez o rato estivesse fazendo precisamente isso, pois o velho murmurou consigo mesmo:

— Uma intrusa, hein? Talvez eu devesse convocar os irmãos... Ele abriu a porta atrás de si, e chamou através dela.

— Tempus! Julius!

"Hora de ir", pensou Candy, antes que fosse pega invadindo. Mas em que direção deveria correr? Havia trevas por toda parte, a não ser pela luz na soleira da porta onde estavam Abraham Occo e o

seu rato dedo-duro. Decidiu que o melhor seria simplesmente voltar as costas para o velho e correr na direção oposta.

Foi exatamente o que fez, disparando pelas trevas e praguejando contra as três irmãs por terem ido embora sem levá-la com elas.

— Ali! — disse Abraham Occo. — Estou ouvindo os passos da nossa intrusa. Ali adiante!

Candy olhou para trás por cima do ombro. A porta onde estavam Occo e Fuxico tinha sido escancarada, assim como a porta atrás dela, e a porta atrás daquela porta. E através delas vieram os Irmãos Fugit.

Candy tinha sido avisada, é claro, a respeito dos perigos da Vigésima Quinta Hora. Tinham lhe contado como todas as pessoas que se aventuraram lá no decorrer dos anos tinham desaparecido, ou enlouquecido. Bastou uma olhadela para os Irmãos Fugit para entender por quê. Eles tinham cara de palhaço: pele branca, bocas escancaradas e olhos saltados. Mas isso era o de menos. Realmente perturbador era o fato de que as feições — olhos, bocas, narizes, orelhas e até os pequenos tufos de cabelos vermelhos que ostentavam — se moviam em volta dos rostos como ponteiros de relógios malucos. Apesar de suas bocas estarem em movimento, eles falavam:

— Estou vendo, irmão Julius! — disse um dos irmãos.

— Eu também, irmão Tempus. Eu também!

— Sugiro arrancar o coração dela, irmão Julius!

— Sugiro deixá-la louca primeiro, irmão Tempus!

"Então é assim que funciona", pensou Candy. Um voto pelo enlouquecimento, um voto pelo assassinato. De um jeito ou de outro, se aqueles dois a pegassem, nunca viveria para aprender algo do que vira no Tempo Fora do Tempo.

Não esperou para ouvir mais da conversa deles. Fugiu para as trevas, que a envolveram completamente. Não conseguia ver sinal de saída em direção alguma: nada de portas, nada de janelas. Nem sequer um pequeno raio de luz vindo do mundo exterior.

Não havia nada a perder se gritasse por socorro, pensou ela. Afinal, aqueles palhaços com cara de relógio sabiam onde ela estava. Então chamou por Malingo, na vã esperança de que ele a ouvisse.

— Malingo? Estou do lado de cá! — (Onde quer que fosse o lado de cá.) — Por favor, se você está me ouvindo, grite de volta.

Ela obteve uma resposta, mas não a que queria. Era um eco do que acabara de gritar, mas as paredes que refletiram as palavras mudaram a ordem e as transformaram em algo sem sentido:

— Você está se me. Grite de volta do cá, ouvindo? Estou de lado Malingo.

Até os ecos tinham seus truques naquele lugar. Quando as palavras sumiram na distância ela ouviu duas vozes sussurrantes:

— Acho que devemos pegá-la, irmão Julius.

— Acho que devemos, irmão Tempus, acho que devemos. Soavam como se estivessem a dois ou três metros de distância. Ela não esperou que chegassem mais perto. Correu para a escuridão de novo, sem se importar aonde ia, apenas determinada a não permitir que os Irmãos Fugit a alcançassem.

Sabia que não poderia correr para sempre. Era só uma questão de tempo antes que os palhaços que estavam atrás dela a alcançassem. E então, o que fazer? Bem, eles já tinham anunciado as suas opções. Mesmo que escapasse das suas garras, os ecos e a lembrança das caras circulantes dos perseguidores cobrariam seu tributo. Quaisquer que fossem as maravilhas que testemunhara ali, seriam apagadas pela insanidade.

Não! Não podia deixar isso acontecer. Ela correu cegamente, determinada a não estar entre os que escaparam da Vigésima Quinta Hora loucos demais para contar a história.

32. MONÇÃO

OS EXAUSTOS SOBREVIVENTES DO naufrágio do *Belbelo* passaram o seu primeiro dia na Ilha de Por Hora, na praia para onde tinham sido arrastados pelas ondas. A maré, cada vez que subia, trazia mais destroços para a areia: na maior parte, vigas estilhaçadas e cordas. Eles não esperavam ter de acender fogueiras na ilha (era quente às Três Horas da Tarde, para que haveriam de precisar de fogo?), portanto a madeira era de muito pouca utilidade. Mas de quando em quando uma caixa de suprimentos dava à praia, inclusive uma caixa de rações de emergência.

Infelizmente não havia medicamentos para Treloso e seus irmãos, que ainda estavam em condições muito precárias. Embora suas feridas tivessem parado de sangrar, não davam sinal de recobrar a consciência. Tudo o que Geneva, Dodô, o capitão e Tria puderam fazer foi trabalhar juntos para construir um pequeno abrigo com galhos e folhas e deixar lá os irmãos, protegidos do calor do sol de meio de tarde.

Por sorte, tanto Dodô como o capitão ainda tinham seus exemplares do *Almenak de Klepp,* e cada qual tinha uma edição diferente, o que lhes permitia consultar o livro a respeito de uma vasta gama de assuntos. — Nem sempre a informação é confiável — preveniu-os Geneva quando Dodô propôs fazer um cozido de frutinhas silvestres que encontrara quando fora se aventurar um pouco mais longe na ilha. — Poderíamos muito bem ser envenenados.

— Duvido que haja no *Almenak* alguma receita que produza comida venenosa — disse Dodô.

— É o que você acha — disse Geneva, nem um pouco convencida. — Mas se todos nós ficarmos doentes...

Enquanto eles discutiam sobre isso. Tria pegava as frutinhas, uma a uma, e as cheirava. Umas poucas, especialmente as menores e mais verdes, ela jogou fora. O resto deixou no saco em que Dodô as colhera, e declarou com sua estranha segurança de costume: — Estas listas estão boas.

O cozido foi devidamente feito, e revelou-se delicioso.

— Ainda assim poderíamos ter ficado doentes com as verdes - lembrou Geneva a Dodô e ao capitão —, se Tria não tivesse nos impedido.

— Ora, pelo amor de Deus, Geneva — disse McBean —, esqueça isso. Temos coisas mais importantes a discutir do que a preparação do cozido.

— Como por exemplo?

— Como por exemplo ele — McBean deu uma olhadela na direção de Treloso. — Quero dizer, eles — disse ele corrigindo-se. — Receio que os estejamos perdendo.

— Não sei aonde ir para buscar ajuda — disse Dodô. — De acordo com o *Almenak,* não existe nenhuma cidade nesta ilha, portanto se houver algum médico por aqui, deve morar no mato. Há uma porção de igrejas, mas Klepp diz que a maioria delas está abandonada.

— Há o Palácio de Bowers — disse Geneva. — Talvez ainda haja gente lá...

— A que distância daqui fica o Palácio? — perguntou o Capitão McBean a Dodô.

—Veja você mesmo — disse Dodô, oferecendo a sua edição do *Almenak de Klepp* de modo que todos pudessem ver. Apontou para uma baía no lado nor-noroeste da ilha. — Acho que estamos *aqui* — disse ele. — E o palácio fica bem aqui. São provavelmente dois dias de caminhada, talvez mais se o terreno daqui até lá for acidentado.

— E ele é. — disse Geneva. — A ilha inteira é acidentada. Mas ainda podemos carregar Treloso entre nós.

— Será que é uma boa idéia movê-los? — perguntou McBean.

— Não sei — respondeu Geneva, sacudindo a cabeça. — Não sou médica.

— Esse é o problema; nenhum de nós é médico — disse Dodô. — Se eu fosse adivinhar, diria que movê-los seria fatal, mas talvez ficar aqui esperando seja uma idéia ainda pior.

Naquele momento, todos pararam de olhar para o mapa e ergueram os olhos. De repente o vento ficara mais forte, fazendo farfalhar e gemer as grandes folhagens carregadas de flores em cujas sombras estavam sentados. Transportado por aquele vento, veio o som de centenas de vozes entoando uma melodia sem letra.

— Não estamos sós — disse o capitão.

A música era ao mesmo tempo majestosa e serena.

— Cobras — disse Tria.

— Cobras? — disse o capitão.

— Ela tem razão — disse Dodô. — Existe uma serpente vermelha e amarela na ilha, que chamam de Cobra-de-Vigília. Essas cobras cantam. É o que diz o *Almenak*.

— Não me lembro de cobras nesta ilha — disse Geneva.

— Sim, você se lembra, sim — disse Dodô. — Elas foram requisitadas pela Princesa...

— Para o casamento.

— Exatamente. Finnegan mandou trazê-las de Scoriae, que é o seu hábitat natural. Pelo jeito gostaram daqui. Klepp diz que todas elas escaparam na confusão que se seguiu... de tudo o que aconteceu

no casamento. E, como não têm inimigos naturais aqui em Por Hora, elas se multiplicaram e se multiplicaram. Agora estão por toda parte.

— São venenosas? — perguntou Tria. Era talvez a primeira vez que qualquer um deles a ouvia manifestar algum sentimento de medo com relação ao mundo natural.

— Não — disse Dodô. — Se bem me lembro, são muito dóceis e gentis. E muito musicais.

— Espantoso — disse o capitão. — O que estão cantando? Apenas disparates?

— Não — disse Dodô. Ele leu no *Almenak.* — "A canção que a Cobra-de-Vigília canta é de fato uma única palavra imensamente comprida; a mais comprida da antiga língua da espécie. E tão comprida que um indivíduo pode cantá-la durante a vida inteira e nunca chegar ao fim."

— Isso tem cara de kleppismo — disse Geneva. — Como elas poderiam aprender essa palavra?

— Boa pergunta — disse Dodô. — Será que já não nascem sabendo, como um instinto migratório?

— Nascidas com uma canção — disse Geneva. Dodô sorriu.

— Sim. Você não gosta da idéia?

— Gostar e aceitar como verdade não são a mesma coisa, Dodô.

— Ahn. Às vezes você precisa deixar que as coisas atinjam o seu coração, e não a sua cabeça, Geneva.

— O que você quer insinuar com isso? — reagiu Geneva.

— Esqueça.

— Ah, não. Diga, Dodô — disse ela, zangada. — Não faça comentários irônicos e depois...

— Não foi irônico.

— Ora, de que outro modo você...

— Eu não gosto de ser chamado de...

— E eu não gosto de...

— Parem com isso — disse Tria. — Vocês dois. — De repente, a menina estava com lágrimas nos olhos. — Olhem para eles.

Enquanto a discussão entre Dodô e Geneva esquentava, Treloso e seus irmãos começaram a arfar de um modo terrível, um estertor em suas gargantas coletivas que não prenunciava boa coisa.

— Oh, Deus... — Dodô jogou de lado o *Almenak* e foi até a pequena cama de folhas e flores onde tinham deitado os irmãos. — Isto não me parece nada, nada bom.

Ele se ajoelhou ao lado de Treloso e pôs a mão na testa dele. Os olhos de Treloso estavam virando descontroladamente de um lado para o outro debaixo das pálpebras, e sua respiração ia ficando mais rápida e mais superficial a cada momento que passava.

Ao mesmo tempo, como se houvesse alguma estranha sincronia no ar (a discussão, o canto, o vento, e agora o sofrimento de Treloso, tudo acontecendo com segundos de diferença), o capitão olhou para o céu e anunciou:

— Acho que devemos proteger as nossas coisas.

Ele não precisou explicar por quê. Uma enorme nuvem de tempestade encobriu o sol assim que ele falou, e o vento nas árvores ficou mais forte de repente, arrancando as pétalas de algumas flores mais frágeis.

Houve uma súbita explosão de atividade quando todos foram fazer o que o capitão sugerira. Por mais rápidos que fossem, porém, não foram rápidos o bastante para guardar tudo antes de a chuva começar. Caíram alguns pingos esparsos e então, em questão de

segundos, os pingos se transformaram em um aguaceiro torrencial. A chuva caía com tamanha violência que eles precisavam gritar para se fazerem ouvir.

— Você e eu, Dodô! — gritou o capitão. — Vamos carregar Treloso!

— Aonde vamos? — berrou Dodô.

— Lá em cima! — disse McBean, apontando para uma pequena ladeira entre as árvores. A chuva era tão poderosa que riachos de água areenta marrom — transportando uma carga de folhas mortas, gravetos, flores e um ou outro cadáver de roedor — corriam pela ladeira abaixo. A área em volta da cama improvisada de Treloso já estava três centímetros debaixo d'água.

Um clarão de relâmpago foi seguido pelo reboar da trovoada; a chuva caía agora com vigor renovado, como se quisesse levar o mundo todo de roldão na enxurrada.

— Deixe-me carregá-lo! — disse Dodô, que precisou gritar até a sua garganta produzir um bramido mais forte que o ruído de galhos que se partiam e os trovões tonitruantes.

O capitão não teve oportunidade de discutir. Dodô simplesmente pegou Treloso nos braços e, abaixando a cabeça para não ser cegado pela chuva, tratou de subir para um nível mais alto. Os outros o seguiram, todos carregando o que puderam salvar do pequeno acampamento.

A chuva continuou caindo com força crescente, até que o mundo ficou reduzido a um borrão cinza-esverdeado em meio a um barulho ensurdecedor.

Passo a passo, Dodô subiu a ladeira até dois terços do caminho para o topo. Então, saída de lugar nenhum, uma grande tora veio descendo a ladeira, carregada pela enxurrada. Dodô tentou sair de lado para não ser atingido, mas o peso dos irmãos o retardou. A tora o atingiu com uma pancada violenta nas pernas, derrubando-o no

chão, e Treloso escorregou dos seus braços. Foram ambos arrastados ladeira abaixo, derrubando todos os outros pelo caminho.

Quando chegaram embaixo, foi como se tivessem sido jogados no meio de um rio turbulento. Geneva agarrou Tria para impedir que a criança fosse levada pelas águas até a praia, e de lá para o mar. McBean, por sua vez, agarrou — com todas as suas forças — Geneva com a mão direita e uma árvore com a esquerda, esperando agüentar naquela posição até que a monção passasse.

Mas ela ainda aumentava, martelando em suas cabeças. Era como se o céu tivesse se aberto e desencadeado cem anos de chuva.

E então, tão abruptamente como começara, tudo cessou. Foi como se uma torneira tivesse sido fechada. O sol irrompeu através das nuvens esgotadas e iluminou um mundo arrasado. Todas as flores, sem exceção, tinham sido despetaladas pela força da chuva. As folhas menores tinham sido arrancadas dos ramos, e as maiores, dilaceradas. Arbustos foram erradicados e arrastados para a praia e para as ondas, cujas cristas não eram mais brancas, mas tingidas de marrom-avermelhado pela lama.

Exaustos com o ataque implacável da chuva, McBean, Geneva, Tria e Dodô estavam afundados até os tornozelos em lama e destroços. Incapazes de falar, olhavam para o céu, observando as manchas azuis se alastrarem por entre as nuvens que se desfaziam.

Quando o calor do sol varou as copas machucadas e tocou as folhagens em volta dos sobreviventes, todos testemunharam um fenômeno que Klepp deixara de mencionar no seu *Almenak.* Aparentemente ele nunca estivera em Por Hora durante o desencadear de uma tempestade, pois, se tivesse estado, o milagre que se seguiu teria certamente sido relatado nas páginas do livro.

Por toda parte à volta deles a vida vegetal ferida estava começando a crescer de novo. Raízes, muitas das quais tinham ficado expostas pela força das águas, se estenderam para baixo como

dedos nodosos penetrando na terra barrenta. Dos gravetos quebrados e galhos partidos brotou uma nova vegetação, saudável e verde; botões estufavam e explodiam em floração diante de seus olhos atônitos. Gavinhas se retorciam e trepavam pelo que restara de seus parentes mais velhos maltratados pela chuva, como irrequietas crianças verdes, enquanto as samambaias germinavam desenrolando seus tenros brotos a uma velocidade tal que, em questão de segundos, estavam roçando os galhos mais baixos das árvores.

— Oh! Meu... — disse Tom.

— Já viu alguma coisa assim antes? — perguntou Geneva ao capitão. Ele balançou a cabeça devagar.

— Nunca — disse ele.

Aquele espetáculo de crescimento teria sido, em si, suficientemente extraordinário; mas havia mais. A monção despertara elementos dormentes na vegetação, partes da sua anatomia florescente que não se assemelhavam totalmente a plantas. Aquilo não seria um olho se abrindo sub-repticiamente na corola de uma flor? E uma coisa fantasticamente parecida com uma boca escancarada, nos bulbos estufados de umidade de uma planta que ficava metade enterrada e metade para fora, como uma cebola em verde-vivo?

Por todos os lados se viam sinais daquela vida misteriosa: estalos, murmúrios, estiramentos e até mesmo algo parecido com riso, como se as plantas estivessem enormemente divertidas com a visão de suas próprias vidas multiformes.

Foi Tria quem falou primeiro:

— Onde está Treloso?

Todos olharam em volta. Os irmãos João não estavam à vista. O capitão mandou que cada um deles procurasse em uma direção, dizendo a eles que andassem depressa, pois era uma questão de vida ou morte.

— Se eles estão caídos de cara para baixo na água, neste momento podem estar se afogando.

Suas palavras imprimiram urgência à busca. Havia poças grandes e rasas de água lamacenta da chuva ao pé da ladeira; eles as atravessaram engatinhando de ponta a ponta, esperando desesperadamente encontrar Treloso antes que fosse tarde demais.

Enquanto isso, a vegetação continuava a ficar cada vez mais ativa e frutuosa em volta deles, os botões explodindo como pipocas, liberando a doce fragrância de novas flores. Algumas das plantas estavam tão ansiosas por frutificar que já estavam soltando nuvens de pólen, que enchiam o ar como uma fumaça suave e dourada.

Os sobreviventes, é claro, não notaram nada disso. Estavam preocupados com Treloso.

Nada foi dito, mas todos estavam começando a temer o pior. Talvez a força das águas o tivesse arrastado pelo declive da praia até o mar. Caso contrário, onde estava ele?

Foi Tria, a sempre observadora Tria, quem mostrou o que acontecera com o resto dos pertences deles. As coisas que tinham tentado salvar da monção e transportado com sucesso ladeira acima, apenas para perdê-las de novo quando despencaram ladeira abaixo, estavam todas em um só lugar. Tinham sido reunidas, ao que parecia, pelas grandes gavínhas coleantes de uma planta enorme, em régia solidão ao pé do declive.

Foram examiná-la. A planta continuava a crescer e florescer, suas gigantescas vagens lustrosas e verdes de tão saudáveis. Elas estalavam ao crescer e liberavam o aroma pungente de todas as coisas verdes em crescimento. A planta em si era como um pequeno bosque, sua camada exterior um matagal de flora entrelaçada que acabou de despontar. Era para lá que os itens do acampamento tinham sido levados pela água. Agora eram parte da elaborada rede

de gavinhas, como se alguma inteligência ambiciosa na planta estivesse tentando transformá-los em flores bizarras.

Além do matagal, no meio daquela floresta em miniatura, a folhagem ficava consideravelmente mais densa. Tão densa, de fato, que quase escondia uma vagem enorme, de onde ainda pingavam os sucos de sua recente criação.

— Querem dar uma olhada nisto? — disse Dodô, separando com as mãos o véu de gavinhas.

— Lá — disse Tria. — Ele está lá dentro.

— Treloso? — perguntou Geneva. Tria assentiu.

Os outros três trocaram olhares confusos.

— Aqui, capitão — disse Dodô. — Me dê uma mãozinha, pode ser?

Eles começaram a puxar a camada exterior do matagal, mas as gavinhas se desenrolavam e envolviam as suas mãos e braços, e também as pernas. Eram finas demais, e talvez brincalhonas demais para causar qualquer dano real, mas ainda assim retardavam o avanço dos homens.

— Eu queria ter uma faca — disse o capitão.

— Ora, deixem comigo! — disse Geneva. — Vocês dois vão ficar brigando com essa coisa o dia inteiro!

Ela se enfiou entre os dois e começou a puxar aquela massa emaranhada. Agora todos os três estavam no meio das espirais verdes, e ramos e folhas voavam em todas as direções.

Mas Geneva era melhor estrategista que os outros dois. Ela se enfiou por baixo da grande massa de vegetação e então, já do outro lado, a empurrou para fora como duas portas enormes, que Dodô e o capitão agarraram, criando um corredor para o coração do bosque.

Estavam todos sem fôlego, com pedaços de folhas grudados no suor dos rostos e enroscados nos cílios e cabelos.

Eles ficaram de lado enquanto Tria entrava pela passagem que tinham aberto e se aproximava da vagem que todas aquelas folhagens estavam protegendo.

— Tenha cuidado! — disse-lhe Dodô.

Nem bem ele disse isso, a vagem, que pendia de uma grande laçada de gavinhas entrelaçadas, começou a se mexer. Pequenos tremores a percorriam, como se alguma coisa lá dentro estivesse tendo um pequeno ataque. Sua costura começou a se abrir com um ruído de lona rasgada, expelindo gotículas de suco adocicado.

Tria se voltou e olhou para os adultos.

— Estão vendo? — disse ela com uma expressão deleitada que era realmente uma raridade de se ver.

A parte de cima da vagem se abriu como a tampa de um caixão. E lá, deitado no meio de uma papa de lama e água, porém acolchoado pelas folhas e gavinhas enroladas que revestiam a vagem, estavam João Treloso e seus irmãos.

Seus olhos ainda estavam fechados mas alguma coisa — talvez a luz que caiu de repente sobre seus rostos virados para cima quando a tampa se abriu — os estimulara.

João Bagatela foi o primeiro a abrir os olhos. Ele piscou forte. Depois franziu o cenho e soltou uma risadinha.

— O que aconteceu? — disse ele.

— Você está acordado... — disse Dodô. João Pestana se manifestou a seguir:

— Eu também!

Era como observar as estrelas aparecendo no céu à noite, cada um dos irmãos, um por um, a abrir os olhos, a luz da consciência

plena retornando às suas caras intrigadas.

O próprio Treloso, contudo, continuou em coma, muito embora em pouco tempo todos os outros irmãos estivessem acordados.

—Temos de içá-los para fora daí — disse Dodô a eles —, antes que essas folhagens resolvam engoli-los de novo.

— Não se incomode com isso — disse Cobra. — Vamos acordá-lo, e ele poderá escalar sozinho.

— Vocês podem ter dificuldade — disse Geneva, olhando Treloso atentamente. — Ele não está dando sinal de vida.

— Não se preocupe... — disse João Chorão.

— ... fazemos isso o tempo todo quando ele está cochilando - disse João Mingau. E, olhando para os irmãos: — Estão todos prontos?

Houve murmúrios de afirmação vindos de ambas as galhadas. João Cobra começou a contagem regressiva:

— Três. Dois. Um...

E a uma voz todos os Joões gritaram:

— TRELOSO!

De início não houve reação, absolutamente nenhuma. Todos prenderam a respiração; Filé, Chorão, Bagatela, Pestana, Depena, Cobra e Mingau inclusive. Então houve uma minúscula contração na pálpebra esquerda de Treloso e, após um momento, o olho se abriu. O olho direito seguiu um instante depois.

— O que estou fazendo aqui deitado nesta planta? — foi a primeira coisa que ele disse, e rolou para fora dela, desabando no chão empapado de chuva e coberto de raízes. Ele se encolheu de dor quando caiu.

— Treloso, seu bobão — disse João Cobra. — Quer ser mais cuidadoso? Este nosso corpo está ferido, lembra-se?

— O dragão... — disse João Treloso.

— Está se lembrando? — disse Geneva. Treloso assentiu. — Ora, isso é bom.

— É claro que nos lembramos — disse João Cobra. — Uma coisa como essa você não esquece.

— Só não sei como foi que eu vim de lá para cá — disse Treloso.

— Bem, cabe a nós contar e a você, ouvir — retrucou Geneva com um sorriso.

— Alguém me dê uma mão — disse Treloso, oferecendo o braço para Dodô.

— Estou segurando — disse Dodô, puxando os irmãos e pondo-os em pé.

Como as folhagens ainda estavam crescendo por todos os lados, todos eles saíram do bosque juntos, aos tropeções, catando pedaços de gavinhas e folhas esfrangalhadas dos cabelos e de dentro das roupas. O sol brilhava, cálido; não havia uma só nuvem no céu. Até a mais funda das poças estava sendo rapidamente absorvida pelo solo.

— Bem-vindos a Por Hora — disse Dodô para os Joões. — Vocês chegaram tão perto da morte quanto alguém pode chegar e ainda voltar.

— Nós não vamos a lugar algum — disse João Treloso, se espreguiçando com cuidado sob o calor do sol. — Temos uma porção de aventuras para viver. Dragões para enfrentar. Finnegan para encontrar.

— O que é essa música? — disse João Chorão.

— São as cobras de Por Hora cantando — respondeu Dodô. Um largo sorriso se espalhou pelo rosto de João Treloso.

— Estão vendo? — disse ele com uma ligeira balançada de cabeça. — Eis aí uma outra coisa que temos de fazer. Temos de ouvir as cobras cantarem.

33. TUDO A SEU TEMPO

CANDY CORREU, E CONTINUOU correndo, sem se atrever a olhar para os Irmãos Fugit por cima do ombro. Não tinha necessidade. Eles mantinham um diálogo quase ininterrupto enquanto a perseguiam.

— Ela não sabe aonde vai, irmão Tempus.

— Nem sabe, irmão Julius, nem sabe.

— Pode tropeçar a qualquer momento, irmão Tempus. — De cara no chão, irmão Julius, de cara no chão. Eram como dois maus comediantes, só conversa fiada e nenhuma graça. De fato, a tagarelice deles era tão irritante que Candy estava meio tentada a se virar e mandá-los calar a boca. Mas então pensou em suas abomináveis feições móveis circulando sem parar pela cara, e perdeu a vontade de confrontá-los. Melhor apenas correr. Devia haver algum meio de sair de lá. Afinal, ela entrara, não é mesmo?

Mas para onde quer que ela olhasse não havia sinal de saída. Só aquela mesma escuridão sem forma em todas as direções. E ela estava ficando cansada. Sentia um aperto no peito e a garganta irritada. Mais cedo ou mais tarde, sabia, ia acabar tropeçando. Quando isso acontecesse, seus perseguidores tagarelas estariam em cima dela em um piscar de olhos.

— Ela está indo mais devagar, irmão Julius.

— Estou vendo, irmão Tcmpus. Estou vendo.

Só para provar que eles estavam errados, Candy redobrou os esforços. Ao fazer isso, lembrou-se dos momentos caóticos que precederam sua entrada naquele lugar escuro. Como o glifo virara, lançando-a para fora.

"Ah", pensou ela, "talvez esta seja a resposta para o meu problema."

Estivera procurando por uma porta, assumindo que não havia como sair a não ser através de uma porta. Mas *não* tinha sido assim que ela entrara, certo? Talvez a melhor rota de fuga fosse atirar-se para dentro das trevas e confiar no destino.

Olhou para trás. Os irmãos não estavam a mais que alguns passos atrás dela. Se queria escapar deles, teria de ser agora ou nunca.

Ela contou até três:

— Um...

— O que foi que ela disse, irmão Julius?

— Dois...

— Não deu pra pegar, irmão Tempus.

— Três.

E com isso atirou-se para a frente, quase como se estivesse mergulhando em uma lagoa. Funcionou. No instante em que o seu corpo se livrou do chão, a escuridão à volta dela pareceu convulsionar-se. Ela foi instantaneamente libertada de suas garras e sentiu-se às cambalhotas pelo ar. Um momento depois, havia luz! E ela caiu pesadamente entre as pedras na praia da Vigésima Quinta.

Aterrissou tão violentamente que ficou sem fôlego. Por alguns momentos ficou lá deitada arfando, machucada, ouvido o som das ondas e a algazarra das aves marinhas brigando por um pedaço de peixe que o mar jogara à praia.

Então, de perto, veio uma voz reconfortante.

— Lady?

Segundos depois o rosto de Malingo apareceu, de cabeça para baixo.

— Você está aqui! Você está viva!

Candy ainda estava em um brando estado de choque. Ela abriu a boca para falar com Malingo, mas de início a única coisa que saiu foi uma série de palavras desconexas:

— Correndo. Relógios. Caras. Tempus Fugit. E Julius. Horrível. Dois. Horrível.

— Oh, minha pobre lady — disse Malingo. — Eles a deixaram louca lá dentro?

— Eu não estou louca! — disse Candy, empurrando o corpo para sentar. Ela respirou fundo e tentou construir uma sentença mais coerente. — Estou com alguns machucados — disse ela. — Mas estou sã. Juro que estou. E estou viva.

— E está mesmo — disse Malingo com um sorriso animado. Candy riu. Ela conseguira! Realmente escapara da Vigésima Quinta Hora!

Ela pôs-se em pé e abraçou Malingo.

— As coisas que vi — disse ela. —Você não acreditaria em algumas dessas coisas...

— Como por exemplo? — disse Malingo, seus olhos brilhando de curiosidade.

Candy abriu a boca para descrever as suas aventuras dentro da Vigésima Quinta, mas então mudou de idéia.

— Sabe de uma coisa? — disse ela. — Talvez seja melhor não falar disso aqui.

Ela olhou para a parede de névoa revolta que separava a praia do mundo secreto do outro lado. Qualquer um poderia estar do

outro lado, ponderou ela. Ouvindo; ou pior, pronto para saltar sobre ela e arrastá-la de volta para dentro.

— Temos de sair daqui primeiro — disse ela a Malingo —, antes que os Irmãos Fugit nos alcancem.

— Quem são os Irmãos Fugit? — perguntou Malingo.

Antes que pudesse responder, Candy avistou com o canto do olho alguma coisa emergindo de uma fenda entre as pedras. Ela voltou os olhos para lá. A coisa se movia de lado, como um caranguejo. Mas não era um animal. Era uma boca. Uma boca com pernas.

— Oh, não... — disse ela baixinho.

— O que há de errado? — disse Malingo.

— Onde está o glifo? — disse Candy.

— O glifo?

— Sim, o glifo! — disse Candy, quando um olho com pernas apareceu debaixo das pedras e piscou para ela.

Dessa vez Malingo acompanhou o olhar dela.

— O que são essas coisas?

— Pertencem aos Irmãos Fugit — disse Candy, segurando o braço de Malingo e afastando-o daquele lugar. Se uma boca e um olho estavam ali, os irmãos a quem pertenciam não poderiam estar muito longe.

— Eles vivem na Vigésima Quinta — disse Candy, apressada. — E se eles nos pegarem...

Ela não teve chance de terminar. As pedras em volta tinham começado a tremer, em movimentos suaves de início, depois rápidos e cada vez mais fortes. Não era difícil adivinhar o que estava acontecendo. Tempus e Julius tinham saído, de algum modo,

cavando por baixo das pedras, e agora planejavam um ataque de surpresa vindo de baixo. E a surpresa teria dado certo, se as feições ambulantes não tivessem denunciado o jogo furtivo.

— Temos de sair daqui! — disse Candy.

Malingo ainda estava olhando para as pedras, que chacoalhavam batendo umas nas outras.

— Onde está o glifo, Malingo?

— Aquilo é um olho com pernas!

— Sim, eu sei, Malingo. Onde está o glifo?

Ele apontou para a praia sem olhar para onde apontava. Ela acompanhou a direção do dedo e de fato lá estava o veículo, pousado sobre as pedras. Estava emborcado, mas pelo menos parecia intacto. O impacto contra a parede da Vigésima Quinta não o reduzira a estilhaços.

— Vamos! — disse ela a Malingo, puxando novamente o braço dele. Porém ele não se mexeu. As estranhas formas de vida nas pedras o deixaram hipnotizado.

— Não podemos ficar esperando aqui — disse Candy. — Se ficarmos, estamos mortos.

As pedras estavam agora sendo roladas para os lados, as menores jogadas para o ar; os Irmãos Fugit preparavam sua entrada em cena.

— Nunca vi nada assim antes — disse Malingo, com a voz cheia de fascinação.

— Por favor, podemos ir?

Mas antes que pudessem dar um passo, uma voz sinistra ergueu-se das fendas entre as pedras.

— Você não escapará de nós, Candy Quackenbush — disse um dos irmãos.

— E nem o seu amigo de orelhas de abano — disse o outro.

Como se tivesse furado uma bexiga, o som das vozes dos Irmãos Fugit esvaziou a curiosidade de Malingo. Dessa vez foi ele quem recuou do lugar onde as pedras tremiam.

— Você tem razão — disse ele a Candy. — Devemos ir.

— Até que enfim!

Não houve mais hesitações. Os dois saíram correndo juntos por cima das pedras escorregadias para o glifo encalhado.

— Tomara que ainda funcione — disse Candy a Malingo enquanto eles corriam.

— O que faremos se não funcionar?

— Não sei — disse Candy, soturna. — Vamos nos preocupar com isso apenas se for o caso.

A essa altura já tinham chegado ao veículo e, no mesmo momento, puseram-se a trabalhar para empurrá-lo de volta à posição vertical. Alguma coisa chacoalhou quando o glifo foi balançado; aquilo não soou muito auspicioso.

— Entre! — disse Candy.

Enquanto Malingo escorregava para o seu assento, Candy arriscou uma olhada rápida para a praia. Um dos irmãos — Candy não sabia se era Julius ou Tempus — acabara de se desenterrar do meio das pedras. Mas não havia sinal do outro. Mesmo assim, pensou ela, um só já bastava para causar um bocado de danos.

Ele começou a andar em passos largos pela praia na direção de Candy e Malingo, com o dedo em riste.

— Vocês não vão sair desta ilha! — gritou ele ao se aproximar. — Estão me ouvindo? Vocês não vão sair!

Enquanto falava, foi andando cada vez mais depressa e os passos largos logo se transformaram em uma corrida.

Agora era Malingo que apressava Candy para entrar no glifo.

— Depressa! — disse ele.

Candy pôs um pé para dentro do glifo.

Quando estava erguendo a outra perna, um braço saiu de repente do meio das pedras ao lado do glifo e agarrou o tornozelo dela.

Ela soltou um gritinho de susto. As pedras rolaram quando o segundo irmão Fugit içou-se para fora da terra, usando Candy como apoio.

— Segure-a, Julius! — gritou Tempus, correndo pela praia.

— Ajude-me! — gritou Candy para Malingo.

Ela esticou o braço para baixo e tentou desvencilhar o tornozelo dos dedos de Julius, mas aquelas mãos frias a seguravam com muita força.

Malingo passou os dois braços em volta de Candy e puxou valentemente. O desespero lhe deu forças. As roupas de Candy se romperam e as mãos do Fugit ficaram segurando dois pedaços de tecido rasgado.

Livre das garras do monstro, Candy olhou para baixo, diretamente para a cara de Julius. Suas feições rastejantes tinham se reunido. Os olhos estavam arregalados e famintos. Na boca, o sorriso satisfeito de um caçador que acredita que pegou sua presa.

— Você não vai a lugar nenhum — disse ele, estendendo a mão para agarrar Candy de novo. Sem hesitar, ela enfiou o pé com

toda a força bem no meio da cara de Julius. A criatura soltou um grito de raiva e frustração, e escorregou de volta para as trevas.

Tempus, nesse meio-tempo, estava a não mais de vinte passos de distância, correndo pelas pedras.

— Parem! — gritou ele. — Vocês dois, parem!

Candy ignorou-o. Subiu de novo no glifo com os pensamentos concentrados no próximo desafio: fazer o glifo decolar.

— Quais são mesmo as palavras? — disse ela a Malingo.

— Nio Kethica.

— É claro. É isso.

Candy respirou fundo e fechou os olhos, visualizando o glifo a erguer-se no ar. Então pronunciou as palavras.

— Nio Kethica.

A reação do glifo foi imediata. O motor deu uma engasgada e, por um momento, pareceu que o veículo ia subir. Ele balançou e tremeu, mas infelizmente não houve movimento para cima. Candy abriu os olhos. Tempus estava chegando mais perto a cada momento.

— Nio Kethica! — disse ela de novo. — Vamos, glifo! Nio Kethica! O motor do glifo fez mais ruídos, porém nada promissores.

— Não adianta! — disse Malingo com os olhos no Irmão Fugit que se aproximava. — É melhor fugir...

Antes que ele pudesse terminar, Julius Fugit fez outra investida do buraco ao lado do glifo. Não conseguiu pegar Candy, mas suas mãos agarraram o veículo, que começou a se inclinar. Candy soltou um grito e escorregou do seu assento na direção da cara sorridente de Julius.

Malingo segurou o braço dela e puxou de volta, lutando para tirá-los ambos do veículo. Candy tentou gritar "Nio Kethica!" uma última vez na esperança de despertar o motor do glifo. Mas não funcionou.

— Vamos! — gritou Malingo, puxando-a por cima da borda da máquina que começava a tombar. Foi bem a tempo. Assim que Candy caiu para trás nos braços de Malingo, o glifo desabou, prendendo Julius Fugit debaixo do seu peso.

— Ajude-me, irmão! — gritou Julius. Tempus estava a dois ou três passos de distância.

— Estou chegando, irmão! — gritou ele, jogando-se por cima do veículo e despedaçando sua estrutura em deterioração para chegar até o irmão.

— Não me faça esperar, irmão Tempus!

— Estou fazendo o melhor que posso.

— Tenho certeza de que está, irmão. Tenho certeza.

— Estamos encrencados — murmurou Malingo para Candy.

Ele tinha razão. Em mais um ou dois minutos Tempus conseguiria libertar o irmão, e então os dois sairiam em perseguição de sua presa com ânimo renovado. E aonde iriam Candy e Malingo? A praia não oferecia nada que pudesse servir de esconderijo, e eles não conseguiriam correr dos Irmãos Fugit por muito tempo.

Candy balançou a cabeça em desespero.

— Isto não pode acabar assim — disse ela consigo mesma. Apesar das terríveis perspectivas, ela não podia acreditar que tudo iria terminar ali. Depois das viagens que fizera e de tudo o que vira, não podia morrer em uma praia deserta pelas mãos de uma dupla de irmãos dementes. Não estava certo! No fundo, sabia que tinha mais viagens a fazer, mais coisas para ver. Não fora por isso que as três mulheres tinham concedido a ela aquele vislumbre dos mistérios

da sua vida antes mesmo de ter nascido? Elas a estavam preparando para alguma coisa, dizendo-lhe para estar pronta para decifrar alguns segredos importantes.

Os Irmãos Fugit não iriam impedir isso tudo. Ela não iria deixar.

— Não pode terminar aqui — disse ela em voz alta.

— O que não pode terminar? — replicou Malingo.

— Nossas vidas. Nós. — Malingo pareceu perplexo com a impetuosidade em sua voz, e em seus olhos. — Eu não vou deixar.

Nem bem ela disse isso, um sopro de vento veio do mar, como que em resposta ao seu apelo sentido. A rajada esfriou o suor no rosto de Candy.

Apesar de tudo, ela conseguiu sorrir.

— É melhor a gente correr — disse Malingo. Ele apontou na direção do glifo.

Os Irmãos Fugit já tinham se livrado dos destroços do glifo e vinham agora na direção de Candy e Malingo. Suas feições estavam novamente em movimento, as bocas arreganhadas correndo em volta das caras como atletas circulando em uma pista.

— Parece que os nossos amigos não têm mais para onde correr, irmão Tempus.

— É o que parece, irmão Julius. É o que parece.

Veio mais uma rajada de vento do mar, e o seu frescor fez com que Candy desgrudasse o olhar dos assassinos e arriscasse uma olhadela para a água. O vento tornara mais fina a névoa incolor que pairava acima das ondas. E através dela viu um borrão vermelho-vivo.

Vermelho.

— Um barco! — gritou Candy.

— O quê?

— Olhe! Um barco!

A névoa se abriu e apareceu uma embarcação, pequena e simples, com um único mastro e uma vela muito remendada. Não tinha capitão, nem passageiros.

— Ha! — disse Malingo. — Veja só!

Eles correram para a água e avançaram pela arrebentação amena. O vento vinha em rajadas cada vez mais fortes. Enchia a vela remendada até as cordas rangerem com o esforço.

— Entre! — disse Candy a Malingo. — Depressa! Para dentro!

— Mas o vento está soprando o barco para a praia! — disse Malingo. — De volta para eles!

Os Irmãos Fugit os tinham seguido até a beira da água. Também eles tinham percebido a direção do vento e, aparentemente, decidiram que não tinham necessidade de molhar os pés. Tudo o que tinham a fazer era aguardar. O barco viria até eles.

Candy voltou-se para olhar para eles e, nesse momento, veio uma grande onda que a molhou toda até o pescoço. Ela deixou escapar um gritinho de susto, para divertimento dos irmãos.

— Por favor — disse ela a Malingo. — Apenas entre. Tenha um pouco de fé.

— No quê?

— Em mim.

Malingo fitou-a um instante, depois encolheu os ombros e, com um esforço um tanto desajeitado, pulou para dentro do barco. Candy tirou um momento para oferecer uma pequena prece às mulheres de Fantomaya. Certamente tinham sido elas que

mandaram o barco. Mas de que adiantava um barco sem o vento apropriado?

— Ajudem-me — murmurou ela.

Assim que ela falou, a vela do barco estalou e enfunou-se como uma bandeira desfraldada ao vento e, erguendo os olhos, Candy viu as mulheres, todas as três, em pé no meio do barco. Era uma visão destinada somente aos olhos dela, pelo jeito. Nem os Irmãos Fugit nem Malingo reagiram a ela.

Malingo ofereceu a mão a Candy. Ela a segurou e ele puxou-a para dentro do barco.

Ela mal acabara de pôr os pés nas tábuas do barquinho quando Diamanda ergueu as mãos ao ar. Apertava as mãos com força, Candy percebeu. Os nós dos dedos brancos, os punhos fechados.

— Navegue com cuidado — disse a velha senhora. Candy assentiu.

— Farei isso.

— E não deixe escapar uma palavra a ninguém sobre isto — disse Joephi.

— Não vou deixar.

— Que história é essa de farei isso, não vou deixar? — disse Malingo. — Você está falando comigo?

Por sorte Candy não precisou mentir, pois, naquele instante, Diamanda abriu os punhos. Assim que fez isso, o vento mudou de direção de repente, virando tão depressa que Candy pôde sentir no rosto: soprando na bochecha esquerda em um momento e, dois segundos depois, soprando forte na direita.

O barco foi sacudido da proa à popa. As cordas rangeram. E a velha vela remendada se encheu de um vento feroz, agora chegando

da terra; um vento tão forte que as rajadas enfunaram a lona quase a ponto de arrebentar.

Candy olhou por cima do ombro para os Irmãos Fugit, que estavam agora chapinhando as águas agitadas em perseguição aos fugitivos. Mas as ondas se quebravam contra eles com uma força considerável, retardando-os. Tempus pulou para a frente, tentando agarrar o barco antes que estivesse fora do seu alcance, mas era tarde demais. O vento empurrou a pequena embarcação para longe com tamanha velocidade que ele errou o bote e caiu de cara na água.

Candy sorriu para as mulheres.

Elas só permaneceram lá mais um momento. Apenas tempo suficiente para retribuir o sorriso de Candy. Depois desapareceram, suas formas delicadas levadas pelo mesmo vento que Diamanda invocara.

— Essa foi por pouco — disse Malingo. Ele estava observando as figuras cada vez menores dos Irmãos Fugit mergulhados até o pescoço nas ondas. Presumivelmente, estavam esperando que o vento mudasse de direção outra vez e trouxesse sua presa de volta a eles.

Mas isso não iria acontecer. As rajadas de vento arrastaram a pequena embarcação para longe da ilha e, em muito pouco tempo, a névoa que sempre pairara em volta da Vigésima Quinta Hora encobriu totalmente a praia pedregosa.

Exausta porém feliz, Candy voltou as costas para a ilha e encarou o mar aberto. Tempos viriam em que ela pensaria muito sobre tudo o que lhe acontecera nos labirintos da Vigésima Quinta Hora. Sobre o que as mulheres tinham dito e mostrado: as visões do amanhã, os mistérios de ontem. Mas agora estava cansada demais para ponderações tão sérias.

— Tem alguma idéia de aonde estamos indo? — ela perguntou a Malingo.

— Acabei de encontrar este velho exemplar do *Almenak de Klepp* no fundo do barco — disse ele, oferecendo o livro ensopado para Candy estudar, se quisesse. Ela sacudiu a cabeça. — Acho que há uma carta marítima em algum lugar aqui dentro — prosseguiu Malingo. — O problema é que metade das folhas está meio podre, e elas estão grudadas umas nas outras. — Ele tentou soltar as páginas delicadamente, mas era uma tarefa quase impossível.

— Acho que simplesmente vamos ter de confiar em Izabella — disse Candy.

— Você fala como se fosse uma amiga sua.

Candy passou a mão na água fria e jogou um pouco no rosto. Seus olhos estavam pesados de fadiga.

— Por que não? — disse ela. — Talvez ela seja minha amiga.

— Desde que ela nos trate com gentileza... — disse Malingo. — Sem ondas de seis metros de altura.

— Vai dar tudo certo — replicou Candy. — Ela sabe que passamos por momentos difíceis.

— Ela sabe?

— Ah, com certeza. Ela vai nos levar a algum lugar apropriado. — Candy descansou a cabeça no braço e deixou a mão roçar a água. — Como eu disse: tenha fé, ela nos levará aonde precisamos ir.

34. DESTINOS DIFERENTES

EM UMA OCASIÃO ANTERIOR, no começo das suas aventuras em Abarat, tinham dito a Candy para entregar-se aos cuidados de Mamãe Izabella. Ela então precisara de alguma ajuda extra para sobreviver à sua jornada. Dessa vez, no entanto, segura a bordo do barco sem nome que viera encontrá-la na praia da Vigésima Quinta, deixou o mar levá-la para onde quisesse; e tudo correu bem. Havia algumas provisões no barco, simples porém nutritivas. E enquanto ela e Malingo comiam, o vento os levou para longe do Tempo Fora do Tempo, por entre as ilhas.

Enquanto eles viajavam, sem ter idéia de aonde a maré os levava nem medo algum de que ela lhes fizesse mal, havia pessoas cuidando de seus próprios assuntos de um lado a outro do arquipélago. Pessoas que ainda exerceriam um papel significativo no destino de Candy.

Na Meia-Noite, por exemplo, Cristóvão Carniça vagava pela ilha coberta de névoa de Gorgossium, maquinando, interminavelmente maquinando.

Era como um fantasma assombrando a própria casa. As pessoas tinham medo de encontrá-lo, pois nos últimos tempos os pesadelos que se moviam nos fluidos estavam mais ativos que nunca, emprestando-lhe uma aparência ainda mais terrível. Também não havia nenhum jeito de prever onde ele poderia aparecer a seguir. Às vezes era visto na Floresta de Forcas, dando pedaços de carne podre aos bandos de abutres malcheirosos que lá se reuniam. Às vezes era visto nas minas embaixo da terra, sentado em um dos filões esgotados. Às vezes era encontrado em uma das torres

menores, onde as costureiras de Mater Heteróclita trabalhavam na criação de um exército de costuradinhos.

Aqueles que tiveram a má sorte de encontrá-lo em um ou outro lugar eram sempre minuciosamente interrogados pelos que não a tiveram. Todos queriam saber como estaria provavelmente o humor do Lorde. Será que estaria zangado? Na verdade não, era a resposta. Parecia distraído, como se os seus pensamentos estivessem distantes? Não, distraído também não.

Por fim, alguma alma corajosa fazia a pergunta para a qual todos queriam resposta mas tinham medo de formular. Ele parecia demente?

Ah, vinha a resposta, sim, talvez fosse isso; talvez estivesse mesmo agindo de um jeito um pouco insano. O modo como falava consigo mesmo quando errava por entre as forcas, ou quando ficava sentado dentro dos túneis, falando suavemente como se imaginasse que estava conversando com alguém muito querido. Um amigo, talvez? Sim, era isso. Ele falava como se estivesse compartilhando segredos com um amigo. E às vezes enfiava a mão nos fluidos fervilhantes que respirava, pescava um pesadelo e oferecia ao seu convidado invisível. Um pesadelo de presente.

Seria tudo isso prova de insanidade? Para qualquer homem que não fosse Cristóvão Carniça, a resposta certamente teria sido sim. Mas Carniça era sua própria lei. Quem poderia julgar o abismo dos seus pensamentos, ou da sua dor?

Ele não tinha assessores; não aceitava conselhos de ninguém. Se estivesse planejando uma guerra, era sem a assistência dos seus generais. Se estivesse planejando um assassinato, não procurava conselhos de assassinos.

A única pista para o assunto das suas presentes meditações era um nome que muitas vezes o ouviram murmurar; um nome que não

significava grande coisa para os que o ouviam, mas muito em breve iria significar.

O nome que ele falava era Candy. Repetia aquele nome para si mesmo, não uma, mas muitas vezes, como se a repetição de algum modo invocasse a dona e a trouxesse para perto dele.

Mas ela não veio. Com todo o seu poder, Cristóvão Carniça estava sozinho na Meia-Noite, sem ninguém para lhe fazer companhia a não ser os abutres em seus calcanhares, e os pesadelos em seus lábios, e os ecos daquele nome que ele pronunciava seguidamente.

— Candy.

— Candy.

— Candy.

Seu comportamento não passou despercebido, nem deixou de ser relatado. Havia criaturas nas sombras por toda a ilha, observando o que Carniça fazia e levando relatórios ao alto da Décima Terceira Torre, onde Mater Heteróclita, a avó do Lorde da Meia-Noite, ficava sentada em sua cadeira de balanço de espaldar alto, cerzindo costuradinhos.

Era o seu trabalho perpétuo; nunca parava. Nem mesmo dormia. Era velha demais para dormir, dissera uma vez. Não tinha mais sonhos para sonhar. Portanto costurava e se balançava, e ouvia as histórias das vigílias solitárias do neto.

Às vezes, quando as peles dos costuradinhos se empilhavam à sua volta e ela própria era tomada por uma estranha demência, Mater Heteróclita também falava consigo mesma. Diferentemente do neto, ela não clamava por companhia. Falava em uma língua antiga conhecida como Alto Abaratês, que era incompreensível para todos os que ouviam a velha. Mas os ouvintes não precisavam compreender as palavras para entender o que Mater Heteróclita estava debatendo consigo mesma. Uma olhada para o exército de

costuradinhos que ela estava reunindo fornecia a resposta para essa pergunta.

O assunto era *guerra.* Guerra era a sua obsessão. Ela cerzia as peles dos soldados e planejava a formação de combate enquanto trabalhava. No decorrer dos anos, ela e as suas costureiras tinham criado dezenas de milhares de guerreiros. A maior parte deles, tendo lama no lugar de músculos, não precisava comer nem respirar. Ela os reunira nos grandes labirintos embaixo da ilha, onde aguardavam nas trevas a convocação às armas.

E enquanto eles aguardavam nas entranhas de Gorgossium, Mater Heteróclita também esperava. Esperava, costurava e conversava consigo mesma na língua dos Ancestrais sobre o grandioso futuro em que Cristóvão Carniça declararia guerra às ilhas da luz, e seu exército — o seu vasto exército sem alma, feito de lama, linha e remendos — marcharia para a guerra em nome da Meia-Noite.

Quanto ao arquiteto de Cidade Commexo, Rojo Pixler, ele tinha as suas próprias fainas, ambições e meditações.

No coração da sua cidade prateada, escondido dos cidadãos atarefados que enchiam as ruas daquela metrópole, havia um grande corredor circular. Com trinta metros de altura, estava forrado de telas do chão até o teto, nas duas paredes. Era o lugar para onde as dezenas de milhares de espiões de Pixler, os filhos voyeurs do Olho Universal de Voorzangler, enviavam seus relatórios.

Aquele se tornara um lugar que Rojo Pixler freqüentava cada vez com mais assiduidade, circulando pelo corredor durante horas a fio, inspecionando as inúmeras telas. Na verdade, ele não estava realmente interessado nas informações que vinham de Tazmagor, ou de Babilonium, ou de Yebba Dia Sombrio. Ultimamente, eram os

relatórios que vinham das profundezas de Izabella que capturavam a atenção de Pixler.

Hora após Hora ele percorria o Anel no seu disco voador, com as mãos nas costas, os pés bem separados, estudando as telas à procura de notícias das mais profundas trincheiras do Izabella. E por quê? Porque havia *vida* lá embaixo. Seus espiões-peixe, indo mais fundo do que de costume, avistaram grandes marcas de garras nas paredes das fissuras, evidência indiscutível de que havia nas profundezas do Izabella algum tipo de criatura que demandava o seu estudo.

Quando consultou os tratados mágicos que roubara, vasculhando as páginas encorpadas atrás de alguma pista para a natureza daquelas bestas, encontrou mais do que esperava.

No sétimo volume dos *Seis de Lumerique,* descobriu um texto apocalíptico que descrevia muito bem os ocupantes dos abismos de Izabella.

Era uma raça de criaturas chamadas Requiax, bestas de sublime perversidade que viviam, de acordo com Dado Lumerique, "nas entranhas abissaes da Mãe Pelágica".

Elas não permanecerão lá para sempre, profetizou Lumerique. Chegará o tempo em que essas criaturas se erguerão das profundezas.

"... ellas têm de há muito annelado — escrevera Lumerique —, por aquelles tempos em que a tênebra s'abbaterá por sobre muitas de nossas insulas, obliterando a luz d'astrorei, de luna e d'estrellas. D'essa aterradora Meyanoite, quan toda luz se há de finar, mui gran pestilência há de provir; e crimes tais han de commeter contra a vida que persempre se transfigurará a hierarquia das cousas.

"Isto eu, Dado Lumerique, affirmo ser veraz proffecia e a mi ditoso considero ao âmago de minh'alma pois não mais hei d'estar no palco dos viventes a testemunhar eventos taes, visto que haveran

d'estar mui além do que pode padecer o humano juízo. As grandes urbes volveran ao pó, e também destarte os eminentes homens e mulheres, e tudo será levado pelo vento..."

Pixler tomou a peito as palavras de Lumerique, especialmente a parte sobre a destruição das cidades. Ver a Cidade Commexo arrasada? Obliterada como se nunca tivesse existido? Era impensável.

Ele tinha de estar preparado para essa "aterradora Meyanoite", quando surgissem os Requiax. Era preciso fazer planos; fortalecer as defesas. Se os Requiax aparecessem, como previra Lumerique, ele e a sua cidade de sonho estariam prontos para desafiar a profecia e enfrentar as trevas.

Enquanto isso, o arquiteto da Cidade Commexo circulava pelo Anel, dando voltas e mais voltas, estudando as telas, alerta para algum sinal de movimento nas profundezas não mapeadas de Mamãe Izabella...

Estava nevando em Galinhópolis. Ou pelo menos assim parecia.

Candy estava no quintal da casa na rua Followell, 34, e os gordos flocos brancos turbilhonavam à volta dela, acarpetando a terra marrom e a grama cinzenta.

Mas havia algo de estranho com aquela nevasca. Para começar, parecia estar acontecendo no meio de uma onda de calor. O cabelo de Candy estava grudado no suor da testa, e a camiseta, colada nas costas. Além disso, a neve descia em espirais de um céu perfeitamente azul.

"Estranho", pensou ela.

Ela estendeu a mão para cima e pegou um dos flocos de neve. Era macio em sua palma. Abriu a mão. O floco tinha uma gota de

sangue em cima dele. Desconfiada agora, examinou o floco mais atentamente. Apesar do calor da mão, não estava derretendo. Antes que pudesse examiná-lo ainda melhor, no entanto, uma lufada de vento o levou embora, deixando um fino rastro vermelho no meio da sua palma.

Ela estendeu a mão e pegou outro floco. Depois outro, e mais outro. Não eram flocos de neve, percebeu. Eram penas. Penas de galinha. O ar estava cheio delas, uma nevasca de penas de galinha.

Sentiu-as roçando a pele do seu rosto, algumas deixando pequenos rastros de sangue. Horrível. Tentou enxugá-los com a mão, mas a tempestade de penas parecia estar ficando pior.

— Candy?

Seu pai saíra da casa. Tinha uma garrafa de cerveja na mão.

— O que está fazendo aqui fora? — ele perguntou.

Candy pensou um instante, depois balançou a cabeça. A verdade era que ela não sabia o que estava fazendo lá. Teria vindo olhar a neve? Se era isso, não se lembrava.

— Volte para dentro — disse o pai.

O pescoço dele estava intumescido, os olhos injetados. Tinha no olhar uma expressão malévola que Candy conhecia bem; precisava tomar cuidado. Ele estava à beira de perder o controle.

— Você me ouviu — disse ele. —Volte para dentro de casa. Candy hesitou. Não queria contradizer o pai bêbado, mas não queria ir para dentro. Não com ele naquele estado.

— Eu só queria dar uma voltinha — disse ela suavemente.

— Do que está falando? Você não está dando voltinha nenhuma. Agora vá já para dentro!

Ele a agarrou pelo pescoço, perto do ombro, tão apertado que ela soltou um grito.

Como que em resposta ao seu grito, uma algazarra irrompeu no quintal em volta dela: o cacarejar de incontáveis galinhas. As aves estavam por toda parte, enchendo o quintal em todas as direções. Ela sentiu uma espécie de repugnância ao ver tantas galinhas. Tantos bicos, tantos olhinhos brilhantes; tantas cabeças viradas de lado para olhá-la.

— Como elas vieram parar aqui? — disse ela, esticando o pescoço para se livrar do aperto do pai.

— Elas moram aqui — disse ele.

— O quê?

— Você me ouviu! — disse o pai, sacudindo-a. — Deus, como você é burra. Eu disse: elas moram aqui. Olhe.

Candy voltou o olhar nauseado para a casa. Ele estava certo. Havia galinhas no telhado, acarpetando-o como neve com olhinhos de contas; galinhas nas janelas, forrando os peitoris; galinhas acocoradas por toda a cozinha. Em cima da mesa; dentro da pia. Ela pôde ver a mãe em pé no meio da cozinha com a cabeça baixa, chorando.

— Isto é loucura — murmurou Candy.

— O que foi que você disse?

Seu pai sacudiu-a de novo, dessa vez com mais violência. Ela se desvencilhou dele e recuou cambaleando. Perdeu o equilíbrio e caiu na terra dura, com o fedor acre do excremento de galinha enchendo-lhe as narinas. O pai começou a rir; um riso perverso, sem alegria.

— Candy! — disse alguém.

Ela cobrira o rosto com as mãos para não ser arranhada pelos pés das galinhas e não viu quem era, mas alguém a chamava. Seria alguém na casa? Ela espiou entre os dedos.

— Menina burra — disse o pai, abaixando-se para agarrá-la de novo.

Nisso a voz se fez ouvir uma segunda vez.

— Candy?

De quem seria aquela voz? Obviamente não era do pai. Ela tirou as mãos do rosto cautelosamente e olhou em volta. Haveria mais alguém nas vizinhanças? Não. Somente o pai, rindo. E a mãe, chorando na cozinha. E as galinhas. As intermináveis e ridículas galinhas.

Nada daquilo fazia sentido. Parecia algum horrível...

"Espere", ela pensou.

— Espere! Isto é um sonho.

Assim que ela formulou aquele pensamento, a voz chamou outra vez. — Por favor, Candy — disse ele. — Abra os olhos.

"É só isso que preciso fazer", pensou ela consigo mesma. "Só o que preciso fazer é abrir os olhos."

A idéia era tão simples que a fez chorar. Podia sentir as lágrimas fazendo pressão entre os cílios apertados e escorrendo pelas faces.

"Abra os olhos", ela disse em pensamento para si mesma.

— Você é uma grande decepção para mim — dizia o seu pai de sonho. — Sabia disso? Eu queria uma filha que me amasse. Em vez disso, tenho você. Você não me ama. Você me ama? — Ela não respondeu. — RESPONDA! — gritou ele.

Ela não tinha resposta para dar, pelo menos uma que ele quisesse ouvir. Então ela simplesmente ergueu os olhos para ele e disse:

— Adeus, pai. Preciso ir.

— Ir? — disse ele. — Aonde diabos você acha que vai? Você não vai a lugar nenhum. Nenhum.

Candy sorriu consigo mesma.

E sorrindo, ela abriu os olhos.

Estava de volta ao barco de uma só vela que os levara embora da praia da Vigésima Quinta Hora. Ele oscilava gentilmente, como um berço. Não era de admirar que tivesse sido embalada até dormir. Malingo estava ajoelhado ao lado dela, a mão coriácea pousada de leve no seu ombro.

— Ah, aí está você — disse ele quando os olhos dela se fixaram nele. — Por um minuto fiquei sem saber se a acordava ou não. Então decidi que você não estava gostando muito do seu sonho.

— Não estava mesmo.

Candy sentou-se, e as lágrimas que derramara no sonho escorreram pelo seu rosto. Ela deixou que escorressem. De um modo curioso, pareciam ter lavado e clareado sua visão. O mundo em volta dela — o Mar de Izabella, o céu cheio de nuvens infiltradas de luz, e até a vela enfunada — parecia mais bonito do que palavras poderiam descrever.

Ela ouviu o que imaginou ser uma risada ao lado do barco e foi olhar o que era. Um cardume de peixes do tamanho de golfinhos pequenos, só que cobertos de escamas com um lustre dourado, nadava em volta da embarcação, revezando-se para pular na esteira e sentir a espuma fervilhando nas costas.

O ruído que faziam era como o de risos. Não, pensou ela, não era como risos. Eram risos. E era um som que combinava com todo aquele mundo radiante para o qual acordara: mar, céu e vela. Havia risos em tudo aquilo naquele momento.

Ela ficou em pé, com o vento pelas costas. Sua insistência a lembrou de quando estava no farol, o que parecia ter sido séculos

antes, sentindo contra as costas a pressão da luz que convocara o Mar de Izabella.

— Estou aqui, não estou? — disse ela a Malingo, segurando o mastro para se firmar.

Malingo juntou-se aos risos.

— É claro que você está aqui — disse ele. — Onde mais haveria de estar?

Candy encolheu os ombros.

— E só... um lugar que eu sonhei.

— Galinhópolis?

— Como adivinhou?

— As lágrimas.

Candy enxugou o que ainda restava das lágrimas com a mão livre.

— Por um minuto... — começou ela.

— Você pensou que estava presa lá de novo. Ela assentiu.

— Então, quando acordei, por um momento não tive certeza de qual dos dois lugares era real.

— Acho que, provavelmente, ambos são reais — disse Malingo. — E talvez um dia peguemos carona na maré e voltemos para lá, você e eu.

— Não posso imaginar por que faríamos isso.

— Nem eu — disse Malingo. — Mas nunca se sabe. Houve uma época, eu diria, em que você não poderia imaginar estar aqui.

Candy concordou.

— É verdade — disse ela.

Seu olhar se desviara de novo para os peixes que riam. Pareciam estar competindo entre eles para ver qual era capaz de saltar mais alto e, assim, ganhar a atenção dela.

— Você acha que uma parte de mim talvez tenha estado sempre aqui, em Abarat? — perguntou Candy a Malingo.

— Por que diz isso?

— Bem... E que sinto este lugar como se fosse o meu lar. Não aquele outro lugar. Este. — Ela olhou para cima. — Este céu. — Então olhou para o mar. — Este mar. — E por fim, para a própria mão. — Esta pele.

— Aqui é a mesma pele que era lá.

— Será? — disse ela. — De um certo modo, não parece ser. Malingo arreganhou os dentes num sorriso.

— Do que você está rindo agora?

— Só estou pensando que pessoa estranha você é. Minha heroína. — Ele beijou-a na bochecha, ainda sorrindo. — A menina mais estranha que já conheci.

— E quantas meninas você conheceu?

Malingo precisou de um ou dois momentos para fazer seus cálculos. Então disse:

— Bem... Na verdade, só você. Sem contar com mamãe.

Foi a vez de Candy começar a rir. E os peixes saltadores juntaram-se a ela, pulando cada vez mais alto em seu deleite.

— Acha que eles entenderam a piada? — disse Malingo. Candy olhou para o céu.

— Acho que o mundo inteiro entendeu a piada — disse ela.

— Boa resposta — retrucou Malingo.

— Olhe para isso — disse Candy, apontando para as alturas. — Devemos estar indo em direção a uma Hora Noturna. Estou vendo estrelas.

O vento arrastara as nuvens para o sudoeste. O céu agora era de um azul imaculado que ia escurecendo até o roxo acima deles.

— Lindo — disse ela.

Olhando para os pontinhos de luz das estrelas, Candy se lembrou de como notara pela primeira vez que as constelações ali eram diferentes das do mundo de onde viera. Estrelas diferentes; destinos diferentes.

— Existe uma astrologia abaratiana? — disse ela a Malingo.

— É claro.

— Então, se eu aprender a ler as estrelas, talvez descubra o meu futuro lá em cima. Isso resolveria uma porção de problemas.

— E estragaria uma porção de mistérios — disse Malingo.

— É melhor não saber?

— Melhor descobrir no momento certo. Tudo tem a sua Hora.

— Você tem razão, é claro — disse Candy. Talvez um olho mais experiente que o dela fosse capaz de ler o amanhã nas estrelas daquela noite, mas qual seria a graça? Era melhor não saber. Melhor estar viva no Aqui e Agora, neste momento luminoso e cheio de risos. E deixar que as Horas do Porvir cuidem de si mesmas.

Jornada ao fim do dia,

Chega o vaga-lume,

Chega a Lua;

A divina graça, uma oração,

E o sono calmo, sem tensão.

C. B.

Assim termina

o primeiro livro de Abarat.

APÊNDICE

ALGUNS EXCERTOS DO ALMENAK DE KLEPP

PARA UM VIAJANTE EM ABARAT, poucos documentos podem ser tão úteis ou tão completos em seu conteúdo quanto o *Almenak de Klepp*.

Foi publicado pela primeira vez há cerca de duzentos anos, e é uma salada de fatos e ficção em que o autor, Samuel Hastrim Klepp, escreve num momento como explorador prático, no seguinte como mitólogo. Há erros significativos em todas as páginas, mas há também uma certa razão para acreditar que Klepp sabia que estava brincando de modo irresponsável com a verdade. Ele fala a uma certa altura de "fazer crescer o pão chato a partir do que sabemos, com o fermento daquilo que sonhamos que pode vir a acontecer".

Por questionável que seja o seu valor como obra veraz, não há dúvidas sobre a influência que tem o *Almenak de Klepp* sobre os corações do povo de Abarat. O *Almenak* é atualizado anualmente pelo atual descendente de Klepp, Samuel Hastrim Quinto. Ele manteve o conteúdo do livro praticamente como sempre foi: faz a crônica dos dias santos por todo o arquipélago; traz as tabelas das marés e das estrelas; lista todos os tipos de eventos, míticos e reais. Ele traz as regras de dois dos esportes favoritos de Abarat: a Luta de Insetos Micassianos e o Tiro às Estrelas. Também lista Eventos Celestiais, tanto Benignos como Apocalípticos, traz notícias sobre o surgimento de ilhas e, para os que apreciam a inevitabilidade implacável, faz a crônica do constante — ainda que infinitesimal afundamento de outras ilhas. Além disso, estão contidas nas páginas do *Almenak* as notícias de Extinções, Migrações, Emancipações e

Redefinições do Infinito, ao passo que, para aqueles que procuram informações mais práticas, ele contém mapas de todas as ilhas e de todas as principais cidades, inclusive as que foram destruídas pelo tempo ou por calamidades.

É, em suma, o guia essencial do arquipélago. Mesmo que (como um certo Jengo Johnson calculou uma vez) nada menos que cinqüenta por cento de suas informações sejam — por este ou aquele motivo — questionáveis, todo marinheiro ou caixeiro-viajante que atravessa Abarat, todo peregrino ou criador de porcos nos negócios de culto ou castração, tem um exemplar do *Almenak* ao alcance da mão, e cada qual encontra algo de valor em suas contraditórias páginas.

Se pudesse, eu reproduziria tudo aqui. Mas isso naturalmente é impossível. Vou limitar-me, em vez disso, às eloqüentes descrições de Klepp das principais Horas, inclusive a Vigésima Quinta, com algumas referências ao que o autor apelida de "Rochedos com Alguma Importância" (embora estas sejam necessariamente incompletas; pequenas ilhas aparecem e desaparecem o tempo todo no Mar de Izabella; uma listagem completa estaria desatualizada assim que fosse impressa).

Listarei as Horas, como Klepp, começando com o Meio-Dia.

No entanto, advirto os que se sentirem tentados a usar as informações que se seguem como um guia literal às ilhas de que procedam com extrema cautela. Vale a pena lembrar que Samuel Klepp Primeiro morreu ao se perder em uma das Ilhas Exteriores. Foi encontrado, morto por exposição à intempérie, com um exemplar do seu próprio *Almenak* nas mãos. De acordo com um mapa detalhado no *Almenak* que ele mesmo desenhara, deveria haver lá um pequeno povoado que levava o seu nome, no exato lugar onde pereceu; sem dúvida estava procurando a aldeia quando foi surpreendido pela exposição. Acontece que a tal aldeia não existia.

Porém, depois da sua morte, *foi* fundada uma pequena cidade naquele lugar, para atender os turistas que vinham conhecer o local onde o grande criador do *Almenak* faleceu. E foi, de fato, chamada de Klepp.

Seu mapa, portanto, estava correto. Apenas foi prematuro.

Coisas assim acontecem com freqüência no arquipélago, especialmente naquelas ilhas que são mais próximas à Vigésima Quinta Hora. Portanto, considere-se advertido.

Aqui vão, então, alguns breves excertos das descrições de Klepp para as vinte e cinco ilhas de Abarat.

"Da Ilha de Yzil, que é o Meio-Dia, permitam-me lhes diga o seguinte: é um lugar de excepcional beleza e fecundidade. Além do mais, faz bem à alma (às vezes) ter o sol diretamente acima da cabeça. Aqui em Yzil, o homem que busca a fama deve ser lembrado de viver o momento e não se importar demais com onde sua sombra poderá cair amanhã, mas antes se preocupar com onde ela está hoje. "A ilha tem clima temperado e luxuriante. Uma brisa gentil passa constantemente pela espessa vegetação, e criaturas de todas as formas e tamanhos pairam por entre as folhagens, transportadas pela aragem. Diz-se que a sua procedência singular é uma Criadora de origem ancestral, chamada Princesa Ânima, que tem seu lar aqui em Yzil, e está no infinito e enlevante processo de conjurar formas de vida a partir da sua divina essência, as quais a brisa carrega pelo dossel verdejante e através do Mar de Izabella. Ali, capturadas por esta ou aquela maré, são transportadas a todas as ilhas, para povoá-las com novas espécies de vida.

"À Uma Hora, que fica a su-sudeste de Yzil, está a Ilha de Obamotim. Segundo a tradição, aqui era um antro de bandidos do

mar e bucaneiros. Como a Uma Hora é a minha hora do almoço, muitas vezes tenho ido a esta ilha em busca de um saudável repasto e posso alegremente relatar que, quaisquer que sejam os tipos piráticos e diabólicos que freqüentam a ilha, sua presença não impediu que cozinheiros de Obamotim se tornassem verdadeiros gênios em seu ofício. Posso afirmar com franqueza que não existe em Hora alguma comida melhor.

"A topografia da Ilha de Obamotim não é atraente. É, na maior parte, pedregosa, embora haja áreas no interior onde a terra se torna imprevisivelmente pantanosa. Essas áreas, que os obamotinianos chamam de Sumidouros, são o hábitat dos pássaros kalukwa, uma espécie que, ao que se relata, choca ovos contendo bebês humanos penugentos a cada nove anos. Essas crianças, caso sejam salvas de ser bicadas até a morte pelos jovens da ninhada anterior, são freqüentemente resgatadas pelos piratas e criadas como filhos. Isso significa que a ilha, longe de se parecer com um vil enclave de ladrões e assassinos, se assemelha mais a uma ilha de crianças selvagens afetuosamente cuidadas pelo já mencionado vil enclave de ladrões e assassinos, como mães cuidando de seus filhos errantes (e às vezes ligeiramente emplumados).

"Às Duas fica Boné de Orlando, uma ilha que não conheço muito bem. Aqui está localizado um asilo para os insanos, assim sediado porque seu fundador, Izzard Coyne, acreditava que Duas da Tarde fosse uma Hora que promove uma cura balsâmica da alma.

"A ilha, contudo, é tão detestável que é difícil imaginar que os propensos à irracionalidade se sintam muito confortáveis ali. O nome da ilha, aliás, vem de seu formato, que lembra um boné. Não consigo encontrar nenhuma evidência de quem era Orlando nem, suponho, os lastimáveis ocupantes da ilha se importam muito.

"Deve-se observar, para os que se interessam seja pelos produtos da mente insana, seja pela arte (e quão freqüentemente

essas são a mesma coisa!), que as metodologias de cura de Coyne incluíam fornecer aos seus pacientes recursos para criar. Assim, os artefatos da lavra de seus pacientes estão esparsos por toda Boné de Orlando. Alguns são de humildes ambições, mas outros parecem ser mundos fantásticos inteiros, esculpidos em pedra ou madeira e muitas vezes pintados em cores alucinógenas.

"Quando consideramos o modo como as ilhas estão distribuídas no Mar de Izabella, parece haver a mão de um projetista trabalhando, a qual conspira com a natureza para pôr abaixo as nossas expectativas. Assim, bem ao lado da Ilha de Boné de Orlando, que é um lugar de austero cenário (se bem que animado pelas criações dos pacientes de Coyne), está a Por Hora que é, aos meus olhos, a mais bela das ilhas. Como elas podem ser tão diferentes uma da outra se são separadas por uma passagem de água tão estreita que se pode atingir o outro lado com uma pedra?

"Três da Tarde, a Ilha de Por Hora, é um tempo de sonho. Os labores do dia já estão meio encerrados e nossos pensamentos se voltam para os prazeres que, esperamos, as Horas do crepúsculo poderão prover. Pessoalmente, aprecio a sesta por volta deste horário, e posso testemunhar o fato de que os que cochilam em Por Hora não evocam sonhos comuns. Eles imaginam o Princípio do Mundo. Já fiz isto pessoalmente diversas vezes: dormi lá e sonhei cora algum lugar paradisíaco onde não existe a inimizade, nem a divisão entre plantas e animais, anjos e homens. O que me sugere que existe um fundo de verdade na alegação (feita nos mais elevados círculos metafísicos) de que Por Hora é a ilha onde a vida no arquipélago começou.

"Então prosseguimos até Gnomon, que fica às Quatro Horas.

"Aqui, quero abrir um parêntese com uma pequena peça autobiográfica. Alguns anos atrás, perdi minha esposa. Literalmente a perdi, em um labirinto de Soma Pluma. Não preciso dizer que fiquei muito angustiado com isso (eu era excepcionalmente apaixonado por ela) e, aceitando o conselho do meu cunhado, fui a Gnomon à procura de um oráculo que pudesse me esclarecer sobre o paradeiro de minha esposa.

"A despeito da reputação insulsa da Hora (não há nada de muito místico às Quatro da Tarde), o lugar está repleto de ruínas de templos e outros sítios oraculares. Em algumas partes da ilha o ar está cheio de vozes sussurrantes, como fragmentos de mil profecias não cumpridas. Pessoalmente, acho este um lugar um tanto perturbador, sendo a Costa Norte o seu ponto mais inquietante; do topo de suas falésias o visitante pode olhar para a Ilha da Meia-Noite através dos Estreitos do Limbo. Não existe nada nessa Hora desprezível que se possa ver dessa distância, é claro, a não ser rocha nua e véus de ondulante névoa carmesim. Mas isso é mais que suficiente para deixar as imaginações mais pobres suando frio de pavor. De qualquer modo, voltemos à minha história...

"O oráculo que consultei em Gnomon de fato forneceu algumas informações que finalmente me conduziram ao resgate da desaparecida sra. Klepp. Mas enquanto procurava o oráculo, descobri um fenômeno extremamente estranho: Gnomon possui diversas estradas que parecem não dar cm lugar nenhum. A teoria que ofereço para explicar isso é que Gnomon fora antes parte da ilha adjacente de Soma Pluma, que tem duas vezes o seu tamanho. Qual o cataclismo que causou o afundamento da terra entre as duas ilhas é algo que só podemos especular, mas certamente explicaria o mistério das estradas, pois seu destino seria então o Grande Zigurate Noemático em Soma Pluma.

"O Zigurate tem sido, desde tempos imemoriais, um local de sepultamento e, por essa razão, há muitos que se intitulam exploradores e geógrafos, porém jamais ousaram se aventurar por lá. Bah! é o que tenho a dizer sobre a covardia deles. Em minhas viagens, nunca tive com os falecidos relações que não fossem no mínimo agradáveis. (Isso é especialmente verdadeiro no que se refere aos falecidos de longa data; os que morreram recentemente podem ser ocasionalmente irritantes.) De qualquer modo, eu vos exorto: não vos deixeis desanimar pelos rumores que correm sobre o Zigurate Noemático. Ele é um espanto.

"Os que viajam de navio, especialmente os que pilotam as suas próprias embarcações, devem ser advertidos de que a etapa seguinte da viagem, a passagem de Soma Pluma para Babilonium, que fica a apenas uma Hora de distância, às Seis Horas, pode ser traiçoeira. Não que as águas de Izabella sejam particularmente picadas naquelas imediações, mas porque existe sempre tal convergência de almas felizes em volta da Sexta Hora que a navegação por entre as centenas de barcos que se aglomeram nos estreitos se torna difícil. Testemunhei inúmeras colisões e emborcações na estreita faixa de água e até mesmo, lamento dizer, uma fatalidade ocasional, pondo a perder expedições que de outra forma seriam jubilosas.

"Que mais posso dizer sobre Babilonium? Se conhecem um pouco que seja sobre estas nossas ilhas, então a reputação desta prazenteira Hora lhes será perfeitamente familiar. Se estão enfastiados com Babilonium, diz o ditado, estão enfastiados com a vida, pois entre suas tendas e palcos, seus hipódromos e arenas, está todo tipo de coisa lúdica que possa ser engendrada pelo titeriteiro, domador, músico, saltimbanco ou prestímano. Jamais deixei essa ilha sem uma sensação de que só debiquei um pequenino sorvo de seus prazeres, prometendo a mim mesmo retornar em breve.

"Talvez o peso em meu coração seja maior devido à cena que me aguarda à frente: a Ilha das Sombras Alongadas, Scoriae. Perdoai-me se não me estendo por demais em minúcias dessas cinéreas paragens. Scoriae deprime a alma.

"É claro que Scoriae não é a única ilha do Abarat capaz de prontamente eclipsar a capacidade natural do homem para o júbilo. Como disse alhures, também o faz a Meia-Noite. Outrossim, por diferentes razões (que abordarei mais à frente) a Ínsula do Ovo Negro, que se situa às Quatro da Manhã; e mesmo Ponto-Fru, que se situa às Cinco. Todavia muito há em Scoriae que convida a um singular desalento. É árida, decerto: massa esparramada de rochas ígneas e poeira negra cercando a ferida aberta do vulcão, o Monte Galigali, que fica em seu centro. As erupções e furores do Galigali no decorrer das eras devoraram três cidades magnificentes: Deush, Divinium e Mycassius. Vagar pelas ruínas de qualquer uma das três é uma atividade melancólica. Todas eram nobres cidades, repletas de almas formosas e dedicadas.

Nenhuma dessas almas, que seja do nosso conhecimento, sobreviveu aos acessos de Fúria do Galigali. Restaram-nos apenas os vestígios de suas vidas, coagulados em cinzas vulcânicas: seus templos, suas raias de corrida, suas creches.

"Comentei atrás que jamais encontrei um camarada falecido cuja companhia não apreciasse. Devo excetuar alguns dos espectros de Deush que foram — em uma ocasião, alguns anos atrás — rudes o bastante para me expulsar de sua cidade, com seus uivos e ruídos. Contudo devo acrescentar o seguinte: eu mal acabara de alcançar a segurança do meu barco quando Galigali soltou um rugido e arrotou uma chuva de rocha líquida, que foi precipitar-se sobre o local que poucos minutos antes eu estivera explorando. Os espectros, em suma, não desejavam me fazer mal com sua investida. Simplesmente não almejavam somar meu nome ao rol das vítimas do Galigali.

"Agora devemos encetar a jornada de um lado do Abarat para o outro, movendo-nos na direção su-sudeste. A jornada, é claro, ainda leva uma Hora, pois estamos indo para as Oito Horas da Noite, rumo a Yebba Dia Sombrio. "A Ilha de Yebba — A Grande Cabeça, como é coloquialmente chamada — é esculpida à semelhança de seu antigo proprietário, Gorki Doodat, e é um dédalo de túneis e diminutas, decrépitas habitações. Sobre o crânio pétreo de Doodat (um acréscimo que só foi feito após a morte do potentado) está encarapitada meia dúzia de torres, ocupadas pelos personagens ricos o bastante para se permitirem tão altivas moradias. Ao que se diz, algumas dessas torres contêm habitantes de incalculável idade: os ancestrais da Nação Aeph, que foram os primeiros arquitetos das ilhas. Não posso confirmar nem negar esses rumores.

"Com o correr dos anos, Yebba Dia Sombrio se tornou a capital informal das Ilhas Interiores, e muito trabalho burocrático é feito nos labirintos da cabeça de Gorki Doodat. Aqui um cidadão abaratiano pode obter certidões de nascimento, certidões de óbito, cartas marítimas, mapas e similares. A lista de preços está afixada ao muro, perto da entrada da Grande Cabeça. Em muitos casos o preço dos mapas e cartas continuou sendo da ordem de um zem ou dois durante todos os anos em que estive explorando as ilhas. Meu modesto prelo fica aqui, nas Oito Horas, em um pequeno escritório na base das torres.

"Yebba Dia Sombrio assinala a última saudação da luz do dia. No momento em que chegamos a Huffaker, que fica às Nove Horas da Noite, até mesmo o último vestígio da luz do sol já partiu dos céus. Huffaker é uma ilha impressionante, em termos topográficos. Suas formações rochosas — em especial as que ficam abaixo do solo — são vastas e elaboradamente belas, assemelhando-se a catedrais e templos naturais. A maior delas é a Abóbada de Hap, descoberta por uma certa Lydi.a Hap. Mesmo que fosse uma simples caverna, seria suficiente mente notável pela quimérica precisão de suas simetrias.

Mas não é. Foi a srta. Hap a primeira a sugerir a noção da Câmara da Madeixa.

"A Madeixa? Como poderia eu começar a descrever a Madeixa? "A palavra, é claro, tem origens humildes. Significa uma porção de fio ou linha enrolada em novelo. Mas a Madeixa Abarática, conforme a descreve Lydia Hap, é algo muito mais significativo. É o fio que junta todas as coisas — vivas e mortas, sencientes e irracionais — a todas as outras coisas. De acordo com a persuasiva srta. Hap, o fio se origina na abóbada em Huffaker, aparecendo por um momento como uma espécie de luz bruxuleante antes de seguir caminho serpenteando invisível por todo o Abarat, iniciando sua missão de nos conectar uns com os outros. Visitei a Abóbada duas vezes e, em ambas as ocasiões, vi fenômenos que poderiam muito bem ajustar-se à teoria de Lydia Hap: finas linhas de luz entrecruzando-se na caverna. Talvez o que vi tenha sido uma ilusão de óptica e a noção de Conectividade Infinita seja pura invenção sentimental. Entretanto, aquilo em que queremos acreditar e o que é de fato verdade são, penso eu, coisas mais intimamente relacionadas do que os Racionalistas querem às vezes que acreditemos. Pessoalmente, não duvido que alguma força nos conecte a tudo o mais em nosso arquipélago. Mesmo desejando que fosse diferente — pois não somos apenas unidos àquilo que agrada aos nossos olhos e à nossa moral, mas também àquilo que é vergonhoso e feio —, somos indiscutivelmente parte de um sistema maior que nós mesmos. Até que alguém apareça com uma idéia melhor, a Madeixa de Lydia Hap é perfeitamente satisfatória.

"Da escala grandiosa de Huffaker prosseguimos para as Dez Horas, onde há uma ilha de proporções mais modestas chamada Malhoparvo, que possui poucos atrativos dignos de nota, exceto talvez a pequena cidade de Alta Esladéria, que é ocupada por uma tribo de ferozes gatardos. Sobre uma colina no lado nordeste da ilha há uma casa de estranha construção com uma cúpula que, conforme a luz, pode se assemelhar a um olho para quem se aproxima da ilha

de barco. Acredito que tenha sido o domicílio de feiticeiros através dos tempos. Pouco mais tenho a dizer sobre a ilha, já que jurei segredo no que diz respeito às atividades taumatúrgicas.

"Ali perto, contudo, fica um Rochedo com alguma importância chamado Cúspide de Alice. É um lugar minúsculo, mas foi, por alguns anos, o melhor ponto de observação para se ver a Torre de Odom, que se situa na Vigésima Quinta Hora. Foi construído um mirante sobre a cúspide e grandes telescópios foram levados à ilha. No entanto, uma tempestade de inusitada ferocidade pôs abaixo a estrutura depois de algum tempo, e uma corrente de opinião acredita que essa tempestade se originou na Torre, pois aqueles que ocupam a Vigésima Quinta Hora não desejam ser espionados. Ouvi pessoas se referirem a essas entidades como os Fantomaya, mas quem ou o que possam ser essas criaturas está além da minha compreensão.

Os remanescentes do mirante, aliás, ainda podem ser vistos por quem navega nas proximidades da Cúspide de Alice. Mas o Rochedo em si não mais possui ocupantes humanos.

"Prosseguimos, então, para as Onze Horas e a Ilha de Al-Garabia. Esse é verdadeiramente um local de paradoxos. Muito embora a maior parte da ilha seja constituída de rocha nua, ali existe uma peculiar mutabilidade no ar. Basta desviar o olhar por um momento e essa pedra, que parecia sólida um momento antes, parece ter-se escoado em alguma nova configuração. É fácil se perder ali, embora a ilha não seja grande; nenhum caminho permanece no mesmo lugar por muito tempo. "Segundo a tradição, uma tribo de mulheres ocupava Al-Garabia, e o seu apetite por tornar a ilha intragável para os visitantes, especialmente os do sexo masculino, foi em grande parte responsável pela natureza polimorfa da paisagem. No decorrer dos séculos, essas mulheres extraordinárias fizeram com que os elementos de Al-Garabia desafiassem as leis segundo as quais esses

elementos convencionalmente vivem. Aqui, as pedras são fluidas; o fogo queima frio; a água é como ferro; e o ar — que esperamos sirva às nossas necessidades de modo invisível é aqui uma força soberana de per si. O próprio nome da ilha deriva dos meios pelos quais o ar continua a modificar até mesmo as palavras que um visitante possa pronunciar, transformando o sentido em coisa sem nexo, ou 'algaravia'.

"A seguir, é claro, vem a Ilha da Meia-Noite, também chamada Gorgossium. As poucas observações que tenho a oferecer aqui devem ser prefaciadas pela confissão de que jamais pus os pés nessa Hora, nem tenho a menor vontade de fazê-lo.

"Gorgossium é festonada por névoas vermelhas que parecem ter uma vida serpentina própria. A velha fortaleza de Inquisit, com suas treze torres, domina as alturas da Meia-Noite e mira de lá, com aterradora autoridade, a triste paisagem abaixo. A família Carniça, é claro, vem ocupando Gorgossium desde o início da História escrita, e os atributos que a ilha possa ou não possuir (todas estas informações são de terceira ou quarta mão) são obra dessa família. Uma floresta de forcas; um jardim mórbido que contém todas as plantas daninhas da Criação; uma coleção de máquinas engendradas para atormentar e trucidar; tudo isso existe, ao que se propala, nessa ilha.

"Mas isso é o de menos. Há muito, muito mais coisas, com as quais não pretendo macular as páginas deste *Almenak*. Em vez disso, Seguirei adiante, como quem ultrapassa um fétido cadáver na esperança de descobrir alguma visão mais amena.

"Estamos agora, naturalmente, nas Horas mais sombrias da noite. Os céus acima de nós são perfurados de estrelas. É enorme o silêncio. E não existe em Abarat lugar mais silencioso que a Uma Hora da Manhã, onde as seis Pirâmides de Xuxux se erguem das águas escuras e fantasmagoricamente plácidas do Izabella.

"Não longe daqui, visível do outro lado dos estreitos de Secunda, está o Zigurate Noemático em Soma Pluma, que descrevi anteriormente. É claro que a silhueta do Zigurate é notavelmente semelhante à das Pirâmides de Xuxux, e há quem tenha sugerido que todas as sete estruturas foram projetadas pela mesma mão e construídas pelos mesmos pedreiros. Eu discordo. As tumbas de Soma Pluma são, como afirmei atrás, lugares calmos e curiosamente reconfortantes. As seis Pirâmides de Xuxux, contudo (talvez devido à sua proximidade da Meia Noite), são sítios de mistério e tragédia. Quatro das seis foram arrombadas e saqueadas por ladrões, mas as duas maiores continuam impenetráveis, pois têm fechaduras capazes de frustrar até O mais ambicioso mestre do crime. No entanto restam poucas dúvidas de que estejam ocupadas. Alguma coisa vive e prolifera nas grandes Pirâmides; não tenho a pretensão de saber o quê. "Prosseguindo rumo ao noroeste, chegamos a Idjot, que é (na opinião deste explorador) uma ilha de imenso charme. Nunca visitei a ilha sóbrio, devo admitir, portanto a minha perspectiva pode estar de um certo modo influenciada por esse fato. Mas Idjot é uma ilha que encoraja os excessos, uma espécie de jovial insensatez. "À primeira vista, é um lugar improvável para palhaços. Compartilha com a vizinha Gorgossium uma topografia agressiva e árida, sobre a qual tempestades se desencadeiam perpetuamente. Já foi calculado que o visitante de Idjot está mais sujeito a ser atingido por um raio do que um homem nos Poleiros de Efrit está sujeito a ser atingido por excrementos de aves. Posso testemunhar isso pessoalmente. Já fui atingido três vezes enquanto escalava os picos da ilha. A experiência é verdadeiramente refrescante, algo como mergulhar em água gelada. Sim, é verdade que é de tirar o fôlego. Mas depois que passa, a pessoa — caso não morra — sente-se revigorada. Admito que se trata de uma opção extrema, mas a vida intocada por tais extremos seria realmente maçante.

"Deixando Idjot e tomando agora um curso nordeste, nos aproximamos de Pyon, com seu arco instantaneamente reconhecível. Pyon já foi uma ilha tranqüila, mas não é mais. O trabalho de um empresário cujo nome é Rojo Pixler transformou inteiramente a ilha. O sonho de Pixler (alguns chamaram de insensatez) foi construir a maior cidade do arquipélago em Pyon, cujas luzes fossem tão brilhantes que a escuridão da Hora não passaria de uma total irrelevância. Usando fundos acumulados com a venda dos seus produtos domésticos titanicamente bem-sucedidos, Pixler criou a sua própria cidade de sonho. Reunindo o gênio dos feiticeiros com a perícia dos arquitetos mais convencionais (todos eles tocados pelo seu próprio gênio), Pixler não apenas transformou Pyon como poderá eventualmente (e, na opinião deste autor, lamentavelmente) transformar o arquipélago inteiro. Ninguém está a salvo da Panacéia, ou do seu infatigável vendedor, o Commexo Kid.

"As máquinas voadoras de Pixler agora se aventuram longe dos céus de Pyon, enquanto suas escavações abaixo do leito oceânico onde ele pretende construir uma segunda cidade, com três vezes o tamanho da Cidade Commexo — penetram camadas de rocha que estão repletas de vestígios irrecuperáveis das nossas mais remotas origens.

"Porém provavelmente é justo afirmar que um homem como Rojo Pixler não tenha o menor interesse no passado. Ele visa unicamente o amanhã. Uma vida vivida em perpétua expectativa podo ser algo excelente por algum tempo, mas isso é coisa de jovens. O sr. Pixler aparentemente ainda está para ser tocado pela sombra da sua mortalidade. Ouso dizer que, quando isso acontecer, ele poderá vir a ser mais respeitoso em relação a todas as coisas que jazem tranqüilamente no fundo da terra, pois ele mesmo irá algum dia lhes fazer companhia. "Peço desculpas por tão sombrias elucubrações, mas elas me vêm naturalmente quando contemplo o fausto de Cidade Commexo. Não existe muito conforto para se descobrir nas chamadas Ilhas Exteriores, das quais Pyon foi membro um dia.

Agora existem apenas quatro nesse grupo: a Ínsula do Ovo Negro, Ponto-Fru, Efrit e Autland. São inquestionavelmente as menos bonitas, menos charmosas e menos sedutoras do arquipélago. Mas isso não quer dizer que não possuam um grau considerável de dramaticidade.

"Às Quatro Horas, na Ínsula do Ovo Negro, por exemplo, ficam as montanhas Pius, uma cordilheira de penhascos pontiagudos que são o mais alto fenômeno natural das ilhas. (Na verdade, o topo da Torre de Odom, na Vigésima Quinta Hora, está mais perto do Paraíso. Mas posso afirmar que não há nada de natural na torre. É certamente obra de algum arquiteto mais humano que divino.) As montanhas Pius, a despeito de sua inacessibilidade, não são despovoadas. Nos primeiros dias de Abarat, durante as Guerras Celestiais, forças guerrilheiras se escondiam lá e usavam seus refúgios sobranceiros como bases para ataques devastadores às esquadras da Imperadora Deviavex. Os descendentes daqueles rebeldes ainda têm comunidades nos Montes Pius (que é como eles chamam as montanhas), onde vivem uma vida de irrepreensível pureza.

"Quanto ao Ovo Negro, que dá à ilha o seu nome, só posso dizer isto: descobri até esta data duzentas e dezessete explicações para o nome, cada qual contradizendo a seguinte. Como não posso distinguir o valor de nenhuma das explicações em relação às outras, e me parece arbitrário simplesmente escolher uma delas para recontar aqui, acho preferível apenas afirmar que ninguém sabe como a ilha adquiriu o seu nome e deixar por isso mesmo.

"Prosseguindo para oeste, acompanhando a linha das Ilhas Exteriores, chegamos às Cinco Horas e a Ponto-Fru. Geograficamente, trata-se de uma ilha não muito memorável; a terra é arenosa e coberta de grama fina e cortante, o vento ulula sem cessar. Embora dificilmente se possa dizer que o terreno é variegado, a ilha abriga uma vasta gama de espécies, em sua maior parte perigosas. O Nulus, o Focinhudo-Casca-de-Ferida, o Copioso; todos eles têm seus habitats nas pradarias ondulantes de Ponto-Fru. E

quando o território é disputado, ou se os ovos são pisoteados ou roubados, as batalhas que se seguem podem ser brutais e sangrentas. Em suma, Ponto-Fru é mais um bestiário que uma ilha, e não pode ser levianamente invadida.

"A seguinte das Ilhas Exteriores é Efrit. Diferentemente de sua vizinha Ponto-Fru, que sempre foi uma paragem agreste, Efrit já foi um lugar de grande sofisticação. A cidade de Koi, considerada a mais culta de Abarat, foi construída nas estepes inferiores da ilha, que ficam a nordeste. Variam as opiniões sobre quanto tempo durou Koi e por que caiu. Mas o que resta da cidade — colunatas, arcos, afrescos — são testemunha de um lugar de elegância e cultura. Em tempos recentes, as ruínas se tornaram um local assombrado por almas perdidas e infelizes, e ao visitar suas praias melancólicas parece-nos impossível que um mundo radioso já tenha existido lá. A Hora de Efrit, devo acrescentar, é Seis da Manhã.

"Às Sete situa-se Autland, que é ligada a Efrit pela ponte Gilholly. Há um palácio em Autland, construído para a Rainha Muzzel McCray, seguindo um projeto que lhe aparecera em sonho, ou pelo menos é o que reza a lenda local. O marido da Rainha era uma criatura chamada Nimbus, Senhor dos gatardos. Ele ainda mora no Palácio McCray, dentro do sonho, por assim dizer, da mulher que ele amara.

"Restam apenas umas poucas ilhas por descrever. Às Oito Horas, quando o dia clareia, fica Obadiah, uma ilha de flora extraordinária. Aqui o visitante encontrará plantas estranhas e às vezes agressivas, crescendo em uma profusão virtualmente inexaurível. Alguns chamaram Obadiah de Jardim Elegíaco, e sugeriram que pode ter sido uma espécie de laboratório onde os míticos Criadores de Abarat, A'zo e Txá, fizeram experiências com formas de vida. Alguns até alegam ter visto o zarolho A'zo errando pelas encostas abarrotadas de plantas de Obadiah, sua presença fazendo com que

as flores abrissem olhos havia muito dormentes e se estendessem para ele como se quisessem capturar seu olhar e partilhar algum tipo de segredo da terra.

"Às Nove da Manhã chegamos à Ilha de Nause-Eca. É um lugar intrigante para se explorar, pois tem duas faces distintas. A beira ocidental da ilha fica o movimentado porto marítimo de Tazmagor, onde a comida é boa, as pessoas são felizes e o ar está cheio de sons de canções improvisadas. (Os tazmagorianos realizam festivais regulares em que os competidores criam canções épicas na hora, a partir de temas escolhidos pela multidão. O campeão reinante é uma certa Vera Verrusuja que, no último festival, entreteve o público com uma canção de nove minutos sobre o tema da evisceração de peixes.)

"Além dos limites de Tazmagor, mais para a ponta oriental da ilha, a terra é vazia. Ninguém constrói lá; nem sequer uma choupana, Isso é peculiar, considerando quão populosa Tazmagor se tornou nos últimos tempos. Mas ninguém com quem eu tenha falado pôde me explicar o porquê, "Portanto sigamos adiante para Ditto, que é uma ilha que eu sempre tive o maior dos prazeres em visitar. É um lugar esplêndido, verdejante, com muitos ciprestes nas partes mais baixas das encostas. No alto, acima das árvores, existe um tablado simples que vem sendo usado para apresentações de todos os tipos— circos, chanchadas e Altas Tragédias — desde os primórdios dos tempos conhecidos.

"Ao visitante pode parecer curioso que um drama seja apresentado a céu aberto, às Dez da Manhã. Mas na verdade, os atores que primeiro lá se apresentaram, Norta Gansos e Arlo Comodeus, escolheram bem. Por um estranho milagre da localização da ilha, a cada três dias o teatro de Gansos e Comodeus é envolvido por uma névoa que vem do sudeste e cerca a ilha com um manto escuro. Chamas pequeninas, qual estrelas se desprendendo do céu,

se espargem por essa neblina escura e iluminam magicamente os dramas que são apresentados no topo da colina.

"Sigamos em frente, então, até Nully, às Onze.Topograficamente falando, a ilha não merece muito estudo, porém é onde se localiza um dos prédios mais extraordinários do Abarat: o Repositório da Memória. Visto de fora, o Repositório é um edifício grande porém comum. Por dentro, no entanto, ele é tudo menos comum. Seus aposentos (que somam mais de uma centena) estão cheios até o limite de sua capacidade com objetos que já foram amados pelos poderosos. Brinquedos de imperadores, bonecas de trapos que pertenceram a rainhas; o crocodilo empalhado ao qual se devotava o grande guerreiro Duque Lutherid de Skasso em sua velhice; os dezessete mil camundongos de porcelana com que o Príncipe Drudru brincava quando criança. Quarto após quarto, gabinete após gabinete, prateleira após prateleira: o Repositório é totalmente ocupado por esse bricabraque, objetos desvairadamente amados por pessoas cuja devoção às vezes sugere um toque de loucura.

"Descrevi vinte e quatro Horas e vinte e quatro ilhas, mais um ou outro Rochedo ocasional. Só falta descrever a Vigésima Quinta Ilha, embora eu já saiba que seus mistérios irão superar minha pena em um piscar de olhos. Procurarei, portanto, manter bem simples a minha descrição.

"A Vigésima Quinta Hora fica no centro do arquipélago. É chamada, entre outras coisas, de Donde, e Lúdia, e A Casa dos Fantomaya. É, porém, mais freqüentemente citada como Torre de Odom. No que se refere à história e função da torre que fica na ilha — ou à evocação de suas névoas inegavelmente sencientes, ou à estranha música que o Mar de Izabella produz na arrebentação em suas praias, totalmente diferente de qualquer outro som produzido por suas ondas quebrando em areia ou pedra —, tudo isso está além da minha capacidade. Sem dúvida as afirmações do Valgo Virtuoso (um criminoso que foi dar nas costas da Vigésima Quinta Hora por acaso, e que escapou como poeta) estão corretas. Todos os mistérios do

Abarat', disse ele, 'têm aqui a sua solução; todos os encantamentos, a sua fonte; todas as preces, o seu destino.'

"Além disso, nem ele nem eu podemos dizer muito mais. Não existem livros sobre a Torre, pois nenhum escritor que eu conheça — à exceção de Valgo — foi lá e voltou. Há contudo inúmeras pinturas, embora nenhuma se assemelhe a nenhuma outra. A Torre de Odom, ao que parece, possui uma fascinação muito especial: não há duas testemunhas que passem ao largo da Torre e vejam exatamente a mesma paisagem. O que isso pode indicar quanto à natureza do interior da ilha pode apenas ser imaginado."

Eis aqui, então, um breve aperitivo do *Almenak de Klepp*. Como foi observado no início deste Apêndice, as informações aqui oferecidas não devem ser tomadas como definitivas, porém podem ser úteis para consultas, tanto por aqueles que desejam explorar Abarat a pé quanto pelos bravos aventureiros que desejam, em vez disso, fechar os olhos e sonhar suas viagens.

S. H. K.

F I M

Contracapa

Onde é quando? Em Abarat, o tempo é espaço: as ilhas que formam esse fantástico arquipélago, banhadas pelo Mar de Izabella, se distribuem ao longo das horas do dia. Nas ondas desse mar caprichoso viaja o destino de Candy Quackenbush, que deixa para trás o tédio da cidadezinha onde mora, no interior dos Estados Unidos, para mergulhar de cabeça nos mistérios de Abarat. Não sabe dos perigos que a esperam: Cristóvão Carniça, o sinistro Lorde da Meia-Noite, tem um inexplicável interesse pela garota e tenta capturá-la lançando mão de inúmeros recursos mágicos e técnicos.

Para fugir de Carniça e seu bando, Candy conta com a ajuda de uns poucos amigos: um simpático ladrãozinho com oito cabeças tagarelas, um aprendiz de feiticeiro que sabe andar pelas paredes, uma lula que se presta como telescópio. Seja nas garras de uma mariposa gigante, montada num Saltador-do-Mar ou voando numa máquina feita com palavras, Candy viaja sem rumo e sem descanso através das Horas, numa jornada turbulenta que lhe revelará estranhos segredos sobre si mesma.

Orelhas

O futuro de Candy Quackenbush não parecia ser dos mais sorridentes: nascida em Galinhópolis, cidadezinha no interior dos Estados Unidos cujo único atrativo é a criação de galinhas, a garota só tinha um profundo tédio como perspectiva para o resto da vida. Uma família sem carinho e a solidão na escola completavam a triste situação de Candy. Mas a mudança que ela sempre esperou estava para acontecer naquela manhã, de um modo que ela nunca teria imaginado: através de uma estranha telepatia, Candy é atraída a um antigo píer num subúrbio da cidade, que fica a centenas de quilômetros de distância do mar.

Esse lugar é a porta de entrada para Abarat, um estranho arquipélago onde cada ilha *é* uma hora diferente do dia. São sempre oito da noite no céu que paira sobre as ruas íngremes da Grande Cabeça. Milhares de nativos caminham por largas escadas, das casinhas de pescador na praia até as ricas moradias do topo da cidade, entre banquinhas de peixe seco e anúncios de remédio. Sem conhecer ninguém por ali, no meio da multidão colorida e exótica, Candy precisará contar com a bondade de estranhos se quiser sobreviver. Sua chegada em Abarat não passou despercebida por Cristóvão Carniça, que de sua torre, à Meia-Noite, vigia obsessivamente a menina por seu Olho Universal. Mas por que o Lorde da Meia-Noite estaria tão interessado em capturar uma garota perdida, uma estrangeira que nem sabe direito onde está?

Candy não parece uma garota qualquer: é como se a sua ligação com Abarat e a magia que cerca o lugar viesse de longa data. Como se explicaria, por exemplo, a súbita habilidade da menina em conjurar um glifo (uma máquina voadora criada com feitiçaria)? E quem são essas mulheres que sabem mais sobre Candy do que ela própria? Aos poucos, ela vai descobrir quem é e a que veio. Sua missão em Abarat está apenas no começo. Um difícil começo, aliás.

Sobre o Autor

Clive Barker nasceu em Liverpool, na Inglaterra, em 1952. É autor dos quatro *Livros de Abarat,* dos quais este é o primeiro volume. Além de escrever literatura infanto-juvenil, Barker também é pintor, produtor e diretor de cinema. As centenas de ilustrações presentes neste e nos outros livros da série foram pintadas a óleo pelo autor ao longo de quatro anos. Nove de seus dezoito livros já foram publicados no Brasil. Vive na Califórnia.